

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LILIANE CRISTINA COELHO

VIDA PÚBLICA E VIDA PRIVADA NO EGITO DO REINO MÉDIO
(c. 2040-1640 a.C.)

NITERÓI
2009

LILIANE CRISTINA COELHO

VIDA PRIVADA E VIDA PÚBLICA NO EGITO DO REINO MÉDIO

(c. 2040-1640 a.C.)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. CIRO FLAMARION S. CARDOSO

NITERÓI
2009

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C672 Coelho, Liliane Cristina.

Vida pública e vida privada no Egito do Reino Médio (c.2040-1640 a.C.) / Liliane Cristina Coelho. – 2009.

278 f. ; il.

Orientador: Ciro Flamarion Santana Cardoso.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

Bibliografia: f. 268-278.

1. Egito – História antiga. 2. Vida social e costumes. I. Cardoso, Ciro Flamarion Santana. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia III. Título.

CDD 932.013

LILIANE CRISTINA COELHO

VIDA PRIVADA E VIDA PÚBLICA NO EGITO DO REINO MÉDIO

(c. 2040-1640 a.C.)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História Social.

Aprovada em março de 2009.

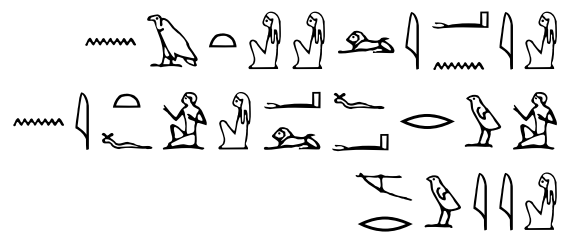
BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. CIRO FLAMARION CARDOSO – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. MARGARET MARCHIORI BAKOS
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. REGINA MARIA DA CUNHA BUSTAMANTE
Universidade Federal do Rio de Janeiro

NITERÓI
2009



Para minha mãe Liane e para meu pai Alvaro, meus amados.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Ciro Flamarion S. Cardoso, pela que me guiou pelos caminhos mais seguros para a realização desta pesquisa.

Àqueles sem os quais eu não estaria aqui: meu pai Alvaro, e minha mãe Liane, por todo o apoio e carinho em todos os anos de minha vida.

Ao meu irmão Neto, minha cunhada Karla e minha sobrinha Isabella, por me apoiarem em todos os momentos e por agüentarem as constantes ausências em datas festivas nestes últimos dois anos.

Ao Moacir, namorado, amigo, companheiro e eterno professor, por me auxiliar e dar apoio a cada uma das linhas deste trabalho. A você, meu eterno agradecimento.

À Elia Auer Santos e Osmar Sadowski Santos, por me acolherem e apoiarem estes anos todos, e pelo carinho a mim dirigido. Agradeço também ao Osmar Junior, que sempre queria que eu parasse um pouco o que estava fazendo para assistir a um filminho.

À Marisol Santos e Ricardo Almeida, que me acolheram em sua casa sempre que precisei, meu muito obrigada.

Aos professores Ciro Flamarion Cardoso, Eduardo Tuffani Monteiro, Mário Jorge Bastos, Paulo Knauss e Regina Maria da Cunha Bustamante, pelos excelentes momentos proporcionados pelas aulas das disciplinas do Mestrado.

Às professoras Sônia Regina Rebel de Araújo e Regina Maria da Cunha Bustamante, primeiramente por aceitarem o convite para participar de meu exame de qualificação, e pelas dicas preciosas para o aprimoramento de meu trabalho que foram oferecidas naquele dia.

Às professoras Margaret Marchiori Bakos e Regina Maria da Cunha Bustamante, pelo carinho e por aceitarem o meu convite para participar de minha defesa.

Aos professores Rívia Silveira Fonseca e Luís Eduardo Lobianco, pelas longas conversas e pela amizade e companheirismo demonstrados ao longo destes anos.

A todos os meus amigos, novos e antigos, que acreditaram em mim e me apoiaram em momentos difíceis. Um obrigada especial à Maria Thereza, à Isadora e à Isabella, que dividiram o mesmo teto e algumas angústias.

Ao CNPq, por ter concedido minha bolsa, sem a qual seria difícil prosseguir com esta pesquisa.

*Mas eu não quero ser senão eterno.
Que os séculos apodreçam e não reste mais
do que uma essência ou nem isso.
E que eu desapareça mas fique
este chão varrido onde pousou uma sombra
e que não fique o chão nem fique a sombra
mas que a precisão urgente de ser eterno
bóie como uma esponja no caos
e entre oceanos de nada gere um ritmo.*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A cidade de Kahun foi construída durante o Reino Médio por ordem do faraó Senusret II para abrigar os artesãos responsáveis pela construção de sua pirâmide e os sacerdotes que estavam a serviço de seu culto funerário. Dividida em duas partes, uma formada por casas pequenas habitadas pelos trabalhadores e outra composta por grandes residências que abrigavam a elite, nela foram encontrados muitos artefatos que podem nos ajudar para a construção de uma história da vida pública e da vida privada de seus habitantes. Buscando este objetivo, partimos, num primeiro momento, da análise da arquitetura doméstica presente no assentamento urbano e das atividades que eram desenvolvidas em cada um dos ambientes de uma casa, para a definição dos espaços como públicos, privados ou de serviço dentro das residências. O intento foi possível por meio do estudo dos objetos encontrados em cada ambiente e da comparação com dados provenientes de outras localidades. Em seguida, partimos para uma análise da iconografia, buscando determinar os aspectos públicos e privados em cada uma das fases da vida, do nascimento à morte. Por fim, o mesmo objetivo orientou a análise de fontes escritas, dentre as quais foi dada uma maior ênfase aos papiros localizados em uma das casas da cidade de Kahun.

Palavras-chave: Egito Antigo; Reino Médio; Kahun; Vida Pública; Vida Privada.

RÉSUMÉ

La ville de Kahoun a été construite pendant le Moyen Empire par ordre du Pharaon Senusret II pour abriter les artisans chargés de la construction de sa pyramide et les prêtres qui ont été dans le service de ce culte funéraire. Divisée en deux parties, l'une composée de petites maisons habitées par des travailleurs et un autre composé de grandes maisons qui a abrité l'élite, il y avait beaucoup d'objets qui peuvent nous aider à construire une histoire de la vie publique et vie privée de ses habitants. À la recherche de cet objectif, nous avons fait, en premier lieu, l'analyse de l'architecture domestique dans l'urbanisation et de les activités qui ont été développées dans chacun des ambiances de la maison, pour définir l'espace public, privé ou de service à l'intérieur de la maison. Le but a été possible grâce à l'étude des objets trouvés dans chaque ambiance et de la comparaison avec des données provenant d'autres localités. Ensuite, nous avons fait une analyse de l'iconographie, afin de déterminer les aspects publics et privés à tous les stades de la vie, de la naissance à la mort. Enfin, le même objectif a guidé l'analyse des sources écrites, dont une plus grande importance a été accordée à la papyrus trouvés dans une maison de la ville de Kahoun.

Mot clés: Égypte Ancienne; Moyen Empire; Kahoun; Vie Publique; Vie Privée.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. O EGITO DURANTE O REINO MÉDIO (c. 2040-1640 a.C.)	23
1.1. A XI DINASTIA E A REUNIFICAÇÃO	25
1.2. A XII DINASTIA E A ESTABILIDADE POLÍTICA	35
1.3. A XIII DINASTIA E OS REINADOS EFÊMEROS.....	53
1.4. A XIV DINASTIA E A AUSÊNCIA DE FONTES	55
1.5. URBANISMO E CIDADE NO ANTIGO EGITO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	56
1.5.1. A CIDADE EGÍPCIA	61
1.5.1.1. A cidade por meio da língua.....	63
1.5.1.2. Os tipos de cidades no Egito antigo: função e localização.....	67
1.5.1.3. As cidades planejadas.....	70
1.5.1.4. As interações entre o “rural” e o “urbano” no Egito antigo	72
1.5.2. O ESTUDO DA CIDADE	74
2. A CIDADE DE KAHUN: VIDA PÚBLICA E VIDA PRIVADA EM UM ASSENTAMENTO EGÍPCIO DO REINO MÉDIO (2040-1640 a.C.)	77
2.1. A CIDADE DE KAHUN: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	80
2.2. ARQUITETURA RESIDENCIAL NO EGITO ANTIGO	87
2.2.1. ANÁLISE DA ARQUITETURA: APRESENTAÇÃO DO MÉTODO	89
2.2.2. ANÁLISE DA ARQUITETURA: APLICAÇÃO DO MÉTODO ÀS CASAS DE KAHUN	92
2.2.3. ARQUITETURA DOMÉSTICA EM KAHUN: O PÚBLICO E O PRIVADO A PARTIR DA CASA	104
2.3. AS ANTIGUIDADES DE KAHUN: ARTEFATOS, BIOFATOS E USO DO ESPAÇO.....	105
3. DO NASCIMENTO À MORTE: UM OLHAR SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO NA ARTE DO REINO MÉDIO	123
3.1. METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS FONTES ICONOGRÁFICAS.....	125
3.2. O NASCIMENTO	129
3.3. OS PRIMEIROS ANOS DE VIDA	141
3.4. A INFÂNCIA	147
3.5. A ADOLESCÊNCIA.....	158

3.6. A VIDA ADULTA.....	161
3.7. A VELHICE.....	195
3.8. A MORTE.....	200
3.9. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO NA ARTE.....	218
4. SOCIEDADE E FAMÍLIA NO REINO MÉDIO: UM OLHAR SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO NAS FONTES ESCRITAS.....	222
4.1. A SAÚDE DA MULHER E A CONTINUIDADE DA FAMÍLIA: CONCEPÇÃO E CONTRACEPÇÃO NO <i>PAPIRO MÉDICO DE KAHUN</i>	225
4.2. OS <i>PAPIROS LEGAIS DE KAHUN</i> COMO FONTE PARA O ESTUDO DA FAMÍLIA E DA SOCIEDADE NO EGITO ANTIGO.....	237
4.3. A FAMÍLIA NAS ESTELAS FUNERÁRIAS.....	252
4.4. A CONTINUIDADE DA FAMÍLIA NA VIDA POST-MORTEM: UMA ANÁLISE DOS <i>TEXTOS DOS SARCÓFAGOS</i>	255
4.5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO NAS FONTES ESCRITAS	261
CONCLUSÃO.....	264
REFERÊNCIAS.....	268

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tumbas de Meketre e Uah após a limpeza.	33
Figura 2: Estela “ <i>ostraca</i> ” de Intef, proveniente de Abydos.....	40
Figura 3: O estado atual da Capela Branca, construída por Senusret I, originalmente no centro do complexo de Karnak e atualmente no Museu ao Ar Livre.	42
Figura 4: Estratigrafia da cidade de Abydos, mostrando os períodos de ocupação.....	70
Figura 5: Mapa do Egito, mostrando a localização do Fayum e da cidade de Kahun, referida no mapa como Illahun.	80
Figura 6: Localização da cidade de Kahun em relação à pirâmide de Senusret II.....	81
Figura 7: Planta da cidade de Kahun.....	83
Figura 8: Planta de uma parte da cidade de Kahun, mostrando a área escavada por Petrie na primeira temporada (1888-89).....	86
Figura 9: Casa de trabalhadores com quatro cômodos.....	92
Figura 10: Casa de trabalhadores com cinco cômodos.	95
Figura 11: Casa de trabalhadores com sete cômodos.....	96
Figura 12: Casa de trabalhadores com dez cômodos.	98
Figura 13: Casa de nobres da cidade de Kahun.	100
Figura 14: O escaravelho de Neferhotep I encontrado em Kahun.	106
Figura 15: O celeiro de Meketre.	108
Figura 16: Parte de uma boneca em faiança encontrada em Kahun.....	110
Figura 17: Torso de menina encontrado em Kahun.....	112
Figura 18: Enxada de madeira encontrada em Kahun.....	115
Figura 19: Tijolo do nascimento encontrado em Abydos.	133
Figura 20: As duas faces da “presa de hipopótamo do nascimento” publicada por Alan W. Shorter e pertencente atualmente ao acervo do Museu Britânico.	135
Figura 21: Bastão do nascimento do acervo do Museu Metropolitano de Arte, Nova Iorque.....	137
Figura 22: Caixa originalmente utilizada para guardar roupas, que foi usada em um enterramento infantil na cidade de Kahun.....	139
Figura 23: Estatueta de uma mulher amamentando uma criança.....	142
Figura 24: Recipiente utilizado para a alimentação de bebês e crianças pequenas.....	144
Figura 25: Uma asiática transporta seu filho nas costas.....	145
Figura 26: Pintura parietal da tumba de Menna mostrando uma mãe com o seu filho.....	146

Figura 27: Grupos escultóricos de Ukh-hotep II.....	148
Figura 28: Estela de Pepi (Leiden V, 100) e detalhe com as crianças.	151
Figura 29: Grupo escultórico de uma mãe com o seu filho.	152
Figura 30: Algumas das figuras de animais em argila encontradas na cidade de Kahun.	153
Figura 31: Modelo de argila mostrando uma múmia em seu sarcófago, proveniente de Kahun.	154
Figura 32: Tabuleiro do jogo “cães e chacais” confeccionado em argila, encontrado em Kahun.	157
Figura 33: Pintura parietal da tumba de Menna, mostrando possíveis adolescentes.	160
Figura 34: Estela de Amenemhat Nebuy, pertencente ao acervo do Museu Fitzwilliam.	165
Figura 35: Estela de Dedusobek, do acervo do Museu do Cairo.	168
Figura 36: Estela de Nit-Ptah, pertencente ao acervo do Museu do Cairo.....	169
Figura 37: Estela de Amenemhat, do acervo do Museu do Cairo.....	171
Figura 38: Estela de Heny com os seus filhos, atualmente na Gliptoteca Ny Carlsberg.	172
Figura 39: Estela Inacabada de Userur, pertencente ao acervo do Museu Britânico.	174
Figura 40: Estela de Sehetepib.....	175
Figura 41: Estela de Satháthor, do acervo do Museu do Louvre.	177
Figura 42: Estela de Dedu e Satsobek, pertencente ao acervo do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque.....	178
Figura 43: Estela de Intef e Sensobek, do acervo do Museu Britânico.....	179
Figura 44: Estela de Djehuty-Ra, do Museu Arqueológico Nacional de Florença.	180
Figura 45: Estela de Sarenenutet, do acervo do Museu Britânico..	181
Figura 46: Estela de Intef, pertencente ao acervo do Museu Allard Pierson.	182
Figura 47: Estela de Merut, do acervo do Museu do Louvre.....	184
Figura 48: Estela de Kheperkarê, do Museu do Louvre.....	185
Figura 49: Estela de Ketí e Senet, pertencente ao Museu de História da Arte de Viena.	186
Figura 50: Grupo escultórico de Senpu, do acervo do Museu do Louvre.....	187
Figura 51: Grupo escultórico de Sobekhotep, pertencente ao acervo do Museu do Cairo. ...	188
Figura 52: <i>Naos</i> do Museu Egípcio de Turim.....	189
Figura 53: Grupo escultórico de Hetep-Sekhmet, do acervo do Museu da Universidade da Pensilvânia.....	190
Figura 54: As duas estelas de Intef (BM EA 581 e BM EA 562, respectivamente).....	196
Figura 55: Estela do Harpista Neferhotep, do acervo do Museu de Leiden.....	199
Figura 56: A reconstituição da tumba de Ini no Museu Egípcio de Turim.....	202

Figura 57: Modelos de madeira da tumba de Djehuty-nakht.	203
Figura 58: Estatueta de madeira de uma mulher, possivelmente Djehuty-Nakht.	204
Figura 59: Modelo mostrando a fabricação do pão e da cerveja, tumba de Minhotep, Assiut	205
Figura 60: Fragmentos de decoração parietal da tumba de Ibu, em Qau el-Kebir, mostrando aves.	206
Figura 61: Dois fragmentos de porta-falsa com o nome e um dos títulos de Inpy, encontrados na cidade de Kahun.....	208
Figura 62: Esquema gráfico da mastaba e da capela de Inpy.....	209
Figura 63: Desenho de linha da base da estátua de Inpy, com a inscrição em hieróglifos. ...	210
Figura 64: Base de estatueta de madeira e desenho de linha mostrando o texto em hieróglifos	212
Figura 65: Reconstituição do ataúde antropóide de Senebtisi.....	216
Figura 66: Páginas I e II do Papiro Médico de Kahun (UC32057).....	228
Figura 67: Página III do Papiro Médico de Kahun (UC32057).	233
Figura 68: Inventário de pessoas da casa de Snefru (UC32163; UC32164; UC32165).	238
Figura 69: As pessoas da casa de Snefru, nas três etapas de ocupação levantadas por meio da análise dos papiros.....	240
Figura 70: Transferência de propriedade para Intef filho de Mery (UC32037).....	243
Figura 71: Documento de transferência de servos (UC32167).....	246
Figura 72: Decoração interna de um sarcófago do Reino Médio, mostrando as inscrições referentes aos <i>Textos dos Sarcófagos</i> . Museu Núbio – Egito.	257

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Valores obtidos pela aplicação do método para a casa de trabalhadores com quatro cômodos.....	93
Tabela 2: Índices obtidos para a casa de trabalhadores com quatro cômodos.	94
Tabela 3: Valores obtidos para a casa de trabalhadores com cinco cômodos.....	95
Tabela 4: Índices obtidos para a casa de trabalhadores com cinco cômodos.....	95
Tabela 5: Valores obtidos para a casa de trabalhadores com sete cômodos.	97
Tabela 6: Índices obtidos para a casa de trabalhadores com sete cômodos.	97
Tabela 7: Valores obtidos para a casa de trabalhadores com dez cômodos.	99
Tabela 8: Índices obtidos para a casa de trabalhadores com dez cômodos.....	99
Tabela 9: Valores obtidos para a casa de nobres da cidade de Kahun.	102
Tabela 10: Índices obtidos para a casa de nobres da cidade de Kahun.	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Casa de trabalhadores com quatro cômodos.....	93
Gráfico 2: Casa de trabalhadores com seis cômodos.....	95
Gráfico 3: Casa de trabalhadores com sete cômodos.....	96
Gráfico 4: Casa de trabalhadores com dez cômodos.....	98
Gráfico 5: Casa de nobres da cidade de Kahun.....	101

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AE	Ny Carlsberg Glyptotek
APM	Allard Pierson Museum
BM EA	British Museum – Egyptian Art
CG	Catalogue Général du Musée du Caire
EGY	Egyptian Collection – The Manchester University Museum
JE	Journal d'Entrée du Musée du Caire
JEA	Journal of Egyptian Archaeology
KHM	Kunsthistorisches Museum – Vienna
MAN	Museo Archeologico Nazionale di Firenze
ME	Museo Egizio di Torino
MFA	Museum of Fine Arts of Boston
MMA	Metropolitan Museum of Art
TS	Textos dos Sarcófagos
TT	Tumba Tebana
UC	University College London – The Petrie Museum of Egyptian Archaeology

INTRODUÇÃO

A diferenciação estabelecida entre espaços “públicos” e “privados” varia com o decorrer do tempo, e com isso diferem os conceitos de “vida pública” e “vida privada”. Essas noções, quando propostas pela sociedade atual, são específicas e bem definidas, e se fazem dentro de padrões estabelecidos especialmente pela sociedade ocidental. Dessa forma, ao estudar a “vida pública” e a “vida privada” dos antigos egípcios, é preciso compreender o contexto em que ela se situa, e procurar entender como se estabelece a diferenciação entre público e privado para essa cultura.

A análise efetuada na literatura existente sobre o tema aponta para um problema comum entre os pesquisadores, que tendem a constituir afirmações tendo como base somente a nobreza, abstendo-se de um trabalho substancial sobre os estratos sociais médios e baixos. A tipologia das fontes consultadas pode levar a essa generalização e, por essa razão julgou-se necessário verificar, por meio de um *corpus* documental bastante amplo, como se constituía a “vida pública” e a “vida privada” dos antigos egípcios durante o Reino Médio. Este ponto de vista, em particular, traçou os contornos que levaram à formulação dos objetivos e hipóteses desta pesquisa.

Este trabalho teve como objetivo principal, então, compreender a relação entre as esferas pública e privada para os antigos egípcios pertencentes à “elite” e à “não-elite” durante o Reino Médio. Para que tal meta fosse alcançada, primeiramente foi preciso entender a constituição e a extensão da família egípcia neste mesmo período; analisar a organização espacial das residências egípcias e a relação desta com seus habitantes, a partir dos dados arqueológicos provenientes da cidade de Kahun; verificar como se dava o nascimento e como era vivida a infância entre os egípcios, ressaltando o papel da família na educação dos mais jovens durante o Reino Médio; entender a maneira como os egípcios tratavam a sexualidade, e quais os cuidados que tinham com a higiene e com o corpo; e compreender a importância da família em relação à morte, rituais funerários e vida além-túmulo.

Para alcançar estes objetivos, optamos pelo uso de um *corpus* documental que incluía fontes de diferentes naturezas (arqueológicas, iconográficas e escritas). Dentre as fontes arqueológicas, as plantas das habitações da cidade de Kahun, elaboradas por William Matthew Flinders Petrie após as escavações realizadas na região, tornaram-se essenciais para o entendimento dos aspectos relacionados à habitação. As fontes iconográficas escolhidas são provenientes tanto de assentamentos urbanos quanto de necrópoles, e por este motivo dão

uma visão mais ampla sobre a sociedade egípcia. Já dentre os documentos escritos privilegiou-se o conjunto de papiros encontrados na cidade de Kahun, que contém informações importantes sobre o modo de vida dentro da “cidade de pirâmide”. Utilizamos ainda alguns encantamentos presentes nos *Textos dos Sarcófagos* e os textos presentes em estelas funerárias, que informam sobre a organização familiar no Egito antigo.

A partir dos objetivos propostos e da escolha das fontes estabelecemos as nossas hipóteses de trabalho. A primeira delas diz respeito ao uso do espaço nas residências egípcias do Reino Médio pertencentes à “elite” e “à não-elite”, e à existência de diferentes concepções de uso do espaço entre o que é público e o que privado para indivíduos de diferentes níveis sociais. Partimos da hipótese de que, enquanto nas residências maiores encontram-se barreiras de convivência, que refletem a individualidade, e espaços determinados a várias finalidades, nas menores estes são multifuncionais, ou seja, o uso privado e o público alternam-se nos mesmos espaços (em algumas das partes da casa), em horas diferentes do dia. Buscamos também mostrar que existe uma separação marcante entre o público e o privado, bem como uma exaltação da individualidade, nos rituais funerários e na constituição das tumbas no Reino Médio, e que ao chefe da família cabem as maiores honrarias, enquanto que as mulheres e as crianças recebem uma atenção secundária. Por fim, procuramos mostrar que, no antigo Egito, existia uma noção diferenciada de estrutura familiar. Partimos da proposição de que há uma base nuclear comum, contudo, ela se modificaria conforme a posição social do chefe da família. As famílias dos indivíduos pertencentes à “não-elite” incluem somente parentes próximos, enquanto que as dos indivíduos da “elite” incluem, além dos parentes, servos e funcionários com os quais teriam certa afinidade. Tal inclusão resultaria em exaltação individual com caráter público.

Quanto aos capítulos que formam este trabalho, o primeiro procura situar o tema em um contexto histórico, mediante síntese do período conhecido como Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.), que compreende a XI (c. 2040-1991 a.C.), a XII (c. 1991-1783 a.C.), a XIII (c. 1783-1640 a.C.) e a XIV dinastias, sendo esta última paralela à XIII ou à XV. Os dados que compõe esta parte do trabalho foram baseados em fontes secundárias, principalmente provenientes de obras atualizadas de autores estrangeiros. O capítulo apresenta também uma discussão das fontes disponíveis para o estudo do urbanismo no Egito antigo, bem como um levantamento, mediante bibliografia, das diferentes opiniões de egiptólogos a respeito da cidade e do urbanismo na civilização egípcia.

O segundo capítulo se inicia com uma descrição da cidade de Kahun, bem como com uma discussão sobre de que maneira os artefatos resgatados na cidade podem ajudar a

construir uma história do público e do privado para aquela localidade. Num segundo momento, discutimos, a partir de fontes primárias e secundárias, a arquitetura doméstica presente em Kahun. Para isso, foram utilizadas análises das plantas das casas, bem como as hipóteses levantadas por diversos autores sobre a cidade e a arquitetura doméstica. Na seqüência, apresentamos o método de análise proposto para a análise dos espaços da arquitetura doméstica, bem como discutimos os resultados obtidos. A partir dessa discussão, foi possível abordar as noções de público e privado a partir da casa. Por último, apresentamos algumas considerações sobre a importância dos dados arqueológicos para entender a utilização dos ambientes, por meio da identificação dos locais onde foram encontrados os artefatos e biofatos na cidade de Kahun.

No terceiro capítulo, trabalhamos com um *corpus* documental amplo procurando, por meio de fontes provenientes de diferentes regiões do Egito, fazer um levantamento de como o indivíduo se fazia representar nas esferas privada e pública, em cada uma das diferentes fases da vida, do nascimento à morte. Entre as principais fontes estudadas com este objetivo estão os artefatos provenientes das escavações realizadas em Kahun, que têm sua origem tanto no assentamento urbano quanto nas necrópoles que se desenvolveram no entorno da cidade; as estelas funerárias, que trazem a representação do indivíduo e de membros de sua família, bem como seus títulos, sejam eles reais ou honoríficos; e a estatuária privada, outra forma de representação do indivíduo na qual ele poderia se mostrar idealizado, conforme a imagem que gostaria de transmitir para o público. Por último, trabalhamos com os dados provenientes de necrópoles situadas em diferentes regiões do Egito, para estabelecer diferenças nos padrões funerários e definir a quem caberiam as maiores honras nos rituais funerários e nas tumbas do Reino Médio.

A mesma linha de raciocínio guiou a construção do Capítulo 4, no qual analisamos por fim as fontes escritas. Partimos, neste caso, de um estudo de alguns papiros provenientes da cidade de Kahun, especialmente o papiro médico e aqueles classificados como jurídicos, com a meta de estabelecer, primeiramente, como era realizada a manutenção da família egípcia e quais eram as diferentes concepções de família existentes entre os egípcios da “elite” e da “não-elite”. Com o mesmo fim, realizamos uma análise dos textos presentes nas estelas funerárias analisadas no capítulo 3, de forma a confirmar ou não as informações obtidas por meio da análise dos papiros jurídicos. Uma última abordagem foi dedicada à análise de alguns encantamentos dos *Textos dos Sarcófagos*, relacionados diretamente à manutenção da família, que nos permitiram mostrar que os egípcios desejavam a continuidade da família, com seus aspectos públicos e privados, no Reino dos Mortos.

Todas as análises realizadas para este trabalho partiram de um objetivo comum, que foi a busca pela definição de público e privado para os antigos egípcios em um período específico de sua história. No início de cada capítulo explicamos o método de análise utilizado para cada tipo de fonte selecionado, assim como procuramos, ao final de cada etapa, fazer um apanhado geral sobre os materiais analisados de forma a explicitar as conclusões decorrentes de cada uma das análises efetuadas.

A busca constante de respostas para as nossas questões iniciais guiou a elaboração deste trabalho, no qual apresentamos os resultados obtidos por meio da análise das fontes inicialmente selecionadas.

1. O EGITO DURANTE O REINO MÉDIO (c. 2040-1640 a.C.)

Antes de passarmos à discussão principal desta pesquisa, qual seja, a diferenciação entre as esferas do público e do privado no Egito antigo, é importante contextualizarmos a época de estudo. A delimitação temporal escolhida para esse trabalho é o período historicamente conhecido como Reino Médio. Este compreende, segundo Baines & Málek¹, parte da XI Dinastia (c. 2040-1191 a.C.), após a reunificação das Duas Terras promovida por Nebhetepre Mentuhotep II, a XII Dinastia (c. 1991-1783 a.C.), a XIII Dinastia (c. 1783-1640 a.C.), e a XIV Dinastia que, segundo esses autores, é paralela à XIII ou à XV Dinastia.

Há, contudo, muitas divergências entre os pesquisadores quando se trata de delimitar esse período da história egípcia. Claude Vandersleyen pondera que entre os egiptólogos há quase uma unanimidade na aceitação da hipótese que diz que Mentuhotep II (c. 2061-2010 a.C.) foi o responsável pela reunificação do Egito, após a cisão ocorrida durante o Primeiro Período Intermediário (c. 2134-2040 a.C.)². Ele afirma, contudo, que é difícil precisar o momento exato desse acontecimento durante o reinado do faraó, já que não foi encontrado um documento que confirme em que ano se deu a reunificação. Já Joyce Tyldesley argumenta que o nome do faraó está correto, mas não há certeza sobre ser ele realmente o segundo desse

¹ Falamos aqui da cronologia proposta em BAINES, John & MÁLEK, Jaromir. *O mundo egípcio: deuses, templos e faraós*. Madri: Ediciones del Prado, 1996. v.1. p.36.

² VANDERSLEYEN, Claude. *L'Egypte et la vallée du Nil*. Tome 2: De la fin de l'Ancien Empire à la fin du Nouvel Empire. Paris: Presses Universitaires de France, 1998. p. 17.

nome³. Peter Clayton, por exemplo, considera Nebhetepre como o primeiro a ter o nome Mentuhotep⁴.

Quanto às dinastias que formariam o período, a discussão continua. Gae Callender⁵ afirma que pesquisadores mais antigos costumavam considerar apenas parte da XI (a partir de Mentuhotep II) e a XII Dinastias como integrando o Reino Médio; entretanto, estudos mais recentes mostram que pelo menos a primeira metade da XIII Dinastia também integra este período, o que pode ser confirmado por obras refinadas de arte e literatura que datam dessa época. Baines & Málek, conforme comentado inicialmente, incluem ainda nesse período a XIV Dinastia, que seria contemporânea da XIII ou da XV Dinastias, e nela estaria inserido um grupo de faraós dito pelos autores de menor importância, a julgar pelo estado fragmentário da documentação existente sobre eles⁶. Já Alan Gardiner insere a XIV Dinastia no Segundo Período Intermediário (c. 1640-1550 a.C.), e se apóia em Manethon quando descreve a sede de governo, a quantidade de reis e o tempo de duração dos reinados⁷.

Outra questão atualmente em debate entre os estudiosos do Reino Médio é a das chamadas co-regências, ou seja, dos períodos em que o faraó no poder teria reinado em conjunto com seu sucessor. Com relação a esse debate, o posicionamento dos autores é variável. Vandersleyen apóia-se nos tempos de reinados e nas idades dos faraós ao assumir o trono para recusar o uso da nova cronologia proposta por meio dos estudos sobre as co-regências⁸. Callender sustenta sua afirmativa no fato de que o final dos *Ensinamentos de Amenemhat I*, um texto literário datado do início do reinado de Senusret I, ficaria sem sentido caso a hipótese da co-regência fosse aceita⁹. Nos *Ensinamentos*, Amenemhat I advertia seu filho, que viria a se tornar Senusret I, sobre os cuidados que deveria tomar com possíveis atentados que poderiam ocorrer contra ele, assim como informava sobre um ataque sofrido por ele próprio quando o filho não estava presente. No entanto, para Callender, Amenemhat só deixa claro que Senusret será seu sucessor no momento de sua morte.

Outros autores, porém, aceitam que as co-regências existiram, e formulam hipóteses levando em consideração esse fato. Um deles é T. G. H. James, que admite que a manutenção de políticas consistentes de governo durante os duzentos anos de uma das linhagens reais mais

³ TYLDESLEY, Joyce. *The Complete Queens of Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2006. p. 66.

⁴ CLAYTON, Peter A. *Chronicle of the Pharaohs*. London: Thames and Hudson, 1999. p. 72-75.

⁵ CALLENDER, Gae. "The Middle Kingdom Renaissance (c. 2055-1650 BC)". In: SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 137.

⁶ BAINES, John & MÁLEK, Jaromir. *op.cit.* p. 36.

⁷ GARDINER, Alan. *Egypt of the Pharaohs*. New York: Oxford University Press, 1964. p. 147.

⁸ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 117-118.

⁹ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 149.

duradouras da história egípcia se deve, principalmente, à utilização pelos governantes do recurso da co-regência, que garantia transições estáveis de um governo para outro¹⁰. Peter Clayton também admite as co-regências, e as situa no reinado de cada faraó, citando documentos que, segundo ele, comprovam esses fatos¹¹.

Essa questão, contudo, é muito bem discutida e explicada pela egiptóloga Janine Bourriau, em artigo no qual a autora propõe uma nova cronologia para o Reino Médio, bem como a discute a partir dos tempos de reinado e de co-regência dos faraós do período¹². A autora afirma que as co-regências existiram realmente, com o intuito de dar maior estabilidade e menos vulnerabilidade à sucessão real, considerada tão frágil em toda a história egípcia. Teria sido por meio desse artifício que a XII Dinastia foi a que teve uma das linhas sucessórias mais estáveis de toda a história dessa cultura. Utilizando-se da co-regência, oito reis conseguiram se manter no poder, durante um período de aproximadamente duzentos anos. Com base nesses dados, uma nova cronologia foi estabelecida levando em consideração os períodos em que houve duas pessoas governando o Egito, dentro de uma mesma linha sucessória.

Para entendermos melhor os temas discutidos atualmente pelos pesquisadores do Reino Médio, passaremos agora a uma exposição dos reinados desse período, dentro de suas respectivas dinastias, levando em consideração o que é possível afirmar, tendo em vista que as fontes para pesquisa histórica no Reino Médio são escassas, fragmentárias e por vezes conflitantes no que se refere à interpretação. Durante esta exposição, como “elite” devemos entender os oficiais, que tinham um alto *status* social, e como “não-elite” aquelas pessoas que formavam os estratos médio e baixo da sociedade, não representando, entretanto, uma classe social específica¹³.

1.1. A XI DINASTIA E A REUNIFICAÇÃO

O Primeiro Período Intermediário foi marcado por uma descentralização do poder, que se caracterizou pela concentração deste nas mãos dos nomarcas, conforme pode ser observado em suas autobiografias. Os centros periféricos começaram a se firmar, com a conquista de territórios próximos por meio de guerras. No início da XI Dinastia, havia duas casas reinantes

¹⁰ JAMES, T. G. H. *A short history of ancient Egypt: from Predynastic to Roman times*. London: Cassell Publishers Ltd., 1995. p. 86.

¹¹ CLAYTON, Peter A. *op. cit.* p. 81.

¹² BOURRIAU, Janine. *Pharaohs and mortals: Egyptian art in the Middle Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 4-5.

¹³ MESKELL, Lynn. *Private Life in New Kingdom Egypt*. Princeton: Princeton University Press, 2005. p.13.

no Egito, mas nenhuma delas tinha controle do país como um todo. Havia os reis que governavam a partir de Heracleópolis (a antiga *Nen-Nesut*), dando continuidade à IX e à X Dinastias, e aqueles que governavam a partir de Tebas (a antiga *Uaset*).

Heracleópolis era a capital do 20.^o nomo do Alto Egito, Naret-Khentet¹⁴, e ficava próxima ao canal que leva a água do Nilo para a região do Fayum, atualmente chamado de Bahr Yusuf, ou “Braço de José”. A cidade teve um papel importante durante o Primeiro Período Intermediário, quando foi capital dos soberanos das IX-X Dinastias, chamadas heracleopolitanas. Em termos de conservação de vestígios arqueológicos, quase nada restou desta fase, pois os monumentos mais antigos da cidade, em termos atuais, datam da XII Dinastia, época em que a região do Fayum teve grande importância, com a transferência da capital para Itjitaú.

Tebas era a capital do 4.^o nomo do Alto Egito, que tinha o mesmo nome¹⁵. Sua localização geográfica, na região sul do Egito, contribuiu bastante para a sua importância histórica. Durante a XI Dinastia, a cidade foi escolhida como centro de governo pelos soberanos desta época, e mesmo com a transferência da capital para Itjitaú no início da XII Dinastia, Tebas não perdeu o seu papel de destaque, transformando-se em centro administrativo do Alto Egito meridional. Os monumentos mais antigos encontrados pelos arqueólogos na cidade pertencem ao Reino Antigo (c. 2575-2134 a.C.), e os mais numerosos foram produzidos durante o Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.).

A soberania dos governantes tebanos é revelada pelo controle crescente sobre os nomos meridionais. A linha sucessória dos Antef inicialmente controlava apenas o 4.^o nomo do Alto Egito, ou nomo tebano, e depois assegurou, por meio de guerras, o controle sobre os governantes das outras províncias. Nebhetepre Mentuhotep II, a princípio, governava do 1.^o ao 8.^o nomo do Alto Egito, assim como seu antecessor imediato, Antef III. Ao reunir um vasto território e controlá-lo, este rei teve em seu favor as condições políticas e militares para prosseguir com novas conquistas até a reunificação, que comentaremos a seguir.

Contemporaneamente a Mentuhotep II, verifica-se a ocorrência de uma guerra civil entre Tebas e Heracleópolis, que pode ser analisada a partir de dois eventos. O primeiro deles foi a descoberta, em 1923, da chamada “tumba dos guerreiros”, em Deir el-Bahari, próximo ao complexo funerário de Mentuhotep II. Neste local, foram encontrados sessenta corpos, claramente pertencentes a soldados mortos em batalha e posteriormente colocados juntos em

¹⁴ GRAJETZKI, Wolfram. *The Middle Kingdom of Ancient Egypt*. London: Duckworth Egyptology, 2006. p. 116.

¹⁵ *Ibidem*. p. 89.

uma tumba comum escavada na rocha. Os corpos não foram submetidos a nenhum processo artificial de mumificação, mas acabaram sendo conservados por meio do clima, que proporcionou as condições necessárias para a desidratação. Conforme as observações feitas, nota-se que os corpos foram enfaixados e, de acordo com seu estado atual de conservação, pode-se afirmar que estas múmias naturais são as mais bem preservadas de todo o Reino Médio, superando aquelas submetidas ao embalsamamento tradicional. Enquanto alguns autores, como Callender, consideram que estes soldados de Mentuhotep II morreram na guerra civil contra Heracleópolis, outros, como Peter Clayton, dão como certo o fato de que esses soldados morreram em uma campanha militar na Núbia, e foram levados novamente para o Egito para serem enterrados. Esta questão, porém, só poderá ser resolvida após um estudo completo das múmias desses guerreiros, o que poderá revelar, por exemplo, com que tipo de armas eles foram mortos.

O segundo fato diz respeito à descontinuidade da dinastia heracleopolitana. Os episódios finais da guerra entre Tebas e Heraclópolis são pouco conhecidos. Uma pista sobre os últimos passos dessa batalha provém de uma inscrição muito fragmentada, presente na tumba de Ity-Yeb, de Assiut¹⁶. Este sacerdote relata a retomada do nomo tinita pelo rei heracleopolitano, fato que é lembrado nos *Ensinamentos para Merikare*¹⁷, quando o rei dá conselhos a seu filho sobre a política interna:

Não te conduzas com hostilidade para com o Sul, pois conheces a profecia da Residência sobre isso, e o que aconteceu pode voltar a acontecer. Eles não passaram a fronteira, como disseram. [...] Ataquei This de frente até seu limite meridional em Taut e atingi-a como o rebentar de uma tempestade.¹⁸

Este trecho mostra que o conflito era intenso, e não tinha ainda um vencedor. Não há documentos precisos sobre os eventos posteriores a essa batalha. O que se sabe é que, provavelmente, Merikare, o governante heracleopolitano a quem se dirigem os *Ensinamentos*, foi vencido por Mentuhotep II, e seu sucessor não conseguiu se manter no poder por muito tempo¹⁹. Dessa forma, sem rivais, Mentuhotep II tornou-se o único governante do Egito. Esta

¹⁶ SEIDLMEYER, Stephan. “The First Intermediate Period (c. 2160-2055 BC)”. In: SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 134.

¹⁷ Os *Ensinamentos para Merikare* foram dirigidos por um governante heracleopolitano ao seu filho e sucessor. Tratam de questões que teriam que ser resolvidas pelo jovem príncipe, como problemas políticos e militares pelos quais o país passava; aconselham o herdeiro sobre o seu comportamento em relação aos súditos; e abordam o tema da piedade religiosa, indispensável ao bom governante. (ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília: Editora da UNB, 2000. p. 281.)

¹⁸ ARAÚJO, Emanuel. *op. cit.* p. 287.

¹⁹ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 140.

afirmativa é comum a quase todos os pesquisadores do período. Os documentos datados de Nebhetepre Mentuhotep II, entretanto, são raros, e por isso não há certeza sobre a data precisa desse fato. A inscrição que dá por certa a reunificação, segundo Vandersleyen, data do ano 41 desse governo²⁰.

O poder foi, então, centralizado em Tebas. Para atingir seus objetivos, Mentuhotep II reorganizou a administração da corte, por meio da criação de novos cargos, dentre os quais o de vizir, e estes foram distribuídos entre seus aliados. Outro exemplo importante é a adição, ao já existente posto de “governador do Alto Egito”, daquele de “governador do Baixo Egito”, que tinha os mesmos poderes do primeiro. Já aqueles chefes provinciais que apoiaram Heracleópolis durante a guerra civil foram depostos de seus cargos e substituídos por aliados do novo faraó.

Mentuhotep II também reorganizou o uso de certos títulos que tinham perdido sua importância entre o final do Reino Antigo e o Primeiro Período Intermediário. O título “membro da elite”, por exemplo, que durante o Reino Antigo era exclusividade de poucas pessoas, voltou a ter esse caráter com a reorganização administrativa levada a cabo pelo novo faraó. Outros títulos, exclusivos de oficiais de alto cargo, sob Mentuhotep II nunca aparecem associados a oficiais de cargos mais baixos. A reorganização administrativa também é aparente no contexto funerário, já que é justamente neste período que surgem as primeiras grandes tumbas de nomarcas em Beni Hassan²¹.

A insegurança no período, mesmo com as medidas tomadas por Mentuhotep, era latente. Este fato pode ser verificado por meio da documentação arqueológica e iconográfica produzida na época. Nota-se a presença de armas de guerra onde inicialmente estas não existiam. Num primeiro momento, podemos nos referir às armas que começam a fazer parte dos bens do homem comum e, em seguida, às imagens presentes em estelas funerárias, nas quais pessoas com cargos administrativos aparecem carregando armas²².

Quanto a expedições militares comandadas por Mentuhotep II, destaca-se a reconquista da Núbia, que escapara ao controle egípcio no final do Reino Antigo. Documentos de seu reinado mostram que este faraó reconquistou a região, e depois ordenou a instalação de uma guarnição na fortaleza de Elefantina, para melhor controlar o tráfego na fronteira meridional do país.

²⁰ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 20-21.

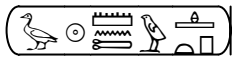

²¹ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* p. 21.

²² CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 140.

As expedições em busca de matéria-prima, que haviam sido abandonadas durante o Primeiro Período Intermediário, voltam a ter lugar de destaque durante o reinado de Mentuhotep II, um claro sinal do início de uma maior estabilidade econômica, também demonstrada pelo volume de construções ordenadas pelo faraó. Uma das mais importantes foi liderada por Khety, que é a figura representada em um dos monumentos de legitimação do faraó, um relevo do Uadi Shatt el-Rigal, no qual Mentuhotep também é mostrado ao lado de seu pai e predecessor, Antef III, e de sua mãe, a rainha Iah.

Outra estratégia utilizada por Mentuhotep II buscando sua legitimação foi a auto-deificação, estratégia que seria usada séculos depois pelos governantes do Reino Novo. Em dois fragmentos provenientes de Gebelein, ele é descrito como “filho de Háthor”. Já em Dendera e Assuã ele é identificado com Amon e Min, assim como em Konosso, próximo a Philae. Seu segundo nome de Hórus, Netjerhedjet (“o divino da coroa branca”) também dá pistas sobre esse processo de auto-deificação.

Junto a esse processo, a reafirmação de Mentuhotep II como faraó foi acompanhada por alterações em seu nome, que podem estar relacionadas a mudanças políticas no governo²³. O primeiro elemento da titulatura era tradicionalmente o nome de Hórus, que o faraó mudou de Netjerhedjet (“o divino da coroa branca”) para Sematauí (“aquele que une as duas terras”). A presença do elemento *hedjet* no primeiro nome refere-se à coroa branca do Alto Egito, enquanto que no segundo a designação “duas terras” mostra que Mentuhotep deixou de ser rei apenas do Alto Egito e incorporou também o Baixo Egito²⁴. Vandersleyen acredita que esta mudança ocorreu no ano 39 de seu reinado, pois, neste ano, o rei celebrou o seu festival-*sed*²⁵, e talvez a mudança tenha ocorrido nessa ocasião²⁶.

Ao mesmo tempo, ocorreram outras mudanças. Antes da unificação, o título “filho de Ra” (em egípcio, *s3 r*) era incorporado ao nome dentro do cartucho: . Após esse período, o título passa para fora, antecedendo, tal como no caso de outros reis, o cartucho com o nome do faraó: . Mentuhotep também vinculou à sua titulatura o título de “filho de Háthor, senhora de Dendera” (em egípcio, *s3 ḥwt-ḥr nbt iwnt*),

²³ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 141.

²⁴ ROBINS, Gay. (ed.) *Beyond the pyramids: Egyptian regional art from the Museu Egizio*, Turin. Atlanta: Emory University Museum of Art and Archaeology, 1990. p.39-40.

²⁵ O festival-*sed* era um ritual de renovação e regeneração, que era celebrado após o faraó completar trinta anos de reinado. Há, porém, algumas inscrições associadas ao festival que mostram que muitos reis que governaram por um tempo bem menor que trinta anos também o celebraram. As explicações para isso são ao menos duas: ou os faraós celebraram realmente este festival antes de trinta anos de reinado, ou mandaram representá-lo em seus monumentos antes de sua celebração. (SHAW, Ian & NICHOLSON, Paul. *British Museum dictionary of ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press, 1996. p. 256.)

²⁶ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 141.

que durante a XI Dinastia tebana é escrito dentro do cartucho, tal como *s3 r^c*:



. Após a reunificação, a prática é abandonada.

As expedições em busca de matéria-prima anteriormente descritas deram suporte ao grande número de projetos de construção empreendidos pelo faraó durante os seus cinquenta e um anos de reinado. Dentre estes, destaca-se o seu templo mortuário, que foi construído em Deir el-Bahari, na margem ocidental do Nilo, e que é considerado a sua obra mais importante, bem como a de toda a XI Dinastia, tendo em vista que poucos monumentos do período restaram.

O complexo de Mentuhotep II é único pelo estilo em sua época. Enquanto seus sucessores na XI Dinastia não completaram as suas tumbas, aqueles da XII Dinastia buscaram inspiração nas estruturas piramidais do Reino Antigo para a construção de seus monumentos funerários. Os governantes tebanos anteriores a Mentuhotep II foram inumados em um tipo específico de tumba, conhecido como tumba-*saff* (do árabe “fileira”), que consistia em uma estrutura escavada na rocha formada por fileiras de pilares, os quais estavam posicionados à volta de um grande pátio trapezoidal, formando os frontões distintos de cada uma das capelas da tumba. O monumento de Mentuhotep parece ter começado como uma tumba-*saff*, mas acabou se transformando em uma estrutura única, e com importantes inovações arquitetônicas, como o uso de terraços e de corredores adicionados ao edifício central. Em frente ao templo, os arqueólogos que realizaram as escavações encontraram restos de raízes que mostraram a presença de árvores no local, tais como sicômoros e tamareiras.

Há uma discussão entre os pesquisadores sobre como seria a estrutura completa. Joyce Tyldesley afirma que havia uma pirâmide no topo do templo²⁷; já Gae Callender admite que poderia ser uma mastaba ou uma pequena pirâmide que finalizava o monumento²⁸. Dieter Arnold, que chefiou as escavações no complexo, argumenta que, no topo do edifício, havia uma estrutura semelhante a uma mastaba²⁹. Nas reconstituições feitas por muitos pesquisadores, no entanto, é comum a imagem da pirâmide no topo do complexo³⁰.

Do conjunto funerário ainda fazem parte as tumbas das esposas reais, as rainhas Neferu, provavelmente irmã de Mentuhotep II, e Tem, mãe de Mentuhotep III, e os túmulos

²⁷ TYLDESLEY, Joyce. *op. cit.* p. 67.

²⁸ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 143.

²⁹ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* p. 89.

³⁰ Ver, por exemplo, a reconstituição apresentada em: MELLA, Federico A. Arborio. *O Egito dos faraós: história, civilização, cultura*. São Paulo: Hemus, 1981. p. 119.

de seis mulheres – Ashayet, Henhenet, Sadhe, Kawit, Kemsit e Mayt³¹ – das quais pelo menos quatro possuem o título de esposa real. Essas esposas tinham um *status* mais baixo do que Neferu e Tem, e eram todas muito jovens. A mais velha, Ashayet, tinha apenas vinte e dois anos quando morreu, e a mais nova, Mayt, era uma criança com cinco anos de idade. Não se conhece a real importância dessas esposas secundárias, mas elas portavam o título de “sacerdotisa de Háthor”, e sua presença no monumento mortuário de Mentuhotep II pode estar relacionada ao culto da deusa no complexo³².

O templo funerário de Mentuhotep II é, também, a primeira estrutura real na qual aparece a crença em Osíris como o deus do mundo dos mortos. Esta está presente, por exemplo, na decoração da tumba, e pode sinalizar uma maior aproximação entre os cultos reais e aqueles das pessoas comuns durante o Primeiro período Intermediário e início do Reino Médio.

Os altos funcionários do final do período de governo de Mentuhotep II são bem conhecidos, assim como as tumbas construídas pela elite. O enxoval funerário presente nessas estruturas era formado, geralmente, por um conjunto de modelos de madeira que continha cenários mostrando diversas atividades, como a panificação, a fabricação da cerveja, a alimentação do gado e a tecelagem. Havia também jóias confeccionadas especialmente para os enterramentos e os corpos eram depositados em ataúdes de madeira decorados internamente com textos funerários. Em uma necrópole, geralmente as tumbas dos indivíduos pertencentes a níveis sociais mais elevados ocupavam os melhores lugares, e aquelas das pessoas “comuns”, ou da não-elite, localizavam-se em seu entorno. Não há dados sobre enterramentos de pessoas dos níveis sociais mais baixos, e que possivelmente fossem inumadas tendo como enxoval funerário apenas recipientes de cerâmica e uma esteira que protegeria o corpo.

Há ainda referências ao culto a Amon neste período. Não foram encontradas estruturas que possam ser datadas do reinado de Mentuhotep II no grande templo de Karnak, que parece ter seu início datado do reinado de Senusret I. A ausência de dados neste sentido, porém, não impede que seja feita uma analogia entre a localização do templo funerário de Mentuhotep II, na margem Ocidental do Nilo, e aquela de um possível templo dedicado a Amon, existente na antiga Tebas do início do Reino Médio, e cujas raízes encontravam-se no Reino Antigo.

³¹ DODSON, Aidan & HILTON, Dyan. *The complete royal families of ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2004. p. 85.

³² TYLDESLEY, Joyce. *op. cit.* p. 68.

A XI Dinastia se estendeu por apenas dezenove anos após a morte de Mentuhotep II. Seu sucessor foi Sankhkare Mentuhotep III (c. 2010-1998 a.C.), provavelmente seu filho e da rainha Tem³³. Mentuhotep III aparece como o último rei da XI Dinastia nas listas reais de Abydos e Saqqara, e reinou por doze anos, segundo o *Papiro de Turim*.

Pouco se sabe sobre sua atividade política, mas há pelo menos um documento, a inscrição de Henenu no Uadi Hammamat, que recorda uma expedição ao Punt ordenada por este faraó. Esta expedição ocorreu no ano 8 de Mentuhotep III e, segundo o relato de Henenu, contou com um efetivo de 3000 homens, que atravessaram o deserto até o Mar Vermelho, e seguiram em direção à terra de Punt. A expedição, bem sucedida, retornou em segurança e assegurou o carregamento de mirra fresca que havia sido solicitado pelo soberano³⁴. Durante a XII Dinastia, expedições ao Punt tornaram-se mais frequentes. Campanhas ao Punt exigiam certa estabilidade econômica, pois requeriam um grande suporte financeiro por parte do faraó reinante, especialmente devido à longa distância. Esta estabilidade também pode ser inferida por meio do estudo das tumbas da elite, que neste período continuaram a ser construídas e equipadas como durante o reinado anterior.

O reinado de Mentuhotep III também é marcado por inovações arquitetônicas, como a construção de santuários para tríades divinas, que se tornaram comuns durante a XVIII Dinastia. O primeiro desses santuários foi construído em Medinet Habu, local onde os faraós da XVIII Dinastia erigiram também seus santuários para as tríades “familiares”³⁵.

Além do já citado Henenu, outro indivíduo célebre desse reinado é o grande intendente e chanceler Meketre. Ele já ocupava essas posições durante o reinado de Mentuhotep II, pois está representado nos relevos do templo funerário desse rei, mas a localização de sua tumba, ao sul de Deir el-Bahari, o relaciona ao que viria a ser o complexo mortuário de Amenemhat I³⁶. Sua tumba, a nº 280 de Tebas, já havia sido explorada por duas vezes, em 1895 e 1902, quando, em 1920, o arqueólogo Herbert Eustis Winlock, do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque, resolveu retomar as pesquisas no local, esperando encontrar algo que os arqueólogos anteriores houvessem deixado passar, como uma inscrição que contivesse

³³ Conforme sugere Vandersleyen, por meio de um relevo no templo funerário de Mentuhotep II, onde Mentuhotep III aparece em uma cena de guerra, sendo identificado como “o filho do rei, Mentuhotep”. VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 33.

³⁴ BREASTED, James Henry. *Ancient Records of Egypt*. Champaign: University of Illinois Press, 2001. v. 1. The First through the Seventeenth Dynasties. p. 208-210.

³⁵ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 144.

³⁶ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 36.

informações históricas sobre a região. Winlock foi o primeiro a fazer um plano da tumba, traçando um mapa dos corredores e poços. Porém, tudo o que encontraram durante a operação de limpeza foram pedras quebradas e cascalho. Uma noite, quando o fotógrafo Harry Burton entrou na tumba para dispensar os operários, encontrou todos eufóricos com uma descoberta: uma fenda entre o chão e a parede, pela qual escorregavam e desapareciam lascas de pedra e areia. Burton mandou chamar Winlock imediatamente, e pediu que trouxessem lanternas. Winlock foi até a tumba, cético, mas o que descobriu o deixou fascinado: iluminando a fenda, deitado no chão, ele viu-se “olhando no meio de uma infinidade de figuras de homenzinhos, brilhantemente pintadas, que faziam isto e aquilo”³⁷. Como já era noite, tudo o que eles podiam fazer era proteger a abertura e esperar pelo amanhecer.



Figura 1: Tumbas de Meketre e Uah após a limpeza.

Referência: STRUDWICK, Nigel & TAYLOR, John H. (ed.) *The Teban necropolis. Past, present and future*. London: The British Museum Press, 2003. Plate I.

Na manhã seguinte, os homens voltaram à tumba, com todo o equipamento necessário para resgatar as peças. O que haviam descoberto não era uma câmara funerária, como imaginavam, mas um pequeno quarto, onde fora colocado tudo o que Meketre precisaria no outro mundo. A parte ali mantida do enxoval funerário consistia em 24 pequenos conjuntos, que representavam “aposentos e pátios para criadores de gado e açougueiros, padeiros e

³⁷ BROWN, Dale M. (Editor) *Egito: terra de faraós*. Barcelona: Ediciones Folio, 2007. p. 12.

cervejeiros, fiadores e tecedores, carpinteiros e escribas, todos eles trabalhando ativamente nas tarefas determinadas³⁸. Havia também modelos de barcos, que representavam as embarcações que Meketre utilizara em vida. O importante desta descoberta, no entanto, são as informações preciosas que estes modelos em miniatura nos fornecem sobre as técnicas, a arquitetura e a sociedade dos finais da XI e do início da XII Dinastia. Segundo Vandersleyen, o estilo desses modelos reduzidos indica que a carreira de Meketre se prolongou durante os reinados de Mentuhotep III e IV, e início de reinado de Amenemhat I³⁹.

O inspetor dos armazéns de Meketre chamava-se Uah. Sua proximidade com o sacerdote era tanta, que ele teve permissão para escavar a sua tumba no pátio daquela de seu chefe. Este túmulo foi encontrado intacto, em 1920, e a sua múmia, que tinha 845 metros quadrados de bandagens⁴⁰, e o seu enxoval funerário encontram-se atualmente no Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque.

Assim como acontece para o reinado de Mentuhotep II, os dados sobre enterramentos da não-elite são escassos para este período. Isto se deve em grande parte à ausência de enxoval funerário, ocasionada por saques e reusos das tumbas, e pelo fato de que os registros arqueológicos destas descobertas são insuficientes.

Após o reinado de Mentuhotep III, parece ter existido um vácuo de poder, que corresponderia ao reinado de Nebtauíre Mentuhotep IV (c. 1998-1991 a.C.). Sua origem não-real é comprovada por meio de documentos onde sua mãe aparece apenas como “a mãe do rei”, não ostentando nenhuma outra titulação real. Seu nome também não consta nas listas reais de Abydos e Saqqara, e alguns autores, como Claude Vandersleyen, consideram que ele possa ter sido um usurpador⁴¹. O *Papiro de Turim*, documento utilizado por esse autor para obtenção dos anos de reinado e da ordenação dos faraós, indica, após Mentuhotep III, a existência de “sete anos vazios” no que poderia ser o reinado de Mentuhotep IV, um indicativo da ausência de um governante ou mesmo um tempo de dificuldades dinásticas.

No reinado de Mentuhotep IV foram registradas expedições às minas para obtenção de matéria-prima, o que demonstra que possivelmente não havia uma crise econômica no

³⁸ *Ibidem*. p. 13.

³⁹ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 36.

⁴⁰ MANNICHE, Lise. *The tombs of the nobles at Luxor*. Cairo: The American University in Cairo Press, 1988. p. 24.

⁴¹ *Ibidem*. p. 37.

período. Uma expedição às pedreiras do Uadi Hammamat foi documentada pelo vizir Amenemhat, que depois se tornaria o primeiro rei da XII Dinastia⁴². Dentre os relevos resultantes da expedição, dois merecem destaque, pois posteriormente foram utilizados por Amenemhat I para sua legitimação como faraó. Neles, são relatados dois “milagres”. O primeiro relata que uma gazela deu à luz seu pequeno filhote sobre a pedra que havia sido escolhida para a confecção do sarcófago de Mentuhotep IV, frente àqueles que participavam da campanha⁴³. O segundo fala sobre uma forte tempestade, que teria inundado até mesmo as terras altas, transformando-as em um lago, e formado um poço de “10 cúbitos por 10 cúbitos em todos os seus lados, preenchido com água fresca, até a sua borda”⁴⁴. Esta tempestade foi interpretada pelos participantes da expedição como algo fantástico, e por este motivo foi gravada na pedra e tomada como um “milagre”.

Apesar desse breve reinado e da pouca documentação existente sobre Mentuhotep IV, sabe-se que foi ele o primeiro faraó a fazer prospecções no Uadi el-Hudi, e a abrir nesse local as minas de ametista⁴⁵. Descobertas recentes mostram que uma tropa de 3000 homens foi enviada ao Sinai, para as minas de turquesa⁴⁶. Tais expedições, assim como aquela às pedreiras do Uadi Hammamat, confirmam que não havia uma crise econômica durante o reinado de Mentuhotep IV, o que também pode ser inferido por meio das necrópoles, que não apresentam, entre a XI e a XII Dinastias, uma queda no número e no tamanho e qualidade dos túmulos da elite. Apesar dos poucos dados sobre seu reinado, Mentuhotep IV parece ter sido um faraó bastante dinâmico, e que governou o Egito numa fase de relativa prosperidade econômica e social.

1.2. A XII DINASTIA E A ESTABILIDADE POLÍTICA

Após os chamados “anos vazios”, tem início uma nova dinastia. O primeiro faraó da chamada XII Dinastia é Sehetepibre Amenemhat I (c. 1991-1962 a.C.), que pode ser o mesmo Amenemhat que era vizir de Mentuhotep IV. Essa hipótese, estando correta, pode indicar que os dois “milagres” relatados por ele no Uadi Hammamat durante a expedição comandada por Mentuhotep IV, e descritos anteriormente, poderiam ter parecido, na época, como um sinal de que era para ele que os “milagres” se realizavam. Dessa forma, segundo Callender, “seus

⁴² CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 145.

⁴³ BREASTED, James Henry. *op. cit.* p. 211-212.

⁴⁴ *Ibidem.* p. 215-216.

⁴⁵ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 38-39.

⁴⁶ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* p. 26.

contemporâneos podem ter compreendido que aquele homem estava sendo favorecido pelos deuses⁴⁷. Esta visão é reforçada por um trecho de um texto literário, *As profecias de Neferti*,⁴⁸ que anuncia a chegada de um novo rei:

Eis (então) que um rei virá do Sul,
 Ameny, o justo de voz, é seu nome,
 filho de uma mulher da Núbia, nascido no Alto Egito.
 Receberá a coroa [branca],
 usará a coroa vermelha.
 Unirá as Duas Poderosas,
 contentará os Dois Senhores com o que desejam.
 (O instrumento) para circular no campo (estará) em <seu> punho,
 o remo em sua mão.
 Regozijai-vos, ó gente se sua época,
 o filho de um homem (importante) fará renome pela eternidade-*djet* e pela
 eternidade-*neheh*!⁴⁹

Uma das mudanças mais significativas promovidas por Amenemhat I foi a transferência da capital do Egito de Tebas para a cidade de Amenemhat-itji-taui (“Amenemhat, aquele que se apoderou das duas terras”)⁵⁰, muitas vezes conhecida apenas como Itjitaui, que se localizava em um local ainda incerto na região do Fayum, provavelmente próximo à necrópole de Lisht⁵¹. A data precisa da transferência para Itjitaui não é conhecida. Igualmente, desconhecem-se os motivos que levaram à escolha do local para a nova capital. Uma das hipóteses que tenta sugerir uma explicação diz respeito à maior proximidade, em comparação com Tebas, dos locais que eram suscetíveis às invasões de asiáticos. Outra hipótese, dessa vez política, é que a fundação da nova capital poderia significar um novo começo para Amenemhat I⁵². Este “recomeço” foi comemorado pelo rei com a escolha de seu segundo nome de Hórus, Uehemmesu (“o renascimento” ou, mais literalmente, “a repetição dos nascimentos”), que talvez tenha uma ligação com o primeiro dos milagres do Uadi Hammamat⁵³. A hipótese mais provável, no entanto, é a de T. G. H. James, que argumenta que o local escolhido para a instalação da nova capital, na fronteira entre o Alto e o Baixo

⁴⁷ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p.146.

⁴⁸ *As profecias de Neferti* é um texto propagandístico escrito provavelmente durante o reinado de Amenemhat I para consolidar sua autoridade como fundador da XII Dinastia. Ao mesmo tempo em que valoriza as primeiras ações do faraó, explora os sentimentos dos homens de seu tempo, trabalhando assim para alcançar a coesão social necessária em uma situação caótica. Amenemhat I aparece, assim, como o rei salvador, que trouxe novamente a prosperidade para o Egito. (ARAUJO, Emanuel. *op. cit.* p. 192.)

⁴⁹ ARAUJO, Emanuel. *op. cit.* p. 199.

⁵⁰ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 46.

⁵¹ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 146.

⁵² *Ibidem.* p. 147.

⁵³ *Ibidem.* p. 147.

Egito, era um lugar melhor para a administração do que Tebas⁵⁴, e conseqüentemente era um bom local para o controle do país como um todo.

Com Amenemhat I, há um retorno a um governo mais centralizado, que é acompanhado por um aumento da burocracia. Há também um provável crescimento da opulência real, que pode ser verificado pelos itens de joalheria encontrados em muitos enterramentos da XII Dinastia. Junto a isso, há uma ascensão dos funcionários da administração do Estado, cujo aumento de riqueza era proporcional ao cargo que ocupassem, tendo em vista os monumentos privados que foram por eles edificadas.

No que diz respeito a construções reais, não restaram mais do que fragmentos de seus monumentos, espalhados por todo o Egito. Segundo Vandersleyen, o fato de que o rei construiu um templo dedicado ao deus-crocodilo Sobek na capital do Fayum, Shedet, é o primeiro sinal do interesse crescente dos faraós da XII Dinastia por esta região⁵⁵.

Durante o reinado de Amenemhat I os padrões da cultura material são os mesmos percebidos para o Primeiro Período Intermediário. Havia estilos diferentes, em relação à cerâmica e às artes, nas diversas regiões do Egito, assim como ainda não havia artistas que atuassem em todo o Egito. Nas tumbas da elite e de governantes locais havia objetos confeccionados especialmente para este fim, como jóias, os já citados modelos de madeira, ataúdes e máscaras funerárias. Já as tumbas da não-elite eram equipadas com objetos que não foram produzidos com este fim, e que possivelmente fossem utilizados pelos seus proprietários durante a vida.

Alguns dados sobre o comércio e a administração no período podem ser retirados de inscrições e pinturas parietais presentes nas tumbas dos nomarcas de Beni Hassan, no 16º nomo do Alto Egito, ou nomo do Órix. Numa delas, a tumba de Khnumhotep II, contemporâneo de Amenemhat II e Senusret II, o proprietário relata alguns acontecimentos da época de seu avô, Khnumhotep I, que foi o nomarca de Beni Hassan durante o reinado de Amenemhat I. Dentre as inscrições, há uma que faz alusão a uma intervenção pontual do faraó nos negócios do nomo, visando a resolver problemas de fronteiras com dois outros nomos, o da Lebre e o do Chacal.

Amenemhat I foi ainda o responsável pela construção dos chamados “Muros do Príncipe”, que são referidos no *Conto de Sanehet*⁵⁶ como uma estrutura feita para “repelir os

⁵⁴ JAMES, T. G. H. *op. cit.* p. 79.

⁵⁵ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 48.

⁵⁶ O *Conto de Sanehet* relata a história de Sanehet que, ao ouvir a notícia da morte de Amenemhat I, fugiu para terras estrangeiras, com medo de ser associado ao atentado que levou à morte do monarca. O protagonista passou muitos anos entre os estrangeiros, mas manteve sempre uma grande vontade de voltar ao Egito e ser enterrado

asiáticos e esmagar os beduínos”⁵⁷. Exceto uma expedição militar contra os asiáticos na região do Delta, há somente um relato de uma incursão militar contra os líbios no ano 30 de seu reinado, que foi comandada pelo seu filho, Senusret. Quando esta campanha chegou ao fim, Amenemhat I havia morrido. É esta a expedição relatada no conto de Sanehet, e após a qual ele teria fugido para terras estrangeiras.

Amenemhat I construiu seu complexo funerário em Lisht, reutilizando materiais do complexo de Khufu, da IV Dinastia. Sua tumba, assim como as de seus sucessores, tinha o formato piramidal inspirado nas construções funerárias do Reino Antigo. Ao redor de sua pirâmide, os altos funcionários de seu reinado construíram as suas próprias tumbas, geralmente na forma de mastabas, e com as paredes internas decoradas com relevos ou pinturas, mas em número bem menor do que aquelas presentes nas mastabas do Reino Antigo. Os governantes locais, tais como os nomarcas de Beni Hassan, eram inumados em tumbas escavadas na rocha, decoradas com relevos e pinturas, tal como a já citada tumba de Khnumhotep II.

Os relatórios arqueológicos pouco informam sobre as tumbas dos indivíduos de níveis sociais mais baixos, que possivelmente fossem simplesmente escavadas na rocha, a uma profundidade pequena. O enxoval funerário, tal como nos períodos anteriores, deveria ser formado apenas por recipientes de cerâmica e uma esteira ou pele de animal, que protegia o corpo.

Após a morte de Amenemhat I, quem assume o poder no Egito é seu filho, Kheperkare Senusret I (c. 1971-1926 a.C.). Segundo alguns autores, como Peter Clayton, Amenemhat I e Senusret I tiveram um período de co-regência de dez anos, após os quais Senusret passou a governar sozinho⁵⁸. Emanuel Araújo, em sua tradução dos *Ensinamentos de Amenemhat I*, considera que quando o rei diz “(...) antes de eu sentar-me contigo e poder advertir-te”, está se referindo ao período anterior à co-regência⁵⁹. Já Callender considera que é apenas no final dos *Ensinamentos*, quando o rei diz: “Eis que fiz o começo e ajunto para ti o fim. Ofereço-te o porto que está em meu coração. Exibirás a coroa branca de um filho do deus, tudo está em seu

em sua terra natal. Ao final do conto, Sanehet foi perdoado por Senusret I, sucessor de Amenemhat I, e foi recebido no Egito pelo próprio faraó. (ARAÚJO, Emanuel. *op. cit.* p. 101.)

⁵⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sete olhares sobre a antiguidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 129.

⁵⁸ CLAYTON, Peter A. *op. cit.* p. 79-80.

⁵⁹ ARAÚJO, Emanuel. *op.cit.*p. 296 e nota 5.

lugar, atribuído a ti por mim”⁶⁰ que se torna claro que Senusret I será o sucessor de Amenemhat I. Por esse motivo, não considera a existência dos períodos de co-regências em seus estudos. Esta questão, no entanto, já foi discutida no início deste capítulo, e não será retomada para os reinados posteriores.

A primeira metade do reinado de Senusret I foi marcada pelas guerras, enquanto que a segunda pode ser definida pelos tempos de paz, o que se infere pelo aumento no número de construções e expedições às minas neste período⁶¹. No ano 10 de seu reinado, Senusret enviou uma expedição militar à Núbia, fato que se repetiu no ano 18. Nesta última campanha, foi estabelecida, junto à segunda catarata do Nilo, a fronteira meridional do Egito.

Os contatos comerciais com o Norte foram intensificados. Caravanas transitavam entre o Egito e a Síria, com o objetivo de trocar produtos egípcios por madeira de cedro e marfim. Na região da Alta Núbia, ou Kush, o principal produto de exploração era o ouro, mas os egípcios também procuravam pelas ametistas e turquesas para a joalheria, e cobre e gnaïsse para as esculturas. Callender afirma que este foi o período de contatos mais intensos do Egito com a Síria e a Núbia, o que mostra a extensão das mudanças nas políticas externas ocorridas entre a XI e a XII dinastias⁶². Vandersleyen aponta, ainda, uma expedição comercial à terra de Punt, no ano 24 do reinado de Senusret I⁶³.

Para manter o programa de construções proposto por Senusret I em todo o Egito, intensificaram-se também as expedições às pedreiras no Uadi Hammamat, Sinai, Hatnub, e Uadi el-Hudi. Em apenas uma dessas campanhas, o material obtido foi suficiente para a confecção de sessenta esfinges e cento e cinquenta estátuas⁶⁴. Este programa intenso de construções por parte de Senusret I tinha como objetivo principal, segundo Callender, minar os poderes dos sacerdotes e templos locais, para assegurar uma maior centralização do poder.

O intenso contato comercial, assim como o grande número de expedições em busca de matéria prima e a ampla atividade real no tocante às construções, atestam a estabilidade econômica que perdurou neste período. Com relação à cultura material, segundo Grajetzki, o Reino Médio começa com Senusret I, pois há uma padronização na arte a partir de seu reinado⁶⁵. Também é nesse período que a arte e a arquitetura atingem o apogeu do classicismo. É marcante, ainda, a grande produção de composições literárias, dentre as quais o

⁶⁰ *Ibidem.* p. 297.

⁶¹ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 59.

⁶² CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 149.

⁶³ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 64.

⁶⁴ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 149.

⁶⁵ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* p. 44.

Conto de Sanehet. Para Vandersleyen, as fontes não contradizem os elogios ao rei feitos por Sanehet no conto, tanto que o faraó chegou a ser divinizado após a sua morte⁶⁶.

Senusret I foi o responsável pela restauração do templo dedicado a Khenti-Imentyu-Osiris em Abydos. Após este ato real, muitos oficiais começaram a erigir estelas funerárias e cenotáfios⁶⁷ na cidade de Abydos, prática que se tornou comum durante os reinos Médio e Novo. Esta iniciativa real também incentivou o crescimento do culto a Osiris e da crença na vida *post-mortem* por parte da nobreza, o que levou a um nivelamento inicial entre as crenças do rei e dos indivíduos comuns. Este processo é chamado por alguns autores, como John Wilson, de “democratização da imortalidade”⁶⁸.

O grande número de estelas funerárias e estátuas de indivíduos sem títulos governamentais dedicadas em Abydos é fonte para a discussão sobre a origem de uma classe média no Egito durante o Reino Médio⁶⁹. Estas pessoas, na maioria das vezes, são identificadas apenas por estes monumentos, já que suas tumbas não foram localizadas. Os oficiais, em alguns casos, têm seus nomes e cargos atestados também por meio de outras fontes, como por exemplo a referência a eles em outros monumentos, régios ou particulares. Os indivíduos que pertenceriam a esta suposta “classe média” desejavam, assim como os oficiais, erigir estelas em Abydos e participar dos rituais relacionados ao deus Osiris que eram

levados a cabo na cidade. Prova disso é a presença de pequenos cenotáfios na periferia das estruturas maiores, nos quais eram colocadas pequenas estelas, muitas vezes em pedra crua, como uma *ostraca* dedicada por um indivíduo chamado Intef, na qual apenas ele é representado e são nomeados membros de sua família.

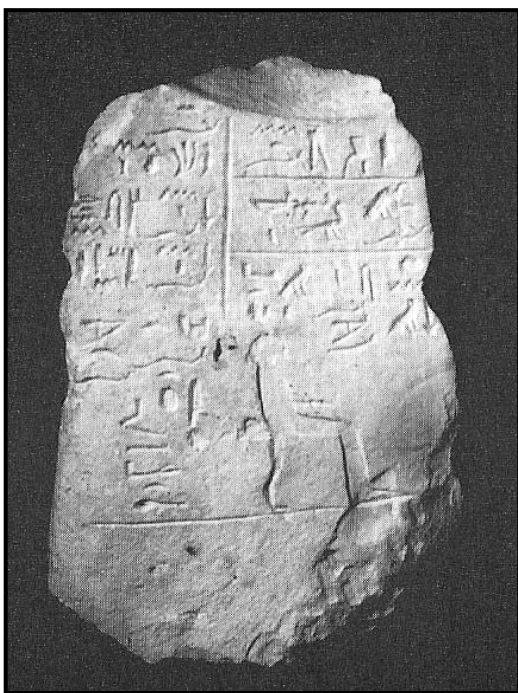


Figura 2: Estela “ostraca” de Intef, proveniente de Abydos. Referência: RICHARDS, Janet. *Society and death in ancient Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 41.

⁶⁶ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 57.

⁶⁷ Tumbas secundárias, construídas para servir local de culto para os mortos ou para divindades, mas que não chegavam a abrigar os corpos.

⁶⁸ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 150.

⁶⁹ RICHARDS, Janet. *Society and death in ancient Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 22.

Os enterramentos da elite eram realizados, conforme acontecia no período anterior, no entorno da pirâmide do faraó. Em termos de cultura funerária, como no caso dos sarcófagos, ainda havia muita influência do Primeiro Período Intermediário, assim como na cerâmica. Uma diferença básica, no entanto, é que a partir deste reinado artesãos da Residência Real passaram a trabalhar em todo o país, ocasionando a já referida padronização na arte e na arquitetura. O enxoval funerário encontrado em tumbas da elite não se diferenciou em relação aos períodos anteriores, aparecendo ainda os modelos de madeira e jóias confeccionadas exclusivamente para a ocasião. Quanto à não-elite, os achados arqueológicos são em menor número, mas mostram que algumas tradições, como a presença de um conjunto de modelos de madeira, eram seguidas também pelos indivíduos de níveis sociais menos elevados.

Senusret I é considerado o fundador do templo de *Ipet sut* (Karnak). No Museu do Ar Livre do templo de Karnak, em Luxor, é possível observar a “Capela Branca”, um monumento que foi construído por Senusret I e dedicado ao deus tebano Amon. Praticamente todos os fragmentos dessa estrutura foram encontrados em 1927, quando arqueólogos de uma missão francesa estavam restaurando o terceiro pilone do templo de Amon. A reconstrução da capela iniciou-se em 1937 em um novo local, onde também se encontram monumentos reconstruídos de outros períodos. Originalmente, a capela provavelmente se encontrava no lado ocidental do pátio do Reino Médio, que era chamado de “o elevado posto de observação de Senusret I”⁷⁰. O nome original desta construção era “Ela que eleva Hórus, o amado das Duas Coroas”⁷¹, e foi edificada possivelmente como parte das comemorações para o festival-*sed* do faraó.

Trata-se de uma estrutura pequena, com 6,75 m de lado, com rampa e escadaria combinadas, que conduzem à capela, situada a 1,80 m do chão. O santuário possui quatro grupos de quatro pilares de 2,50 m de altura, que sustentam uma cornija e arquitraves. Os relevos que recobrem os pilares são considerados um dos mais delicados exemplos do Reino Médio, e tornam o quiosque o que conta com a decoração mais elaborada em Karnak. A capela é decorada com cenas nas quais aparece o rei em frente aos deuses, sendo que Amon por vezes é representado de forma itifálica. Os textos são repetitivos, e apresentam o faraó e as divindades. Nos muros exteriores, estão nomeados os vinte e dois nomos do Alto Egito e os quatorze do Baixo Egito, com suas respectivas capitais, deuses principais e sua extensão ao

⁷⁰ WEEKS, Kent R. *Los tesoros de Luxor e el Valle de los Reyes*. Madrid: LIBSA, 2006. p. 110-111.

⁷¹ PARKINSON, Richard B. *Voices from ancient Egypt*. An anthology of Middle Kingdom writings. London: The British Museum Press, 2004. p. 122-124.

longo do Nilo. A altura da inundação em várias partes do Egito também é assinalada nos muros, o que sugere que as cidades arroladas não eram apenas centros religiosos⁷².

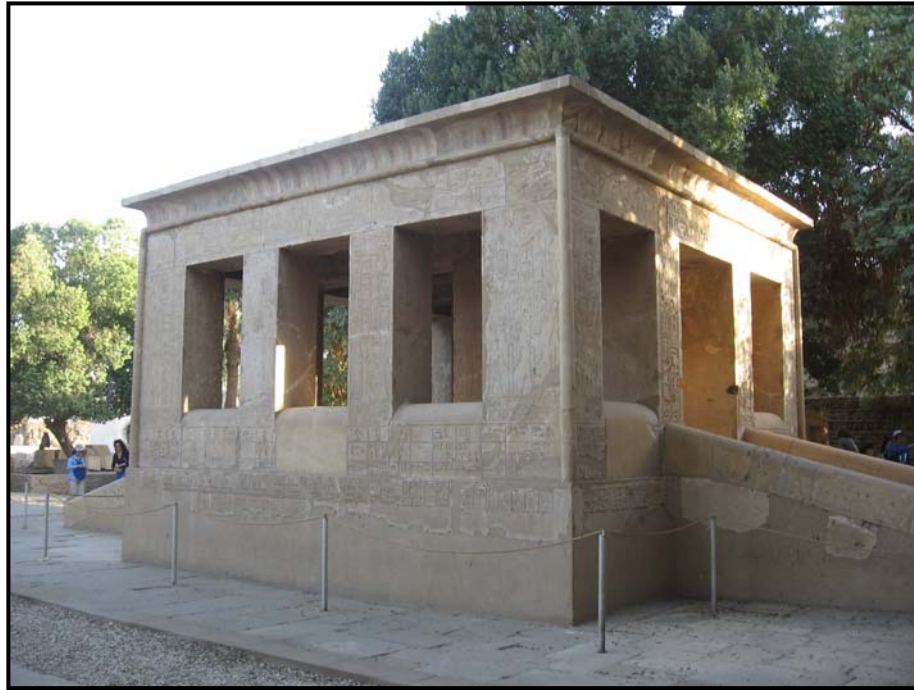


Figura 3: O estado atual da Capela Branca, construída por Senusret I, originalmente no centro do complexo de Karnak e atualmente no Museu ao Ar Livre. Foto da autora.

Alguns autores situam ainda neste reinado os chamados *Papiros de Hekanakht*. Estes documentos foram encontrados na tumba do vizir Ipi (tumba nº 315 de Tebas), de quem Hekanakht era sacerdote funerário, e trazem informações importantes sobre a vida diária e seus vários problemas, relatados pelo próprio sacerdote⁷³. Os papiros fazem parte do único arquivo familiar que se conservou para toda a história egípcia e são fontes importantes para a obtenção de dados sobre as relações familiares e as características da economia em uma unidade doméstica.

O período relatado por Hekanakht em suas cartas pode ser situado entre o final da XI e o início da XII Dinastia, e foi caracterizado por níveis baixos das cheias do Nilo, o que levou à crise agrária e conseqüentemente à fome, conforme pode ser verificado na segunda missiva do sacerdote, quando este diz: “Eis que, (enquanto) o país inteiro está morto, vós não passais fome, já que, (quando) eu fui até aí, navegando para o sul, eu fixei as vossas rações

⁷² O’CONNOR, David. The geography of settlement in ancient Egypt. In: UCKO, Peter J.; TRINGHAM, Ruth; DIMBLEBY, G. W. (orgs.) *Man, settlement and urbanism*. London: Duckworth, 1972. p. 687.

⁷³ MANNICHE, Lise. *op. cit.* p. 21.

generosamente.”⁷⁴. Em tempos como os descritos por Hekanakht, era comum que as pessoas se unissem em comunidades maiores que a família conjugal, com o intuito de ajudarem-se mutuamente, o que levava à união de uma família extensa, que era caracterizada pela presença de casais ou indivíduos aparentados entre si em graus variados, que estavam subordinados à autoridade de um único chefe, que geralmente centralizava o controle sobre os bens disponíveis⁷⁵.

A análise dos documentos de Hekanakht, então, fornece alguns dados que podem situar sua escrita em um período bastante atribulado, que parece não corresponder ao reinado de Senusret I. Este foi caracterizado por um grande número de obras, o que não condiz com relatos de tempos de crise. Hekanakht, então, possivelmente viveu entres os reinados de Mentuhotep II, de quem Ipi era vizir, e Mentuhotep III, no final da XI Dinastia⁷⁶. As informações sobre uma crise agrária e um período de fome, então, podem ser situadas no governo destes faraós.

Senusret I construiu sua pirâmide próxima àquela de seu pai, em Lisht. Além da tumba, o complexo funerário compreendia um templo, cuja planta é uma cópia quase perfeita do templo da pirâmide de Pepi II. Esta foi uma forma adotada pelo faraó para homenagear um ancestral, e que também incluiu a execução de estátuas de Sneferu, Sahure, Niuserre, Antef, Mentuhotep II, Mentuhotep III e Amenemhat I. Acredita-se que a redação dos *Ensinamentos de Amenemhat I* também foi uma forma de reverência desse faraó a seu pai e predecessor.

O sucessor de Senusret I foi Nebkaure Amenemhat II (c. 1929-1892 a.C.). Tal como ocorre com outros faraós, a documentação sobre o seu reinado é reduzida, e de interpretação incerta⁷⁷. As informações de que atualmente dispomos sobre este reinado são provenientes de uma série de relatórios oficiais, chamados de *genut* ou “livros-diário”, que foram preservados no templo de Tod. A estes documentos foram adicionados, em 1974, os anais de Mit-Rahina (a antiga Mênfis), o mais importante *genut* deste reinado. Os relatórios de Mit-Rahina contêm descrições detalhadas de doações feitas a vários templos, listas de estátuas e construções,

⁷⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma casa e uma família no antigo Egito. *Phoînix*. Rio de Janeiro: Mauad, v. 9. p. 65-97, 2003. p. 69.

⁷⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. Na base da pirâmide social: unidades domésticas e comunidades aldeãs. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/cantareira/mat/art8.htm> Acesso em: 20jun08.

⁷⁶ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Hekanakht*: pujança passageira do privado no Egito antigo. Niterói, 1993. Tese (Concurso para Professor Titular) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993. p. 107-112.

⁷⁷ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 77.

relatórios de campanhas militares, expedições comerciais e atividades reais, como a caça. Mostram, também, que existia uma “paz superficial” neste período entre o Egito e a área do Levante⁷⁸.

As já mencionadas pinturas parietais da tumba de Khnumhotep II, em Beni Hassan, relatam a visita de um chefe beduíno, de nome Ibsha, acompanhado por uma caravana de trinta e sete asiáticos, que chegaram ao Egito para negociar maquiagem para os olhos⁷⁹. Este dado, somado a outros, como a presença de estatuetas e escaravelhos egípcios na cidade portuária de Biblos, mostram que os contatos culturais entre o Egito e o Oriente Próximo estavam presentes nesta época, assim como o comércio com a região da Síria era corrente.

Um fato mencionado nos anais de Mit-Rahina é a captura de 1554 *ꜥmw* (asiáticos) em operações militares no território do Sinai. Isto talvez explique a grande quantidade de servos asiáticos que aparece em um papiro proveniente de Tebas, é que é conhecido atualmente como *Papiro Brooklyn*. No verso desse documento, uma mulher chamada Senebtisi estabelece seus direitos legais para a posse de noventa e cinco servos. A lista inclui os títulos, nomes e sobrenomes desses servos, bem como suas ocupações. Ao todo, há setenta e sete entradas onde podem ser lidas as nacionalidades dos indivíduos: vinte e nove parecem ser egípcios e quarenta e oito são asiáticos. Destes, sete são homens, trinta são mulheres e nove são crianças⁸⁰. O papiro não só alude à presença de asiáticos vivendo no Egito nessa época, mas também sugere que eles estavam espalhados por todo o território egípcio. Na mesma época, os asiáticos começaram a ser representados nos monumentos funerários de seus senhores, o que mostra que havia uma aceitação da religião funerária egípcia por parte destes estrangeiros.

Apesar da grande extensão do reinado de Amenemhat II – o documento com a data mais tardia pertence ao ano 35 – a Arqueologia confirma que este faraó não deixou um grande número de construções. Além de sua pirâmide em Dahshur, restaram apenas fragmentos de seus monumentos. Seu legado arquitetônico, ao contrário de suas atividades militares e comerciais, não foi correspondente à grande duração do reinado.

Seu nome aparece, no entanto, em muitas estelas de particulares erigidas em todo o Egito. Os túmulos destas pessoas, no entanto, não foram localizados, e as informações sobre a corte de Amenemhat II são escassas. É possível que a elite fosse inumada em tumbas próximas à pirâmide do faraó, mas a necrópole de Dahshur foi pouco explorada, e apenas as

⁷⁸ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 151.

⁷⁹ BREASTED, James Henry. *op. cit.* p. 281 e notas ‘c’ e ‘d’.

⁸⁰ DAVID, Rosalie. *The pyramids builders of Ancient Egypt*. A modern investigation of pharaoh’s work-force. London: Routledge & Kegan Paul, 1986. p. 189-190.

tumbas de dois de seus oficiais, Siese e Khenty-khety-ur, foram localizadas. Não há dados sobre os enterramentos da não-elite neste período, e nem mesmo sobre os túmulos de indivíduos de níveis sociais mais baixos.

Amenemhat II foi sucedido por Khakheperre Senusret II (c. 1897-1878 a.C.). Este reinado foi um período de relativa paz, o que pode ser inferido pela inexistência de relatos sobre expedições militares ordenadas por Senusret II. A ausência de fontes dessa natureza, no entanto, não afasta por completo a possibilidade da existência de campanhas militares nesse período, já que é possível que relatos sobre essas atividades não tenham sobrevivido ao tempo, e não chegaram até nós.

Uma das principais realizações de seu reinado foi a inauguração do sistema de irrigação no Fayum. Não se sabe ao certo quantos canais de irrigação foram construídos durante este reinado, mas Karl Butzer estima que a área irrigada tenha aumentado de cem quilômetros quadrados no Reino Antigo para quatrocentos e cinquenta quilômetros quadrados após os recursos aplicados por Senusret II⁸¹. Vinogradov afirma que estes investimentos tiveram como principal objetivo assegurar bens materiais, na forma de terras cultiváveis, a um grande número de pessoas que ascenderam a cargos administrativos após a reunificação das Duas Terras⁸². Sem sombra de dúvida, o projeto de irrigação no Fayum expandiu a área de terras cultiváveis no Egito, e aumentou a quantidade de terras sob o controle do Estado.

Houve, após a implantação desse sistema, um processo de renovação dessa região, o que é demonstrado pela construção de monumentos religiosos nos extremos do Fayum. Senusret II foi o primeiro faraó a se preocupar com a economia desse oásis, e a importância assumida pelo sistema de irrigação por ele planejado é demonstrada pelo uso de vários locais no Fayum para a construção de complexos funerários reais. Se levarmos em consideração que, segundo Callender, os palácios reais eram instalados próximos aos complexos funerários⁸³, vemos a importância que o Fayum assumiu nessa época.

O próprio Senusret II construiu seu complexo funerário – formado por pirâmide, templo, e uma “cidade de pirâmide” – nessa região. A cidade, chamada por William Matthew

⁸¹ BUTZER, Karl W. *Early hydraulic civilization in Egypt. A study in cultural ecology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1976. p. 92.

⁸² VINOGRADOV, I. V. The Middle Kingdom of Egypt and the Hyksos Invasion. In: DIAKONOFF, I. M. (ed.) *Early Antiquity*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. p. 162.

⁸³ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 153.

Flinders Petrie de Kahun, chamava-se originalmente *Hetep-Senusret* (“Senusret está satisfeito”) e localiza-se próximo ao Bahr Yusuf, ou “Braço de José”, o canal que leva a água do Nilo para a região do Fayum. Sua importância reside no fato dela ser o principal meio, levando em consideração os diversos tipos de fontes que lá se conservaram, para entendermos a vida urbana das pessoas comuns, pois nela moravam os trabalhadores responsáveis pela construção da pirâmide do rei, com as suas respectivas famílias. O material proveniente da cidade é particularmente interessante, pois, em função de sua proximidade com a necrópole, deriva tanto do mundo dos vivos quanto do mundo dos mortos.

Fazendo parte do complexo, a pirâmide de Senusret II foi construída com uma estrutura de tijolos e interior em pedra. Largos corredores de rocha sustentavam os setores de tijolos, que eram então recobertos com calcário. O *layout* da estrutura é interessante, pois duas entradas, formadas por poços, conduzem a uma passagem ascendente até a antecâmara, que por sua vez leva para um corredor que segue até a câmara funerária. Outro corredor, que parte desta última, a contorna, alcançando novamente o corredor entre a antecâmara e câmara funerária⁸⁴. Os membros femininos da família real foram possivelmente representados por oito mastabas e uma pirâmide para a rainha, sendo que estas poderiam ser apenas estruturas simbólicas, como cenotáfios, não representando locais de enterramento⁸⁵.

Há uma clara relação entre o local de enterramento de Senusret II e a tumba de Osíris, que se verifica quando a estrutura é analisada como um todo. Ao redor da câmara funerária de Senusret II havia corredores que convertiam a câmara em uma espécie de ilha, um importante símbolo de Osíris. A informação se sustenta ainda no fato de que foram encontradas, pelos arqueólogos, vestígios de árvores que foram plantadas ao redor da pirâmide, o que tornaria o complexo semelhante a um jardim, relacionando-o, assim, à tumba do deus⁸⁶.

As necrópoles que se formaram no entorno da pirâmide de Senusret II foram escavadas no início do século XX de nossa era, mas, devido aos constantes saques e reusos das tumbas da elite e da não-elite inumada na região, as informações sobre a corte de Senusret II são escassas. De todas as tumbas escavadas, apenas três guardaram os nomes de seus ocupantes, dentre os quais o mais importante foi Inpy, o arquiteto real responsável pelo projeto do complexo funerário do faraó e, possivelmente, também pelo da cidade de Kahun⁸⁷.

⁸⁴ LEHNER, Mark. *The complete pyramids*. London: Thames & Hudson, 2000. p. 175.

⁸⁵ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 154.

⁸⁶ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* p. 50.

⁸⁷ PETRIE, W. M. Flinders & BRUNTON, Guy & MURRAY, Margaret A. *Lahun II: the pyramid*. London: British School of Archaeology in Egypt & Bernard Quaritch, 1923. p. 26-34.

As informações sobre Senusret II fora do Fayum são restritas. Uma delas foi anteriormente comentada. Trata-se da caravana comercial de asiáticos retratada na tumba de Khnumhotep II, em Beni Hassan. Na cena, a data apresentada é o ano 6 de Senusret II⁸⁸. Outros dados aparecem na arte, que neste período foi caracterizada por um maior realismo nas representações humanas, especialmente na estatuária. Dentre as obras de arte mais conhecidas de seu reinado, destaca-se a estátua em granito negro da rainha Nofret, possivelmente uma de suas esposas.

Conforme comentado anteriormente, a cidade de Kahun fornece os melhores dados sobre a sociedade e a economia neste período. Os papiros que foram encontrados na cidade, bem como os artefatos escavados e registrados por Petrie, dão pistas sobre como era a vida nesta “cidade de pirâmide”. A arquitetura doméstica presente no assentamento urbano nos mostra como eram divididos os ambientes e, em conjunto com os artefatos, informam sobre o uso dos espaços. Tal cidade, contudo, será estudada em detalhes nos próximos capítulos desta dissertação, e por essa razão não nos alongaremos nos comentários sobre ela neste momento.

Dentre as consortes reais, Khnemet-Nefer-Hedjet foi aquela que gerou o seu sucessor, Senusret III. Esta rainha parece ter usufruído de grande prestígio e mesmo de uma grande autoridade, pois foi uma das cinco rainhas na história do Egito que emitiu selos-cilindro dedicados a Sobek, senhor de Sumenu, o que a relaciona ao título de “profetiza de Sobek”⁸⁹.

O último documento datado do reinado de Khakaure Senusret III (c. 1878-1841 a.C.) pertence ao ano 19. Seu governo foi marcado por campanhas militares na Núbia, e pela instalação de fortalezas nas cataratas do Nilo, também na região da Núbia. As expedições militares, ocorridas nos anos 6, 8, 10 e 16 do reinado, parecem ter sido muito violentas: o texto presente nas estelas erigidas pelo faraó afirma que homens eram mortos, mulheres e crianças tornavam-se escravos, e os campos eram destruídos. Senusret III mandou erigir estelas para fixar a fronteira sul no ano 8, em Semna, e no ano 16 em Semna e Uronarti.

Os textos das estelas erigidas nas duas fortalezas no ano 16 são semelhantes, mudando apenas a introdução, que localiza o monumento no espaço, e tratam da fixação de fronteiras nesses pontos. O texto do ano 8, em Semna, deixa claro que nenhum núbio deveria passar daquele ponto, a não ser que fosse para fazer comércio: “(...) em ordem de prevenir que

⁸⁸ BREASTED, James Henry. *op. cit.* p. 281 e nota ‘c’.

⁸⁹ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 84 e nota 2; p. 117 e nota 2.

nenhum negro possa atravessar, por água ou por terra, com um navio, ou qualquer horda de negros; exceto um negro que venha realizar negócios em Iqen (Mirgisa) (...)”⁹⁰. Já as estelas do ano 16 enfatizam o estabelecimento das fronteiras, assim como o papel do faraó para que isso acontecesse:

Ano 16, mês 3 de Peret: *Sua Majestade estabeleceu uma fronteira meridional em Heh (Semna).*

Eu estabeleci a minha fronteira, indo mais ao sul do que os meus antepassados. Eu excedi o que me foi transmitido. Eu sou um rei cuja fala é a ação. Aquilo que meu coração planeja vem a ser graças ao meu braço. Eu sou um agressor para conquistar, rápido para o sucesso, que não se deita para descansar enquanto um assunto ainda está em seu espírito, que pensa nos homens comuns, que toma posição pela misericórdia mas não é misericordioso para com o inimigo que o ataca; que ataca quando é atacado, que fica quieto quando se fica quieto e que responde a um assunto na medida do que contém. Pois aquele que se cala após um ataque fortalece o coração do inimigo.⁹¹

Ao final do texto, o faraó deixa claro que seus sucessores devem manter as fronteiras por ele estabelecidas:

Quanto a todo filho meu que mantiver esta fronteira que Minha Majestade estabeleceu, trata-se de fato de um filho meu, nascido de Minha Majestade. Agradável é o filho vingador de seu pai, que mantém a fronteira daquele que o gerou.

Quanto àquele que se retirar, que não lutar por ela, não se trata de um filho meu, certamente; não nasceu, seguramente, de mim.⁹²

A forma como essa obrigação de manter as fronteiras é colocada faz parecer que os sucessores deveriam tomá-la mais como um dever de consciência do que como uma obrigação real. O texto se assemelha mais a um conselho dado por um pai a seu filho, do que à ordem de um faraó a seus sucessores.

A construção das fortalezas na Núbia além de enfatizar o controle natural do Egito na região, refletia a consideração, por parte do governo egípcio, de alguns problemas que eram próprios do sul. Tais estruturas também têm muito a nos dizer sobre a magnitude da administração durante o Reino Médio e a sua determinação de criar um entorno seguro, apesar das dificuldades que se apresentavam⁹³. Existem documentos, como os despachos de Semna,

⁹⁰ BREASTED, James Henry. *op. cit.* p. 293.

⁹¹ CARDOSO, Ciro Flamarion. A segunda estela de Senusret III em Semna, na Núbia. p. 1. Texto cedido pelo autor.

⁹² *Ibidem.* p. 1.

⁹³ KEMP, Barry J. *El antiguo Egipto*. Anatomía de una civilización. Barcelona: Crítica, 1996. p. 213.

que mostram quão rigoroso era o controle dos egípcios sobre os núbios, e quão próximo era o contato entre as fortalezas. Relatórios produzidos nas fortificações eram enviados ao vizir, e por esse meio o rei ficava sabendo quais eram os limites dos seus domínios naquele momento.

Senusret realizou uma última incursão militar na Núbia no ano 19. Esta, porém, teve uma curta duração, pois as águas do rio alcançaram um nível alarmante, tornando a jornada perigosa, e obrigando o retorno do rei e de suas tropas. Embora esteja claro que as intervenções militares de Senusret III tenham se concentrado na Núbia, a estela de Khusobek recorda uma campanha na Ásia. Um dos trechos afirma: “Sua Majestade dirigiu-se para o Norte, para repelir os asiáticos.”⁹⁴. Desta campanha resultou a entrada de um grande número de asiáticos no Egito, que foram empregados como servos ou escravos em todo o país.

Senusret III é considerado o responsável por uma reforma político-administrativa que acabou com o poder dos nomarcas e resultou em um Estado mais centralizado. Não há, porém, provas cabais que o relacionem a este fato. Os documentos mais interessantes de seu reinado, no que se refere a esta esfera, são provenientes de Kahun. Foram encontrados nas proximidades do templo funerário de Senusret II, tratam do funcionamento do templo sob Senusret III e Amenemhat III, e fazem parte da correspondência do intendente Horemsaf.

Aqueles que defendem a reforma político-administrativa baseiam-se no desaparecimento, neste período, das grandes tumbas dos nomarcas no sul do Egito, como em Meir e Beni Hassan. Este fato, no entanto, pode estar relacionado a problemas econômicos que começaram a emergir durante o governo de Senusret III. Uma grande parte das reservas econômicas existentes foi possivelmente empregada para assegurar o controle sobre a Núbia, e isso pode ter ocasionado uma crise econômica que se manifestou primeiramente na região sul do Egito, já que esta estava mais próxima da fronteira meridional.

A mudança nos padrões de enterramento não é uma exclusividade dos nomarcas. Em todas as regiões do Egito verificou-se uma diminuição na produção de artefatos exclusivamente para a tumba, e começaram a aparecer no contexto funerário objetos de uso cotidiano, que eram utilizados em vida por seus proprietários e depois eram levados para o túmulo. Uma prática que se tornou comum também foram os enterramentos múltiplos, sendo inumadas várias pessoas em uma mesma tumba. Devido à presença de uma grande quantidade de enxoval funerário nestes casos, é difícil definir o que pertenceria a cada indivíduo⁹⁵.

Há ainda uma discussão sobre uma possível emergência de uma classe média no Egito após as reformas administrativas propostas por Senusret III. Janet Richards considera que

⁹⁴ BREASTED, James Henry. *op. cit.* p. 304.

⁹⁵ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* p. 57.

existia realmente uma classe média no Egito durante o Reino Médio, mas não podemos situar sua origem neste período. Segundo a autora, as mudanças sociais, religiosas e políticas que levaram ao seu surgimento estão situadas no longo Reino Antigo tardio e no Primeiro Período Intermediário⁹⁶.

Com relação às expedições em busca de matéria-prima, são atestadas uma no ano 13 para as minas de ametista do Uadi el-Hudi, e uma no ano 14 para as pedreiras do Uadi Hammamat. Há também uma inscrição sem data precisa sobre uma expedição para as minas de alabastro de Hatnub, e indicações sobre sua presença no Sinai.

A arte deste período apresenta mudanças significativas em relação aos reinados anteriores. A mais expressiva é quanto à anatomia da face, que mostra não um soberano idealizado, sempre jovem, mas um homem em idade avançada, quando o rei a atingiu. Na literatura, há duas correntes opostas: uma propagandística, que exalta o rei e os bons cidadãos, e pode ser exemplificada pelos *Ensinamentos de um homem a seu filho*, e outra pessimista, que aparece como uma resposta à primeira, e é exemplificada pelas *Lamentações de Khakheperreseneb*⁹⁷.

As *Lamentações de Khakheperreseneb* informam sobre uma possível crise que estava sendo enfrentada pela população egípcia na época de sua composição. Caso os fatos narrados por Khakheperreseneb estejam relacionados ao governo de Senusret III, o texto vem a confirmar a hipótese de uma crise econômica agravada pelas constantes campanhas na Núbia. Em um dos trechos da composição, o narrador diz:

Medito sobre o que sucede,
sobre as coisas que se passam por todo o país.
Ocorrem mudanças, (hoje) não é como no passado,
um ano é mais opressivo que outro.
O país está fendido, destruído,
transforma-se [num deserto]⁹⁸.

Fica claro, então, que o país passava por mudanças, e que uma crise era latente, já que aumentava a opressão e o Egito estava se transformando em um deserto. É possível que tal crise se desse devido às altas cheias do Nilo, e se manifestasse especialmente na agricultura, ocasionando fome.

Senusret III mandou erigir seu complexo funerário, dominado por uma pirâmide, em Dahshur. A estrutura do monumento, que se conservou parcialmente, foi executada

⁹⁶ RICHARDS, Janet. *op. cit.* p. 173.

⁹⁷ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 96.

⁹⁸ ARAÚJO, Emanuel. *op. cit.* p. 204.

praticamente com tijolos de adobe, mas obteve certa estabilidade a partir do revestimento de blocos de calcário. Nas imediações, foram construídas mastabas para os membros da família real. Um segundo complexo funerário foi construído pelo faraó em Abydos, mas possui apenas caráter ritual. Trata-se de um cenotáfio, cuja estrutura consiste em uma tumba subterrânea e um templo mortuário, onde o culto ao rei se realizou por mais de dois séculos após sua morte.

Senusret III foi sucedido por seu filho, Nimaatre Amenemhat III (c. 1844-1797 a.C.), que reinou em um período de estabilidade, assegurada pelas conquistas de seu pai. O clima de paz contribuiu, também, para que a cultura atingisse o seu pico durante o Reino Médio neste reinado.

Amenemhat III fortaleceu a fronteira em Semna e aumentou algumas das fortalezas existentes. Outras obras de seu reinado são um templo dedicado ao deus Sobek em Shedet (Crocodilópolis); duas estátuas colossais do rei sentado, em granito, que o faraó mandou instalar em Biahmu, também no Fayum; e um templo dedicado à deusa Renenutet, em Medinet Maadi, que foi completado por seu sucessor, Amenemhat IV.

A atividade de mineração foi intensa durante o reinado de Amenemhat III. Numerosas inscrições recordam expedições às minas de turquesa e cobre no Sinai, que foram quase permanentes nesse reinado e continuaram no seguinte. Também foram exploradas as pedreiras do Uadi Hammamat, de Tura, Assuã, e em vários locais da Núbia. Esta grande atividade mostra que o Egito vivia tempos de prosperidade, o que levou também a um aceleração da economia agrária no país. As cheias do Nilo atingiram bons níveis durante uma parte considerável do reinado, o que auxiliou para esse crescimento.

Essa grande atividade mineira, seguida por níveis baixos das cheias do Nilo durante os últimos anos de reinado, podem ter contribuído para declínios na economia e na política. Os relatórios sobre o nível das cheias, em Kumna e Semna, mostram que no ano 30, por exemplo, o rio subiu 5,1 m, mas no ano 40 a cheia foi de apenas 0,5 m. Essa variação causou certa flutuação econômica, inclusive na região do Fayum, cujo sistema de irrigação era dependente da água da inundação. É possível que a crise relatada por Khakheperreseneb esteja situada neste período, já que a primeira metade do governo de Amenemhat III deixa transparecer certa prosperidade.

No ano 2 de seu reinado⁹⁹, Amenemhat III mandou construir seu complexo funerário em Dahshur. Durante a construção da pirâmide, porém, a estrutura apresentou rachaduras, e esta foi abandonada após o término da obra. O *pyramidion* de pedra, que encimava a construção, encontra-se atualmente na sala central do pavimento térreo do Museu do Cairo. Duas rainhas, Aat e uma cujo nome é desconhecido, foram enterradas nesse complexo, na seção sudoeste da pirâmide.

Após o abandono da pirâmide de Dahshur, uma nova construção de um complexo mortuário real teve início depois do ano 15, desta vez em Hauara, no Fayum. Este era formado por uma pirâmide e um templo funerário, sendo que o último ficou conhecido como “Labirinto”, em função do grande número de corredores e salas, e pela descrição feita de sua estrutura por escritores clássicos, como Heródoto, Estrabão e Plínio, que o relacionaram ao labirinto do palácio de Minos, em Creta. A câmara funerária de Amenemhat III foi feita para abrigar também a princesa Neferuptah, mas esta foi posteriormente transferida para uma pirâmide separada, distante poucos quilômetros daquela do rei. Pode ser, então, que ela sobreviveu ao rei, e que quando de sua morte a pirâmide do soberano já estivesse lacrada.

A corte de Amenemhat III é pouco conhecida, e mesmo as informações provenientes de enterramentos da elite são escassas. Assume-se, contudo, que as formas de enterramento, bem como o enxoval funerário depositado nestas tumbas era semelhante àquele que aparece nas inumações do período anterior. Quanto à não-elite, não há informações suficientes para uma padronização.

A XII Dinastia teve um final obscuro. Sobre os dois últimos soberanos, Maakherure Amenemhat IV (c. 1799-1787 a.C.) e Sobekkare Neferusobek (c. 1787-1783 a.C.) poucas informações restaram, devido à escassez documental. Em função do longo reinado de Amenemhat III, é possível que Amenemhat IV fosse seu neto, mas também é plausível que fosse um filho já em idade avançada, que reinou poucos anos após subir ao trono. Já Neferusobek era provavelmente esposa de Amenemhat IV. Seu nome figura nas listas reais mais oficiais, aquelas de Karnak e Saqqara, e também no *Papiro de Turim*, que lhe confere um reinado de três anos, dez meses e vinte e quatro dias.

⁹⁹ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 104.

Ao que parece Amenemhat IV dedicou-se ao trabalho de conclusão das obras incompletas que haviam sido erigidas no reinado de seu pai, como um santuário à deusa Renenutet, em Medinet Maadi, no Fayum. Também houve continuidade em relação às expedições para as minas de turquesa no Sinai, e ao comércio com o Levante.

Quanto a Neferusobek, a documentação é ainda mais escassa, e é proveniente principalmente do Fayum. Seu nome e titulatura são conhecidos por meio de um selo-cilindro que se encontra no Museu Britânico. Geralmente, os títulos associados à rainha são femininos, mas ela fez uso também de títulos masculinos. Esta ambigüidade é presente também na arte, onde a rainha aparece com trajes que combinam elementos masculinos e femininos, como comprova o torso fragmentado que se encontra atualmente no Museu do Louvre.

1.3. A XIII DINASTIA E OS REINADOS EFÊMEROS

A XIII Dinastia (c. 1783-1640 a.C.) pode ser considerada como uma continuidade da XII. Os governantes continuaram a centralizar o reino a partir de Itjtaiú, e seguiram as políticas herdadas dos faraós anteriores. As linhagens familiares, porém, são outras, e a questão sobre a sucessão real ainda não foi resolvida. Stephen Quirke sugere que existia uma “sucessão circular”, que incluía algumas famílias, o que explicaria os reinados breves¹⁰⁰. Os egípcios continuavam controlando a área ao redor da segunda catarata, a medir o nível das cheias, a realizar o comércio interno e externo, e a erigir monumentos. Na arte, não houve declínio, e o estilo conservava a tradição canônica estabelecida durante a XII Dinastia.

Manethon estabelece um número de sessenta reis para esta dinastia, cifra esta bem próxima daquela que pode ser levantada pelo *Papiro de Turim*, apesar de seu estado fragmentário. Sobre os reinados individuais, as escassas fontes pouco esclarecem e mesmo os nomes de alguns reis permanecem desconhecidos.

A XIII Dinastia pode ser dividida em três períodos principais: o primeiro é caracterizado por um grande número de reinados curtos, tal como informado por Quirke; o segundo se caracteriza por reis bem conhecidos, especialmente na metade da dinastia, e pela grande quantidade de monumentos privados; por fim, há um período de 50 a 80 anos de reinados mal documentados, e nos quais uma divisão de poder, com uma XIV Dinastia reinante no Delta, é evidente¹⁰¹.

¹⁰⁰ Citado em: CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 159.

¹⁰¹ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* p. 64.

O primeiro faraó desta dinastia foi Uegaf Khutauíre, que parece ser o autor original do decreto que proibia os enterramentos na via processional de Abydos, e que acabou sendo usurpado posteriormente por Neferhotep I. Este decreto traz a data do ano 4 de seu reinado, o que atesta que ele reinou por mais de três anos, conforme explicitado no *Papiro de Turim*. Após o reinado de Sankhtauí-Sekhemre Iykernefert-Neferhotep, o nível das cheias do Nilo parou de ser medido, mas o comércio com o exterior continuou conforme pode ser atestado por uma inscrição encontrada em Biblos, na qual o governante local descreve a si mesmo como um “servidor do Egito”.

O documento mais importante do reinado de Sobekhotep II, e talvez de toda a XIII Dinastia, é o *Papiro Bulaq 18*. Este retrata a vida na corte tebana por um período de doze dias, nos segundo e terceiro meses da inundação (*Akhet*), no ano 3 do governo deste faraó¹⁰². Os dois papiros que, em conjunto, recebem esse nome, tratam, possivelmente, dos registros financeiros de uma visita do rei a Tebas, com o objetivo de iniciar ou completar monumentos para Montu de Medamud, um dos deuses cultuados na cidade¹⁰³. A riqueza de detalhes sobre a administração na XII Dinastia é tão grande, que Quirke afirma que os papiros poderiam ser utilizados como uma onomástica de títulos ou como um guia sobre a vida na corte durante este período¹⁰⁴.

Por meio dos papiros, é possível levantar os títulos do pessoal que vivia no palácio, ou que lá residia esporadicamente em função das visitas reais. Seu conteúdo pode ser comparado ao de alguns dos papiros contábeis de Kahun, que trazem listas de nomes e títulos de indivíduos empregados a serviço do templo ou da produção de insumos para a cidade. A riqueza de detalhes do *Papiro Bulaq 18*, no entanto, é maior, e por isso a corte de Sobekhotep II é bem conhecida. Alguns nomes presentes no papiro aparecem também em estelas funerárias erigidas em Abydos, e informam sobre obras ordenadas pelo faraó. O rei é também citado em um dos papiros de Kahun, e é conseqüentemente o governante mais conhecido por meio de documentação de sua época.

As informações sobre o reinado de Neferhotep I informam escassamente sobre a situação política do período, mas existe a possibilidade de que ele já não governasse todo o Egito. Documentos contemporâneos mostram que já existiam governos independentes no Delta, nas cidades de Xoís e Avaris. O documento mais importante do reinado de Neferhotep I é a grande estela de Abydos, cujo texto contém um decreto proibindo enterramentos na via

¹⁰² QUIRKE, Stephen. *The administration of Egypt in the Late Middle Kingdom*. The hieratic documents. Surrey: SIA Publishing, 1990. p. 17.

¹⁰³ *Ibidem*. p. 22.

¹⁰⁴ *Ibidem*. p. 24.

processional, e que pode ter sido uma cópia de decreto semelhante de Uegaf Khutauíre, conforme afirmado anteriormente.

Sobekhotep IV talvez seja o rei mais importante da XIII Dinastia. Ele foi o único faraó desta dinastia a enviar uma expedição às minas de ametista do Uadi el-Hudi, no ano 6, e outra às pedreiras do Uadi Hammamat, no ano 9. Um fragmento de estela de Sobekhotep IV menciona a região do Uauat, e parece fazer alusão a uma campanha militar nessa região, a última conhecida antes do reinado de Kamés. E, finalmente, uma estela, atualmente no Museu do Cairo, confirma que este rei foi responsável pela restauração do templo de Amon em Karnak. É sob seu reinado, porém, que a Núbia se tornou independente e escapou ao controle dos egípcios, ao mesmo tempo em que se fortaleceu a linhagem dos reis núbios de Kerma.

Após o reinado de Sobekhotep IV, há uma série de reis efêmeros. Segundo Callender, é com esse reinado que termina o Reino Médio, pois nessa época as bases que formavam todas as esferas de interesse já haviam ruído, transformando-se naquelas que estruturariam o Segundo Período Intermediário (c. 1640-1550 a.C.)¹⁰⁵.

Os enterramentos da XIII Dinastia seguiam o mesmo padrão daqueles encontrados a partir do reinado de Senusret III. As “pessoas comuns”, ou a não-elite, era inumada em tumbas com várias câmaras, enquanto que para a elite aparecem os enterramentos do tipo “da corte”, no qual muitas insígnias reais são encontradas, e há uma clara associação entre o morto e Osíris, o deus do Reino dos Mortos.

1.4. A XIV DINASTIA E A AUSÊNCIA DE FONTES

Segundo os cronistas, “a XIV Dinastia consistiu de setenta e seis reis de Xoís que reinaram cento e oitenta e quatro anos”¹⁰⁶. Van Beckerath diz que não há lugar para uma XIV Dinastia entre a XIII e a XV¹⁰⁷; dessa forma, como afirmam Baines & Málek, ela seria paralela a uma dessas duas. Até há pouco tempo, acreditava-se que esta dinastia não tinha existido realmente, sendo apenas uma invenção de Manethon. Dados de origem arqueológica e escritos, contudo, a confirmam, afastando a possibilidade de uma dinastia ficcional.

Poucos são os reis conhecidos da XIV Dinastia. Um deles, que é geralmente apontado como seu primeiro soberano, é Nehesy (literalmente, “o núbio”). Dele, conhecemos o prenome, Aasehre, e um grupo de documentos provenientes do Delta. Outro rei cujo nome é

¹⁰⁵ CALLENDER, Gae. *op. cit.* p. 161.

¹⁰⁶ VANDERSLEYEN, Claude. *op. cit.* p. 168.

¹⁰⁷ *Ibidem.* p. 168.

conhecido é Merdjefare, que é mencionado em uma estela dedicada a Sopdu-Hórus-Seped, de proveniência desconhecida, mas que pode estar associada à Saft el-Henna, a localidade, também no Delta, onde esta divindade era cultuada.

Manethon afirmou que a origem desta dinastia era a cidade de Xoïs, capital do 6º nomo do Baixo Egito, e que se encontrava na região centro-norte do Delta. Em vista de sua localização, essa cidade foi confundida por muitos com um “país estrangeiro”, sendo até sugerida uma dinastia “xoísta” dentro da tradição manethoniana¹⁰⁸.

O governo de Aasehre Nehesy foi centrado em Tell el-Daba-Avaris, e é em um de seus monumentos que aparece pela primeira vez uma menção ao deus Seth de Avaris, que foi mais tarde adotado como deus dinástico pelos raméssidas.

O levantamento de dados e fontes sobre o Reino Médio mostra que a história desse período é construída tendo como base principalmente os documentos administrativos, o que resulta em uma história estruturada no rei e na nobreza. Mesmo quando são utilizadas fontes provenientes do contexto funerário, estas informam mais sobre a vida dos ricos do que sobre a dos pobres. Porém, para um melhor entendimento da sociedade como um todo, é necessário conhecer as formas de habitação e o modo de vida da população, o que pode ser conseguido por meio do estudo das cidades que existiram no período. A distribuição dos espaços urbanos – ruas, quadras, posicionamento das casas – assim como no interior de uma residência podem informar sobre a vida pública e a vida privada, tema que nos interessará sobremaneira para o desenvolvimento deste trabalho.

1.5. URBANISMO E CIDADE NO ANTIGO EGITO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Os estudos sobre a cidade no Egito antigo foram durante muito tempo negligenciados pelos pesquisadores dessa cultura. Segundo o egiptólogo Manfred Bietak, há dois fatores principais que explicam essa negligência: a atividade dos primeiros arqueólogos, que se preocuparam especialmente em escavar objetos de valor estético para as exposições dos

¹⁰⁸ *Ibidem.* p. 169.

museus, e a localização dos vestígios das antigas cidades egípcias, que tem como principais obstáculos algumas condições geográficas e geológicas específicas do vale do Nilo¹⁰⁹.

Outra dificuldade deriva de que, no antigo Egito, enquanto os templos e monumentos destinados à eternidade eram erigidos com materiais duráveis como a pedra, as cidades e vilas tinham suas casas construídas com materiais frágeis e perecíveis, como os tijolos de adobe e fibras vegetais. Esse fato prejudicou a conservação dos assentamentos urbanos, pois as moradias eram feitas para durar apenas o tempo de vida de seus proprietários, e assim que ruíam, em um espaço disputado, novas construções se sobrepunham às antigas, tal como ainda ocorre nos dias atuais. Isso é facilmente demonstrado pela Arqueologia por meio de estudos estratigráficos em áreas de assentamentos urbanos em diferentes contextos.

Alguns centros urbanos, porém, foram construídos no deserto, o que propiciou a sua preservação e, conseqüentemente, sua utilização como fonte para os arqueólogos que se preocupam com o problema da cidade no Egito antigo. Segundo Margaret Bakos e Adriana Barrios, para os egípcios, construir cidades no deserto significava impor ordem a um espaço caótico¹¹⁰. Isto está relacionado ao fato do deserto estar associado a Seth e ao caos, enquanto as terras férteis das margens do Nilo estavam associadas a Maat e à ordem. Dentre os casos raros, podemos contar as “cidades de pirâmides” dos Reinos Antigo e Médio, dentre as quais se destaca aquela construída por ordem do faraó Senusret II, chamada de Kahun por William Matthew Flinders Petrie. Já para o Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.), temos a capital efêmera do reinado de Akhenaton, Akhetaton (a atual Tell el-Amarna), e a vila que abrigava os construtores das tumbas reais no Vale dos Reis, conhecida no presente como Deir el-Medina. Tais assentamentos, embora sejam atípicos em se tratando de cidades e vilas no Egito antigo, são geralmente utilizados como modelo para os estudos sobre o cotidiano, e podem fornecer pistas importantes sobre como era a vida da população urbana em seus respectivos períodos.

Antes de falarmos sobre urbanismo e cidade, contudo, precisamos entender como os antigos egípcios interpretavam esses termos. Nossa sociedade tem um conceito próprio para o que é uma cidade, e este varia conforme características inerentes a cada cultura. Segundo o arqueólogo Bruce Trigger, as cidades podem ser definidas como comunidades de não-agricultores, com um mínimo de 5000 habitantes ou uma densidade populacional de pelo

¹⁰⁹ BIETAK, Manfred. Urban Archaeology and the “town problem” in ancient Egypt. In: WEEKS, Kent R.(ed.). *Egyptology and the Social Sciences*. Cairo: The American University in Cairo Press, 1979. p. 97.

¹¹⁰ BAKOS, Margaret M. & BARRIOS, Adriana M. *O povo da esfinge*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. p. 71.

menos 386 habitantes por quilômetro quadrado¹¹¹. Já para Charles Redman, cidade é o centro físico que manifesta as características da condição urbana. Dentre estas, estão uma população grande e densa; complexidade e interdependência; existência de organizações formais e impessoais; muitas atividades não-agrícolas; e uma diversidade de serviços centrais, tanto para seus habitantes, quanto para aqueles das pequenas comunidades da área do entorno¹¹².

O arqueólogo Vere Gordon Childe, em obra de 1950, estabeleceu algumas características para as cidades¹¹³. Ele usou tais características para delinear e reconhecer as primeiras formas de urbanismo, e mostrou como elas funcionavam e se inter-relacionavam. Charles Redman reagrupou essas características em primárias e secundárias, e estabeleceu critérios para a sua classificação. Para ele, enquanto as características primárias relacionam-se à demografia, economia, e mudanças organizacionais que foram aspectos essenciais para as primeiras sociedades urbanas, as secundárias documentam que certas características primárias existiram.

Segundo Redman, são características primárias das cidades:

1. Tamanho e densidade das cidades: o grande crescimento de uma população organizada acarreta um nível crescente de integração social.
2. Especialização em tempo integral do trabalho: especialização da produção dos trabalhadores e sistemas de distribuição e troca institucionalizados.
3. Concentração do excedente: há meios sociais para a coleta e o gerenciamento do excedente produzido por camponeses e artesãos.
4. Sociedade estruturada em classes: uma classe privilegiada organiza e dirige a sociedade.
5. Organização do Estado: há uma organização política bem estruturada com membros baseados em residências (o reino como base).¹¹⁴

As características secundárias reagrupadas por Redman são:

6. Trabalhos públicos para a construção de monumentos: há empresas coletivas na forma de templos, palácios, estoques, e sistemas de irrigação.
7. Comércio de longa distância: especialização e troca expandem a cidade e desenvolvem o comércio.

¹¹¹ TRIGGER, Bruce G. *Understanding early civilizations: a comparative study*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 120.

¹¹² REDMAN, Charles L. *The rise of civilization: from early farmers to urban society in the ancient Near East*. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1978. p. 216.

¹¹³ Conforme citado por REDMAN, Charles L. *op. cit.* p. 218.

¹¹⁴ *Ibidem.* p. 218.

8. Trabalhos de arte monumentais e padronizados: grande desenvolvimento de formas de arte dando expressão à identificação simbólica e ao agraciamento estético.
9. Escrita: a arte da escrita facilita os processos de organização e gerenciamento.
10. Aritmética, geometria e astronomia: iniciam-se as ciências exatas e de previsão.¹¹⁵

Por civilização, ou urbanismo, devemos entender, conforme aponta Charles Redman, um complexo sistema social, com grande diferenciação interna, organizado em linhas de estratificação social e com elite administrativa controlando as maiores instituições organizacionais¹¹⁶. Para este autor, a variável mais importante para medir o desenvolvimento do urbanismo é o crescimento relativo da formalização da complexidade interna, que surge como uma evidência da emergência da sociedade estratificada.

Bietak aponta determinadas características da cidade antiga, que podem ser usadas como hipóteses de trabalho para a discussão da cidade no Egito antigo¹¹⁷. Segundo o egiptólogo, estas devem ser comparadas com as características das cidades atuais, para termos uma ampla visão da cidade na antiguidade. Tais características são:

1. Maiores concentrações populacionais para povoados de mesmo tamanho, bem como definições modernas baseadas no número de habitantes e no tamanho não são aplicáveis para a antiguidade.
2. Forma compacta dos assentamentos (ver item 9).
3. Diferenciação interna dos padrões de assentamentos: religioso, administrativo, industrial, e variedade de tipos de moradias representando diferentes classes de pessoas.
4. Centros de um distrito em administração, comércio, jurisdição, e tráfego.
5. Não é uma comunidade de agricultores, contudo uma parte de sua população pode ser formada por agricultores. A diferença entre cidade e vila é a função especial da cidade, oposta ao *background* agrícola da vila.
6. Concentração de indústrias, artes, bens e estoques.
7. Divisão do trabalho, das profissões, e da hierarquia social.
8. Uma cidade pode ser um centro religioso. No Egito antigo, elas geralmente possuem instalações de culto.
9. Algumas vezes, em alguns lugares, a cidade foi um centro de refúgio e defesa. É devido a essa característica que o muro que cerca a cidade se torna de importância fundamental para as cidades egípcias.¹¹⁸

¹¹⁵ *Ibidem*. p. 218.

¹¹⁶ REDMAN, Charles L. *op. cit.* p. 229.

¹¹⁷ BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 103.

¹¹⁸ *Ibidem*. p. 103.

Tendo caracterizado o que é uma cidade, podemos passar agora para a definição de urbanismo. Este termo implica características que distinguem uma cidade e outras formas de assentamento. Uma definição importante para o entendimento do urbanismo é a de centro urbano. Segundo Toby Wilkinson, centro urbano é um lugar central, geográfica e culturalmente, que exerce controle político regional, com uma população relativamente grande e densa, uma complexa divisão do trabalho, e uma estratificação social interna¹¹⁹. Já urbanismo é a concentração de população em assentamentos maiores que aqueles de sua origem. Ou seja, o fenômeno do urbanismo prevê a transferência da população de centros menores, como as vilas, para centros maiores, como as cidades.

Há vários fatores que concorreram para estimular o crescimento da urbanização na Antiguidade. Dentre eles, está a existência de excedentes agrícolas para alimentar uma grande população, ou ainda para a troca por bens com outras cidades e mesmo com outros países. Esse fator está diretamente relacionado a características como a centralização organizacional, a divisão e supervisão do trabalho, e a concentração de pessoas e de bens, resultando na formação do Estado¹²⁰.

A constituição do Estado foi um processo complexo, e foi influenciada por diversos fatores. Além dos já descritos, podemos citar os mecanismos de guerra e as pressões econômicas e populacionais, bem como a intensificação do comércio: um maior número de trocas exigia uma sociedade organizada. Redman destaca algumas transformações que ocorreram durante este processo, e que levaram à formação de centros urbanos: duas resultaram em núcleos controlados pela elite religiosa, e a última levou a um Estado secular¹²¹.

A primeira transformação foi uma mudança nas estratégias de subsistência, e que teve ramificações abrangentes. A ela está relacionada a produção de excedentes, que possibilitou o aumento populacional e as trocas comerciais. A segunda foi o crescimento da especialização da produção e a riqueza diferencial baseada na propriedade da terra. Childe sugere que a especialização do trabalho começou com especialistas itinerantes, que se fixaram posteriormente em núcleos urbanos¹²². Assim, essa transformação teria levado à estruturação social baseada no parentesco e na amizade. Por último, a transferência do poder administrativo dos templos para o Estado, em função do crescimento do militarismo, levou à criação do Estado civil.

¹¹⁹ WILKINSON, Toby. A. H. *Early Dynastic Egypt*. London: Routledge, 1999.

¹²⁰ BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 106.

¹²¹ REDMAN, Charles L. *op. cit.* p. 326-328.

¹²² Citado por REDMAN, Charles L. *op. cit.* p. 223.

A tendência de centralização do Estado egípcio inicial e a economia redistributiva, que mantinha os projetos do Estado, foram influências importantes para o início do urbanismo no vale do Nilo¹²³. Esse processo aconteceu em paralelo à formação do Estado e à formação de núcleos de assentamento em várias áreas do Alto Egito. Nessa região, as cidades se desenvolveram, no Período Pré-Dinástico (antes de 3000 a.C.), em encostas isoladas ou em elevações abandonadas, ou nas margens do deserto. A localização desses centros, hoje, é difícil, mas as escavações realizadas mostram que se destacaram nesse período os assentamentos de Hieracômpolis e Naqada, no sul do Egito. No Delta, havia centros importantes no mesmo período, como Buto e Mendes. Saís e Bubastis ganharam importância após a unificação. Já no Médio Egito as condições geológicas tornam difícil esse tipo de levantamento, e não há referências a cidades nesse período; contudo, obviamente, não podemos descartar a sua existência.

Muitos desses primeiros assentamentos urbanos eram protegidos por um grande muro de tijolos, o que definia e restringia a área de habitação. Sugere-se que estas primeiras cidades tenham servido para a guarda de suprimentos, como locais para santuários, ou como um centro administrativo¹²⁴.

Nos últimos trinta ou quarenta anos, o interesse por conhecer aspectos ligados à sociedade egípcia ordinária (ou não régia) levou a uma mudança na Arqueologia egípcia, que passou a se preocupar mais com a escavação de sítios urbanos. Dentre os resultados obtidos, está um maior entendimento dos processos de estabelecimento e expansão dos centros urbanos egípcios, assunto que será discutido a seguir.

1.5.1. A CIDADE EGÍPCIA

Muitos detalhes gerais sobre uma sociedade só podem ser conhecidos se tivermos um íntimo conhecimento sobre suas cidades e as descobertas associadas a elas. Para esse fim, o estudo das cidades por meio da Arqueologia é essencial. Esse estudo, segundo Bietak, deve estar ancorado em dois objetivos essenciais, que são os objetivos da Arqueologia Urbana:

1. Estudar o *lay-out* dos assentamentos, e as relações entre as áreas de culto, os bairros residenciais, a arquitetura das casas em diferentes zonas, o tamanho da população e suas condições de vida. Também é preciso entender a relação entre as cidades e os cemitérios, em inter-relações cronológicas.

¹²³ WILKINSON, Toby A. H. *op. cit.* p. 326.

¹²⁴ *Ibidem.* p. 327.

2. Estudar a posição geográfica dos assentamentos para identificar rotas de tráfego, áreas com recursos econômicos, e suas relações com outras cidades.¹²⁵

O Egito antigo e a cidade egípcia apresentam-se como um caso interessante para a Arqueologia Urbana. Segundo Toby Wilkinson, houve uma diferenciação entre o desenvolvimento das cidades no Alto e no Baixo Egito, em função principalmente de diferenças regionais ligadas ao desenvolvimento do urbanismo¹²⁶. Devido às transformações sócio-econômicas e ao processo de formação do Estado, este se desenvolveu primeiro no Alto Egito (Hieracômpolis e Naqada). O crescimento das cidades nessa região no final do Pré-Dinástico foi influenciado por razões defensivas e foi facilitado pelo controle central da população pelas autoridades.

Bietak afirma que alguns egiptólogos que investigaram as características da cidade no Egito antigo por meio de dados filológicos chegaram à conclusão que a antiga civilização egípcia só passou a possuir cidades e uma vida urbana em nosso conceito e pelos nossos termos a partir do Reino Novo¹²⁷. Estudiosos pioneiros em certos campos, como J. A. Wilson, consideravam o Egito como uma “civilização sem cidades”¹²⁸, conforme já a definira Max Weber¹²⁹. A Arqueologia, contudo, traz provas em contrário. Em primeiro lugar, devemos olhar para os assentamentos egípcios não apenas pelo seu tamanho, mas também pela sua função. E devemos levar em consideração que as possibilidades de locais para os novos assentamentos eram exíguas, já que as terras disponíveis eram inundadas anualmente pela cheia do Nilo.

Para Aztler¹³⁰, o Egito não tinha cidades, ou não existia o “problema da cidade” e da distinção dos assentamentos baseada no tamanho até o Reino Antigo (c. 2575-2134 a.C.). As distinções apareceram em consequência da estrutura administrativa imposta durante esse período. Os assentamentos não eram poderosos por si só, eram apenas instrumentos de poder.

A cidade egípcia, assim, apresenta algumas particularidades¹³¹. Para compreendê-las, é preciso que nos dispamos das nossas idéias pré-concebidas sobre o que é uma cidade, e quais são suas características. Para os egípcios, dados estatísticos como tamanho da população e densidade populacional eram irrelevantes. Desse modo, devemos pensar a cidade egípcia

¹²⁵ BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 133.

¹²⁶ WILKINSON, Toby A. H. *op. cit.* p. 324.

¹²⁷ BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 100.

¹²⁸ GOELET, Ogden. “Town” and “country” in ancient Egypt. In: HUDSON, M. & LEVINE, B. A. (ed.). *Urbanization and land ownership in ancient Near East*. Cambridge: Peabody Museum of Archaeology and Ethnology; Harvard University, 1999. v. 2. p. 65.

¹²⁹ WEBER, Max. *The agrarian sociology of ancient civilizations*. London: Verso, 1988. p. 109.

¹³⁰ Citado por: BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 99.

¹³¹ BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 98.



como uma instituição diferente das atuais cidades e mesmo daquelas do período helenístico e romano.


Partindo desse pressuposto, uma pergunta que se impõe ao estudarmos os assentamentos egípcios, segundo Bietak, é: de que forma os egípcios distinguiram entre os diferentes tipos de assentamentos (cidades, vilas, e outros)¹³²? Para obtermos uma resposta, é preciso conhecer as designações dos antigos egípcios para cidades e outros assentamentos. Assim, se a distinção não é dada pelo tamanho, ela pode ser conhecida a partir da escrita hieroglífica.


1.5.1.1. A cidade por meio da língua

Uma investigação arqueológica que tenha como objetivo localizar o urbanismo no Egito antigo e identificar as características das cidades egípcias precisa começar com comparações com as nossas visões tradicionais a respeito da vida urbana. Para Bietak, o arqueólogo deve, portanto, usar os termos do vocabulário de sua língua materna, e não aqueles da civilização que estuda¹³³.

Uma das formas de tentar entender como os egípcios pensavam a cidade, contudo, é justamente a partir de seu vocabulário. Os antigos egípcios possuíam pelo menos três palavras distintas para designar os diversos tipos de assentamentos urbanos existentes nas Duas Terras. Não há um grau de hierarquia entre os termos, entretanto, pelo menos não antes do Reino Antigo¹³⁴. Segundo Goelet, os dois termos mais comuns em egípcio para designar os

assentamentos urbanos eram *niwt* (em egípcio, ) e *dmi* (em egípcio, )¹³⁵. Já

Bietak acrescenta a eles o termo *hwt* (em egípcio, ) como uma instalação que tem um fim urbano¹³⁶. Para um melhor entendimento dos termos e de seu uso, passaremos agora a uma discussão sobre o significado dos mesmos. Nesse estudo, porém, deve-se levar em consideração que os significados das palavras são variáveis no tempo e no espaço.

O signo *hwt* (em egípcio ) representa uma instalação retangular, cercada por um muro. No canto inferior direito, uma porta de entrada é visível. Segundo Bietak, lembra os fortes funerários que serviram de modelo para os palácios reais dos períodos Pré-Dinástico e

¹³² *Ibidem.* p. 98.

¹³³ *Ibidem.* p. 102.

¹³⁴ *Ibidem.* p. 99.

¹³⁵ GOELET, Ogden. *op. cit.* p. 74.



¹³⁶ BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 99.

Dinástico Primitivo (c. 2920-2575 a.C.). Dessa forma, este signo é usado em listas de domínios funerários, mas apenas para as fundações reais. Os domínios privados sempre aparecem com o signo *niwt*.

Segundo Aztler¹³⁷, os *ḥwwt* eram centros de administração real espalhados por todo o país, talvez originados nos locais que abrigavam o rei durante suas viagens para exercer sua soberania e coletar impostos. Durante o Reino Antigo, os *ḥwwt* foram centros econômicos e administrativos das Duas Terras. Os assentamentos normais, com o ideograma *niwt*, eram controlados pelos *ḥwwt*, e não estavam isentos do pagamento de taxas.

Não havia distinções aparentes, entretanto, estabelecidas segundo o tamanho dos assentamentos, determinando se eles eram cidades, vilas ou simples instalações. A designação *niwt* como uma categoria cobria diversos tipos de assentamentos, incluindo os *ḥwwt* como um tipo especial.

Segundo Goelet, existe uma ligação entre os termos *niwt* e *ḥwt*. Quando os dois aparecem juntos em documentos administrativos, significam “estado” ou “função”¹³⁸. Para ele, os termos *ḥwt* e *pr* são utilizados freqüentemente em nomes de lugares, mas como elementos formativos, e não, como determinativos.



O signo *niwt* (em egípcio ) representa um assentamento com formato circular, cercado por um muro, tendo internamente um esquema extremamente simplificado de um cruzamento de ruas. Segundo alguns egiptólogos, está relacionado às primeiras cidades egípcias, que tinham o formato circular. Este signo é utilizado como determinativo em nomes de cidades. Não ocorre, porém, em nomes de localidades estrangeiras, nas quais aparece o hieróglifo  como determinativo. A única exceção são as cidades-templo nos territórios núbios colonizados durante o Reino Novo.

A utilização do termo *niwt* normalmente está associada a uma importante divindade local, o que raramente acontece com *dmi*. Por exemplo, Tebas (*w3st*, em egípcio) é designada como “Tebas, a cidade de Amon”¹³⁹. O termo *niwt* também pode estar associado a templo local, e assim, a um assentamento de grande antiguidade. Isso porque, no Egito antigo, os templos dedicados aos deuses eram sempre reconstruídos no mesmo local. Na sua essência, porém, esse uso é simplesmente uma extensão da associação da palavra *niwt* com as capitais dos nomos. Do ponto de vista individual, a identificação com a cidade ou com o nomo é muito comum, conforme pode ser observado em inscrições autobiográficas, que identificam o

¹³⁷ Citado por: BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 99.

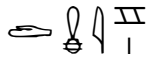

¹³⁸ GOELET, Ogden. *op. cit.* p. 75.


¹³⁹ *Ibidem.* p. 79.

autor ao seu local de origem. As expressões “minha cidade”, *niwt.i* (em egípcio, ) , e “meu nome”, *spst.i* (em egípcio, ) são as duas identificações geográficas mais comuns nessas inscrições.

Freqüentemente se assume que a diferença entre *niwt* e *dmi* está no tamanho do assentamento. Essa afirmação, porém, não é verdadeira, pois muitas *niwt* adquiriram sua distinção não por causa de seu tamanho, mas devido à importância de seu templo local.


Goelet afirma que o termo ainda pode significar “a capital” ou “a cidade da residência real”¹⁴⁰. Esta utilização se desenvolveu a partir da íntima associação entre as “cidades de pirâmide” e as residências reais durante os reinos Antigo e Médio. A partir do Reino Antigo, todos os assentamentos designados por *niwt* estavam sob o controle daqueles assinalados como *hwt*. Isso se deve à organização estatal presente neste período. Na mesma época, a cidade da residência real não era fixa. O aparecimento do signo *niwt* como determinativo para cidade durante o Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.) pode estar ligado ao estabelecimento de um local fixo para a residência real.

O último tipo de assentamento egípcio explicado detalhadamente pelos autores é aquele denominado pela palavra *dmi* (em egípcio ) . Esta palavra é formada por um conjunto de hieróglifos que tem como determinativo o sinal correspondente a “terras irrigadas” (canais), ou aquele correspondente a “margens do rio” (torrão de areia). Segundo Margaret Bakos, o sinal determinativo de *dmi*, um canal de irrigação () , relaciona-se com a abertura de canais de cultivo e sugere uma aglomeração mais espontânea e anárquica¹⁴¹. Pelo contrário, *niwt* nunca aparece com esses determinativos. Dessa forma, devido à ortografia peculiar, do ponto de vista egípcio *dmi* é mais um tipo de assentamento.

Ao mesmo tempo, a palavra é derivada do verbo *dmi* (em egípcio ) , que significa “tocar, atingir”. Semanticamente, um *dmi* seria um local que é tocado ou atingido, e essa determinação é muito importante quando temos uma sociedade como a egípcia, na qual um dos principais meios de transporte são os barcos. Dessa maneira, há uma ligação entre *dmi* e as palavras “cais” ou “porto”, que seriam uma tradução mais correta para *dmi* do que “cidade”. Em função dessa ligação, *dmi* pode corresponder a um porto, ou a um local específico: na cidade, onde é praticado o comércio, ou no templo, onde o faraó faz os seus


¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 77.

¹⁴¹ BAKOS, Margaret M. *Fatos e mitos do antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 21.

pronunciamentos¹⁴². Outra palavra utilizada para porto, fosse ele no rio ou na costa, era *mryt* (em egípcio, ) , que também possui como sinal determinativo um canal de irrigação¹⁴³.

Tendo claro que *dmi* primeiramente significa “porto” ou “cais” e apenas secundariamente “cidade”, essa informação mostra algumas conseqüências para nossa visão sobre o urbanismo egípcio, bem como sobre a economia egípcia. A ligação de *dmi* com o porto é, então, muito importante para a economia redistributiva egípcia.

O *dmi* também está relacionado com a fundação das cidades, que se desenvolveram em torno dos grandes templos. É, ainda, o local ideal para os mercados informais. Dessa forma, o templo, e não a cidade, funcionaria como princípio organizacional do urbanismo egípcio. O termo pode também ser traduzido como “vila”, como na designação dada pelos moradores de Deir el-Medina ao assentamento: *P3-dmi*, ou, “a vila”.

Em alguns casos, *dmi* também pode significar “cidade” ou “assentamento”. Este uso é especialmente comum em conexão com cidades estrangeiras, que são freqüentemente designadas como *dmi*, embora algumas vezes elas se localizem no interior dos territórios, longe do rio ou do mar. Goelet pondera que *dmi* também pode ser a cidade murada ou fortificada. Ele cita como exemplo uma lista de *dmiw* feita por Dominique Valbelle, onde aparecem diversas dessas cidades¹⁴⁴. Brewer, Redford e Redford assumem, no entanto, que as fortificações, quando atingiam o tamanho aproximado de cidades, eram designadas como *inbw* (em egípcio, ) , que literalmente significa “muros”¹⁴⁵.

Assim como existia a ligação hierárquica entre *hwt* e *niwt*, a partir do Reino Antigo as *dmiw* aparecem sob o controle de *niwwt*. A designação já citada para Tebas, que é chamada *niwt w3st nt imn hnwt n dmi nb*, “Uaset (Tebas), a Cidade de Amon, senhora de todo *dmi*” é particularmente interessante, pois expressa a princípio essa hierarquia entre *niwt* e *dmi* citada por Goelet, enquanto ao mesmo tempo indica que *dmi* representa o primeiro componente “urbano” do “campo”.

Nos textos egípcios, no entanto, o contraste entre campo e cidade não é comum. Quando acontece essa diferenciação, o campo corresponde ao vale do Nilo, e o valor das propriedades é determinado em função da facilidade que se tem no terreno para o acesso à


¹⁴² GOELET, Ogden. *op. cit.* p. 78.

¹⁴³ BREWER, Douglas J.; REDFORD, Donald B.; REDFORD, Susan. *Domestic plants and animals: the Egyptian origins*. Warminster: Aris & Phillips, [1994]. p. 10.

¹⁴⁴ GOELET, Ogden. *op. cit.* p. 86.

¹⁴⁵ BREWER, Douglas J.; REDFORD, Donald B.; REDFORD, Susan. *op. cit.* p. 10.

água. Maiores considerações sobre a inter-relação entre o rural e o urbano serão tecidas em momento mais propício.

Em listas de cidades, *dmi* aparece ao lado de *nwt* e *wšhyt* (em egípcio, ) , termo que é geralmente traduzido como vila. Isso indicaria que o tamanho não é o diferencial quando falamos sobre cidades egípcias, mas que a função também é importante para essa diferenciação. Para os egípcios, as distinções entre assentamentos surgem depois do Reino Antigo. A designação *nwt* pode ser comparada à “metrópole”, *dmi* à cidade, e *wšhyt* à vila. Essas designações, no entanto, não são usadas regularmente, e não apresentam nenhuma diferenciação obrigatória relativa ao tamanho.

1.5.1.2. Os tipos de cidades no Egito antigo: função e localização

Conforme podemos observar em documentos administrativos egípcios, o tamanho de um assentamento não era essencial para a sua classificação, mas sim a sua função e sua importância como centro urbano. Os egípcios também não utilizavam, como critério classificatório, a população de uma cidade em números. A principal maneira usada para classificar uma localidade era de acordo com a sua proximidade com o Nilo, e de sua relação com o rio.

Segundo Trigger, o Egito deve ser visto como um estado territorial, diferente das cidades-estado existentes na Mesopotâmia e na Grécia. Dentro dessa perspectiva, o autor pontua algumas características dos assentamentos urbanos em estados territoriais: pequena população, e hierarquia organizada em níveis locais, distritais, provinciais e nacionais¹⁴⁶. Esses centros eram dispersos e, normalmente, as cidades eram cercadas por muros, o que garantia a sua segurança.

Existia uma regra que derivava da função dos assentamentos no urbanismo egípcio. Segundo esta norma, a distância entre centros urbanos provinciais deveria ser regular: as cidades deveriam estar distantes 40 km, ou um dia de navegação pelo Nilo. Essa regulamentação mostra quão importante era o rio para os antigos egípcios, que costumavam utilizá-lo como a principal via de transporte do país.

Do ponto de vista geográfico, há muitas situações individuais diferentes para as funções e potencialidades dos povoados no Egito antigo. Há locais onde as condições geográficas são melhores para o desenvolvimento de centros de comércio ou mercados; outros

¹⁴⁶ TRIGGER, Bruce G. *op. cit.* p. 131.

possuem importância estratégica para a segurança ou a defesa; e outros controlam o tráfego de pessoas e bens entre o Egito e os países estrangeiros. A localização dos assentamentos urbanos freqüentemente foi importante para a economia e para as características dos mesmos.

Manfred Bietak classifica os tipos de cidades existentes no Egito antigo, e as diferencia em razão da origem do assentamento e da constituição física do local onde a população se instalou¹⁴⁷. Quanto à origem, as cidades podem ter se desenvolvido naturalmente, ou “organicamente”, geralmente surgindo como centros tradicionais de culto; ou podem ter sido planejadas e construídas artificialmente como, por exemplo, os casos de Amarna, Per-Ramsés, Itjitaui e possivelmente também Mênfis, originalmente.

Quanto ao local de instalação, ou localização, as cidades podem ser: *cidades-gezira*, quando foram construídas em elevações pleistocênicas, e permaneciam fora do efeito da cheias anuais do Nilo; *cidades-banco*, quando foram construídas em bancos de sedimentos depositados pelo Nilo, geralmente na margem do rio; *cidades reconstruídas*, que foram construídas sobre depósitos de materiais formados pelo acúmulo de resíduos de construções mais antigas; *povoados às margens do deserto*, que se desenvolviam durante a cheia no primeiro terraço do deserto quando o rio estava próximo; e, por último, as *cidades especiais*, construídas com a finalidade de abrigar determinadas categorias profissionais, como as “cidades de pirâmide”.

Outras classificações são feitas tendo em vista a função dominante da cidade. De acordo com essa ordenação, as cidades poderiam ser: residência da corte; capital do Egito, ou de um nomo, ou de um distrito; centros tradicionais ou religiosos (cidades-templo); cidades de fronteira, quando eram centros ofensivos ou defensivos; cidades-porto, quando funcionavam como portos de comércio ou bases navais; centros de comércio nas junções de hidrovias e rodovias; centros industriais, especializados na produção de cerâmica, têxteis, objetos em metal, etc.; entre outros. Deve-se levar em consideração que as cidades geralmente combinavam muitas dessas funções, e que em alguns casos a especialização foi tardia.

As cidades-templo são um tipo especial de cidade e, no Egito antigo, possuíam características peculiares. De acordo com Bietak, as cidades-templo:

1. Eram os povoados mais concentrados.
2. Eram baseadas em assentamentos mais ou menos compactos que ficavam ao redor do templo.
3. Tinham diferenciação interna de padrões, com bairros religiosos, administrativos, industriais, e de moradias comuns.
4. Eram centros de administração, comércio, e transporte.

¹⁴⁷ BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 104.

5. Não eram comunidades agrícolas.
6. Havia divisão do trabalho e diferentes profissões.
7. Havia hierarquia social.
8. Eram centros religiosos.
9. Serviram como centros de refúgio e defesa, como fica claro no caso de Medinet Habu.¹⁴⁸

Deve-se observar, contudo, que nem todas as cidades surgiram como centros religiosos, e que afirmá-lo é inconsistente com os dados arqueológicos¹⁴⁹. Vejamos um exemplo: entre março e abril de 1976, Barry Kemp realizou estudos aprofundados no sítio de Abydos, e os resultados publicados mostraram como a cidade se desenvolveu¹⁵⁰.

Abydos não era uma cidade importante administrativamente, nem ficava próxima ao Nilo. No entanto, era conhecida nacionalmente como centro popular de culto ao deus Osíris. Segundo a mitologia, com o assassinato de Osíris pelo irmão Seth, seu corpo foi partido em 14 partes que foram espalhadas pelo Egito, sendo a cabeça jogada em Abydos. Com a posterior recomposição do corpo pela deusa Ísis e o embalsamamento feito por Anúbis, Osíris foi recomposto, reviveu e após a geração de Hórus foi inumado na cidade. Abydos então se tornou uma importante cidade-necrópole e centro de peregrinação.

Embora o mito tivesse incentivado a ocupação do local no período histórico, os dados obtidos nas escavações por Kemp demonstraram que o sítio já era ocupado antes do período dinástico, sendo usado principalmente como cemitério da fase Naqada I, e que os primeiros vestígios de habitação são do final de Naqada II. Durante o Reino Antigo surgiu o primeiro muro cercando a cidade e o templo, dedicado a Khenti-Imentyu, que precedeu Osíris como deus principal da localidade. Durante o Reino Médio constituiu-se a chamada via processional, num local conhecido como “terraço do grande deus” por meio de textos presentes em estelas funerárias ali encontradas¹⁵¹. A cidade teve seu crescimento acelerado durante este período devido ao aumento das atividades religiosas. A construção de capelas e cenotáfios, o comércio de objetos de culto, as peregrinações e, principalmente, a construção de templos eram pontos fortes para a manutenção da economia da cidade.

No Reino Novo, a cidade viveu a sua fase de maior prosperidade, pois foram construídos os templos dedicados a Osíris por Sési I e Ramsés II, bem como houve a

¹⁴⁸ *Ibidem*. p. 131.

¹⁴⁹ TRIGGER, Bruce G. *op. cit.* p. 121.

¹⁵⁰ KEMP, Barry J. The early development of towns in Egypt. *Antiquity*. London: Antiquity Publications, v. LI. n. 203. p. 185-200, nov. 1977.

¹⁵¹ SIMPSON, W. K. *The Terrace of the Great God at Abydos: the offering chapels of dynasties 12 and 13*. New Heaven: The Peabody Museum of Natural History of Yale University; Philadelphia: The University Museum of the University of Pennsylvania, 1974.

restauração do *Osireion*, que auxiliou para o crescimento da cidade como centro religioso. Por fim, no Período Tardio, um grande muro de tijolos foi construído para cercar toda a área, incluindo os templos, e a cidade antiga foi reocupada.

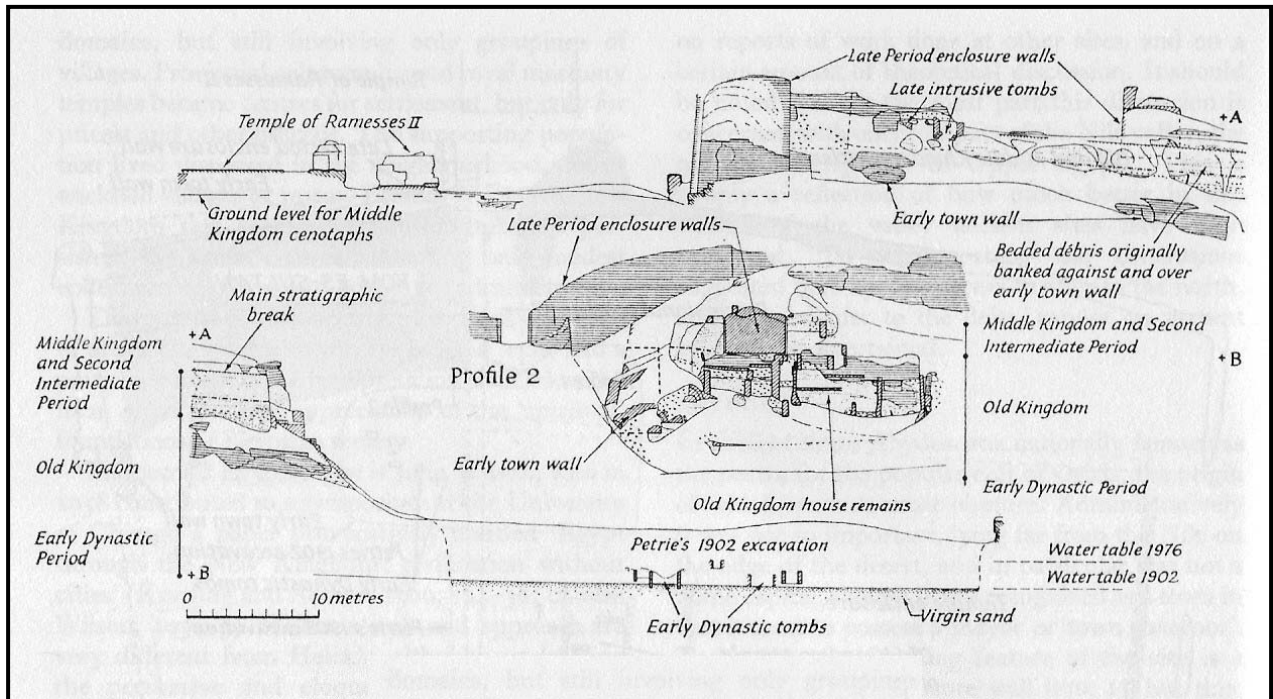


Figura 4: Estratigrafia da cidade de Abydos, mostrando os períodos de ocupação.

Referência: KEMP, Barry J. The early development of towns in Egypt. *Antiquity*. London: Antiquity Publications, v. LI. n. 203. p. 185-200, nov. 1977. p. 188.

O crescimento da cidade de Abydos, que surgiu naturalmente com um centro urbano, fortalecendo-se devido às atividades religiosas, mostra como se dava o desenvolvimento desse tipo de assentamento no Egito antigo. A situação, porém, é diferente daquela que ocorre com as cidades planejadas.

1.5.1.3. As cidades planejadas

Ao longo da história egípcia, a influência do Estado fez surgir algumas cidades planejadas. Estas eram construídas por ordem direta do soberano e tinham finalidades específicas, como abrigar os trabalhadores responsáveis pela construção das tumbas reais, ou os sacerdotes responsáveis pelo culto funerário de um faraó. Este é o caso das “cidades de pirâmide” edificadas durante os Reinos Antigo e Médio, da vila de Deir el-Medina e da vila de trabalhadores de Tell el-Amarna, construídas no Reino Novo.

A “cidade de pirâmide” é o tipo de assentamento que vai nos interessar mais diretamente nesta dissertação. Segundo Bietak, este é um tipo especial de cidade. Não é, obviamente, um centro de comércio ou tráfego, e tem tamanho e população limitados, pelo fato de ter um crescimento controlado¹⁵². O autor afirma que a “cidade de pirâmide” não era originalmente uma cidade *stricto sensu*, mas possuía características, como a estratificação social e o desenvolvimento de atividades de subsistência, que a categorizavam como tal. Sua localização dependia do local escolhido pelo faraó para a construção de sua pirâmide, que era constantemente supervisionada pelo monarca, o que tornava a cidade, também, a residência periódica do rei.

Essas cidades foram importantes, ainda, para o desenvolvimento da urbanização no Egito antigo¹⁵³. Após a morte do rei que havia ordenado a construção, elas continuavam a existir, mesmo sob o governo de outro soberano ou, ainda, voltavam a ser ocupadas séculos depois. Em função de sua atribuição no culto do faraó morto, eram isentas de impostos e taxas, o que pode ser verificado por meio da criação, por Pepi II, de um decreto que ao mesmo tempo em que a isentava dos impostos, destinava à cidade um funcionário administrativo. Esses assentamentos também recebiam trabalhadores que eram remanejados de outras cidades, e isso foi importante para o processo inicial de urbanização no Egito antigo. Este desenvolvimento é conhecido por meio de fontes administrativas e funerárias, e pela existência de plantas que especificam o número de locais que receberiam esses novos habitantes.

Um dado que merece ser destacado sobre as “cidades de pirâmide” é que, em função de sua proximidade com a necrópole, os materiais provenientes das escavações realizadas nesses sítios pertencem tanto ao mundo dos vivos quanto ao mundo dos mortos. Assim, é possível explicar algumas semelhanças existentes entre a casa e a tumba por meio destes vestígios. O principal exemplo para assegurar essa afirmação é o material proveniente da necrópole de Gizé, edificada no Reino Antigo, e na qual as condições sociais eram marcadas também por meio da construção das tumbas. Nesse local, a pirâmide do faraó merecia um lugar de destaque. No seu entorno ficavam pequenas pirâmides para as rainhas e mastabas para a família real. Ao redor destas estavam as mastabas dos funcionários, cuja proximidade com a pirâmide se dava em função do cargo ocupado pelo proprietário do túmulo.

Existem semelhanças entre a “cidade de pirâmide” de Gizé e a cidade de Kahun, que foi edificada durante o Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.) por ordem de Senusret II. As duas

¹⁵² BIETAK, Manfred. *op. cit.* p. 104.

¹⁵³ *Ibidem.* p. 130.

foram construídas com a mesma função – abrigar trabalhadores envolvidos com os trabalhos na pirâmide e no culto ao rei morto – e eram divididas internamente por um muro de tijolos. O muro interno mostra a existência de uma estratificação social, que era marcada pela diferenciação dos padrões de residência. Em Kahun, por exemplo, enquanto as casas de trabalhadores, localizadas a oeste do muro interno, possuíam somente quatro ou cinco cômodos, aquelas dos nobres tinham em média setenta ambientes¹⁵⁴.

O desenvolvimento das cidades planejadas se dava de maneira organizada, acontecendo na maioria das vezes intramuros, diferentemente do que acontecia com as cidades surgidas naturalmente. Um caso a parte é a cidade de Tell el-Amarna, que, apesar de inicialmente planejada, teve um crescimento orgânico, saindo do espaço pré-determinado e se desenvolvendo de forma natural.

1.5.1.4. As interações entre o “rural” e o “urbano” no Egito antigo


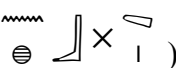

O fundamento de toda divisão social do trabalho é a separação entre cidade e campo. No antigo Egito, no entanto, o rural estava forçosamente ligado ao urbano. As cidades, assim como as áreas de plantio, disputavam o espaço existente nas margens do Nilo, e parte da população urbana executava trabalhos diretamente relacionados ao campo. O funcionamento econômico-social das cidades dependia desta interação, já que os suprimentos e insumos necessários para a sobrevivência dos assentamentos eram fornecidos unilateralmente pelo campo e por atividades que hoje são consideradas “primárias”, como por exemplo a pesca¹⁵⁵.

É interessante observar que, apesar da vocação agrícola do Egito, existem poucas representações iconográficas de aldeias, ou de assentamentos criados essencialmente com um fim rural. Quando a atividade agrícola é representada, os camponeses são mostrados apenas como mão-de-obra ou como contribuintes do fisco, e nunca como as pessoas que executam um dos ofícios mais importantes para a manutenção do Estado egípcio. Sua ocupação é uma das mais criticadas pelo pai que encaminha o seu filho para a escola dos escribas, na *Sátira das Profissões*¹⁵⁶.

¹⁵⁴ A cidade de Kahun será discutida com maiores detalhes no Capítulo 2 desta dissertação.

¹⁵⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. Considerações funcionais acerca das cidades egípcias do Reino Novo (XVIII – XX Dinastias). *Phoïnix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, v. 2. p. 71-82, 1996. p. 72.

¹⁵⁶ A *Sátira das Profissões* é uma composição literária na qual um pai que está levando seu filho para a escola de escribas discorre sobre quatorze ofícios, dentre os quais o de camponês. O pai sempre mostra as dificuldades e pontos negativos dos ofícios, e enaltece a profissão de escriba, segundo ele a única sem chefe, e na qual o filho deverá ingressar. (Araújo, Emanuel. *op. cit.* p. 217.)

Durante o Reino Novo, a terra cultivável no Egito era dividida em “terra baixa”, *hrw* (em egípcio, ) , que representava a parte do solo que nunca deixava de receber a inundação, e “terra alta”, *nḥb* (em egípcio, ) , ou o terreno que era normalmente produtivo, mas que poderia ficar a seco em anos de cheia insuficiente. Havia ainda uma terceira categoria, constituída por ilhas que o rio formava ocasionalmente ao baixarem as águas, e que funcionavam como “terras baixas”. Eram chamadas de “ilhas”, *īww* (em egípcio, ) , e pertenciam, por definição, ao faraó¹⁵⁷.

Os espaços urbano e rural, no entanto, não eram assim tão claramente diferenciáveis. A localidade de Per-Ramsés, por exemplo, que foi construída no Delta como residência real dos faraós raméssidas, tinha em seu interior áreas que podiam ser definidas como rurais. No século XIII a.C., um escriba fez uma descrição de Per-Ramsés, na qual ele fala dos suprimentos que a cidade recebia dos campos à sua volta e por meio de barcos carregados que lá aportavam. O escriba fica mais impressionado, no entanto, com a presença, dentro da cidade, de bosques de tamareiras, plantações de melões, e tanques e canais com peixes e aves, que harmonizavam com a paisagem urbana¹⁵⁸.

Como fazer então para caracterizar como “urbano” um assentamento egípcio? Conforme exposto anteriormente, uma aglomeração só pode ser considerada urbana se pelo menos uma parte de sua população não se dedicar às atividades agrícolas. Sabemos que isto é verdadeiro para um grande número de cidades egípcias, inclusive para a já citada Per-Ramsés que, como residência real e capital do Egito, deveria ter pessoas treinadas nos mais diversos ofícios. Para exemplificar melhor esta interação entre rural e urbano nas cidades egípcias, partiremos agora para a análise de três assentamentos urbanos, sendo um do Reino Médio e dois do Reino Novo.

Nosso primeiro exemplo é Kahun, uma cidade planejada localizada no Fayum, que foi construída para abrigar artesãos e sacerdotes a serviço de Senusret II. Dentre os artefatos encontrados por Petrie em suas duas temporadas de escavações arqueológicas, constam enxadas de madeiras, que foram localizadas em conjunto com foices e enxós. Dada a função do assentamento, é possível dizer que, além de artesãos e sacerdotes, habitavam na cidade pessoas que tinham como ofício principal as atividades agrícolas. Instrumentos de trabalho pertencentes a praticantes de outros ofícios também foram encontrados, dentre os quais

¹⁵⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma interpretação das estruturas econômicas do Egito faraônico*. Rio de Janeiro, 1987. Tese (Concurso para Professor Titular) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987. p. 70.

¹⁵⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. *op. cit.* (1996) p. 72.

formões, malhos, e agulhas para teares. A porcentagem da população que se dedicava ao campo, no entanto, não pode ser levantada devido à escassez de fontes neste sentido.

O segundo exemplo é Gurob, outra cidade localizada no Fayum que foi escavada por Petrie. Nesta localidade havia um harém real, que era visitado pelo faraó durante suas viagens pelo Egito. Os achados arqueológicos comprovam que, assim como acontecia em Kahun, é possível que uma grande parte da população da cidade estivesse voltada à produção de alimentos, à pesca e ao pastoreio¹⁵⁹. As mulheres do harém, no entanto, exerciam a tecelagem, e até mesmo treinavam escravas asiáticas para este ofício¹⁶⁰. Um grande número de rolos de fios que eram utilizados para esta atividade foi encontrado em algumas casas, o que comprova que a atividade era desenvolvida também fora do harém. Assim como no primeiro caso, não é possível levantar a quantidade de pessoas que se dedicavam às atividades “primárias”, devido à falta de informações neste sentido.

Nosso terceiro exemplo é a parte Oeste da cidade de Tebas, que tinha uma ligação estreita entre o urbano e o rural. Em um levantamento realizado durante a XX Dinastia, havia na cidade 182 construções, sendo 179 casas e três templos. Dos chefes de família ou de equipes que habitavam nestas edificações, 179 declararam, em um censo, a sua ocupação principal. Destes, 47, ou o equivalente a 26,3%, declararam que estavam envolvidos com as atividades ditas “primárias” (agricultura, pecuária e pesca)¹⁶¹. Ou seja, aproximadamente um quarto da população urbana declarou realizar atividades rurais, uma porcentagem que pode ser considerada significativa.

Por meio destes exemplos, então, fica claro que existia uma grande proximidade entre o espaço urbano e o espaço rural no Egito antigo. Quando não dividiam o mesmo espaço, o urbano era dependente do rural, pois do último dependiam as remessas de suprimentos e insumos necessários para o desenvolvimento da população.

1.5.2. O ESTUDO DA CIDADE

A cidade é a base mais sólida para o estudo de uma sociedade. Sua construção, seja ela iniciada de forma natural ou planejada, denota a maneira como os homens que a habitaram lidavam com a natureza, e como a modificavam. Essa afirmativa é válida para todas as sociedades, em diferentes tempos históricos, o que torna possível entender uma comunidade a

¹⁵⁹ *Ibidem.* p. 73.

¹⁶⁰ *Ibidem.* p. 74.

¹⁶¹ *Ibidem.* p. 78.

partir de suas habitações e da forma de suas construções. Assim, antes de estudar uma cidade, é necessário perceber que esta possui certas particularidades, que são inerentes à cultura que a edificou. Uma delas diz respeito à área do entorno. Por exemplo, é preciso conhecer sua proximidade com a necrópole e com outros centros maiores ou menores, e qual é a sua relação com esses espaços. Essas informações são de grande valia, no caso do Egito antigo, para determinar a função do assentamento e sua importância como tal.

As dimensões de uma localidade também serão determinantes para a escolha do método de análise a ser empregado para uma comunidade específica. Redman afirma que a diferença entre investigar sociedades maiores e mais complexas e sociedades menores, ou de “vilas”, está apenas no tamanho da unidade a ser investigada. Ele cita Robert Redford, que sugere que a unidade maior deve ser entendida a partir da menor¹⁶². Isso porque, ao estudar comunidades menores, pode-se assumir a questão da uniformidade. Ou seja, assume-se que todas as famílias teriam a mesma atividade, e a base da economia seriam as *households*, ou unidades domésticas.

Alguns problemas, no entanto, se apresentam para o estudo das cidades antigas. Um deles, e talvez o principal, é saber quantos estágios de ocupação teve aquele sítio urbano, e por quanto tempo ele foi ocupado. Para cidades como Tell el-Amarna, no Médio Egito, que tiveram uma ocupação breve, esse problema está automaticamente ausente¹⁶³. Outro problema é a falta de um *layout* imposto para as casas e para sua distribuição, quando as cidades surgiram organicamente. Um padrão é conhecido apenas para as cidades planejadas, e não para aquelas que surgiram naturalmente. Novamente Amarna se mostra como um exemplo à parte, pois, apesar de planejada, possui áreas que se desenvolveram organicamente¹⁶⁴. Há ainda o problema da documentação. Sociedades como a egípcia não podem ser completamente reconstituídas ou reconstruídas, pois há lacunas na documentação que não podem ser preenchidas simplesmente com dados de épocas anteriores ou posteriores àquela que se estuda¹⁶⁵.

Por último, resta-nos falar sobre os problemas que surgem quando analisamos os relatórios de escavações realizadas no Egito, especialmente no século XIX e início do XX, quando a importância dada à localização exata de um objeto em um sítio arqueológico era pequena. Ao analisarmos um assentamento urbano, especialmente por meio dos vestígios

¹⁶² Citado por: REDMAN, Charles L. *op. cit.* p. 238.

¹⁶³ KEMP, Barry J. The city of el-Amarna as source for the study of urban society in ancient Egypt. *World Archaeology*. London: Taylor & Francis, v. 9. n. 2. p. 123-139, oct. 1977. p. 125.

¹⁶⁴ *Ibidem.* p. 126.

¹⁶⁵ *Ibidem.* p. 127.

arquitetônicos e arqueológicos, dados sobre os locais onde os objetos foram encontrados quando de sua escavação nos ajudam a entender a maneira como as pessoas viviam, bem como nos dão pistas sobre a atividade do proprietário da unidade residencial analisada. A ausência desses dados dificulta a pesquisa, mas não a impossibilita. Outras informações podem ser obtidas, por exemplo, quando estudamos as mudanças nos padrões de assentamento ao longo do tempo, o que pode ser medido por meio dos tipos de resíduos encontrados em montes de lixo em diferentes estratos arqueológicos¹⁶⁶.

O público e o privado, então, podem ser diferenciados pelo estudo da cidade. Suas estruturas, o modo de distribuição das residências, e os artefatos e biofatos presentes nos ambientes podem nos auxiliar para melhor entendermos o modo de vida da população, seja em um assentamento de grande porte, ou em um de menores proporções.

¹⁶⁶ DIXON, D. M. The disposal of certain personal, household and town waste in ancient Egypt. *In*: UCKO, Peter J.; TRINGHAM, Ruth; DIMBLEBY, G. W. (orgs.) *Man, settlement and urbanism*. London: Duckworth, 1972. p. 647-650. Especialmente as páginas 647 e 648.

2. A CIDADE DE KAHUN: VIDA PÚBLICA E VIDA PRIVADA EM UM ASSENTAMENTO EGÍPCIO DO REINO MÉDIO (c. 2040-1640 a.C.)

Atualmente existe um conceito específico e bem definido para “vida privada”, que é proposto pela sociedade ocidental¹⁶⁷. Este, contudo, não pode ser aplicado diretamente para as sociedades antigas, pois a diferenciação estabelecida entre espaços “públicos” e “privados” varia com o decorrer do tempo, conforme pode ser verificado a partir da afirmação de Prost:

Vida privada não é algo dado pela natureza no início dos tempos. Trata-se de uma realidade histórica, que diferentes sociedades construíram de maneiras diferentes. As fronteiras da vida privada não são colocadas de uma vez por todas; a divisão da atividade humana entre as esferas pública e privada é sujeita a mudanças¹⁶⁸.

Dessa forma, ao estudar a “vida privada” dos antigos egípcios é preciso compreender o contexto em que ela se situa, e procurar entender como se estabelece a diferenciação entre público e privado nessa cultura. Segundo Yvon Thébert, para as sociedades antigas, a dicotomia entre público e privado pode ser formulada por meio do estudo da casa¹⁶⁹. Levando

¹⁶⁷ Segundo Meskell (2005:1), a definição atual de vida privada foi formulada a partir dos discursos do mercado capitalista, das novas tecnologias e da globalização, e está intimamente ligada a conceitos como localidade, autenticidade e pertencimento, que levam à auto-consciência e a um projeto de vida individual.

¹⁶⁸ PROST *Apud* MESKELL, Lynn. *Private Life in New Kingdom Egypt*. Princeton: Princeton University Press, 2005. p.3.

¹⁶⁹ THÉBERT, Yvon. Arquitetura doméstica na África Romana. In: VEYNE, Paul. (org.). *História da vida Privada I: do Império Romano ao ano 1000*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.339.

em conta essa afirmação, podemos entender que essa distinção também ocorre devido às categorias sociais em que os proprietários estão inseridos. Assim, entendemos que entre as residências egípcias do Reino Médio, pertencentes à elite e à não-elite, há diferentes concepções de uso do espaço entre o que é público e o que é privado.

Nossa hipótese se baseia na seguinte afirmação: enquanto que nas residências maiores encontram-se barreiras de convivência, que refletem a individualidade, e espaços específicos destinados a várias finalidades, como a produção de pão, cerveja, tecidos ou locais para armazenagem de grãos, nas menores estes espaços não possuem uma função única, pois a finalidade do cômodo muda conforme o estabelecimento de regras de convivência, dependendo da hora do dia em que se exerce uma atividade. Dessa maneira, o que Duby denomina de “zona privada”, ou seja, um local de relativa imunidade, onde o indivíduo pode relaxar, ficar calmo e repousar¹⁷⁰, tem diferentes concepções para a elite e para a não-elite no Egito antigo.

Outro aspecto importante que deve ser considerado ao analisar a arquitetura doméstica é o número de pessoas que vivem em uma casa. Dois fatores podem ajudar na estimativa desses números: o uso do espaço, baseado na análise espacial das áreas da residência, e a informação textual relacionada a este assunto¹⁷¹. Para o caso aqui examinado, a informação arquitetônica é proveniente dos relatórios de escavação da localidade, e a informação textual é proveniente de documentos encontrados na cidade durante as pesquisas de campo.

As casas egípcias normalmente abrigavam uma família, sendo esta geralmente nuclear, ou seja, formada por pai, mãe e filhos solteiros. Considerando como “família” as pessoas relacionadas entre si por laços de sangue ou por meio de casamentos¹⁷², poderiam coabitar em uma residência egípcia pai, mãe e filhos solteiros e casados, assim como membros dessa instituição que precisassem de cuidados, como a mãe viúva do proprietário da casa, suas irmãs solteiras e irmãos ainda jovens, que não tivessem atingido a idade para casar. Teríamos assim uma unidade doméstica (*household*), que seria gerida pelo *paterfamilias*¹⁷³, que também teria sob seu controle todos os bens do grupo. Esta unidade doméstica poderia ser de quatro



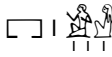






¹⁷⁰ DUBY, Georges. Prefácio à história da vida privada. In: VEYNE, Paul. (org.). *História da vida Privada I: do Império Romano ao ano 1000*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.10.

¹⁷¹ KOLTSIDA, Aikaterini. *Social aspects of ancient Egyptian domestic architecture*. Oxford: Archaeopress, 2007. p. 11.

¹⁷² CARDOSO, Ciro Flamarion. Na base da pirâmide social: unidades domésticas e comunidades aldeãs. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/cantareira/mat/art8.htm> Acesso em: 20jun08.

¹⁷³ O termo é utilizado por Ciro Cardoso, em: CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma casa e uma família no antigo Egito. *Phoenix*. Rio de Janeiro: Mauad, v. 9. p. 65-97, 2003. p. 85. Em sua origem, *paterfamilias* é o dono da casa, ou anfitrião. (SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2006. p. 852).

tipos¹⁷⁴: simples, quando o núcleo era constituído por uma família conjugal; múltipla, quando havia mais de uma família conjugal; expandida, no caso em que as famílias conjugais que formavam o núcleo da unidade doméstica pertencessem a várias gerações de uma mesma família; e por último temos aquela que se caracterizava por ser uma família extensa no sentido específico do termo, ou seja, quando casais aparentados entre si em graus variados eram subordinados a um único chefe, que centralizava o poder sobre os bens disponíveis.

A cada uma dessas ordenações corresponderia uma concepção de uso do espaço, que também estaria relacionada com o tamanho e o número de cômodos de uma residência, e com o número de pessoas que ocupariam estes ambientes. Uma família egípcia era geralmente nuclear, conforme exposto anteriormente, e isto fica evidente pela análise da escrita hieroglífica. A família propriamente dita era designada pelo termo egípcio *h3w* (em egípcio, ) , enquanto que o conjunto de servidores de uma casa era nomeado *3bwt* (em egípcio, ) . Hekanakht se referia às pessoas que formavam a sua unidade doméstica como *pr(y)w* (em egípcio, ) , ou “aqueles da casa”, termo que também remete à noção de família¹⁷⁵. Quanto às relações familiares, apenas seis termos eram conhecidos para designá-las: *it(i)*, pai (em egípcio, ) ; *mwt*, mãe (em egípcio, ) ; *s3*, filho (em egípcio, ) ; *s3t*, filha (em egípcio, ) ; *sn*, irmão (em egípcio, ) ; e *snt*, irmã (em egípcio, ) . Palavras que normalmente utilizamos para descrever os parentes próximos, como tio, tia, primo, entre outros, são desconhecidas na língua egípcia. Os antigos egípcios recorreram, então, a expressões compostas para expressar relações mais complexas. Por exemplo, para mencionar “avô” escrevia-se “pai do pai”. Essa forma de expressão nos leva a um modo particular de comunicação cultural que faz uma ligação direta entre as gerações. Ou seja, se o indivíduo tem um filho, este será também filho de seu pai.

A busca pela diferenciação entre espaços “públicos”, “privados” e “de serviço” em uma residência egípcia deve, então, levar em consideração todos estes fatores. Também é necessário um ponto de partida, ou seja, é fundamental que sejam definidos uma área (macro-espaço), uma localidade (meso-espaço) e um tipo de arquitetura (micro-espaço) para essa

¹⁷⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. Na base da pirâmide social: unidades domésticas e comunidades aldeãs. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/cantareira/mat/art8.htm> Acesso em: 20jun08.

¹⁷⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Hekanakht*: pujança passageira do privado no Egito antigo. Niterói, 1993. Tese (Concurso para Professor Titular) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993. p. 147.

análise¹⁷⁶. Assim, tomaremos como exemplo para esta pesquisa a arquitetura doméstica presente na cidade de Kahun, que se localiza na região do Fayum, e foi construída durante o Reino Médio por ordem do faraó Senusret II. Passaremos agora a uma descrição dessa localidade.

2.1. A CIDADE DE KAHUN: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

Kahun está localizada no Alto Egito, na região denominada atualmente Fayum. Este antigo assentamento urbano está aproximadamente cem quilômetros distante da atual cidade do Cairo, capital do Egito. A cidade encontra-se próxima à entrada do Bahr Yusuf, ou “Braço de José”, o canal que leva as águas do Nilo para a província do Fayum, e era chamada na antiguidade de *Hetep-Senusret*, ou “Senusret está satisfeito”, conforme pode ser determinado pela análise dos textos presentes em papiros encontrados no local¹⁷⁷.

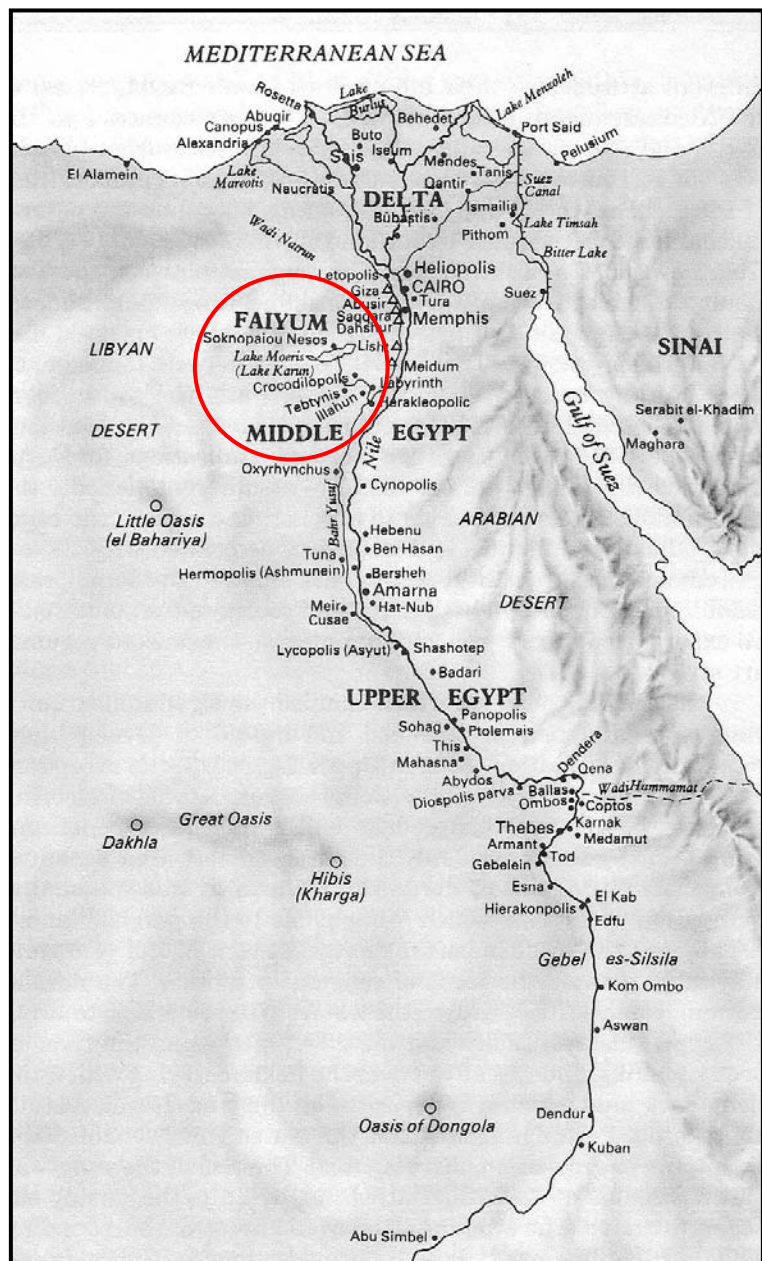


Figura 5: Mapa do Egito, mostrando a localização do Fayum e da cidade de Kahun, referida no mapa como Illahun. Referência: DAVID, Rosalie. *The pyramids builders of Ancient Egypt. A modern investigation of pharaoh's work-force*. London: Routledge & Kegan Paul, 1986. p. 15.

¹⁷⁶ KOLTSIDA, Aikaterini. *op. cit.* p. 2.

¹⁷⁷ GUNN, Battiscombe. The name of the pyramid-town of Sesostris II. *JEA*. London: The Egyptian Exploration Society, v. 31. p. 106-107, dec. 1945.

A cidade de Kahun foi escavada pelo arqueólogo britânico William Matthew Flinders Petrie em duas temporadas, nos anos de 1888-89 e 1889-90. Segundo suas hipóteses, levantadas durante as escavações, o assentamento foi construído por ordem do faraó Senusret II (c. 1897-1878 a.C.) para abrigar os construtores de sua pirâmide, em Lahun, e os sacerdotes responsáveis pelo seu culto funerário¹⁷⁸.

O caráter e a função da cidade podem ser determinados, segundo Kemp, pelo contexto em que ela se encontra¹⁷⁹. Junto ao núcleo populacional havia um templo, reduzido a ruínas ainda na Antiguidade, quando seus blocos foram reutilizados em construções de Ramsés II¹⁸⁰.

Dada sua localização, esse era o templo do vale de Senusret II, ou seja, o local onde o culto ao faraó morto deveria existir pela eternidade. A pirâmide na qual o rei foi inumado encontra-se distante 1180 m a Oeste¹⁸¹, e foi construída em tijolos, com o centro escavado na rocha própria da região. O assentamento urbano segue a mesma orientação da pirâmide, e sem dúvida foi planejado para abrigar o pessoal encarregado das funções no templo, conforme pode ser verificado por meio de um grupo de papiros encontrados no templo.

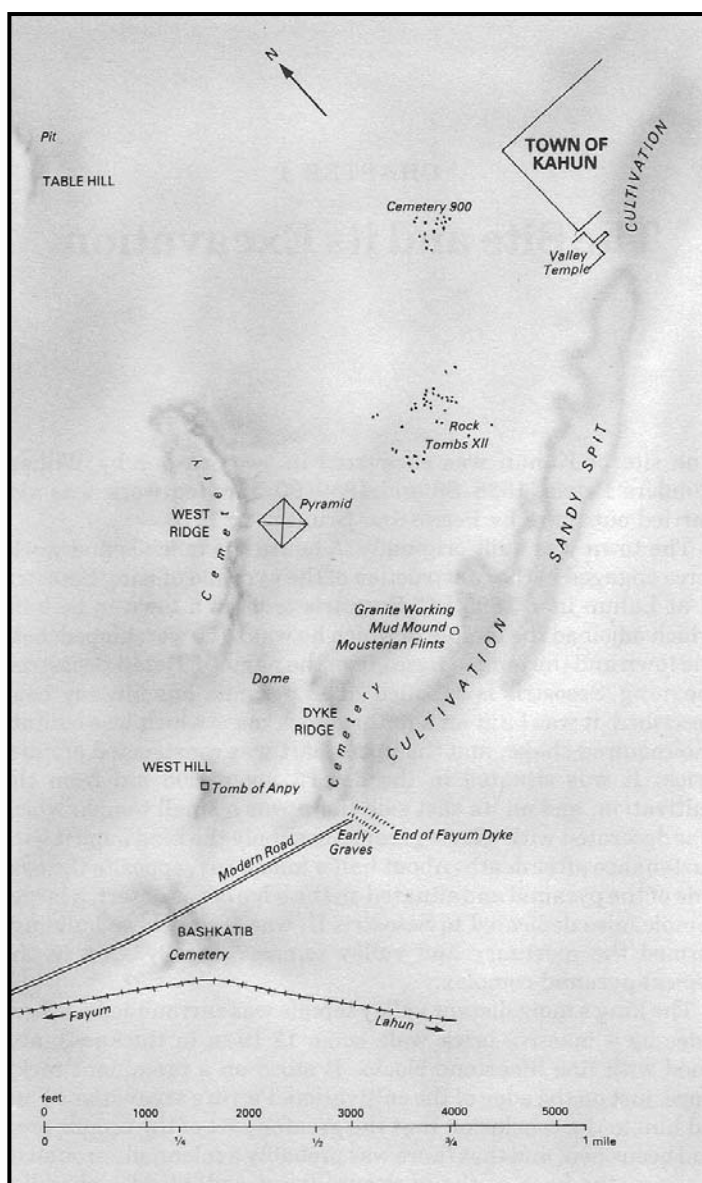


Figura 6: Localização da cidade de Kahun em relação à pirâmide de Senusret II.

Referência: DAVID, Rosalie. *The pyramids builders of Ancient Egypt. A modern investigation of pharaoh's work-force*. London: Routledge & Kegan Paul, 1986. p. 102.

¹⁷⁸ A hipótese é apresentada em DAVID, Rosalie. *The pyramids builders of Ancient Egypt. A modern investigation of pharaoh's work-force*. London: Routledge & Kegan Paul, 1986. 269 p. p. 101.

¹⁷⁹ KEMP, Barry J. *op. cit.* 1996, p. 190.

¹⁸⁰ DAVID, Rosalie. *op.cit.* p. 103.

¹⁸¹ KEMP, Barry J. *op. cit.* 1996, p. 190.

As proporções do assentamento de Kahun superam as de todas as outras “cidades de pirâmide” conhecidas, e sua função possivelmente não se restringia a abrigar os responsáveis pelo culto funerário do rei e os construtores de sua pirâmide. Segundo alguns pesquisadores, em função de seu tamanho e de sua total dependência para com a administração interna, a cidade talvez tenha sido utilizada como residência real por Senusret II¹⁸².

A cidade tinha originalmente forma retangular, com aproximadamente 384 x 335 m, e era cercada por muros em seus lados norte, oeste e leste, sendo aberta para o lado sul, que é voltado para a planície do Nilo. Porém, os vestígios de uma guarita, localizados por Petrie durante as escavações, o fizeram refletir sobre a existência de um muro também nessa direção¹⁸³. Internamente, a cidade era dividida por um muro espesso em duas partes desiguais, que refletiam também a desigualdade entre os seus habitantes. A oeste deste muro localizavam-se as pequenas casas dos trabalhadores e, a leste, ficavam as casas ocupadas por funcionários de mais alto cargo, descritas por Petrie como “mansões”.

Ao descrever a cidade, Petrie a dividiu em oito partes: a Acrópole e a casa do guardião; as cinco casas grandes ao norte sobre um plano, e uma outra, ao longo do muro; as três casas grandes ao sul sobre um plano; as casas junto ao muro oeste; os armazéns na parte posterior das casas grandes ao sul; as ruas de trabalhadores atrás das casas grandes ao sul; as cinco ruas de trabalhadores no leste; e as onze ruas de trabalhadores, na área separada a oeste¹⁸⁴.

Dentro desta divisão geral proposta por Petrie, destaca-se a Acrópole, uma construção acima de uma plataforma, que não é maior que as outras casas grandes da cidade, mas ocupa uma posição topográfica privilegiada. Em função dessa elevação, no entanto, foi a construção que mais sofreu com a ação das intempéries, e já se encontrava bastante destruída à época de Petrie. O acesso à residência era por meio de escadas, que levavam a uma entrada localizada a sudeste. A distribuição interna dos ambientes e o uso dos espaços eram semelhantes aos das outras casas grandes na mesma linha. Em alguns dos cômodos internos foram encontradas bases de colunas feitas em pedra e fragmentos da parte inferior das paredes, todos brilhantemente pintados.

Ao sul da Acrópole havia um espaço aberto no qual ficava uma construção que era provavelmente uma casa para um guardião. Para Petrie, esta era a habitação que abrigava a guarda real quando o rei estava de passagem pela cidade para acompanhar a construção de sua

¹⁸² UPHILL, Eric. *Egyptian towns and cities*. Aylesbury: Shire Publications, 1988. 70 p. p. 27; KEMP, Barry J. *op. cit.* 1996, p. 191.

¹⁸³ DAVID, Rosalie. *op. cit.* p. 104.

¹⁸⁴ PETRIE, W. M. Flinders. *Illahun, Kahun and Gurob*. London: Aris & Phillips Ltd., 1974. p. 5.

pirâmide e do templo¹⁸⁵. Este local foi o primeiro na cidade a ser abandonado, conforme pode ser afirmado por meio da análise dos cacos de cerâmica nele encontrados, que são datados da XII Dinastia.

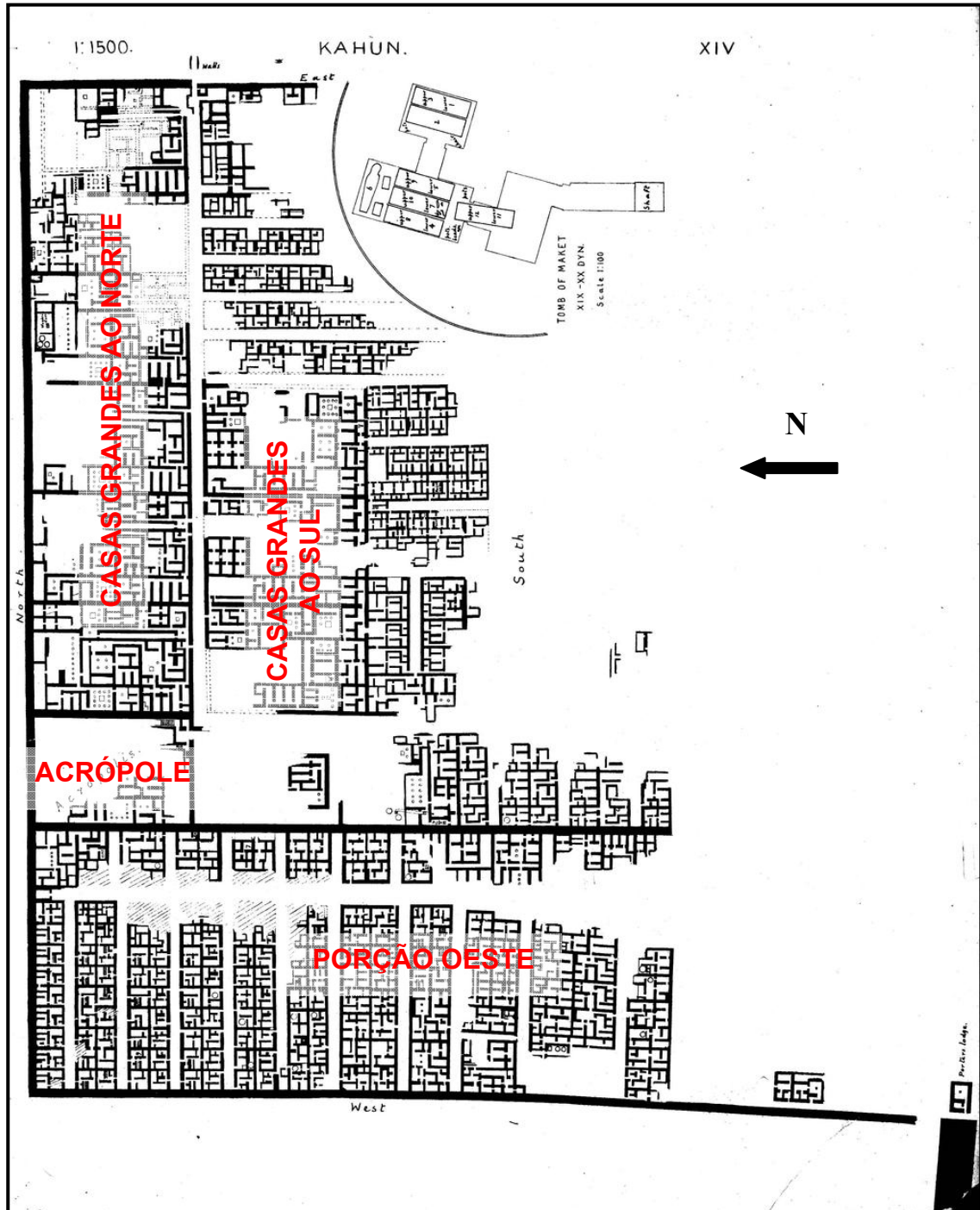


Figura 7: Planta da cidade de Kahun.

Referência: PETRIE, W. M. Flinders. *Illahun, Kahun and Gurob*. London: Aris & Phillips Ltd., 1974. PL. XIV.

¹⁸⁵ *Ibidem*. p. 6.

As seis casas grandes localizadas junto ao muro norte de Kahun possuíam planta e dimensões semelhantes às da Acrópole. A distribuição dos espaços, conforme descrita por Petrie, apresenta pouca diferença em relação àquela da anterior. A entrada de todas as casas ficava voltada para o sul, e dava para um corredor. No lado esquerdo desta passagem ficavam os escritórios, e aposentos que, aparentemente, eram utilizados pelo proprietário para receber seus clientes, ou seja, as pessoas com as quais mantinha relações comerciais. No centro da casa havia um grupo de aposentos privados, que terminavam em um pátio com quatro colunas. Um caminho levava para aposentos pequenos, com mais um pátio com colunas separado, no que era provavelmente o lado da casa destinado às mulheres. Os quartos no outro lado da residência pareciam ser também privados: poderiam ser ocupados pelo proprietário e sua família.

Os aposentos ao longo do muro norte provavelmente eram armazéns e celeiros. Esta afirmação é de difícil comprovação, já que não há, na descrição de Petrie, nenhuma menção a grãos ou a recipientes utilizados para o armazenamento de alimentos encontrados nesses locais. Sua certeza pode estar baseada em achados como estes, mas que não são mencionados em seus relatórios de escavação. Destes aposentos, havia acesso para os cômodos dos servos, para escritórios e salas utilizadas para a recepção de clientes, e para os aposentos das mulheres. Em função desse ingresso facilitado a diversas partes da casa, é provável que a cozinha também se localizasse nessa área, já que a provisão de alimentos estava próxima.

As colunas presentes nos pátios eram feitas de madeira e possuíam grande diâmetro, conforme pode ser apreendido por meio das marcas encontradas no solo. Em uma das casas, foi localizada a base de uma delas, confeccionada em madeira, com formato octogonal. Algumas dessas estruturas eram de pedra, e possuíam este mesmo formato. Os capitéis eram diferenciados, podendo ser planos, arredondados ou palmiformes.

No cômodo que era ocupado pelo proprietário havia um tanque de pedra que, segundo Petrie, era utilizado para banhos cerimoniais¹⁸⁶. Sua posição e tamanho, no entanto, nos levam a pensar em um lugar para simples banhos ou para se refrescar no interior da residência. Tanques semelhantes, porém menores, existiam também nas casas dos trabalhadores. Cada mansão tinha 60,35 x 42,06 m, o que corresponde a aproximadamente 2540 metros quadrados, e possuía em torno de 70 cômodos e corredores.

As três casas grandes localizadas na porção sul da cidade tinham exatamente o mesmo tamanho daquelas ao norte, mas sua organização espacial era ligeiramente diferente. A

¹⁸⁶ *Ibidem.* p. 7.

entrada conduzia diretamente a um vestíbulo com colunas, que levava às diferentes partes da casa. A planta original dessas residências parece ter sido muito alterada, mas era difícil traçar seus detalhes no estado deficiente de conservação em que se encontravam já na época de seu descobrimento por Petrie.

A próxima parte da cidade a ser descrita corresponde às casas localizadas junto ao muro oeste, que divide Kahun em duas partes. Devido aos achados arqueológicos nessa região, estas casas corresponderiam a armazéns, que ficavam situados ao sul da Acrópole. Numa das construções desse bloco foram encontrados formões de cobre e machadinhas em uma cesta, e um prato de cobre. É também nesse bloco de casas que se localizava a entrada para uma tumba familiar da XIX ou da XX Dinastia, que ficou conhecida como “tumba de Maket” devido ao nome da proprietária de um dos ataúdes nela resgatados. Havia também alguns celeiros nessa região da cidade. No bloco central dessas construções foram encontrados alguns dos melhores papiros da XII e da XIII Dinastias resgatados em Kahun. Não há, contudo, uma descrição dos textos presentes nos papiros ali localizados.

Atrás das casas grandes ao sul há algumas ruas de trabalhadores, com moradias de sete cômodos cada. Em duas destas casas foram encontradas paredes pintadas com cenas curiosas. No bloco atrás da casa grande central há um corredor decorado com imagens que mostram uma grande residência, com uma vista do interior sobre uma do exterior, conforme a convenção egípcia. A forma da construção representada é bastante interessante. Parece haver uma série de cômodos com arcos, com muros na parte inferior, fechados com barras de madeira. Na vista do interior, há uma representação do proprietário recebendo oferendas.

Em um dos ambientes do bloco de construções sul da mansão leste há outra pintura que parece representar um templo, “mais grego que egípcio, com colunas que não se parecem com nenhuma coluna egípcia conhecida”¹⁸⁷. A análise das pranchas onde estes desenhos são mostrados, no entanto, faz pensar sobre a possibilidade destas colunas serem representações do pilar-*djed*, e serem motivos decorativos relacionados à estabilidade.

À leste das casas grandes ao sul há várias ruas de trabalhadores, com casas de somente quatro cômodos cada. No final de uma das ruas, junto ao muro leste da cidade, há uma guarita. Foi esta construção que levou Petrie a considerar a possibilidade de Kahun ser uma cidade murada em todo o seu entorno, e não apenas nos lados norte, leste e oeste¹⁸⁸. Todas as ruas desse bloco de casas aparentemente tinham um canal revestido em pedra, não muito profundo, que corria no sentido leste-oeste. Estes canais estavam posicionados no meio das

¹⁸⁷ *Ibidem.* p. 7

¹⁸⁸ *Ibidem.* p. 8.

ruas, e à época de Petrie eram o exemplo mais antigo de um sistema de drenagem conhecido. Supostamente, a cidade inteira era servida por esses canais, que levavam para fora dos muros a água acumulada nas ruas da cidade.

Por último, resta descrever as casas de trabalhadores situadas nas onze ruas localizadas na área separada por um muro, na porção oeste da cidade. Estas tinham quatro ou cinco cômodos somente, e algumas apresentavam vestígios de uma escada que levava a um terraço. Havia neste segundo piso, provavelmente, um cômodo onde eram armazenados combustível e palha para fazer o fogo. Muitas dessas casas tinham depósitos próprios para grãos, que foram representados nas plantas por meio de círculos. O telhado das construções era feito com vigas de madeira, palha e junco, recobertas com argila nas faces superior e inferior. Em alguns dos ambientes escavados foram encontrados fragmentos desse material.

Esta porção da cidade foi a primeira a ser escavada por Petrie, na temporada de 1888-89, e existe a possibilidade de que seja mais antiga do que o restante da cidade, já que ficava separada da outra parte das residências por um muro espesso e o espaço aberto no final desse muro é pequeno o suficiente para que apenas um guardião seja responsável pela segurança nesse local.

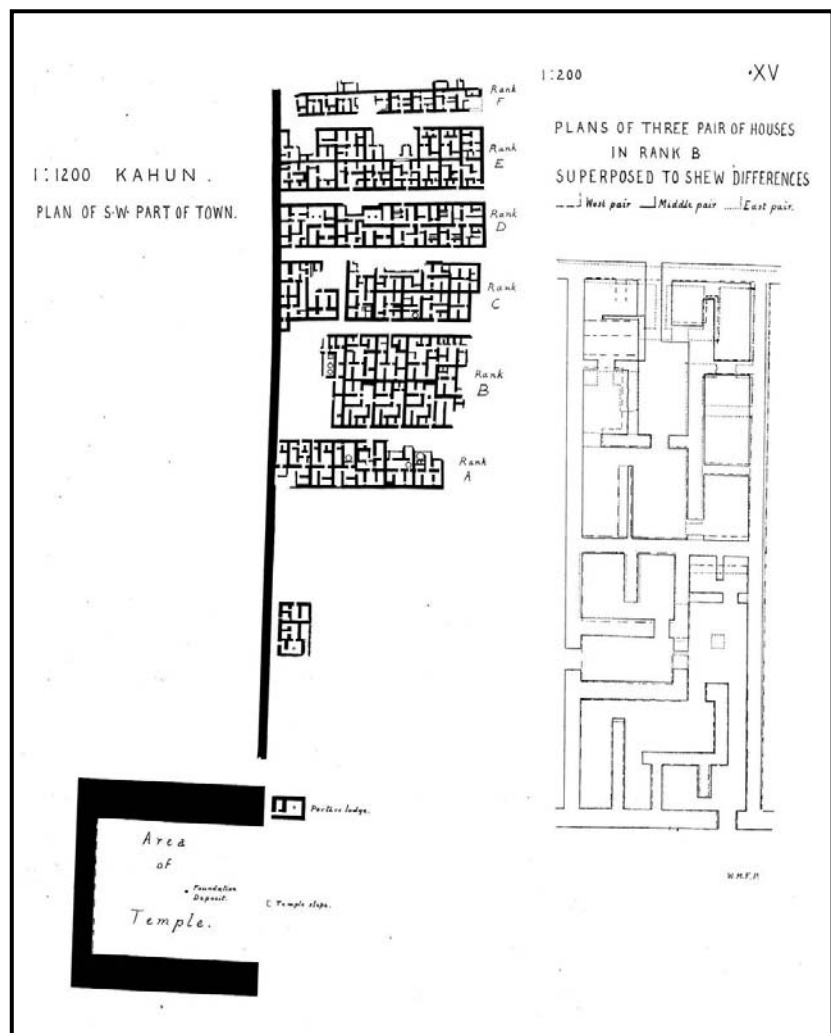


Figura 8: Planta de uma parte da cidade de Kahun, mostrando a área escavada por Petrie na primeira temporada (1888-89). Referência: PETRIE, W. M. Flinders. Kahun, Gurob, and Hawara. London : Kegan Paul, Trench, Trubner, and Co., 1890. PL. XV.

As escavações de Petrie em Kahun possibilitaram o acesso, pela primeira vez, a uma cidade egípcia antiga planejada. Somando-se os resultados das duas temporadas de trabalho, foram escavados pela equipe de Petrie aproximadamente dois mil cômodos, que o arqueólogo acreditava corresponderem a três quartos da extensão total da cidade. A sua porção sudeste nunca foi escavada, pois, segundo Petrie, os esforços não seriam recompensados, já que essa área fora muito perturbada na época romana.

Kahun foi a primeira cidade de trabalhadores a ser escavada, e tornou possível a reprodução quase completa da planta de uma cidade egípcia. A diferenciação interna de padrões é verificada, especialmente, em função das dimensões das casas habitadas pelos sacerdotes e administradores e pelos construtores e artesãos. Enquanto a maioria das casas do bairro Ocidental (oeste), ocupadas por trabalhadores, tinha quatro ou cinco cômodos, as do bairro Oriental, que abrigavam a elite, chegavam a 2500 m².

Dessa maneira, a distinção entre o público e o privado será estabelecida levando em consideração essas diferenças. Para esta caracterização, os termos “público” e “privado” serão utilizados de maneira relativa, pois, por definição, “tudo é privado em uma casa particular”¹⁸⁹. Serão utilizados, então, somente para diferenciar o maior ou menor grau de abertura para o exterior de cada parte da residência, ou seja, o seu grau de opacidade em relação ao exterior.

2.2. ARQUITETURA RESIDENCIAL NO EGITO ANTIGO

Para alguns estudiosos, a arquitetura pode ser entendida como um produto cultural carregado de sentido e intenção¹⁹⁰. Sendo as estruturas arquitetônicas pensadas, desenhadas e construídas pelo homem, podem ser utilizadas como fontes para a análise do mundo social. Neste sentido, a Arqueologia torna-se um instrumento importante para o estudo e entendimento dos ambientes construídos pelo homem, em qualquer época.

A Arqueologia pode ser entendida como a ciência que estuda o passado do homem por meio de sua cultura material. Ou seja, com o auxílio dos métodos arqueológicos é possível estudar a sociedade a partir dos objetos criados por ela. Estes, contudo, só adquirem uma dimensão ativa e ideológica quando estão inseridos em um sistema cultural determinado.

¹⁸⁹ CARDOSO, Ciro F. As casas residenciais do Egito faraônico: uma dificuldade documental e como solucioná-la. In: SILVA, Francisco C. T. da. (org.). *História e Imagem*. Rio de Janeiro: Campus, 1998. p. 137-146.

¹⁹⁰ ZARANKIN, Andrés. *Paredes que domesticam: Arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires*. Campinas, 2001. 249 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2001. p. 2; KEMP, Barry J. *op. cit.* 1996, p. 175.

Dessa maneira, é necessário, além do conhecimento da arquitetura, um entendimento da sociedade que construiu as estruturas que serão estudadas.

É útil, nesse caso, pensarmos em uma Arqueologia da arquitetura. Por meio dessa corrente de pesquisa, que abarca todos aqueles trabalhos direcionados ao estudo da arquitetura de um ponto de vista arqueológico, os prédios podem ser decodificados e transformados em códigos legíveis aos leitores da atualidade, que os interpretam conforme seu olhar sobre a arquitetura atual. Este é o ponto de partida para alguns métodos propostos pela Arqueologia Pós-Processual, que interpreta a arquitetura como uma forma de linguagem¹⁹¹. Segundo estes métodos, cada estilo arquitetônico possuiria o seu próprio código, e este seria necessário para compreender, interpretar e sentir os discursos transmitidos. A arquitetura, assim, seria uma forma de comunicação não-verbal, e os prédios poderiam ser lidos e interpretados.

Segundo esse olhar, as construções devem ser compreendidas como elementos ativos que interagem de forma dinâmica com o homem¹⁹². Dessa maneira, a arquitetura tem o poder de criar limites artificiais onde o corpo é confinado e educado. Segundo Andrés Zarankin, “um prédio regula a forma com que as pessoas se encontram no espaço, e favorece certo tipo de relacionamento entre elas”¹⁹³.

Assim, a análise da arquitetura pode nos ajudar a compreender o funcionamento de um ambiente, ou de uma construção como um todo, por meio do modo de circulação e das formas de entrada e saída destes espaços. Estas características, somadas às maneiras de convivência dentro dos ambientes, nos proporcionam uma melhor compreensão sobre a utilização dos espaços, sendo assim possível discernir o seu uso “público”, “privado” ou como ambiente “de serviço”.

O entendimento dos ambientes e de seus usos, conforme afirmado anteriormente, deve ter como ponto de partida o conhecimento prévio da sociedade que os construiu e utilizou. Para o caso do antigo Egito, a arquitetura doméstica pode ser dividida em três categorias principais, conforme proposto por Aikaterini Koltsida¹⁹⁴. Em primeiro lugar teríamos a arquitetura dos palácios. Estes, como residências reais, não eram unicamente o foco da comunidade, mas também a sua base de existência. Em seguida temos as casas grandes escavadas em antigas cidades egípcias, como Tell el-Amarna, Elefantina, Kahun, Luxor, Gizé, entre outras. Por fim, temos as casas pequenas, construídas para abrigar as classes menos

¹⁹¹ Ver, por exemplo, os métodos enunciados por Hillier & Hanson (1984) e Blanton (1994), e descritos em ZARANKIN, Andrés. *op. cit.* p. 119 e seguintes.

¹⁹² ZARANKIN, Andrés. *op. cit.* p. 4.

¹⁹³ *Ibidem.* p. 42.

¹⁹⁴ KOLTSIDA, Aikaterini. *op.cit.* p. 2-3.

abastadas da sociedade. Como exemplo, podemos citar as casas da vila de trabalhadores de Tell el-Amarna e de Deir el-Medina, que têm uma planta tripartite (sala da frente; sala do meio, identificada como sala de estar; quarto e cozinha), e as casas de trabalhadores construídas em Kahun.

A casa, no entanto, está sempre relacionada a um espaço maior: aquele do assentamento urbano onde se encontra. Em função disso, é necessário que entendamos também o ambiente onde as residências se localizam. O conhecimento dos espaços da cidade de Kahun, que para esta pesquisa foi tomada como exemplo para o estudo da vida pública e da vida privada no Egito antigo, durante o Reino Médio, é então de extrema importância para este estudo.

2.2.1. ANÁLISE DA ARQUITETURA: APRESENTAÇÃO DO MÉTODO

Conforme especificado anteriormente, é possível estabelecer, para as sociedades antigas, a dicotomia público-privado a partir da casa¹⁹⁵. Dessa maneira, passaremos agora à apresentação do método de análise da arquitetura, tomando como modelo as residências de Kahun. Estas possuem um plano repetitivo, conforme pode ser observado na descrição efetuada anteriormente, e por essa razão foram escolhidas casas-tipo para a análise aqui realizada. As casas pequenas escolhidas possuem 4, 5, 7 e 10 cômodos, e correspondem aos modelos de casas habitadas pelos trabalhadores nas diferentes porções da cidade onde estas aparecem. Já para a análise da arquitetura de uma casa grande foi escolhida uma das residências localizadas ao norte da cidade, pois estas tinham plantas mais bem conservadas quando da escavação por Petrie. Conforme a descrição efetuada para essas habitações, as mudanças na organização espacial são muito pequenas quando uma é comparada à outra, e como modelo escolhemos uma residência com 68 cômodos e corredores, que corresponde a uma planta-tipo para as casas maiores de Kahun.

Segundo Zarankin existem duas formas diferentes de se decodificar uma estrutura arquitetônica¹⁹⁶. Uma delas é utilizando o próprio corpo, por meio do deslocamento dentro do prédio. A outra, que será aqui utilizada, consiste em usar uma série de ferramentas conceituais para produzir uma leitura formal do edifício, utilizando sua planta como ponto de partida.

¹⁹⁵ THÉBERT, Yvon. *op. cit.* p. 339.

¹⁹⁶ ZARANKIN, Andrés. *Paredes que domesticam: Arqueologia da Arquitetura escolar capitalista. O caso de Buenos Aires.* São Paulo: FAPESP/ Centro de História da Arte e Arqueologia – Unicamp, s/d. p 84.

Aqui se encontram posicionados os métodos de Hillier & Hanson (1984) e de Blanton (1994), que serão descritos posteriormente.

Para a análise aqui descrita, será utilizado um método baseado na forma, na função e na organização espacial dos ambientes, conforme proposto por Barry Kemp em seus estudos sobre as cidades egípcias¹⁹⁷. Para essa aplicação, entendemos como forma a estrutura arquitetônica e suas especificidades. A função se relaciona com a atividade desenvolvida no espaço e, por fim, a organização espacial está ligada à forma como as estruturas estão inter-relacionadas. É necessário, também, estabelecer uma escala macro e uma micro para a sua aplicação. Assim, entenderemos como “macro” o edifício completo, e como “micro” cada um dos espaços que formam a estrutura arquitetônica. Serão analisadas, na escala micro, as particularidades de cada ambiente dentro das estruturas estudadas.

Uma das dificuldades que se impõem para o estudo em escala micro dos ambientes é a inexistência de plantas da época em que as residências foram construídas, e que tragam a descrição da função imaginada para cada espaço. Essa dificuldade ainda aumenta quando temos relatórios incompletos para as escavações, que não trazem informações sobre os tipos de artefatos que foram encontrados em cada ambiente. Para Kahun, porém, algumas dessas informações estão disponíveis, o que torna menos difícil a análise da função de cada ambiente dentro do prédio.

Após essas considerações iniciais, passaremos agora à descrição dos métodos de análise¹⁹⁸. O método proposto por Juliane Hanson e Bill Hillier, ou “modelo Gamma”, permite que se estabeleça uma base concreta para discutir a representação, quantificação e integração da configuração espacial de edifícios e estruturas arquitetônicas. Baseando-se em variáveis como forma, função e organização espacial, permite traçar um panorama básico do funcionamento da estrutura, e dos mecanismos de controle e poder a ela ligados.

O método consiste basicamente em decompor a planta de uma edificação em diferentes pontos de convergência, aqui entendidos como cada espaço circunscrito ao edifício, e estabelecer as comunicações entre eles, a fim de entender a estrutura do prédio. O resultado dessa decomposição é um esquema a partir do qual é possível realizar quantificações sobre as características do edifício e, assim, compará-lo a outros. Além disso, por meio do gráfico obtido pela decomposição da estrutura, é possível conhecer as possibilidades de circulação dentro dela e, dessa maneira, entender a organização do espaço que a edificação propõe.

¹⁹⁷ KEMP, Barry. J. *op. cit.* 2006, p.194.

¹⁹⁸ A descrição dos métodos aqui efetuada foi baseada na apresentação feita dos mesmos por Andrés Zarankin em: ZARANKIN, Andrés. *op. cit.* 2001, p. 119 e seguintes.

Os espaços, assim, são classificados em distributivos, quando possuem mais de uma entrada ou saída, ou não-distributivos, quando possuem apenas uma via de acesso. Uma análise do número de conexões por ponto de convergência, no entanto, pode ser mais elucidativa em relação à configuração da estrutura. Assim, quando existem apenas uma ou duas conexões, os espaços são não-distributivos. Já quando existirem mais de três conexões por ponto de convergência, os ambientes são distributivos.

Outra forma de classificação dos ambientes possível mediante o “modelo Gamma” é quanto à acessibilidade. Esta é calculada em função da profundidade dos espaços em relação ao exterior, que pode ser retirada do estudo do gráfico. O resultado tem a ver com a opacidade proposta por Yvon Thébert¹⁹⁹, ou seja, com o isolamento e a dificuldade de acesso a cada cômodo.

Estes dados, contudo, precisam ser interpretados. Para isso, utilizaremos o método proposto por Richard Blanton, no qual são estabelecidos índices que buscam facilitar a leitura das estruturas dos edifícios para, posteriormente, poder compará-las.

Assim, a partir dos dados obtidos com a aplicação do “modelo Gamma”, são estabelecidos índices, denominados por Zarankin como “índice de escala”, “índice de integração” e “índice de complexidade”²⁰⁰. Para essa aplicação, entenderemos como “índice de escala” o número de pontos de convergência obtidos no gráfico do “modelo Gamma”. O “índice de integração” está vinculado à circulação dentro da estrutura e mostra o grau de restrição de cada área. É obtido dividindo-se a quantidade de portas ou passagens na estrutura pelo número de pontos de convergência, e mostra a organização da edificação como um todo como “distributiva” ou “não-distributiva”.

O “índice de complexidade” refere-se ao grau de acessibilidade ou intercomunicação de cada ponto de convergência. Divide-se em “índice de complexidade A”, que é determinado pela quantidade de conexões entre estes pontos, e “índice de complexidade B”, que é obtido por meio da acessibilidade de cada um desses pontos ao exterior. A quantidade de conexões é obtida contando-se no gráfico e transferindo-se para uma tabela o número total de ligações entre os ambientes da estrutura. Já a acessibilidade de cada cômodo ao exterior é obtida pela contagem no gráfico e transferência para a tabela do número de ambientes que é necessário atravessar para se atingir determinado ponto dentro da estrutura. Os valores para cada ponto de convergência devem ser somados, obtendo-se um número total de acessibilidade, que será dividido pelo número desses pontos, para a obtenção do índice.

¹⁹⁹ THÉBERT, Yvon. *op. cit.* p. 339.

²⁰⁰ ZARANKIN, Andrés. *op. cit.* p. 90.

Este último índice proposto é importante para a determinação da profundidade dos ambientes em relação ao exterior, pois resulta em uma média de quantos espaços devem ser atravessados para se chegar a um determinado ambiente. Contribui, assim, para a determinação do grau de opacidade da estrutura.

2.2.2. ANÁLISE DA ARQUITETURA: APLICAÇÃO DO MÉTODO ÀS CASAS DE KAHUN

Passaremos agora à aplicação propriamente dita do método, tendo como fontes as plantas das casas dos trabalhadores e de uma das casas grandes presentes na cidade de Kahun, descritas anteriormente. No primeiro exemplo, esse emprego será descrito passo a passo, de modo a explicitar cada uma das etapas presentes na metodologia adotada. Nos seguintes, essa descrição não será repetida, de modo a tornar a análise menos extensa. Ao final de cada diagnóstico, serão tecidas considerações sobre o “público” e o “privado” dentro das residências, em função, principalmente, do grau de opacidade dos ambientes, ou seja, de sua maior ou menor visibilidade em relação ao exterior.

O primeiro modelo aqui trabalhado é a planta das menores casas habitadas por trabalhadores em Kahun, formadas por apenas quatro cômodos. Estes, segundo nossa hipótese de estudo, seriam “multifuncionais”, ou seja, as atividades desenvolvidas em cada um deles seriam variáveis dependendo da hora do dia a que nos referirmos.

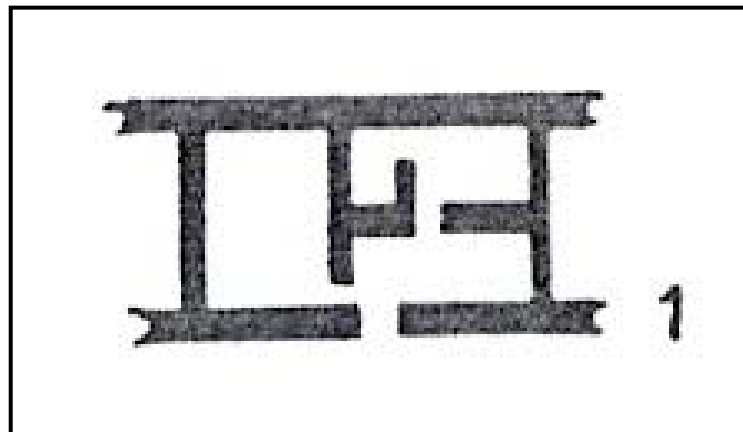


Figura 9: Casa de trabalhadores com quatro cômodos.

Referência: UPHILL, Eric. *Egyptian towns and cities*. Aylesbury: Shire Publications, 1988. p. 31.

Passando à aplicação da metodologia, a primeira etapa consiste em transformar a planta da casa em um gráfico. Esta operação é feita aplicando-se o “modelo Gamma” proposto por Hillier & Hanson. A partir desse modelo, será possível obter as variáveis

necessárias para a análise dos ambientes, alcançadas a partir do método de Blanton. Para essa etapa, os cômodos da casa são numerados a partir de 1, e são estabelecidas as conexões entre os ambientes internos e destes com o ambiente externo (A). Para a casa exemplificada, obtivemos o gráfico 1:

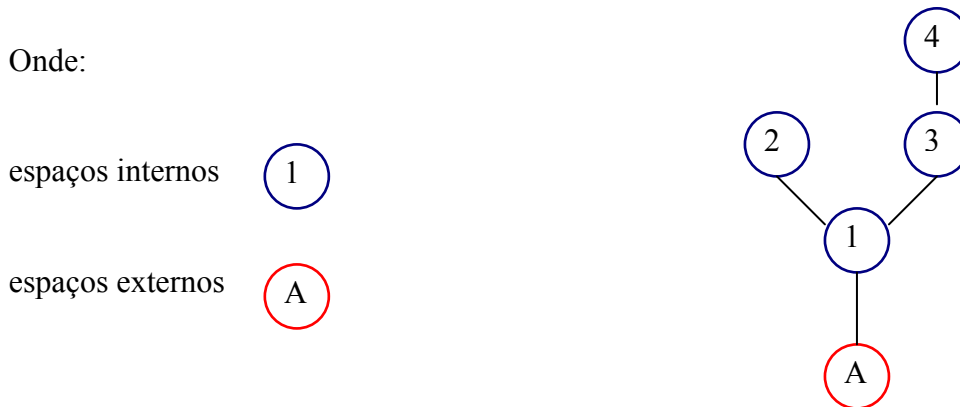


Gráfico 1: Casa de trabalhadores com quatro cômodos.

Dessa forma, por meio da visualização gráfica dos espaços, é possível retirar os valores necessários para a obtenção dos índices calculados a partir do método proposto por Blanton. Estes valores, que serão posteriormente trabalhados de forma a obter os índices de escala, integração e complexidade para a estrutura, são mostrados na tabela 1:

<i>Número do espaço</i>	<i>Quantidade de conexões</i>	<i>Distância ao exterior</i>
1	3	1
2	1	2
3	2	2
4	1	3
<i>Total</i>	7	8

Tabela 1: Valores obtidos pela aplicação do método para a casa de trabalhadores com quatro cômodos.

A partir desses valores, é possível obter os índices anteriormente descritos. Estes estão apresentados na tabela 2:

<i>Índice de escala</i>	<i>Índice de integração</i>	<i>Índice de complexidade A</i>	<i>Índice de complexidade B</i>
4	1	7	2

Tabela 2: Índices obtidos para a casa de trabalhadores com quatro cômodos.

A análise dos ambientes é, então, efetuada a partir desses índices. Neste caso, temos uma residência com quatro pontos de convergência, e um índice de integração igual a um, o que significa que existe uma média de uma conexão por ponto de convergência. Este resultado, então, aponta para uma estrutura não-distributiva. Não há, também, circuitos alternativos de deslocamento, o que pode ser verificado a partir do gráfico 1, que mostra as conexões possíveis entre os ambientes.

O índice de complexidade B, com valor igual a dois, mostra que é necessário atravessar em média dois ambientes para sair da estrutura. Esse índice mostra o pequeno grau de confinamento dos espaços, o que nos faz observar que os níveis de opacidade dos ambientes em relação ao exterior são baixos. Isso resultaria na inexistência de locais de todo “privados” no interior da residência, dada a facilidade de acesso a todos os espaços.

Finalmente, o gráfico obtido por meio da aplicação do “modelo Gamma”, que indica o tipo de organização espacial, mostra uma estrutura não-distributiva. Na maioria dos casos, nessa residência, os ambientes estão ligados entre si por meio de conexões em que se faz necessário atravessar um cômodo para se chegar a outro. Esse fato também pode ser inferido a partir da análise visual da planta, o ponto de partida de nossa análise, que mostra que temos somente uma entrada ou saída para cada ambiente.

O segundo caso aqui demonstrado corresponde a uma residência de trabalhadores um pouco maior, formada por cinco cômodos. A forma dos ambientes e sua distribuição espacial, porém, são semelhantes às aquelas mostradas na análise anterior. Para essa residência, a aplicação do “modelo Gamma” resultou no gráfico 2, aqui apresentado.

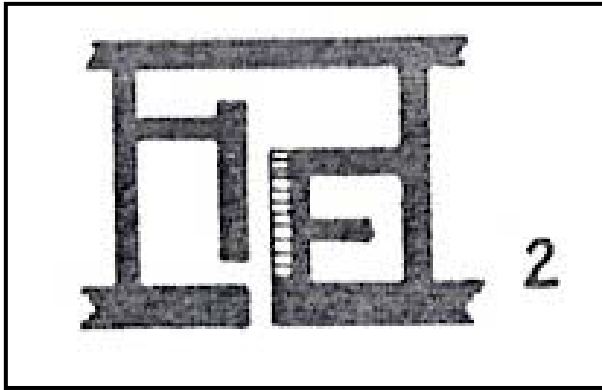


Figura 10: Casa de trabalhadores com cinco cômodos.
Referência: UPHILL, Eric. *Egyptian towns and cities*.
Aylesbury: Shire Publications, 1988. p. 31.

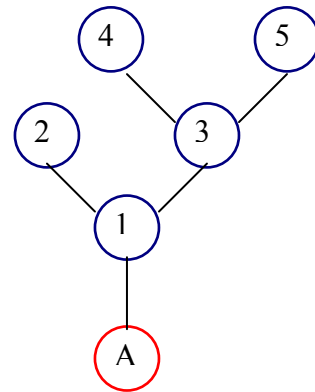


Gráfico 2: Casa de trabalhadores com seis cômodos.

O levantamento das variáveis necessárias para a aplicação do método de Blanton resultou nos números mostrados na tabela 3:

<i>Número do espaço</i>	<i>Quantidade de conexões</i>	<i>Distância ao exterior</i>
1	3	1
2	1	2
3	3	2
4	1	3
5	1	3
<i>Total</i>	<i>9</i>	<i>11</i>

Tabela 3: Valores obtidos para a casa de trabalhadores com cinco cômodos.

Estes, depois de decodificados, resultaram nos índices apresentados na tabela 4:

<i>Índice de escala</i>	<i>Índice de integração</i>	<i>Índice de complexidade A</i>	<i>Índice de complexidade B</i>
5	1	9	2,2

Tabela 4: Índices obtidos para a casa de trabalhadores com cinco cômodos.

A análise dos resultados nos mostra que não apenas os ambientes têm formas semelhantes, mas a organização do espaço ocorre de maneira análoga. Aqui, temos uma residência com cinco cômodos, sendo que existe uma escada que daria acesso a um terraço.

Este, porém, não aparece na planta, e não pode ser considerado para esta análise, já que não sabemos quantos cômodos existiriam no pavimento superior. O índice de integração para a estrutura é igual a um, o que aponta para uma média de uma conexão por ponto de convergência, e para uma estrutura não distributiva, assim como aquela existente para a casa de quatro cômodos. De modo semelhante, não há, também, circuitos alternativos de deslocamento, o que pode ser verificado a partir do gráfico 2.

O índice de complexidade B, com valor igual a 2,2, mostra que é necessário atravessar em média dois ambientes e a vigésima parte de outro para sair da estrutura. Assim como acontece com a casa de quatro cômodos, esse índice mostra o pequeno grau de confinamento dos espaços, o que nos faz observar que os níveis de opacidade dos ambientes em relação ao exterior são baixos. Isso resultaria na inexistência de locais de todo “privados” no interior da residência, dada a facilidade de acesso a todos os espaços.

Finalmente, o gráfico obtido por meio da aplicação do “modelo Gamma” mostra uma estrutura não-distributiva. Na maioria dos casos, nessa residência, os ambientes estão ligados entre si por meio de conexões em que se faz necessário atravessar um cômodo para se chegar ao outro. Devemos sempre lembrar que a análise visual da planta é o ponto de partida para todas as análises aqui apresentadas.

O próximo caso a ser analisado refere-se a uma casa um pouco maior, com sete cômodos, e com estrutura ligeiramente diferente daquelas analisadas anteriormente. O gráfico 3, obtido por meio da aplicação do “modelo Gamma”, é mostrado abaixo.



Figura 11: Casa de trabalhadores com sete cômodos.
Referência: UPHILL, Eric. *Egyptian towns and cities*.
Aylesbury: Shire Publications, 1988. p. 31.

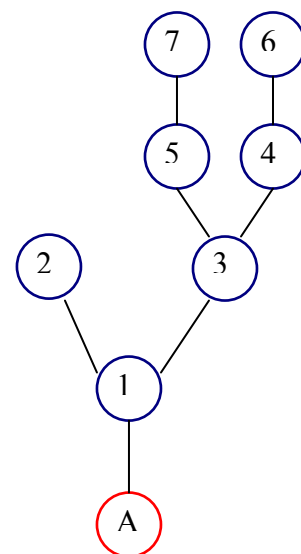


Gráfico 3: Casa de trabalhadores com sete cômodos.

O levantamento das variáveis necessárias para a aplicação do método de Blanton resultou nos números mostrados na tabela 5:

<i>Número do espaço</i>	<i>Quantidade de conexões</i>	<i>Distância ao exterior</i>
1	3	1
2	1	2
3	3	2
4	2	3
5	2	3
6	1	4
7	1	4
<i>Total</i>	<i>13</i>	<i>19</i>

Tabela 5: Valores obtidos para a casa de trabalhadores com sete cômodos.

Estes, depois de decodificados, resultaram nos índices apresentados na tabela 6:

<i>Índice de escala</i>	<i>Índice de integração</i>	<i>Índice de complexidade A</i>	<i>Índice de complexidade B</i>
7	1	13	2,71

Tabela 6: Índices obtidos para a casa de trabalhadores com sete cômodos.

Para este exemplo, a análise dos resultados mostra uma configuração um pouco diferente daquela enunciada nos casos descritos anteriormente. Neste caso, temos uma residência com sete pontos de convergência, onde é representativa a presença de uma escada, que levaria a um terraço. O índice de integração para a estrutura é igual a um, o que aponta para uma média de uma conexão por ambiente, e para uma estrutura não distributiva, assim como naquelas apresentadas anteriormente. Também não há, como nos casos anteriores, circuitos alternativos de deslocamento, o que pode ser verificado a partir do gráfico 3.

O índice de complexidade B, com valor igual a 2,71, mostra que é necessário atravessar em média dois ambientes e meio, aproximadamente, para sair da estrutura. Esse valor é semelhante ao encontrado para o exemplo 2, apesar da diferença entre os gráficos obtidos por meio do “modelo Gamma” para as duas estruturas. Tal como nos casos anteriores,

esse índice mostra o pequeno grau de confinamento dos espaços, o que nos faz observar que os níveis de opacidade dos ambientes em relação ao exterior são baixos. Existem, contudo, ambientes mais internos, com maior dificuldade de acesso, e que poderiam, assim, ser considerados como “privados” dentro da residência.

Por fim, o gráfico obtido por meio da aplicação do “modelo Gamma” mostra uma estrutura não-distributiva. Na maioria dos casos, nessa residência, os ambientes estão ligados entre si por meio de conexões em que se faz necessário atravessar um cômodo para se chegar a outro. Apenas o ambiente numerado como 3 pode ser considerado distributivo, pois possui três conexões a outros espaços. A análise visual da planta, que é o ponto de partida da análise, mostra que a partir desse ambiente numerado como 3 outros três podem ser acessados, e esses dados foram transferidos para o gráfico de Hillier & Hanson.

O último modelo relacionado a casas pequenas refere-se à maior das estruturas presentes nas porções da cidade ocupadas por trabalhadores, e tem dez cômodos. Sua organização espacial é diferenciada em relação às anteriores, assim como se pode inferir por meio do estudo do gráfico 4, mostrado abaixo.

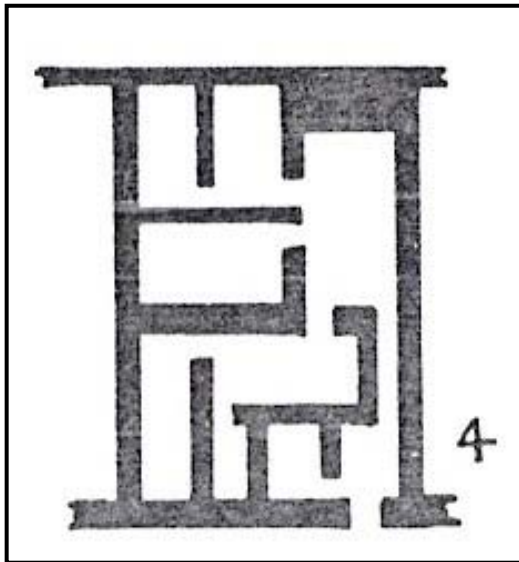


Figura 12: Casa de trabalhadores com dez cômodos.
Referência: UPHILL, Eric. *Egyptian towns and cities*.
Aylesbury: Shire Publications, 1988. p. 31.

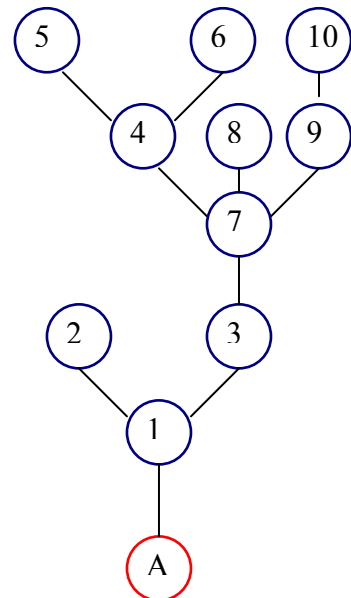


Gráfico 4: Casa de trabalhadores com dez cômodos.

As variáveis necessárias para a aplicação do método de Blanton, obtidas do estudo do gráfico, são mostradas na tabela 7:

<i>Número do espaço</i>	<i>Quantidade de conexões</i>	<i>Distância ao exterior</i>
1	3	1
2	1	2
3	2	2
4	3	4
5	1	5
6	1	5
7	4	3
8	1	4
9	2	4
10	1	5
<i>Total</i>	<i>19</i>	<i>35</i>

Tabela 7: Valores obtidos para a casa de trabalhadores com dez cômodos.

Os valores acima, depois de trabalhados pelo método de Blanton, resultaram nos índices apresentados na tabela 8:

<i>Índice de escala</i>	<i>Índice de integração</i>	<i>Índice de complexidade A</i>	<i>Índice de complexidade B</i>
10	1	19	3,5

Tabela 8: Índices obtidos para a casa de trabalhadores com dez cômodos.

A análise dos resultados obtidos para este exemplo mostra uma configuração espacial, assim como uma organização dos ambientes, diferenciadas em relação àquelas das casas analisadas anteriormente. Neste modelo, temos uma residência com dez pontos de convergência, dos quais pelo menos dois podem ser classificados como espaços distributivos. O índice de integração para a estrutura é igual a um, o que aponta para uma média de uma conexão por ambiente, e para uma estrutura total não distributiva, assim como as apresentadas anteriormente. Em relação aos casos anteriores, surge aqui uma diferenciação: pelo menos um ambiente pode ser acessado por mais de uma via, o que mostra a existência, na estrutura, de circuitos alternativos de deslocamento.

O índice de complexidade B, com valor igual a 3,5, comprova a tendência ao isolamento de alguns cômodos, conforme pode ser confirmado pela análise visual da planta. Este índice mostra que é necessário atravessar em média três ambientes e meio para sair da estrutura. Esse valor é maior que os obtidos anteriormente, e esse fato também pode ser inferido a partir da análise dos gráficos obtidos por meio da aplicação do “modelo Gamma”, que mostram estruturas diferenciadas. Esse índice, diferentemente do que acontecia nos casos anteriores, confirma uma tendência a um maior grau de confinamento dos espaços, o que nos faz observar que os níveis de opacidade dos ambientes em relação ao exterior são maiores. Nesse caso, existem ambientes mais internos, com maior dificuldade de acesso, e que podem, assim, ser considerados como “privados” dentro da residência.

Em uma última análise, podemos observar, por meio do gráfico obtido pela aplicação do “modelo Gamma”, que a estrutura como um todo é não-distributiva. Assim como nos exemplos anteriores, na maioria dos casos os ambientes estão ligados entre si por meio de conexões em que se faz necessário atravessar um cômodo para se chegar a outro. Aqui, contudo, os ambientes numerados como 4 e 7 podem ser considerados distributivos, pois por meio deles é possível acessar vários ambientes. A análise visual da planta, assim como o gráfico obtido pelo modelo, mostram que temos, respectivamente, três e quatro ambientes que podem ser acessados a partir desses espaços.

O próximo modelo de casa analisado para a cidade de Kahun difere em tudo dos apresentados anteriormente. Trata-se, aqui, de uma das casas grandes do bairro Oriental, habitada por nobres, e que possui, internamente, uma divisão bem marcada entre espaços “públicos”, “privados”, e “de serviço”, conforme pode ser retirado da análise visual da planta, que será o ponto de partida para a confecção do gráfico a ser obtido pelo modelo de análise de Hillier & Hanson.

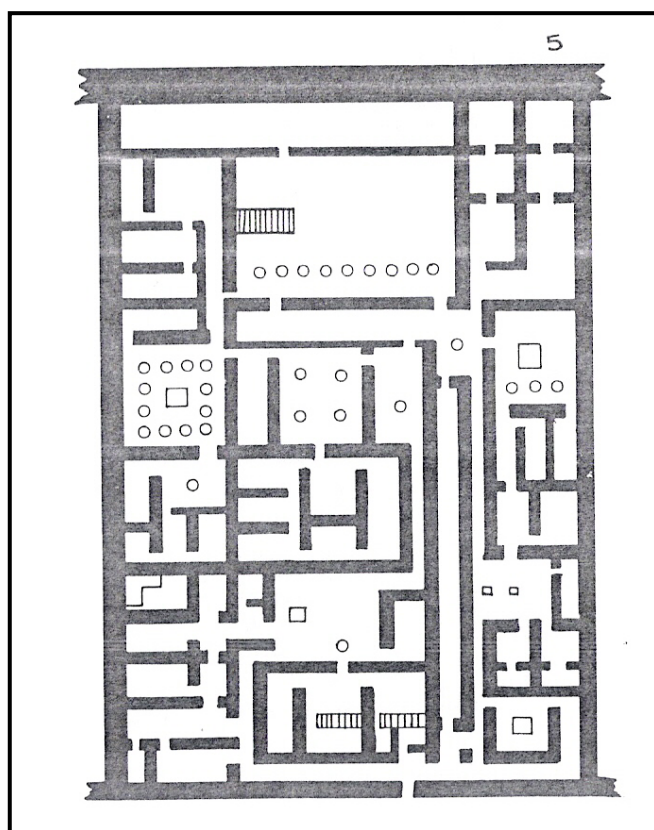


Figura 13: Casa de nobres da cidade de Kahun. Referência: UPHILL, Eric. *Egyptian towns and cities*. Aylesbury: Shire Publications, 1988. p. 31.

O gráfico obtido pela aplicação do “modelo Gamma” também mostra uma organização espacial diferenciada, conforme mostrado no gráfico 5.

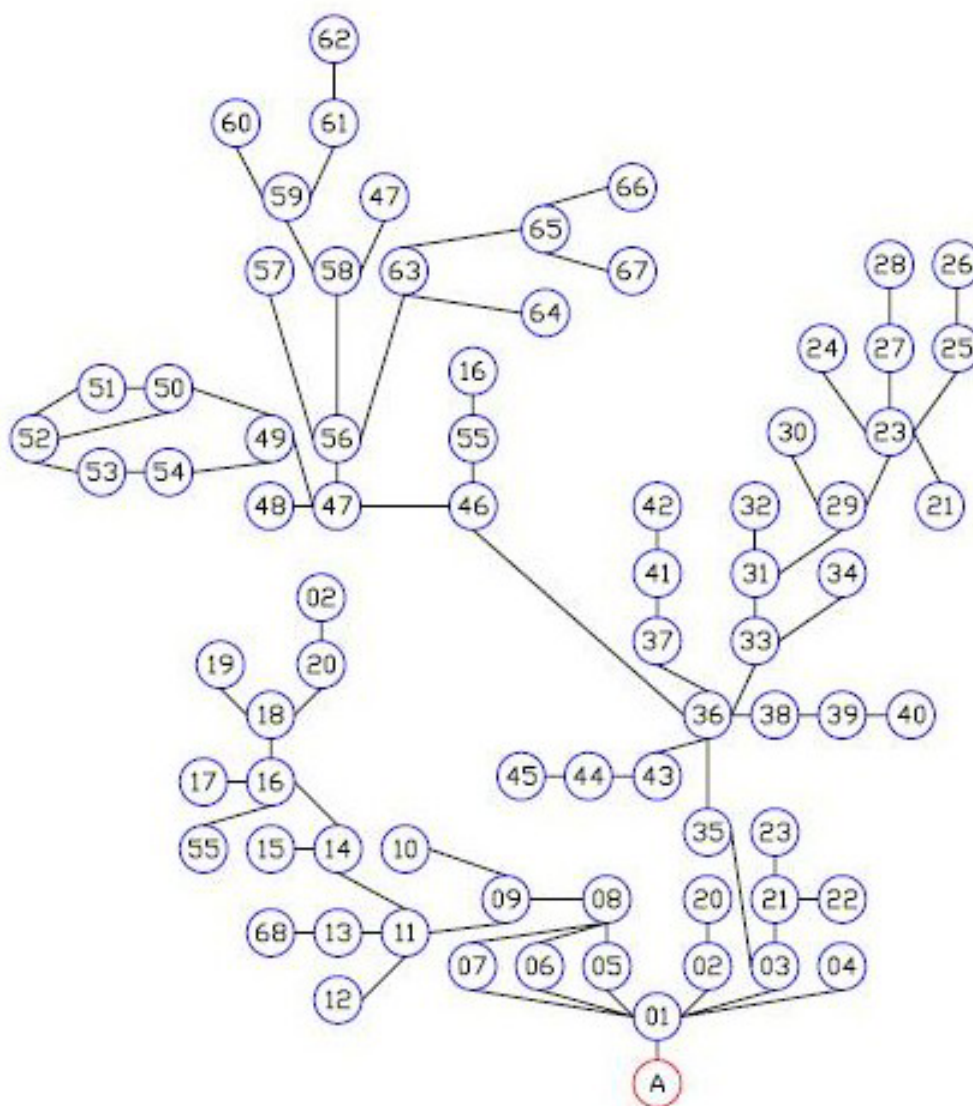


Gráfico 5: Casa de nobres da cidade de Kahun.

Dessa maneira, os resultados obtidos pela aplicação do modelo são bem diferentes daqueles obtidos para as casas dos trabalhadores. As variáveis necessárias para a aplicação do método de Blanton, que foram obtidas por meio do estudo do esquema gráfico elaborado, são mostradas na tabela 9:

<i>Nº do espaço</i>	<i>Quant. conexões</i>	<i>Distância exterior</i>	<i>Nº do espaço</i>	<i>Quant. conexões</i>	<i>Distância exterior</i>	<i>Nº do espaço</i>	<i>Quant. conexões</i>	<i>Distância exterior</i>
1	7	1	24	1	9	47	5	6
2	2	2	25	2	9	48	1	7
3	3	2	26	1	10	49	3	8
4	2	2	27	2	9	50	3	9
5	2	2	28	1	10	51	2	10
6	2	2	29	3	7	52	2	11
7	2	2	30	1	8	53	2	12
8	4	3	31	3	6	54	2	7
9	3	4	32	1	7	55	2	8
10	1	5	33	3	5	56	4	6
11	4	5	34	1	6	57	1	7
12	1	6	35	2	3	58	3	7
13	2	6	36	7	4	59	3	8
14	3	6	37	2	5	60	1	9
15	1	7	38	2	5	61	2	9
16	3	7	39	2	6	62	1	10
17	1	8	40	1	7	63	3	8
18	3	8	41	2	6	64	1	9
19	1	9	42	1	7	65	3	9
20	2	9	43	2	5	66	1	10
21	4	3	44	2	6	67	1	10
22	2	4	45	1	7	68	1	7
23	5	8	46	3	5	<i>Total</i>	<i>153</i>	<i>450</i>

Tabela 9: Valores obtidos para a casa de nobres da cidade de Kahun.

Os valores acima, depois de trabalhados pelo método de Blanton, resultaram nos índices apresentados na tabela 10. Podemos observar, também aqui, a grande diferenciação em relação aos valores obtidos para as casas dos trabalhadores de Kahun.

<i>Índice de escala</i>	<i>Índice de integração</i>	<i>Índice de complexidade A</i>	<i>Índice de complexidade B</i>
68	1,04	153	6,62

Tabela 10: Índices obtidos para a casa de nobres da cidade de Kahun.

Esta residência apresenta resultados bastante diferentes daqueles obtidos pela análise dos modelos anteriores. O exame desses resultados mostra uma configuração espacial, assim como uma organização dos ambientes, bem diferenciada em relação às plantas analisadas anteriormente. Nas casas dos nobres, temos um grande número de espaços, sendo que para esta utilizada como exemplo são 68. Dessa forma, temos 68 pontos de convergência, e um índice de escala que corresponde a esse mesmo valor.

Apesar do índice de integração corresponder a 1,04, o que caracteriza a estrutura como não distributiva, temos na residência espaços que, individualmente, podem ser classificados como distributivos. O ambiente número 36, por exemplo, possui diversas conexões, e distribui a circulação para muitos outros espaços, conectados diretamente a ele. Verifica-se na tabela 9 que este espaço possui 7 conexões, o maior número encontrado para a casa. Temos também ambientes, como o identificado pelo número 21, que podem ser acessados por mais de uma via, o que mostra a existência, na estrutura, de circuitos alternativos de deslocamento.

O índice de complexidade B, com valor igual a 6,62, comprova a existência de ambientes de difícil acesso na residência, conforme pode ser determinado pela análise visual da planta. Isto quer dizer que é necessário atravessar em média 6,62 ambientes para sair da estrutura. Esse valor é o maior obtido para as edificações analisadas, e esse fato também pode ser deduzido por meio da comparação dos gráficos obtidos pela aplicação do “modelo Gamma”, que possuem estruturas bastante diferenciadas. Esse índice, conforme exposto anteriormente, confirma a tendência a um maior grau de confinamento dos espaços, o que nos faz observar que os níveis de opacidade dos ambientes em relação ao exterior são maiores. No caso das casas dos nobres, existem espaços mais internos, com maior dificuldade de acesso, e que podem ser considerados como “privados” dentro da residência.

Para finalizar, resta a análise do gráfico obtido a partir da aplicação do “modelo Gamma”. Podemos observar, por meio do gráfico 5, que a estrutura como um todo é não-distributiva, apesar de possuir um número superior de espaços distributivos se comparado com os casos anteriores. Assim como nestes exemplos, na maioria dos casos os ambientes estão ligados entre si por meio de conexões em que se faz necessário atravessar um cômodo

para se chegar a outro. Aqui, contudo, existem ambientes distributivos, como especificado anteriormente e exemplificado pelo espaço de número 36.

2.2.3. ARQUITETURA DOMÉSTICA EM KAHUN: O PÚBLICO E O PRIVADO A PARTIR DA CASA

Após a aplicação dos métodos para a decodificação de todas as estruturas, é possível estabelecer uma comparação entre elas. Para isso, serão utilizados os valores dos índices obtidos pela aplicação da metodologia proposta por Blanton.

Nas casas dos trabalhadores apresentadas nas figuras 9 e 10, os espaços são multifuncionais, não havendo diferenciação de uso entre eles. Tomando por base o método enunciado, as casas teriam, respectivamente, 4 e 5 pontos de convergência, entendendo por ponto de convergência cada um dos espaços presentes em uma estrutura. Todos esses espaços podem ser caracterizados como não-distributivos, pois o acesso a cada um deles é feito por apenas uma entrada ou saída. As estruturas como um todo, apresentando índice de integração igual a um, também são classificadas como não distributivas.

Já nos modelos das figuras 11 e 12, há uma diferenciação de uso dos espaços entre o que é público e o que é privado, a princípio um pouco velada, em função da aparente facilidade de acesso aos cômodos. Nessas residências, temos áreas de mais difícil acesso, que podem caracterizar espaços “privados” dentro da casa, devido à sua distância da entrada principal e à dificuldade em acessá-los. Assim como nos casos anteriores, contudo, o espaço de cada uma das casas, como um todo, apresenta índice de integração igual a um, o que caracteriza estruturas não-distributivas.

Nas casas maiores, como a mostrada na figura 13, os espaços podem ser diferenciados quanto ao uso. Essa habitação apresenta 68 diferentes ambientes, sendo pelo menos cinco deles distributivos, pois apresentam mais de uma forma de ingresso. Quanto à acessibilidade, encontram-se espaços “privados” no interior da residência, o que pode ser retirado da dificuldade de acesso a alguns dos cômodos. O índice de integração, contudo, caracteriza a residência, em seu conjunto, como não-distributiva, o que pode estar relacionado a estruturas de poder e controle presentes na cidade.

Os índices de complexidade são diferenciados em função do número de ambientes e de entradas e saídas existentes nas residências. Sendo assim, são semelhantes quando tratamos das casas pequenas, habitadas por trabalhadores, mas são muito diferentes quando falamos de uma casa grande, com vários ambientes. Os números encontrados para as casas pequenas (2; 2,2; 2,71 e 3,5) são bastante próximos, e caracterizam os espaços presentes nas residências

como “públicos” em sua maioria, pois se verifica que o acesso a eles é facilitado. É necessário atravessar de dois a três ambientes e meio para sair da morada. Já para a casa grande o índice obtido foi de 6,62, o que mostra que existem espaços mais opacos em relação ao exterior, e que podem ser classificados como “privados” dentro da residência.

Dessa maneira, conclui-se que a diferenciação quanto ao uso dos espaços é evidente: enquanto nas casas menores um mesmo cômodo era utilizado para tecer durante o dia e dormir durante a noite, por exemplo, nas residências dos altos funcionários existiam espaços diferenciados para cada atividade: um espaço era dedicado exclusivamente para a tecelagem, enquanto outro servia apenas como quarto de dormir. Os cômodos para os quais o acesso era mais difícil eram “privados”, pois tinham maior grau de opacidade em relação ao exterior. Já aqueles cujo acesso se fazia por vias mais fáceis podem ser considerados como espaços “públicos” ou “de serviço” no interior da residência. Nestes últimos, eram desenvolvidas atividades como a tecelagem, já referida, a marcenaria e a panificação. Já os ambientes “públicos”, eram aqueles onde eram recebidos os visitantes, que poderiam circular apenas por espaços pré-determinados dentro da casa.

Outra maneira de debater o “público” e o “privado” no ambiente doméstico é por meio dos artefatos e biofatos resgatados em cada cômodo da residência. Passaremos agora então a esta discussão.

2.3. AS ANTIGUIDADES DE KAHUN: ARTEFATOS, BIOFATOS E USO DO ESPAÇO

Um dos objetivos da Arqueologia do Espaço é determinar o uso dado para cada um dos ambientes de uma casa. Estes espaços devem ser vistos como lugares tridimensionais, onde ocorrem os eventos do dia-a-dia. É por essa razão que os modelos de casas e aqueles que mostram atividades que se desenvolviam nos espaços são tridimensionais.

Os vestígios arqueológicos encontrados em cada um dos ambientes de uma casa podem nos dar pistas sobre o uso de um determinado espaço, mas, no caso da arquitetura doméstica de Kahun, duas dificuldades se impõem. A primeira diz respeito à falta de descrições minuciosas dos ambientes nos relatórios de escavação. As referências aos objetos encontrados e quanto à sua posição no espaço doméstico são superficiais: Petrie se refere a grupos de objetos encontrados em uma casa, mas não à sua disposição espacial. Quando menciona um achado de maior valor arqueológico – dentro de sua concepção de valor –, situa apenas a casa dentro de um bloco, mas não o ambiente onde os artefatos foram encontrados.

A segunda dificuldade diz respeito à maneira como a cidade foi desocupada em sua primeira fase de residência, e às suas ocupações posteriores. Kahun foi habitada inicialmente entre o reinado de Senusret II (c. 1897-1878 a.C.), que ordenou a sua construção na XII Dinastia, e o de Neferhotep I (c. 1741-1730 a.C.), na XIII Dinastia, conforme pode ser inferido por meio de um escaravelho datado do governo deste faraó encontrado na cidade e que é o último objeto datado desta primeira fase de ocupação. Este artefato foi encontrado na primeira temporada de escavações, em um cômodo próximo ao meio da cidade, em conjunto com alguns papíros²⁰¹. Kahun, nesta fase, foi abandonada, e não destruída por uma catástrofe natural, e por isso a distribuição dos objetos pouco pode informar sobre o uso de cada ambiente²⁰². O problema que aqui se coloca é que Kahun foi reocupada posteriormente, e os



vestígios relacionados a essa primeira fase, e que aqui nos interessam particularmente, foram remexidos e reposicionados, sendo muitas vezes descartados em montes de lixo dentro e fora da cidade.

Figura 14: O escaravelho de Neferhotep I encontrado em Kahun. Referência: Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em: <http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 20jun08.

Seguindo a linha da Arqueologia do Espaço, contudo, é possível partir de aproximações etnoarqueológicas²⁰³ para distinguir usos do espaço e normas de residência²⁰⁴. Assim, se podem estabelecer paralelos entre o uso dos espaços nas residências de Kahun e naquelas do Egito atual, especialmente quando se trata de casas pequenas, habitadas por trabalhadores. Esta comparação também pode ser feita com as casas construídas em cidades

²⁰¹ PETRIE, W. M. Flinders. *Kahun, Gurob, and Hawara*. London : Kegan Paul, Trench, Trubner, and Co., 1890. p. 31.

²⁰² KOLTSIDA, Aikaterini. *op. cit.* p. 136.

²⁰³ A Etnoarqueologia é uma ciência que trabalha com a comparação de dados arqueológicos e etnográficos, ou seja, procura entender os comportamentos humanos a partir de dados de diferentes naturezas. (Conforme ASSIS, Valéria S. de. & GARLET, Ivori. Subsídios históricos e etnográficos para uma Etnoarqueologia Mbyá-Guarani. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa: Editora da UEPG. v. 7, n. 1, 207-213, 2002. p. 208-209).

²⁰⁴ KOLTSIDA, Aikaterini. *op. cit.* p. 1.

planejadas ainda na Antiguidade, como aquelas edificadas durante o Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.). Destacam-se para essa análise as cidades de Deir el-Medina e Tell el-Amarna, esta última especialmente bem documentada por relatórios de escavações mais recentes.

Conforme pode ser observado na análise da arquitetura residencial de Kahun efetuada segundo métodos propostos pela Arqueologia da arquitetura, os ambientes de uma casa possuem diferentes níveis de opacidade em relação ao exterior, e isso determina de certa maneira o seu uso “público”, “privado”, ou como espaço “de serviço”. Os vestígios arqueológicos encontrados em cada um dos ambientes, então, auxiliam para essa determinação, e podem dar pistas sobre sua multifuncionalidade, em alguns casos, ou seu uso único, em outros.

No caso das casas de Kahun, a organização interna dos cômodos foi pré-estabelecida. O arquiteto que os projetou fez uso de números redondos de cúbitos, e o *design* das casas seguia um plano repetitivo em cada seção da cidade, que foi cuidadosamente construída para atender especificidades oficiais. Em alguns casos, contudo, o plano pré-estabelecido foi alterado, como é evidente para as casas grandes ao sul. Infelizmente, mesmo possuindo essas informações, não temos em mãos os desenhos originais, onde o uso de cada um dos ambientes deveria estar por certo identificado. Faz-se necessário, assim, que partamos para a pesquisa por meio de outras fontes.

Uma destas fontes são os modelos de Meketre, que foram confeccionados durante a XI Dinastia e mostram a realização de várias atividades. Os cenários que mostram as diversas tarefas cotidianas sendo desenvolvidas podem nos auxiliar para o entendimento do uso dos espaços na arquitetura residencial egípcia, assim como a organização espacial de uma casa grande pode ajudar a entendê-los como um conjunto. Um desses modelos representa um celeiro, onde funcionários esvaziam sacos de grãos e escribas anotam as quantidades depositadas. Espaços presentes nas casas grandes, agrupados em número de seis ou nove, se assemelham à organização espacial mostrada na maquete, e é possível que essas áreas fossem utilizadas para o armazenamento de grãos. Não há registros, contudo, de que cereais tenham sido encontrados nesses espaços, mas Petrie afirma que foram utilizados como celeiros. Os espaços destinados à panificação e à fabricação da cerveja ficavam próximos um ao outro, e possivelmente também em proximidade com os celeiros.



Figura 15: O celeiro de Meketre. Referência: The Metropolitan Museum of Art. Disponível em: http://www.metmuseum.org/toah/ho/03/afe/ho_20.3.11.htm Acesso em: 20jun08.

Em seus relatórios, Petrie não registrou em nenhum momento a presença de biofatos, ou vestígios de produtos de origem animal ou vegetal não transformados pelo homem, nos cômodos escavados. Esse registro facilitaria a localização de cozinhas e ambientes que eram usados para o armazenamento de alimentos, e também delimitaria o seu uso. Há, contudo, estudos realizados em outros assentamentos urbanos do Egito antigo que mostram que as cozinhas, em casas grandes ou pequenas, geralmente estavam localizadas em áreas não cobertas nos cômodos mais internos das casas, ou fora delas²⁰⁵. Já os celeiros geralmente ocupavam a área externa, possibilidade esta inexistente em Kahun devido à delimitação da cidade por um muro. Nesse caso, a opção foi feita pela inclusão no interior da residência de espaços destinados ao armazenamento de alimentos. Petrie afirma que nas casas pequenas havia celeiros junto à cozinha, geralmente aos pares.

A capacidade de armazenamento desses celeiros está diretamente relacionada com a população da cidade em números, conforme mostram estudos realizados por pesquisadores em diferentes contextos. Todd Whitelaw explica que esta estimativa pode ser feita considerando a exigência individual média de subsistência²⁰⁶, ou seja, a ração anual necessária para a sobrevivência de um indivíduo adulto. No caso do trigo esta ração é de 300

²⁰⁵ *Ibidem*. p. 138.

²⁰⁶ WHITELAW, Todd. O assentamento de Fournou Korifi (Myrtos) e alguns aspectos da organização social do Minoano Antigo. Tradução de Ciro Flamarion Cardoso. Texto cedido pelo tradutor.

litros, para o azeite de oliva varia entre 15 e 50 litros, e para o vinho de 40 a 60 litros²⁰⁷ (o caso estudado por Whitelaw é o de um assentamento micênico, por isso a presença de vinho e azeite de oliva na ração anual média). Por meio desses cálculos, Barry Kemp conseguiu estimar um número para Kahun, aproximadamente cinco mil pessoas, mas que poderia chegar a nove mil²⁰⁸. Uma população estimada em cinco mil habitantes é também apontada por Eric Uphill²⁰⁹.

Outro método utilizado por Whitelaw para a estimativa populacional é uma análise por meio da área coberta existente na cidade. Aqui, o autor utiliza um número estimado a partir de uma área de habitação provida de teto de 10 metros quadrados por pessoa²¹⁰. Estes cálculos, para Kahun, resultam em uma população de três mil habitantes²¹¹. A correlação entre a área total da casa e o número de pessoas vivendo nela, no entanto, não é sempre determinante. Em alguns casos, o tamanho da casa está relacionado com o *status* do proprietário, e não há razão para pensar que em uma casa grande vivessem necessariamente mais pessoas que em uma casa pequena.

Um dos objetivos da Arqueologia do Espaço, conforme comentado anteriormente, é tentar relacionar objetos da cultura material ao seu uso. Assim, por meio dos artefatos, várias situações podem ser imaginadas no intuito de recriar o ambiente no qual viviam os habitantes de Kahun na antiguidade. Petrie descreve os artefatos encontrados em Kahun quanto ao material, técnica de produção e uso provável, mas não os localiza espacialmente no ambiente doméstico.

A produção da cerâmica era uma atividade que exigia um grande esforço. Logo ao amanhecer, adultos que se dedicavam ao ofício de ceramistas e crianças se dirigiam às margens dos canais de irrigação para recolher a argila necessária para a confecção de vasos e recipientes de uso doméstico e funerário. Um homem se inclina à margem do canal e retira a argila, que carrega para baixo de uma árvore. Próximo dali, uma criança observa atentamente o pai, que confecciona, com a ajuda do torno, um grande vaso para o armazenamento de água, semelhante àqueles que, uma vez quebrados, foram descartados e encontrados nos montes de lixo no entorno da cidade. Mais ao longe podemos imaginar um adolescente empenhando-se na produção de uma espécie de gaiola, empregando o mesmo tipo de material. Esta peça seria extremamente útil para ajudá-lo na coleta dos ovos de pata que certamente fariam parte da

²⁰⁷ *Ibidem*. p. 51, nota 7.

²⁰⁸ KEMP, Barry J. *op. cit.* 1996, p. 196.

²⁰⁹ UPHILL, Eric. *op. cit.* p. 33.

²¹⁰ WHITELOW, Todd. *op. cit.* p. 51, nota 6.

²¹¹ KEMP, Barry J. *op. cit.* 1996, p. 198.

alimentação de seus irmãos menores, ou mesmo para carregar pequenos animais para fora da cidade.

Grande parte da cerâmica encontrada em Kahun estava em um monte de resíduos da XII Dinastia na área norte da cidade, mas fora de seus muros. Quanto a estes depósitos de lixo, é importante informar que, mesmo antes da desocupação total da cidade após sua primeira fase de ocupação, algumas casas foram abandonadas. Estas foram usadas como depósitos de lixo pela população ainda residente, que depositava nelas, principalmente, cacos de cerâmica e objetos confeccionados neste material que não serviam mais para o uso.

Foi justamente em um destes montes de lixo que foi encontrada a gaiola utilizada para carregar ovos ou animais vivos, anteriormente mencionada. Ela estava quebrada, e havia sido depositada no monte de resíduos ao norte da cidade. A observação atenta do artefato mostrou que ele havia sido quebrado na alça e reparado, antes de seu último descarte. Exemplares de cerâmica doméstica, tais como recipientes para alimentos secos e jarros para filtrar a água, também foram encontrados. No que se refere à cerâmica ritual, foram escavados recipientes para oferendas e objetos em forma de alimentos e de animais, que tinham como função servirem como oferendas. Foram encontrados também artefatos em cerâmica vitrificada, dentre os quais se destacam pratos decorados, um vaso encontrado em uma das passagens das casas grandes ao sul, uma parte de uma boneca em faiança azul, e várias contas para a confecção de colares.




Figura 16: Parte de uma boneca em faiança encontrada em Kahun. Referência: Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em: <http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 20out08.

Ao mesmo tempo em que podemos imaginar adultos e crianças de origem claramente egípcia deixando o assentamento urbano para desempenharem a tarefa de coletar argila e confeccionar a cerâmica, um grupo de origem estrangeira residente no mesmo local os

acompanhava de perto. Embaixo de uma árvore, tais imigrantes, provenientes de algum lugar do Egeu, tentam recriar os estilos e motivos de sua terra natal e, atingido o intento, fazem marcas sobre as peças acabadas, que representam muitas vezes seus próprios nomes escritos em sua língua materna.

Petrie deu um grande destaque à descoberta de um tipo de cerâmica encontrada em grande quantidade em Kahun, que, segundo suas pesquisas, era proveniente das ilhas do mar Egeu. A chamada “cerâmica do Egeu” não é necessariamente proveniente dessa região – provou-se, posteriormente, que algumas peças encontradas por Petrie em Kahun foram confeccionadas no Egito, imitando o estilo do Egeu – mas grande parte das peças encontradas na cidade tem essa proveniência. Isso pode ser comprovado por meio da análise do material com o qual foram confeccionadas – uma argila com composição diferente daquela encontrada no Egito – e pelos padrões decorativos presentes nas peças. Todos os exemplares foram encontrados no monte de resíduos da XII Dinastia, e estão relacionadas ao período Minoano Médio pela cronologia cretense.

A presença entre os artefatos resgatados em Kahun de grande quantidade de cerâmica do Egeu, bem como de pesos e medidas provenientes da Fenícia e da Ásia menor, incentivou Petrie a discorrer sobre a presença de estrangeiros morando na cidade. A discussão, no entanto, parte do pressuposto de que a presença de materiais estrangeiros corresponde necessariamente à presença de pessoas da mesma proveniência do material vivendo naquele local. Essa assertiva, porém, não é comprovada arqueologicamente no caso de Kahun. Os papiros encontrados na cidade comprovam que existiam estrangeiros morando no assentamento urbano, sobretudo asiáticos (em egípcio, , *3mw*), mas em pequena quantidade, o que não sustenta a hipótese de Petrie. Em um dos papiros legais, por exemplo, há uma lista de servos, sendo quatro asiáticos, duas mulheres e duas crianças, que estão sendo transmitidos por herança, de um irmão para outro. Parte da cerâmica do Egeu provavelmente chegou à cidade por meio do comércio, já que este aparece também em documentos egeus, e a presença de pesos e medidas diferentes daqueles utilizados pelos egípcios também pode refletir contatos comerciais.

Nas cercanias da cidade de Kahun a matéria prima para a elaboração de peças de cerâmica era abundante, mas esta realidade não era válida para todos os materiais. Homens eram necessários para a extração e transporte das rochas que serviriam para o trabalho dos artesãos. Sob as ordens dos administradores, a pedra era preparada para ser enviada às oficinas. Sob o calor escaldante do sol e a hostilidade de animais peçonhentos que se

esgueiravam pelas fendas abertas ao longo das semanas, os trabalhadores retiravam os blocos. Por vezes, estes homens eram favorecidos por uma extração mais próxima, pois a rocha também poderia ser retirada da necrópole, onde a escavação dos túneis deixava blocos de tamanhos variados que eram, por vezes, descartados. Um desses homens havia deixado em sua casa a esposa grávida, e aproveitou para guardar um pedaço da alvíssima rocha calcária a fim de que pudesse confeccionar uma estatueta de Taueret, para proteger sua mulher e a criança na hora do parto. Com a pedra em mãos, senta em frente a sua casa onde, munido de instrumentos como um formão e um malho, inicia sua labuta.

A pedra também aparece como o material de confecção de diversos objetos decorativos. Algumas dessas peças são curiosas, como uma estatueta de um anão que carrega um prato sobre a cabeça, e outra, onde um anão aparece ao centro de uma estrutura retangular. Estes artefatos podem estar relacionados à proteção da mãe e da criança no momento do nascimento, e serão discutidas posteriormente. Há também um torso de uma menina em estilo bem naturalístico, uma estatueta bastante colorida de uma menina tocando harpa, uma estatueta de Taueret, e outra de um homem sentado com as pernas cruzadas.



Figura 17: Torso de menina encontrado em Kahun. Referência: Manchester University Museum. Disponível em: <http://emu.man.ac.uk/webmmtest/pages/common/imagdisplay.php?irn=29577&refable=ecatalogue&refirm=103787> Acesso em: 10out08.

Ao lado da casa na qual o proprietário confeccionava o pequeno ídolo da deusa do parto, ouvia-se o barulho de serras e de enxós. Lá estavam artesãos especializados no trabalho da madeira reunidos em seu ofício. Um deles, completamente calvo e de dedos hábeis, se esforçava para entregar suas encomendas. Munido de ferramentas simples, como um formão

especial para o trabalho na madeira e de um malho, confeccionava dois pequenos animais que foram pedidos por um sacerdote, e que iriam decorar uma peça confeccionada em esteatita que ele guardava desde o nascimento de sua primeira filha. Um crocodilo e um leão haviam se perdido, e seriam necessários para que o “bastão do nascimento” que fora utilizado durante a primeira infância de sua menina pudesse proteger agora o filho que estava para chegar.

Tais esculturas, finamente trabalhadas, não foram as únicas encontradas durante as escavações. Duas cabeças de falcão, sendo uma de madeira e uma de bronze, e uma tigela de madeira decorada com cabeças de carneiro. Em faiança, havia uma estrela e uma libélula com vitrificação azul, e duas pequenas peças com vitrificação verde. Os locais onde foram encontradas as peças, no entanto, não nos são informados.

Outro objeto foi encontrado em um enterramento, mas sua localização – se no cemitério do entorno ou sob o piso de uma das casas – não foi relatada. Trata-se de um macaco esculpido em marfim, datado do reinado de Amenemhat II por meio de um cilindro encontrado junto a ele. Muitos cilindros, sobretudo da XII Dinastia, foram encontrados na cidade. A associação entre os objetos faz pensar em um dos enterramentos infantis realizados em caixas de madeira sob o piso das casas, também relatados por Petrie, e que serão discutidos posteriormente. Nestes, os bebês eram enterrados em caixas de madeira, com objetos como contas e amuletos, e com escaravelhos ou cilindros com os nomes dos faraós que reinavam quando da sua morte.

No outro extremo do bairro de pequenas casas a oeste da cidade, uma mulher observava sua filha, que se esforçava para fazer o fogo que serviria para assar um peixe que o irmão mais velho havia pescado pela manhã. Munida de uma espécie de pua, a menina girava o instrumento, com a ajuda de uma corda, sobre uma barra de madeira, que instalara acima de um monte de palha. Ao primeiro sinal de uma faísca, o fogo se acendeu, e um sorriso pôde ser visto no rosto da mãe, orgulhosa pelo feito de sua menina.

Em se tratando de ferramentas e acessórios, Kahun proporcionou aos arqueólogos o conhecimento de alguns artefatos que antes de sua escavação eram conhecidos apenas por meio de pinturas em paredes de tumbas. Dentre estes, destaca-se o equipamento utilizado para produzir o fogo. Este era formado por uma peça em madeira e uma espécie de pua que, ao girar sobre a base, produzia uma faísca. Antes de ser encontrado este exemplar, o modo como os egípcios obtinham o fogo não era conhecido²¹². Peças de madeira utilizadas para o treinamento dos principiantes na arte de produzir o fogo também foram localizadas, o que

²¹² PETRIE, W. M. Flinders. *op. cit.* 1890, p. 29.

mostra que esta era uma atividade desenvolvida no contexto doméstico por pessoas de diferentes categorias sociais.

No outro lado da cidade, em uma das casas próximas ao portão que dava acesso ao assentamento urbano, um senhor sentado em um banco observava um grupo de pessoas que se dirigia para as áreas de cultivo próximas a Kahun. Homens e mulheres seguiam munidos com suas foices e cestas, pois chegara a hora da colheita do trigo e da cevada, que abasteceria os celeiros da cidade até a próxima estação de plantio, que chegaria com uma nova cheia do Nilo. Chegando ao seu destino, aquelas pessoas dividiram-se em dois grupos: um ficou responsável pelo corte das hastes dos cereais e o outro pela coleta e colocação em cestos para o transporte até a cidade. Enquanto os homens faziam o trabalho mais pesado, manipulando com presteza as foices, as mulheres, abaixadas, coletavam as hastes já cortadas e as depositavam separadas em maços nos cestos apropriados. Algumas crianças acompanhavam o trabalho dos pais, e os auxiliavam em suas tarefas. Quando o sol já estava alto no horizonte, o grupo começou seu caminho de retorno à cidade. Os cestos foram colocados de dois em dois nos extremos de cabos de madeira, e cada conjunto foi posicionado nos ombros de um homem, que o levou até os portões do assentamento urbano. Na chegada, um escriba anotava detalhadamente a quantidade de cestos trazidos, e direcionava seus carregadores aos locais onde as hastes deveriam permanecer até o processamento dos grãos, e posterior depósito nos celeiros das casas grandes.

Tarefa cumprida, os agricultores iam para suas casas descansar, pensando já na próxima jornada. Após a cheia, assim que o rio baixasse, eles seguiriam para os campos com suas enxadas de madeira e enxós, e abririam sulcos na terra macia para plantar novas sementes, que germinariam e produziriam alimentos para toda a população de Kahun. Era um ciclo interminável, mas necessário para manter a ordem e evitar a fome generalizada da população.

Alguns exemplares de enxadas de madeira, anteriormente conhecidas apenas por outras fontes, foram encontrados na cidade, associados a enxós e foices, o que demonstra que a atividade agrícola também era praticada pelos moradores, nas áreas ao redor da cidade. Essa atividade era facilitada, possivelmente, pela presença de canais de irrigação instalados nas proximidades, que tornavam as terras férteis e próprias para o plantio dos cereais que faziam parte da alimentação básica dos antigos egípcios: o trigo, essencial para a fabricação do pão branco, e a cevada, ingrediente indispensável para a cerveja.



Figura 18: Enxada de madeira encontrada em Kahun. Referência: Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em: <http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 20out08.

Petrie localizou também raspadores, machados de cabo curto, facas e machadinhas de pedra e formões de cobre, ferramentas estas relacionadas à carpintaria e ao trabalho com o couro. Uma machadinha e uma enxó de cobre foram encontradas juntas em uma cesta, que possivelmente era o lugar onde eram guardadas. Também foram encontrados e identificados alguns ferrolhos de portas, facilmente identificáveis com o hieróglifo que representa a letra “s” (𓂏), e que mostram o uso de portas com duas folhas na cidade. Localizou-se ainda um conjunto de estacas de madeira, e objetos relacionados à pesca, tais como anzóis e pesos para redes.

Com tais ferramentas é possível imaginarmos que em uma das casas que se situam atrás das grandes residências ao leste da cidade, um carpinteiro tinha como especialidade a confecção de portas e ferrolhos. Enquanto trabalhava em uma fechadura para uma porta dupla, observava ao longe um grupo de meninos que se dirigia, com suas redes e anzóis, para o lago Moeris, quem sabe com a intenção de complementar a alimentação diária, geralmente composta por pães e cerveja. Seguiam rindo e, no caminho, um grupo de crianças pequenas pediu que eles lhes trouxessem um pouco de argila para a confecção de pequenos animais para o seu divertimento.

Em uma casa pequena, localizada próxima ao muro oeste da cidade, na parte destinada aos artesãos, uma mulher acabava de tecer uma bela peça em linho, que usaria para proteger a

sua cama. Chegando ao quarto, ela depositou a peça sobre seu leito e se sentou em um banco baixo. Munida com um pente, começou pacientemente a pentear os cabelos, enquanto sua imagem serena era refletida pelo espelho. Em seguida, abriu uma pequena caixa e tomou o diminuto frasco de alabastro translúcido que ali se encontrava guardado. Com o aplicador, retirou de seu interior o negro kohl, que foi então levado as suas pálpebras. Tal maquiagem a protegeria contra a forte luminosidade que tomava conta das áreas externas de sua residência.

A esta dama anônima e a algum membro de sua família pertenceria o grupo de objetos mais numeroso localizado por Petrie em Kahun. Tais artefatos foram localizados em uma das casas de trabalhadores da porção oeste da cidade, e os objetos que o formam pertencem à XII ou à XIII Dinastia. O grupo é formado por um espelho de metal amarelo, com um cabo de madeira escura com a face da deusa Háthor esculpida; uma torquês de cobre; uma colher de madeira com o cabo decorado; sete vasos de alabastro; um vaso de pasta verde; uma faca de pedra; sete lascas de pedra em uma bolsa; uma peça de madeira de uso desconhecido; uma agulha de cobre; uma faca de pedra quebrada; uma faca de cobre; dois pequenos formões de cobre com cabos de madeira; uma agulha de cobre com apoio para a mão; duas agulhas de cobre sem suporte para as mãos; e uma pequena caixa de madeira. A única informação que temos sobre a localização desse grupo é que a parte de metal do espelho e uma faca grande estavam em um aposento, e os demais objetos em outro. Como alguns desses objetos estão relacionados à maquiagem – como o espelho e os vasos de alabastro, que poderiam conter cosméticos, o ambiente onde foram encontrados possivelmente fosse um quarto de dormir, já que estes objetos eram geralmente guardados nesses locais.

Enquanto a mulher se preparava para a chegada do marido, este trabalhava em seu ateliê na produção de pequenos escaravinhos com o nome do faraó que governava as Duas Terras naquele momento: Amenemhat III. Estes amuletos eram sempre solicitados pelos moradores da cidade, que os utilizavam como selos em suas correspondências e em documentos. Outros motivos também eram inscritos nestes amuletos, quando seu uso seria lacrar vasos e recipientes com uma marca do proprietário, mas as encomendas destes últimos eram poucas naquele momento. Olhando para o lado, visualizou as ostracas que continham outros pedidos: inscrições em estelas funerárias e estelas, o projeto para uma porta-falsa. Os próximos dias seriam de muito trabalho para o artesão.

Muitos escaravinhos e selos de argila foram recuperados durante as escavações. Estes, porém, não estavam relacionados a nenhuma comemoração especial, e puderam ser datados pelos nomes de reis que neles apareciam. Os selos de argila eram utilizados para lacrar caixas, vasos e bolsas com a marca de seus proprietários, e continham motivos que os relacionaram

ao Reino Médio, como as volutas, que tinham uma configuração diferente dependendo da pessoa que o utilizaria.

Quanto a inscrições em outros suportes, muitas foram encontradas na cidade. Entre elas, havia uma grande estela da XII Dinastia, que fazia parte de uma tumba que foi reocupada na XXII Dinastia. Pertencia a um sacerdote (Senusret-ankh-tef-pen), e foi dedicada a Toth e Sokar-Osiris. A segunda grande inscrição está em uma estátua de basalto negro pertencente a Sa-Sobek. Esta foi encontrada em um dos cômodos na segunda casa grande ao norte. Havia mais peças com inscrições, mas aqui elas serão apenas enumeradas: uma figura sentada com as pernas cruzadas, identificada como Antef-aker; um tablete de calcário com o nome de Meri-ankh; uma estela pertencente a As (filho de Hotep); uma pequena estela pintada que identifica Hekekuti; uma pequena estátua em basalto verde, de Apser; entre outras. Grande parte dos objetos que continham inscrições faziam parte de um contexto funerário, e é possível que, ao serem encontrados nas casas da cidade, tenham sido removidos de seu local original e nelas depositados.

Em Kahun foram resgatados ainda muitos papiros, alguns dos quais localizados em uma das casas da cidade, e outros, no templo. Os assuntos tratados nesses documentos são bastante variados. Aqueles encontrados na cidade contêm inscrições relacionadas à medicina, à administração, a casos jurídicos ou à troca de correspondências, enquanto que aqueles que se situavam no templo tratam de temas como as funções realizadas no templo e listas de pessoas relacionadas a esses trabalhos, bem como encomendas de estátuas e outros bens para os festivais. Os papiros foram separados e restaurados, após o que uma parte deles foi traduzida e publicada por Francis Llewellyn Griffith²¹³. Sua publicação, no entanto, não é completa e alguns dos papiros de Kahun permanecem inéditos, especialmente os que fazem parte do acervo do Museu de Berlim, e datam do reinado de Amenemhat III. Esses documentos serão discutidos posteriormente, quando serão utilizados para a definição do “público” e do “privado” a partir das fontes textuais. A caligrafia presente nos papiros indica que vários escribas empregados no templo assumiam a função de redigir os textos, alguns mais experientes e com um conhecimento melhor da escrita, e outros ainda aprendizes, e que cometiam erros de grafia que não eram corrigidos devido à urgência na redação dos documentos.

Este era o caso naquela manhã. Os escribas perceberam a tempo que teriam que trabalhar rápido. Os sacerdotes do templo funerário de Senusret II, o fundador da cidade,

²¹³ GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898.

estavam atentos ao calendário, e precisavam providenciar as estátuas para o festival em homenagem ao faraó morto, que seria realizado dentro de poucos dias. Rápidos, os escribas pegaram algumas folhas já prontas e correram em direção ao templo, para anotar as solicitações. Sentaram-se com as pernas cruzadas e posicionaram suas paletas e pranchetas de maneira a conseguir um melhor rendimento na escrita. Os pedidos feitos pelos sacerdotes eram tantos que seriam necessários todos os artesãos da cidade para dar conta de tudo: duas estátuas do rei, uma com a coroa do Alto Egito e a outra com a coroa do Baixo Egito, ambas sentadas em um trono com encosto alto; uma estátua de sua esposa real, a rainha Nofret, que deveria ser esculpida em basalto negro; fora as pequenas estatuetas de deuses que fariam parte do ritual, alimentos, tecidos,... Os escribas teriam um dia cheio.

No final do dia um grupo de pessoas passou pelas ruas da cidade gritando e se cobrindo com a poeira do chão. Uma mulher havia morrido durante o parto, assim como a criança que esperava. As duas pertenciam a uma família de artesãos, e os rituais funerários da mãe seguiram dentro dos padrões esperados para indivíduos de níveis sociais menos elevados: uma tumba foi escavada na rocha, na necrópole próxima ao muro norte da cidade, a uma pequena profundidade, e seu corpo foi depositado no túmulo, coberto por uma esteira e acompanhado por recipientes de cerâmica que seriam necessários no outro mundo. Já a criança, que morrera sem ser integrada à sociedade, foi colocada em uma caixa de madeira, e teve como enxoval funerário um pequeno macaco esculpido em marfim e um escaravelho com o nome do faraó reinante. A caixa foi depositada sob o piso da casa, conforme o costume para os enterramentos de crianças natimortas ou que morreram antes de completar doze meses de idade.

Petrie relatou o seu espanto ao encontrar este tipo de enterramento infantil em caixas de madeira, anteriormente utilizadas com outros propósitos, sob os pisos de diversas casas²¹⁴. Algumas caixas continham dois ou três bebês, que morreram com poucos meses, a julgar pelo tamanho dos crânios²¹⁵. Junto a eles, geralmente havia escaravelhos ou cilindros com nomes de reis, por meio dos quais foi possível a sua datação. Rosalie David afirma que este não era um costume egípcio, e que foi introduzido em Kahun por estrangeiros, já que era um hábito aceitável na Mesopotâmia em certos períodos²¹⁶. Já Lynn Meskell não discute a origem da prática, mas a situa também em outras localidades no Egito antigo, como Qasr Ibrim e Deir

²¹⁴ DAVID, Rosalie. *op. cit.* p. 112 e 137.

²¹⁵ PETRIE, W. M. Flinders. *op. cit.* 1890, p. 24.

²¹⁶ DAVID, Rosalie. *op. cit.* p. 137.

el-Medina²¹⁷. Geraldine Pinch relata a continuidade desse costume no Egito atual, discorrendo sobre mulheres camponesas que perderam seus filhos muito pequenos e os enterraram sob o piso ou nas paredes de suas casas, na esperança de que o espírito da criança pudesse voltar para o corpo da mãe, e que esta pudesse conceber novamente²¹⁸.

Há também relatos sobre grupos de objetos encontrados em algumas casas, e que relacionam as mesmas à profissão exercida pelo proprietário. Um desses casos é o de uma oficina de fabricação de bonecas, que se supôs existir em função da grande quantidade de cabelos feitos de contas que foram encontrados em seus aposentos²¹⁹. Outro, diz respeito a uma oficina de moldagem de metais, onde foram encontrados alguns exemplares de ferramentas em metal e também cinco moldes utilizados para a sua produção²²⁰.

Um grupo de objetos de uma ocupação posterior, pertencentes ao reinado de Amenhotep III (c. 1391-1353 a.C.), foi encontrado dividido entre uma das casas de trabalhadores na porção oeste da cidade e em uma das casas grandes ao norte. Devido ao acúmulo de lixo em algumas das casas após a primeira ocupação, é possível que poucos lugares da cidade tenham sido novamente habitados, em outras épocas, e isso é demonstrado pelos locais onde artefatos de ocupações posteriores foram encontrados.

Estes são, contudo, os únicos dados a que temos acesso. Sabemos que tipos de objetos foram encontrados, mas não a sua localização no interior das residências. Resta-nos, então, partir para analogias entre as casas de Kahun e aquelas de outras localidades egípcias mais bem documentadas arqueologicamente, ou estudadas de maneira mais profunda por pesquisadores relacionados à Arqueologia do Espaço.

Uma dessas cidades é Deir el-Medina, que foi construída durante o Reino Novo para abrigar os construtores das tumbas reais no Vale dos Reis. As casas onde moravam estes trabalhadores eram formadas por três partes, que compreendiam uma sala da frente, uma sala de estar, e cômodos separados para a cozinha e o quarto. O primeiro cômodo era a sala da frente, onde diversas atividades eram desenvolvidas durante o dia, como a fiação e a tecelagem, por exemplo. Em algumas casas, foram localizados nesse ambiente locais para a criação de animais domésticos, diferenciados em relação ao restante da sala por meio do uso de materiais diversos para o piso²²¹. Este era o ambiente mais “público” da casa, em função não apenas da sua proximidade com o exterior, mas das atividades que ali se desenvolviam.

²¹⁷ MESKELL, L. *Archaeologies of social life*. Oxford: Blackwell, 1999. p. 159.

²¹⁸ PINCH, Geraldine. *Magic in ancient Egypt*. London: The British Museum Press, 2006. p. 132.

²¹⁹ PETRIE, W. M. Flinders. *op. cit.* 1890, p. 30.

²²⁰ *Ibidem.* p. 29.

²²¹ KOLTSIDA, Aikaterini. *op. cit.* p. 20.

O segundo ambiente era a sala de estar, que diferia da anterior por ter um mobiliário formado basicamente por esteiras que eram utilizadas para sentar ou para acomodar bancos de diversos formatos. O ambiente era em geral visto como “público”, mas à noite se tornava um espaço para dormir, visto que as casas possuíam apenas um quarto²²². Era, assim, um cômodo multifuncional por natureza, já que, ao mesmo tempo em que nele se desenvolviam atividades diversas durante o dia, à noite sua função era relacionada ao descanso dos moradores. A partir de mudanças efetuadas pelos habitantes ao longo do tempo, este espaço foi se tornando cada vez menos multifuncional, já que a possível existência de um quarto no pavimento superior – que se acredita que existia por causa da instalação de escadas em muitas das casas – tornou este ambiente uma sala de estar no sentido que a entendemos atualmente.

Os outros espaços dessa divisão eram a cozinha e o quarto. Com relação ao ambiente que era utilizado como cozinha, não há dúvidas sobre seu uso. Este se localizava em geral nos fundos da casa ou, quando o espaço da cidade permitia, fora dela²²³. Para o arqueólogo, é o ambiente mais facilmente identificável, já que contém restos de fornos, cinzas, e, muitas vezes, ferramentas como os almofarizes, utilizados para a moagem de grãos. Já os quartos são identificados por meio de uma leve elevação em um dos cantos, que era usada como cama. Por ser um ambiente mais “privado”, geralmente era nele que as pessoas guardavam os seus bens mais preciosos, como jóias e outros itens considerados de maior valor pelos seus possuidores²²⁴.

Este é o caso que pode ser tomado como exemplo para a definição de uso dos espaços para as casas pequenas de Kahun. Petrie não relata, em seu diário de escavação, a presença de restos de fornos ou de cinzas em um local, ou de uma elevação em um dos cantos de outro, ou a presença de esteiras num terceiro, mas a organização tripartite dos ambientes era uma lógica invariável para as residências do antigo Egito²²⁵. Dessa maneira, os espaços podem ser relacionados entre si, e o uso de cada um deles pode ser retirado dessa comparação. Nas casas pequenas de Kahun podemos identificar, então, um ambiente que era utilizado para as atividades diárias, outro que tinha suas funções variáveis entre trabalhar e dormir, um que tinha o cozimento como função específica, e outro que tinha um uso mais “privado”, funcionando como um local para dormir. Devemos sempre levar em consideração, contudo,

²²² *Ibidem.* p. 137.

²²³ *Ibidem.* p. 138.

²²⁴ *Ibidem.* p. 138.

²²⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. *op. cit.* 2003, p. 79.

que, com exceção da cozinha, todos os espaços dessas casas eram multifuncionais, sendo utilizados para diversos fins em diferentes horas do dia.

O caso das casas grandes é um pouco distinto em relação às casas pequenas. Nas mansões, a parte da frente compreendia diversos ambientes, e o acesso aos cômodos mais internos era dificultado pelo caminho que deveria ser percorrido para alcançá-los. Assim como acontece com as residências dos nobres de Tell el-Amarna, as de Kahun possuíam espaços específicos para cada atividade, conforme foi anteriormente demonstrado por meio da análise do modelo de celeiro de Meketre. Ao entender as miniaturas de sua tumba como um conjunto, podemos perceber que, lado a lado, elas formam uma casa semelhante às casas grandes de Kahun e Tell el-Amarna, e mostram, em sua maioria, as atividades desenvolvidas nos espaços “de serviço” dessas moradias.

Dentre estas atividades, temos a panificação e a fabricação de cerveja, que a análise dos modelos mostra que eram realizadas em um mesmo cômodo ou em ambientes contíguos. Por serem atividades que geravam resíduos, é possível que os espaços onde se desenvolvessem fossem abertos, especialmente quando não se localizavam fora das casas. O modelo de Meketre mostra que diversas pessoas eram empregadas nessa atividade, e podemos inferir desse exame que o ambiente onde se desenvolviam deveria ter um tamanho considerável. A fiação e a tecelagem, pelo contrário, eram atividades mais “limpas”, e os espaços onde se realizavam poderia ser fechados, mas deveriam também ser bastante amplos, já que durante o Reino Médio se utilizava no Egito o tear horizontal, que ocupa mais espaço que o tear vertical, adotado após a época dos hicsos.

A privacidade maior de alguns cômodos também é significativa para as casas grandes. Os espaços “privados”, ou reservados para o uso exclusivo do proprietário e de sua família, são diferenciados em relação àqueles das casas pequenas especialmente em função do acesso. Nas residências de trabalhadores, apenas dois cômodos – considerando uma divisão tripartite – separam a rua dos ambientes mais internos. Já nas casas dos nobres há muitas salas que devem ser atravessadas antes de se chegar aos ambientes mais privados.

Há uma diferenciação também em relação a lugares para o lazer e o descanso dentro da propriedade. O modelo de casa de Meketre mostra a existência de um jardim com árvores frutíferas cercado um lago, que era utilizado pelas pessoas da casa para se refrescarem durante os dias mais quentes. Essa era uma comodidade que não estava presente nas casas menores, que tinham no máximo um pequeno tanque em um dos cômodos – conforme descrito por Petrie – para o banho diário.

Levando em consideração essas diferenças, é possível perceber que a noção de “público” e “privado” é distinta quando se trata de categorias sociais desiguais. Enquanto nas casas grandes temos espaços reservados para cada atividade – conforme demonstrado pela análise dos modelos de Meketre – para a convivência familiar, e para os interesses comerciais do proprietário, nas casas pequenas os espaços são utilizados para diferentes fins, nas diversas horas do dia, conforme pode ser verificado pela comparação com as casas de Deir el-Medina. Esse fato demonstra que o uso dos espaços era diferenciado quando se tratava das pessoas da “elite” e da “não-elite” que coabitavam a cidade de Kahun.

3. DO NASCIMENTO À MORTE: UM OLHAR SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO NA ARTE DO REINO MÉDIO

Regida por regras específicas, ou cânones, a arte no antigo Egito era produzida para fins também específicos²²⁶. Criar uma imagem, no senso comum, era dar-lhe vida. Assim, a imagem feminina, por exemplo, era caracterizada por uma eterna “beleza da juventude”. Apesar de que a principal função das mulheres, na idade adulta, era a de gerar filhos, elas eram preferencialmente representadas com a cintura fina, e sem sinais aparentes de gravidez ou envelhecimento, embora existam também tais representações²²⁷.

Partindo deste pressuposto, para um melhor entendimento das representações egípcias é importante conhecermos as regras básicas que caracterizavam a arte. Trataremos, no entanto, apenas da arte oficial, já que esta deixou mais vestígios em função dos materiais que eram empregados, mais duráveis que aqueles utilizados para a arte considerada popular, cujos traços eram mais livres.

Em primeiro lugar, a importância social de um indivíduo na arte canônica é marcada pelo seu tamanho em relação às outras pessoas representadas no monumento²²⁸. O

²²⁶CARDOSO, C. F. A arte egípcia: um estudo de suas características fundamentais. Texto cedido pelo autor. p. 6.

²²⁷ROBINS, Gay. *Reflections of Women in the New Kingdom: ancient Egyptian art from the British Museum*. San Antonio: Van Siclen Books, 1995. p. 5.

²²⁸CARDOSO, C. F. A arte canônica egípcia: regras básicas para os desenhos e relevos. Texto cedido pelo autor. p. 3.

proprietário de uma tumba, por exemplo, quando está em pé, geralmente é mostrado em um tamanho maior que seus familiares e servidores. Quando aparece do mesmo tamanho, sempre há algum aspecto que o diferencia, como o fato de estar sentado numa cadeira e as outras personagens estarem sentadas, agachadas ou ajoelhadas no chão. Na arte privada, são raras as representações em que o chefe da família aparece nas mesmas proporções dos outros indivíduos, o que denotaria a mesma importância social entre todas as personagens representadas.

Outro aspecto importante da arte egípcia é a opção por evitar o uso da perspectiva²²⁹. Assumindo que a imagem é o que ela representa, nenhuma parte do que está sendo mostrado poderia ser encoberta por outra imagem, tal como acontece com as cenas em perspectiva. Para evitar tal fato, objetos e pessoas eram deslocados para posições em que aparecessem em sua totalidade. Numa cena em que são mostrados dois personagens, por exemplo marido e esposa, o fato de um aparecer atrás do outro geralmente remete a esta característica, já que, sendo representados lado a lado, um deles necessariamente ficaria encoberto pelo outro.

A representação humana também estava intimamente relacionada a este aspecto. O rosto é melhor visto e entendido de perfil, e assim ele é reproduzido. Os olhos e a boca aparecem melhor quando os vemos de frente e, no perfil do rosto, um olho e metade de uma boca aparecem de frente. Os ombros são mostrados de frente, enquanto o tórax, assim como o seio feminino, é representado de perfil. O ventre e os quadris são reproduzidos em três quartos, para que o umbigo possa ser adicionado à imagem. Por fim, as pernas e os pés são expostos de perfil²³⁰.

A partir do II Milênio a.C., tornou-se comum usar um quadriculado para a construção das imagens. Este auxiliava para que as proporções fossem melhor estabelecidas, e para que houvesse um padrão na representação das imagens. Esta característica só pôde ser percebida em função da existência de obras de arte que ficaram inacabadas, pois, assim que estas eram completadas, as linhas eram imediatamente apagadas²³¹.

Os artesãos tomavam um grande cuidado em diferenciar as imagens, e por isso existiam regras de representação para cada um dos gêneros²³². Quando os desenhos eram coloridos, as mulheres, por exemplo, eram representadas com uma cor mais clara, evidenciando o fato de que as mulheres da elite ficavam a maior parte do tempo em ambientes

²²⁹ *Ibidem*. p. 2.

²³⁰ *Ibidem*. p. 7.

²³¹ *Ibidem*. p. 7.

²³² ROBINS, G. *op. cit.* 1995, p. 5.

fechados e, portanto, longe do sol. As proporções dos corpos também são diferentes, tendo as mulheres ombros e cintura mais estreitos, e altura menor que a dos homens, quando representadas ocupando uma mesma posição social. Roupas e cabelos também variavam de acordo com o gênero.

Por último, há uma estreita unidade entre a arte e a escrita²³³. Sendo a escrita egípcia basicamente formada por imagens, os artistas poderiam utilizar uma figura como parte de um texto, ou transmitir uma mensagem por meio de uma imagem, que poderia então ser “lida” como um hieróglifo. Este é o caso dos gestos e ações, e que será discutido em mais detalhes posteriormente.

Segundo o egiptólogo Richard Wilkinson, devemos levar em consideração, ainda, que a maioria do que hoje nós consideramos “obras de arte” não o eram para os antigos egípcios. Poucas de suas obras podem ser consideradas “arte pela arte”, pois se destinavam a um fim específico e não simplesmente ao prazer visual daqueles que as apreciavam²³⁴. A arte egípcia estava repleta de simbolismo e magia, por isso, segundo o autor:

Para entender as dimensões simbólicas da arte egípcia, então, nós precisamos aprender a olhá-la como os egípcios o faziam. Nós não podemos nunca estar em uma posição de compreender ou de replicar completamente esta experiência, mas com prática nós podemos vir a reconhecer muitos dos símbolos encontrados na pintura, na escultura e em outros trabalhos de arte egípcios, e a maneira como os antigos artistas se utilizavam deles²³⁵.

Segundo o autor, é necessário também levar em consideração que os símbolos estão sujeitos a mudanças de significado com o tempo e que, numa mesma época, podem representar coisas diferentes em contextos diversos. Uma metodologia empregada para a análise das imagens egípcias, então, deve levar em conta todas estas considerações.

3.1. METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS FONTES ICONOGRÁFICAS

A metodologia utilizada para o estudo da iconografia foi o preenchimento de uma ficha de análise proposta pelo Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso²³⁶. Esta ficha contém elementos que tornam possível a análise morfológica do monumento, proposta por Ulpiano

²³³ CARDOSO, Ciro F. A arte canônica... *op. cit.* p. 4.

²³⁴ WILKINSON, Richard H. *Symbol and magic in Egyptian art*. London: Thames and Hudson, 1999. p. 7.

²³⁵ *Ibidem.* p. 8.

²³⁶ Tal ficha foi utilizada pelo professor Moacir Elias Santos em sua dissertação de mestrado, e foi fornecida por ele para essa análise.

Bezerra de Meneses, bem como a aplicação da metodologia de análise da imagem proposta por Erwin Panofsky.

Ulpiano Bezerra de Meneses propõe que analisemos a iconografia não apenas como imagem, mas também como objeto, ou seja, devemos “materializar o documento”. Esse autor argumenta que devemos utilizar as imagens como *práticas materiais*, e não apenas como ícones. Dessa maneira, parte de uma leitura morfológica da imagem, indo depois para considerações sobre a imagem e seu referente, e sobre a circulação e a importância adquirida pela imagem²³⁷. Esses dados podem ser encontrados na ficha de análise, por exemplo, quando tratamos da procedência da peça e da data aproximada de sua confecção.

Já Erwin Panofsky propõe uma análise em três etapas: pré-iconográfica, iconográfica e iconológica²³⁸. Na etapa pré-iconográfica, Panofsky sugere que seja realizada uma análise pseudoformal da representação, levando em consideração apenas a familiaridade com os objetos e eventos presentes na imagem. Já na segunda etapa, a iconográfica, deve-se levar em consideração a familiaridade com temas e conceitos específicos, a fim de que se faça uma análise iconográfica do objeto de estudo. A terceira etapa é a análise iconológica, na qual são considerados os conhecimentos do pesquisador sobre a civilização específica que confeccionou o objeto, bem como sobre símbolos presentes nessa tradição. Segundo o autor, deve-se conhecer, para a cultura em estudo, as “tendências essenciais da mente humana”²³⁹.

Para uma melhor utilização dos métodos propostos por esses dois autores, contudo, torna-se necessário adaptá-los para a cultura egípcia em geral, e para o tipo de monumento analisado, de forma específica. Assim, adotamos, para a leitura das imagens e dos respectivos gestos presentes em estátuas e estelas funerárias, a metodologia proposta por Richard Wilkinson²⁴⁰, a qual consiste, em linhas gerais, em uma interpretação das figuras a partir da escrita egípcia, bem como de seus aspectos simbólicos. Dessa maneira, as imagens são lidas como se fossem sinais hieroglíficos, e a interpretação pode ser feita a partir dos aspectos simbólicos presentes na figura.

Para o autor, toda representação por mais simples que pareça, contém elementos que facilitam o entendimento direto da mensagem que estaria nela embutida²⁴¹. Wilkinson organizou, então, um conjunto de aspectos que ajudam a entender o significado dos símbolos,

²³⁷ MENESES, Ulpiano B. de. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Revista Tempo*. Niterói, v. 7, n. 14, p. 131-151. jan. 2003. p. 148-151.

²³⁸ PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. p. 64-65.

²³⁹ *Ibidem*. p. 65.

²⁴⁰ WILKINSON, Richard H. *op. cit.* 1999; WILKINSON, Richard H. *Reading Egyptian art. A hieroglyphic guide to ancient Egyptian painting and sculpture*. London: Thames and Hudson, 1996.

²⁴¹ WILKINSON, Richard H. *op. cit.* 1996, p. 9.

por meio da análise da forma, do tamanho, da localização, dos materiais, da cor, do número, dos hieróglifos, das ações e dos gestos presentes na imagem²⁴². Tais elementos, segundo o egiptólogo, devem ser levados em conta quando da análise de qualquer representação.

O simbolismo da forma envolve dois níveis de associação. No primário, a associação é direta, e a forma de um objeto sugere conceitos, idéias e identidades às quais o objeto está diretamente relacionado. No secundário, a associação é indireta, e a forma do objeto sugere uma forma diferente daquela de seu próprio significado²⁴³.

O simbolismo do tamanho está diretamente relacionado ao fato de que as imagens na arte egípcia, seja a representação bi ou tridimensional, raramente reflete uma realidade visual, em função de que os antigos egípcios evitavam usar a perspectiva em seus trabalhos artísticos. Assim, tamanhos maiores na representação humana estão relacionados a posições hierárquicas mais importantes²⁴⁴.

O simbolismo da localização está relacionado com a posição das imagens no monumento, e envolve dois aspectos distintos. A posição na qual se encontra um objeto ou estrutura pode ser *absoluta*, quando está associada à sua localização real, ou *relativa*, quando os elementos que formam a imagem são tratados dentro de um nível mais restrito²⁴⁵.

O simbolismo dos materiais está relacionado à matéria prima com a qual um objeto foi confeccionado, que tem associações diretas com elementos mitológicos e mágicos. Assim, para os egípcios, os materiais mais duráveis, como a pedra e os metais, deveriam ter maior importância simbólica, enquanto outros, como certas madeiras, tinham um significado próprio, que os tornava úteis a determinados contextos²⁴⁶.

O simbolismo das cores estava ligado a um princípio muito importante para os antigos egípcios, que era dar vida ao que estava representado. Empregada como elemento de preenchimento, a cor estava diretamente relacionada a uma afirmativa simbólica. As cores eram um meio importante para adicionar vida e individualidade às imagens, e eram vistas pelos egípcios como parte integrante da natureza e do ser. Cor seria, então, sinônimo de substância²⁴⁷.

Os números egípcios poderiam ter um significado simbólico diferente em circunstâncias diversas. Poderiam fazer parte de um jogo entre elementos verbais e visuais, e ter significados diferentes em cada uma destas representações. O número um, por exemplo,

²⁴² *Idem. op. cit.* 1999, p. 9.

²⁴³ *Ibidem.* p. 16-17.

²⁴⁴ *Ibidem.* p. 38.

²⁴⁵ *Ibidem.* p. 60.

²⁴⁶ *Ibidem.* p. 82.

²⁴⁷ *Ibidem.* p. 104.

geralmente reflete a individualidade, mas pode refletir pluralidade em alguns contextos. O número dois reflete a dualidade, enquanto o três relaciona-se à pluralidade e o quatro à totalidade. Outros números, como o sete, também tinham um importante aspecto simbólico. Este, porém, deve ser observado com cautela e por outra ótica simbólica, como a cor, o tamanho e a forma²⁴⁸.

O simbolismo dos hieróglifos está relacionado ao princípio de que cada signo possui um significado próprio, sendo sua composição feita de acordo com um elemento no qual ele é baseado. Os antigos egípcios usavam freqüentemente os signos hieroglíficos simbolicamente em certos contextos, especialmente na construção de seus trabalhos de arte²⁴⁹. Na arte egípcia, o uso dos signos hieroglíficos ocorre em dois níveis distintos. No primeiro nível, os signos são usados essencialmente em sua forma normal de escrita, e neste tipo de associação primária os trabalhos de arte podem conter ou ser inteiramente compostos por hieróglifos. No segundo nível, objetos, pessoas ou eventualmente gestos podem representar, assim como sugerir, a forma dos signos hieroglíficos e então transmitir uma mensagem simbólica. Outro aspecto importante dos hieróglifos é a personificação, que pode ser *formal*, quando figuras humanas são produzidas para personificar um objeto, um lugar ou uma idéia, ou *simbólica*, quando acontece o inverso²⁵⁰.

O simbolismo das ações está relacionado à importância dos atos reais e de seus significados simbólicos. As ações podem ser classificadas em três níveis: *real*, quando as atividades foram estabelecidas desde a formação do Estado egípcio, e continuaram sendo representadas simbolicamente; *mítica*, quando a relação está estabelecida no mundo mitológico e não no real; e *iconográfica*, que se caracteriza por ser puramente propagandística e envolve adaptações na realidade²⁵¹.

O simbolismo dos gestos está diretamente relacionado ao simbolismo das ações. A diferença está na definição do que é o gesto, que pode ser definido como um movimento individual, uma postura ou uma atitude que pode ser usada como parte de uma atividade ou funcionar independentemente. A análise dos gestos representados na arte egípcia deve ser cercada de cautela, pois podem ocorrer confusões em sua interpretação. Os gestos mais comuns representados na arte egípcia e que podem ser facilmente verificados são a

²⁴⁸ *Ibidem.* p. 126-135.

²⁴⁹ *Ibidem.* p. 148.

²⁵⁰ *Idem.* 1996, p. 10-11.

²⁵¹ *Idem.* 1999, p. 170.

dominação, a submissão, a proteção, o louvor, a invocação, a oferenda, a lamentação e o regozijo²⁵².

Levando em consideração estes simbolismos, é possível perceber que a maneira como um indivíduo é representado na arte varia não só conforme o que ele está querendo transmitir, como também de acordo com a etapa da vida que está sendo configurada. Por essa razão, este capítulo está dividido conforme cada uma destas etapas, que configuram o ciclo de vida do indivíduo: nascimento, infância, adolescência, vida adulta, velhice e morte. Tal divisão é sugerida por Linn Meskell²⁵³, que considera que o caminho para aproximar o material egípcio de nossa realidade é compreendê-lo a partir do modelo de pensamento antigo, ou seja, a partir do ciclo da vida humana (nascimento/ vida/ morte/ vida pós-morte).

A proveniência dos artefatos analisados varia conforme a fase da vida a que nos referimos. Para a análise do nascimento, da primeira infância e da infância, por exemplo, os materiais apresentados são provenientes tanto do contexto urbano quanto do funerário. Já para as outras etapas, ou seja, para a vida adulta, a velhice e a morte, os artefatos estão em sua totalidade relacionados ao contexto funerário.

Assim, devemos levar em consideração estas diferentes proveniências ao analisar os objetos. Sendo que a grande maioria é proveniente de um contexto funerário, será possível demonstrar que existe uma separação marcante entre o público e o privado, bem como uma exaltação da individualidade, nos rituais funerários e na constituição das tumbas no Reino Médio. Ao chefe da família cabem as maiores honrarias enquanto que as mulheres e as crianças recebem uma atenção secundária.

3.2. O NASCIMENTO

Em todas as sociedades, antigas ou contemporâneas, o nascimento representa um momento crítico tanto para a mãe quanto para a criança. Para a mulher, é o instante do “tornar-se mãe”, perigoso devido às complicações que podem surgir em decorrência do parto. Para a criança, é o tempo de “vir ao mundo”, de deixar a proteção e a estabilidade do ventre materno e passar a ter as sensações de frio e calor, fome e medo. O nascimento é, então, um “ritual de passagem”, e por isso é cercado de cuidados e prevenções, que incluem objetos e pessoas preparadas para auxiliar a mãe e a criança.

²⁵² *Ibidem*. p. 192-195.

²⁵³ MESKELL, Lynn. *Private Life in New Kingdom Egypt*. Princeton: Princeton University Press, 2005. p.1.

Na Antropologia, um ritual de passagem ocorre em um momento de ruptura, ou de transição de uma condição social para outra. Geralmente, estes momentos estão relacionados a mudanças físico-biológicas e possuem tratamentos diferenciados de uma sociedade para outra. Sua estrutura em geral é tripartite: num primeiro momento, o indivíduo ou os indivíduos que passarão pelo ritual são separados do restante da sociedade. Em seguida, ocorre o ritual propriamente dito e, por último, as pessoas que passaram pelos ritos são reintegradas à sociedade²⁵⁴. No caso do nascimento no Egito antigo, por exemplo, num primeiro momento a mãe é separada da família, retirando-se para o local onde ocorrerá o parto. Em seguida, ocorre o nascimento propriamente dito e, por último, após um período de purificação, a mulher e a criança são reintegradas à família.

Poucas são as fontes que aludem a este primeiro ritual de passagem no antigo Egito. Com relação aos documentos escritos, há um conto, presente no papiro Westcar²⁵⁵ e datado possivelmente do Reino Médio, no qual está registrada a história de uma mulher chamada Reddjedet, que daria à luz trigêmeos gerados nela pelo deus solar Ra que, por ordem divina, seriam os três primeiros faraós da V Dinastia (reinantes de c. 2465 a 2426 a.C.). O deus Ra, preocupado com a saúde e sobrevivência das crianças, enviou o deus Khnum em frente às deusas Ísis, Néftis, Meskhenet e Heket para auxiliar Reddjedet no momento do parto. As deusas então se disfarçaram como dançarinas e musicistas, enquanto Khnum carregava os seus pertences. Quando chegaram à casa de Reddjedet, foram recebidas por seu marido, Rauser, que as acompanhou até o quarto onde estava a mulher, e as deixou junto à esposa. Ísis então se posicionou em frente à Reddjedet e Néftis atrás da mulher, para auxiliarem no trabalho de parto. Heket, uma deusa com cabeça de sapo, acelerou o nascimento de cada criança, após o que Meskhenet ditou os seus destinos: servir aos deuses como faraós das Duas Terras. Khnum, mesmo após a previsão de Meskhenet de que as crianças seriam saudáveis, lhes deu saúde²⁵⁶.


Por meio deste conto e de dados provenientes de várias fontes arqueológicas provenientes de sítios distintos, por vezes de diferentes épocas, é possível reconstituirmos parte do cenário do nascimento. Se imaginarmos uma cena ocorrendo em Kahun, lá estaria uma jovem mulher chamada Shepeset, que seria a futura mãe de Snefru, sentindo as dores do

²⁵⁴ FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *Nascer, viver e morrer na Grécia antiga*. São Paulo: Atual, 1996. p. 7.

²⁵⁵ No *Papiro Westcar*, também conhecido como *Papiro de Berlim 3033*, encontram-se originalmente as narrativas de cinco contos, que são transmitidos ao faraó Khufu por seus filhos. O primeiro, contudo, se perdeu, restando apenas algumas linhas, e o último termina bruscamente, pois desapareceram as linhas finais. Neste, que é aqui resumido, não há um narrador, e o tempo a um que se refere é o futuro, enquanto nos anteriores temos histórias relacionadas ao passado e ao presente do rei. (ARAÚJO, Luís Manuel de. *Mitos e Lendas: Antigo Egito*. Lisboa: Livros e Livros, 2005. p. 180-181.)

²⁵⁶ A versão do conto aqui apresentada foi consultada em: ARAÚJO, Luís Manuel de. *op. cit.* p. 177-181.

parto. Ao se preparar para o instante do nascimento, possivelmente, Shepeset deveria ter se dirigido para uma parte privada de sua residência – talvez um quarto localizado num recanto mais retirado, já que se tratava de uma casa pequena. Numa casa grande, talvez isso se desse numa área específica, reservada às mulheres. O local foi cercado de cuidados e protegido contra os perigos que, eventualmente, poderiam atingir a mãe e a criança, por meio de objetos mágicos e amuletos. Em seguida, as duas mulheres que auxiliariam a mãe durante o trabalho de parto se posicionaram – uma a sua frente e outra atrás dela – como era comum em várias sociedades antigas²⁵⁷. Uma apoiava Shepeset, enquanto a outra cuidava para que a criança que iria nascer não se machucasse, e a segurava para evitar uma possível queda decorrente de um parto rápido.

O parto era realizado de cócoras, por ser esta uma posição anatomicamente mais apropriada para facilitar o nascimento da criança, já que esta era auxiliada pela força da gravidade. Esta postura pode ser verificada de duas maneiras. Primeiro, na escrita hieroglífica, onde as palavras relacionadas ao nascimento possuem como sinal determinativo um signo que uma mulher abaixada, com uma criança saindo de seu ventre (). Em seguida, por meio da análise de obras de arte. O momento do nascimento é pouco representado nessa esfera. Geralmente, as cenas que apresentam o suposto nascimento trazem a mãe em um banco ou uma cadeira, com a criança já nos braços. Uma das raras imagens existentes é um documento de época muito posterior: trata-se de um fragmento de relevo do Período Ptolomaico (c. 332-30 a.C.), que mostra que o parto de cócoras era usual ainda neste período. Neste, uma mulher está acocorada, abaixo de uma estrutura semelhante a uma porta, apoiada sobre tijolos, e em cada um de seus lados há uma deusa com cabeça de vaca, uma alusão à deusa Háthor, que protege e auxilia a mulher durante o nascimento.

Estes tijolos, chamados de “tijolos do nascimento”, eram supostamente em número de quatro, e podem ser associados diretamente à deusa Meskhenet, que, no conto supracitado, dita o destino de cada um dos príncipes após o nascimento. Em representações nos *Livros dos Mortos* durante o Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.), a deusa aparece como um tijolo com cabeça humana, uma clara alusão aos tijolos do nascimento, que guardariam o destino do indivíduo. No Primeiro Milênio a.C. Meskhenet tomou quatro diferentes configurações, e cada uma dessas formas passou a ser relacionada a uma deusa. Assim, cada tijolo estava associado a uma deusa, sendo que Meskhenet-a-Grande (*ms^hnt-wrt*) está identificada com

²⁵⁷ SZPAKOWSKA, Kasia. *Daily life in ancient Egypt: recreating Lahun*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. p. 24.

Tefnut, Meskhenet-a-Grande (*mshnt-ꜥt*) com Nut, Meskhenet-a-Bela (*mshnt-nfrt*) com Ísis, e Meskhenet-a-Excelente (*mshnt-mnhṯ*), com Néftis²⁵⁸. O nome de Meskhenet também ajuda a compreender a função desses tijolos mágicos, pois é um substantivo de lugar formado pelo prefixo *m* e pela forma causativa do verbo *hni*, que significa “descer”²⁵⁹. Assim, os tijolos do nascimento seriam o “local de descimento”, ou o lugar onde a criança “desceria” do ventre materno, considerando o tradicional parto de cócoras.

Apesar do grande número de “tijolos do nascimento” que deve ter sido produzido ao longo da história egípcia, existe apenas um exemplar conhecido. Este foi encontrado em Abydos durante as escavações conduzidas por uma equipe formada por profissionais da Universidade da Pensilvânia, da Universidade de Yale, e do Instituto de Belas Artes da Universidade de Nova Iorque, em uma casa da XIII Dinastia, num setor que era reservado a uma princesa. Este tijolo foi decorado, em um de suas faces mais largas, com a imagem de uma mulher que porta um vestido branco, longo e com alças, uma peruca azul-turquesa longa e um colar largo no pescoço, e está sentada em uma cadeira de encosto baixo. Nos braços, tem uma criança, seu filho recém-nascido que, pela cor da pele dentro dos cânones da arte egípcia, é um menino. Duas mulheres aparecem na cena, uma à frente e outra atrás da mãe, representando as parteiras que teriam auxiliado a mulher e a criança. Ambas possuem colares largos no pescoço, e usam perucas longas e vestidos com alças. Os braceletes que adornam os seus braços, assim como seus cabelos, são de cor azul-turquesa. Atrás de cada uma dessas mulheres há uma espécie de estandarte encimado por uma máscara da deusa Háthor, o que, segundo Josef Wegner, que chefiou a expedição em Abydos em 2001, associa a parturiente à deusa²⁶⁰. As laterais do tijolo são decoradas com um grupo de divindades protetoras, que inclui uma cobra, um babuíno, um gato selvagem, e figuras das deusas Taueret e Beset.

²⁵⁸ ROTH, Ann M. & ROEHRIG, Catharine H. Magical bricks and the brick of birth. *JEA*. London: The Egyptian Exploration Society, v. 88, p. 121-139, 2002. p. 131.

²⁵⁹ *Ibidem*. p. 130.

²⁶⁰ PINCH, Geraldine. *op. cit.* p. 129.



Figura 19: Tijolo do nascimento encontrado em Abydos. Referência: Birth brick. Disponível em: <http://www.eartharchitecture.org/index.php?/archives/693-Birth-Brick.html> Acesso em: 12nov08.

A presença de Háthor nas cenas de nascimento associa as parteiras às servidoras dessa deusa, dentre as quais estão as musicistas e sacerdotisas. No conto do papiro Westcar, quando as quatro deusas enviadas por Ra chegam à casa de Reddjetet, apresentam ao seu marido seus colares e sistros, objetos presentes no culto a Háthor. O homem então permite a sua entrada para auxiliar a parturiente. A associação fica ainda mais clara se levarmos em consideração um dos encantamentos presentes no *Papiro Leiden I 348*, no qual a mulher que dá à luz é relacionada à deusa Háthor, senhora de Dendera. O arqueólogo Josef Wegner acredita que esta união se dá no momento do nascimento, quando a parturiente então se transforma na deusa²⁶¹. A criança, então, pode ser associada a Ihy, o deus da música, filho de Háthor e Hórus, e que geralmente é representado como um menino nu, com o penteado típico da infância e com um dedo na boca.

Associados ao tijolo do nascimento localizado em Abydos foram encontrados vários fragmentos de objetos confeccionados com o marfim proveniente de dentes caninos inferiores de hipopótamos, e que certamente estariam entre os objetos mágicos que foram providenciados ao nosso hipotético local de nascimento de Snefru. São os chamados “bastões do nascimento”, “facas mágicas” ou, mais corretamente, segundo Stephen Quirke, “presas de

²⁶¹ *Ibidem*. p. 129.

hipopótamo do nascimento”²⁶². O autor assim os define devido à forma do artefato – a mesma das presas de hipopótamos –, à sua função, associada à proteção, e ao material de sua confecção que, conforme já comentado, é o marfim proveniente das presas desses animais, que era uma das principais fontes desse material no Egito antigo.

A função protetora destes artefatos, cujos exemplares presentes em museus são datados majoritariamente do Reino Médio, pode ser dada por meio das inscrições a eles associadas. Um exemplar que pertencia a uma coleção particular e hoje faz parte do acervo do Museu Britânico (BM EA 65439) foi publicado em 1932 por Alan W. Shorter e, segundo este egiptólogo, sua função protetora pode ser deduzida a partir da inscrição presente no artefato, que pode ser lida em uma linha que acompanha a forma do objeto, da esquerda para a direita²⁶³:



dd mdw in nn s3w ʿš3 ii.n.n stp-s3.n hr hrd pn snb.f-wsir ʿnh wd3 snb

Palavras ditas por estes numerosos protetores: “Nós viemos (para que) possamos proteger (*lit.* nós protegermos sobre) esta criança, Senebef-Osiris. Possa ele viver, prosperar e ter saúde.”

Esta “presa de hipopótamo do nascimento” estava, à época de sua publicação, quebrada em cinco partes, estando mais danificada na área central. Atualmente, encontra-se restaurada e seu comprimento total é de aproximadamente 32,4 cm e sua largura é de aproximadamente 5,5 cm. As divindades e figuras míticas representadas neste objeto são da direita para a esquerda: uma cabeça de um felino representada frontalmente; um disco solar sobre duas pernas humanas; um “serpo-leopardo”, ou seja, um felino com o pescoço extremamente alongado, que devora uma serpente e segura uma faca em uma de suas patas dianteiras; acima deste felino, vê-se uma serpente; uma representação da deusa-hipopótamo Taueret ou Ipet com uma faca em uma das mãos, que se encontra apoiada em um signo-*ankh*, na parte mais danificada do objeto; um leão sentado; uma faca e uma serpente sobre um estandarte; na seqüência, há uma figura mumiforme com cabeça de chacal com uma faca em

²⁶² QUIRKE, Stephen. *Lahun: a town in Egypt 1800 BC, and the history of its landscape*. London: Golden House Publications, 2005. p. 100. Tal denominação será adotada sempre que nos referirmos a este tipo de artefato.

²⁶³ SHORTER, Alan W. A magical ivory. *JEA*, 18, p. 1-2 e pl. I, may 1932. A tradução da inscrição presente na “presa de hipopótamo” do nascimento aqui apresentada foi baseada naquela apresentada por Shorter, sendo incluída, para fins de análise, a transliteração do texto egípcio.

uma das mãos; um grande olho-*udjat*; e, por último, a cabeça de um chacal com as orelhas alongadas e em pé. A inscrição traduzida acima se encontra na parte posterior do artefato.

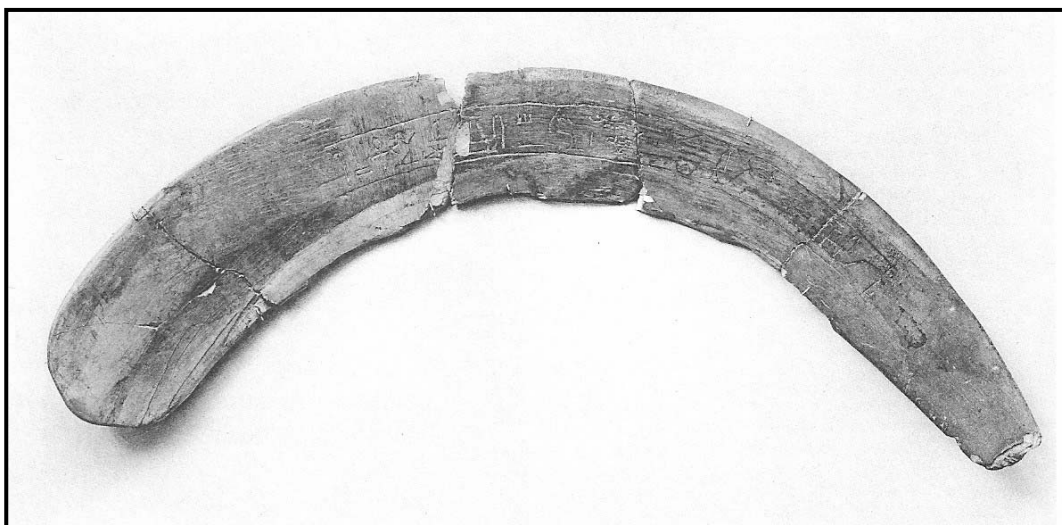




Figura 20: As duas faces da “presa de hipopótamo do nascimento” publicada por Alan W. Shorter e pertencente atualmente ao acervo do Museu Britânico. Referência: SHORTER, Alan W. *A magical ivory*. JEA, 18, p. 1-2 e pl. I. may 1932. pl. I.

Algumas das “presas de hipopótamo do nascimento”, porém, não contém inscrições na parte posterior, como o exemplar aqui descrito. Outras trazem apenas pequenas inscrições na parte anterior, solicitando às divindades e aos seres míticos representados: proteção para o dia, *s3 hrw* (em egípcio, ) , e proteção para a noite, *s3 grh* (em egípcio ). É possível, assim, associar estes objetos a elementos que auxiliariam o deus sol em sua luta

diária contra os inimigos. Seu propósito era convocar esses poderes para proteger os recém-nascidos e as crianças das forças maléficas e dos mortos que quisessem fazer mal a elas²⁶⁴.

Estes objetos eram utilizados para criar uma zona de proteção para a mãe e para a criança, principalmente nos momentos mais críticos do parto e naqueles se seguiam a ele. A egiptóloga Geraldine Pinch argumenta que a abrasão presente nas extremidades das “presas de hipopótamo do nascimento” sugere que estas foram usadas para marcar linhas no solo, provavelmente círculos, nos locais onde a mãe daria à luz e onde ela e a criança se recuperariam após o parto²⁶⁵. O casal de egiptólogos Janssen & Janssen exemplifica o uso desses artefatos por meio de uma pintura parietal datada do Reino Médio, presente na tumba do nomarca Djehutihotep em El-Bersha no Médio Egito, na qual uma ama-de-leite aparece segurando uma dessas presas de hipopótamo do nascimento em uma das mãos, que está para o alto²⁶⁶. Para a criança, a proteção também seria assegurada pela colocação do recém-nascido sobre os “tijolos do nascimento” que, agrupados lado a lado, formariam uma espécie de cama para o bebê²⁶⁷.

Poucos fragmentos de “presas de hipopótamo do nascimento” foram encontrados na cidade de Kahun, mas em Lisht, uma localidade próxima, as escavações realizadas registraram a presença de tais artefatos em grande quantidade. O simples fato de tais objetos terem sido localizados, contudo, é uma prova de que esta prática existia. Em Kahun não foram encontrados “tijolos do nascimento”, mas estes certamente eram empregados, sendo fabricados e talvez decorados pelos próprios habitantes da cidade. Tais tijolos possuíam as mesmas dimensões dos blocos comuns, e também eram confeccionados em adobe. Uma forma para a fabricação das peças de adobe foi encontrada em uma das residências do assentamento urbano, e é possível que a mesma fosse utilizada também para a elaboração dos “tijolos do nascimento” que eram usados pelas mulheres da localidade.

Havia ainda outro tipo de artefato, do qual apenas uma parte foi localizada na cidade de Kahun. Trata-se de uma espécie de bastão, formado por três segmentos retos com figuras protetoras incisadas e decorado, na parte superior, com miniaturas de animais também associados à proteção, chamado de “bastão²⁶⁸ do nascimento”. O único exemplar completo conhecido provém de um contexto funerário, em Heliópolis, e hoje integra o acervo do Museu

²⁶⁴ ROBINS, Gay. *The art of ancient Egypt*. Cambridge: Harvard University Press, 2000. p. 114.

²⁶⁵ PINCH, Geraldine. *op. cit.* p. 78.

²⁶⁶ JANSSEN, Rosalind M. & JANSSEN, Jac J. *Growing up in ancient Egypt*. London: The Rubicon Press, 1990. p. 10.

²⁶⁷ ROTH, Ann M. & ROEHRIG, Catharine H. *op. cit.* p. 132.

²⁶⁸ Neste caso, “bastão do nascimento” é uma tradução mais adequada, já que na língua inglesa o artefato tem o nome de “birth rod”.

Metropolitano de Arte, em Nova Iorque. A sua aplicação, apesar da raridade de artefatos semelhantes, pôde ser determinada por meio de comparações com as “presas de hipopótamo do nascimento”, estas sim encontradas em grande quantidade. As figuras incisas nas laterais das três peças que formam o objeto são semelhantes àquelas que aparecem nas presas, e estão todas relacionadas à proteção da mãe e da criança. O uso desses bastões, no entanto, é mais difícil de determinar, em parte pela falta de uma quantidade suficiente para o procedimento de uma análise detalhada e para uma posterior obtenção de conclusões. As três partes que o formavam eram simplesmente encaixadas, assim como as miniaturas que eram colocadas em sua face superior. Desta maneira, esses objetos não poderiam ser utilizados para formar círculos no chão, como no caso das presas de hipopótamo do nascimento. É mais possível que ficassem sobre suportes, como por exemplo em bancos ou mesas, no local onde a mulher daria à luz e permaneceria com o recém-nascido.

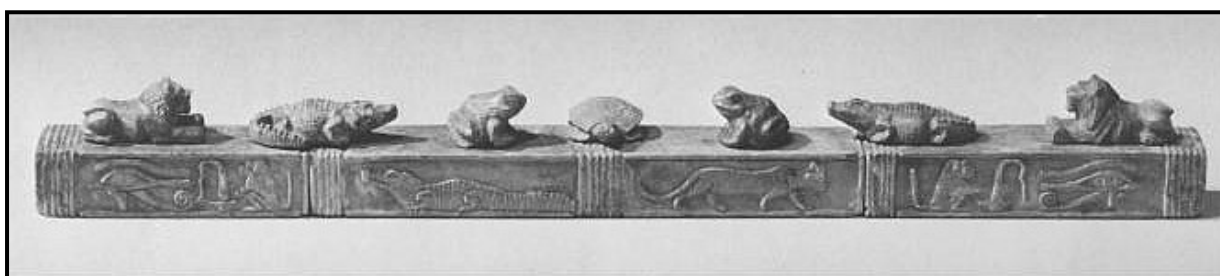


Figura 21: Bastão do nascimento do acervo do Museu Metropolitano de Arte, Nova Iorque. Referência: Egyptian art. The Metropolitan Museum of Art Bulletin, New Series, v. 41, n. 3, winter, 1983-1984, p. 20.

Outros artefatos que estavam associados ao nascimento também foram localizados em Kahun. Entre eles estão estatuetas da deusa Ipet, Reret, ou Taueret, e pequenas lamparinas decoradas com imagens do deus-anão protetor dos nascimentos Aha, ou “o lutador”, uma das formas do deus Bes. Esta divindade na realidade representa um complexo formado por dez deuses (Aha, Amam, Bes, Hayet, Ihty, Mefdjjet, Menew, Segeb, Sopdu e Tetetenu) que possuem características similares ou idênticas²⁶⁹. Nos amuletos relacionados ao nascimento, geralmente aparece carregando facas, que são as suas armas contra os inimigos que podem atacar a mãe e a criança. Sua representação nas “presas de hipopótamos do nascimento”, carregando serpentes nas mãos, teria a função de afastar da casa serpentes e escorpiões²⁷⁰.

No período final do Reino Médio, alguns objetos que geralmente estavam associados ao nascimento começaram a ser depositados em tumbas, como as “presas de hipopótamo” e os

²⁶⁹ WILKINSON, Richard H. *The complete gods and goddesses of ancient Egypt*. London: Thames & Hudson, 2003. p.102.

²⁷⁰ HART, George. *The Routledge dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*. London: Routledge, 2005. p. 50.

“bastões do nascimento”, figuras de fertilidade e modelos de animais protetores em faiança. A associação destes objetos às tumbas talvez esteja relacionada à passagem para o outro mundo, já que o morto deveria renascer e ficaria vulnerável às forças maléficas, tal como um recém-nascido²⁷¹.

A preocupação dos antigos egípcios em utilizar amuletos para proteger o local do nascimento, a parturiente e a criança torna-se mais facilmente compreensível quando pensamos nos números da mortalidade infantil. Era grande a porcentagem de crianças e mães que morriam durante ou por complicações causadas pelo parto, e a quantidade de crianças que faleciam antes de completar um ano de idade. Na cidade de Kahun, por exemplo, foram encontradas caixas de madeira, originalmente utilizadas para outros fins, que serviram como ataúdes para fetos, natimortos e bebês até aproximadamente 12 meses de idade. Nestas caixas, eram inumados um ou mais corpos, que eram identificados apenas por escaravelhos ou selos-cilindro, que forneceram aos escavadores uma data aproximada para o enterramento. Estas caixas eram enterradas abaixo do piso das residências, possivelmente por algum familiar ou alguém próximo à criança e, segundo a egiptóloga Geraldine Pinch, isso era feito na esperança de que o espírito da criança pudesse voltar para o corpo da mãe²⁷². A idéia de um “espírito”, porém, é equivocada, já que para os antigos egípcios não existia a dualidade corpo-alma ou espírito. No caso de realmente ser esta a crença que estava relacionada a este ato, a parte que voltaria ao corpo da mãe possivelmente fosse o *ba*, que é representado na forma de um pássaro com cabeça humana, e que simboliza a personalidade do indivíduo. Ao nascer, então, a pessoa receberia o seu *ba*, que entraria pela boca. No caso de uma morte prematura, esta parte do indivíduo retornaria mais tarde para a sua mesma origem que, no caso de aceitarmos tal hipótese, seria o corpo de um novo indivíduo gerado pela mesma mãe.

O fato de não haver identificação nos corpos das crianças enterradas nestas caixas nos leva a uma questão: por que os bebês eram enterrados em locais separados das outras crianças e dos adultos? Para Szpakowska, pode ser que eles ainda não tivessem atingido o *status* de “pessoa” perante a sociedade. Segundo a egiptóloga, este momento variava de uma sociedade para outra: em Roma, por exemplo, isto se dava quando a criança atingia 40 dias. Já em outras sociedades, a criança só era considerada membro efetivo da comunidade quando começava a falar²⁷³. Edgar Morin explica que “(...) nas sociedades arcaicas, a morte da criança, na qual se destroem, no entanto, todas as promessas de vida, suscita uma reação funerária muito

²⁷¹ ROBINS, Gay. *op. cit.* 2000, p. 114.

²⁷² PINCH, Geraldine. *op. cit.* p. 132.

²⁷³ SZPAKOWSKA, Kasia. *op. cit.* p. 34.

fraca”²⁷⁴. Há, então, uma relação direta entre o tempo de vida do indivíduo em sociedade e a importância dos seus ritos funerários²⁷⁵. Por essa razão os bebês seriam inumados com um enxoval funerário exíguo ou inexistente. Nos enterramentos de Kahun, por exemplo, as crianças são equipadas apenas com colares, amuletos e escaravelhos ou selos-cilindro, que datam a sua morte. Não há preocupação, por exemplo, em mumificar os corpos, que são simplesmente depositados nas caixas, com certo cuidado, mas sem a preparação de se proceder a ritos que seriam necessários para a sobrevivência do indivíduo na vida *post-mortem*.

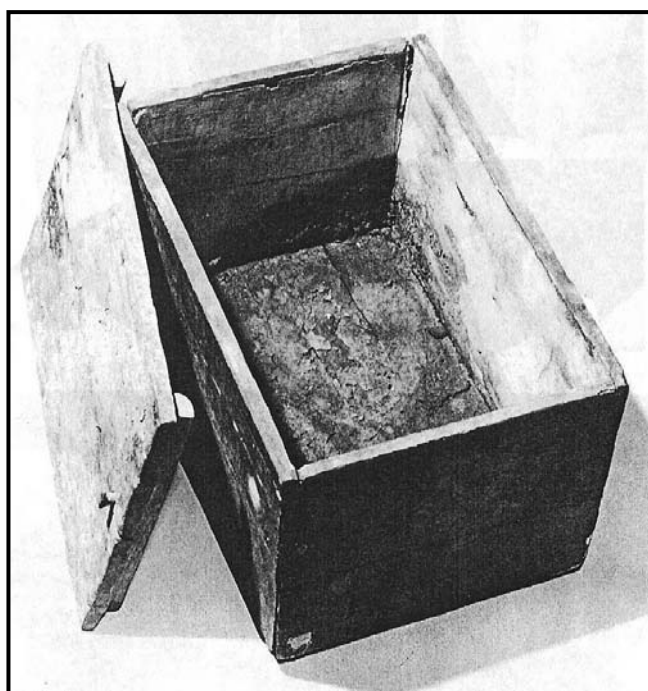


Figura 22: Caixa originalmente utilizada para guardar roupas, que foi usada em um enterramento infantil na cidade de Kahun. Referência: DAVID, Rosalie. *The pyramids builders of Ancient Egypt. A modern investigation of pharaoh's work-force*. London: Routledge & Kegan Paul, 1986. fig. 16. (a página não tem numeração).

Ainda em relação à identificação dos bebês, podemos analisar a presença de nomes masculinos em alguns objetos mágicos. São exemplos desta afirmação o tijolo do nascimento de Abydos que descrevemos anteriormente, no qual a criança representada é um menino, e a “presa de hipopótamo do nascimento” cuja tradução permitiu identificar o proprietário. Segundo a egiptóloga Kasia Szpakowska, este fato pode refletir o desejo dos pais de que o filho, especialmente o mais velho, fosse um menino, já que este seria responsável pelo culto

²⁷⁴ MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 32.

²⁷⁵ SANTOS, Moacir E. *Da morte à eternidade: a religião funerária no Egito do I Milênio a.C.*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2002. p. 50.

funerário de seus progenitores²⁷⁶. Existe a possibilidade, ainda, de que os nomes tenham sido inseridos após o sucesso no nascimento, para uso durante o período em que a criança necessitasse de proteção.

Para os antigos egípcios, o nome era uma das partes que formavam o ser, e por isso precisaria sobreviver e ser lembrado para que o indivíduo pudesse viver para sempre no outro mundo. O nome individualizava, tornava o sujeito diferente dos demais, personalizado e próprio. Para os egípcios, então, era o que definia e o que dava existência ao ser, sendo parte inseparável do mesmo²⁷⁷. Alguns autores consideram que o nome era dado pela mãe, e era criado a partir das primeiras palavras emitidas por ela no momento do nascimento, mas também é possível que ele fosse escolhido pelo pai ou por uma terceira pessoa, mesmo antes do nascimento. Retornado ao conto do *Papiro Westcar*, após o nascimento de cada um dos trigêmeos a deusa Ísis revela os seus nomes. Neste caso, são nomes relacionados a características que cada uma das crianças apresenta, mas a composição dos nomes egípcios variava bastante. Poderiam, por exemplo, fazer alusão a um deus, como no caso de Satháthor (filha de Háthor) ou Neferuptah (a beleza de Ptah) ou a um faraó do período em que a criança nasceu ou mesmo de épocas anteriores, como Senusret e Amenemhat, que se tornaram nomes comuns durante o Reino Médio. Eram correntes, ainda, nomes que refletiam uma exclamação da mãe no momento do nascimento, como Ankhef (“Ele vive”). Os nomes poderiam aludir também a uma profissão, como Baketamon (“Serva de Amon”) ou à origem estrangeira do indivíduo, tal como no caso de Nehesy (“O núbio”).

O nascimento, então, era um momento privado, do qual participavam apenas a mãe e as mulheres responsáveis por auxiliar a ela e à criança. Os primeiros dias da vida da criança, no caso do sucesso do nascimento, eram presenciados apenas por estas pessoas, que seriam muito importantes nos primeiros tempos de sua existência. Elas garantiriam a sua segurança e a proteção contra todos os malefícios que poderiam ocorrer numa fase de transição, na qual a criança ainda não era um ser social, pertencente à comunidade, e a mãe estava vulnerável aos mesmos perigos. Somente depois de passar pelo período de purificação a mulher voltaria a ter uma vida pública, sendo reincorporada na sociedade. Baseando-se no conto do *Papiro Westcar*, este período deveria ser de quatorze dias, ocasião em que também a criança começaria a ser integrada na vida social.



²⁷⁶ SZPAKOWSKA, Kasia. *op. cit.* p. 30.

²⁷⁷ SANTOS, Moacir E. *op. cit.* p. 68.

3.3. OS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

Nos seus primeiros anos, podemos imaginar a rotina de nosso hipotético Snefru não muito diferente daquela dos bebês de nosso mundo contemporâneo. Ele passava parte de seu tempo dormindo, sempre protegido por muitos dos objetos mágicos anteriormente descritos, e seu principal alimento era o leite materno. O tempo de aleitamento é que diferia: enquanto hoje a maioria das crianças é amamentada até os seis meses de idade, principalmente em função da vida profissional de seus pais, no Egito antigo os bebês ingeriam este alimento até os três anos de idade. Tal informação pode ser retirada de uma composição literária datada do Reino Novo, intitulada *Instrução de Any*²⁷⁸:

Retribua em dobro o alimento que sua mãe lhe deu,
Sustente-a como ela o sustentou;
Ela teve em você um fardo pesado,
Mas ela não o abandonou.
Quando você nasceu após os seus meses,
Ela ainda o tinha como sua canga,
Seus seios em sua boca por três anos.²⁷⁹

São muitas as representações do momento da amamentação, tanto nos âmbitos real e religioso quanto no privado. Nas paredes dos templos do Reino Novo há imagens de faraós sendo alimentados por deusas, sendo que esta geralmente corresponde à deusa-mãe na tríade divina cultuada na região onde o templo foi construído. Em um pequeno templo rupestre, chamado Beit el-Uali, construído por Ramsés II a 50 km ao sul de Assuã, por exemplo, o rei aparece sendo amamentado por Satet, que é a consorte de Khnum e mãe de Anukhet na tríade de Elefantina. Na escultura, o principal arquétipo é o que aparece em estatuetas da deusa Ísis com Hórus lactante, muito comuns no Primeiro Milênio a.C.. Nestas, a deusa aparece sentada em uma cadeira de encosto baixo, com seu filho no colo, e oferecendo um dos seios ao menino. Tal representação é semelhante àquela que aparece no hieróglifo , que é utilizado como determinativo em palavras relacionadas aos cuidados com a criança como, por exemplo, no substantivo amamentar, *rnn* (em egípcio, )).

²⁷⁸ A *Instrução de Any* é conhecida apenas por um único manuscrito, o *Papiro Boulaq 4* do Museu do Cairo. Trata-se de um texto no qual um pai transmite ao seu filho ensinamentos referentes à conduta que este deveria seguir em sua vida. (LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature: the New Kingdom*. Berkeley: University of California Press, 1976. p. 135.)

²⁷⁹ A versão do texto aqui apresentada foi consultada em: LICHTHEIM, Miriam. *op. cit.* p. 141.



Na escultura privada, são abundantes as imagens de mulheres amamentando suas crianças. Nestas, a posição representada geralmente é semelhante àquela presente no hieróglifo , que mostra uma mulher abaixada, com uma criança no colo, e oferecendo um dos seios ao bebê. Este signo é utilizado como determinativo em palavras como ama-de-leite ou mãe de criação, *mnṯ* (em egípcio, , que se referem à alimentação da criança. Quando são representadas desta maneira, as mães têm a criança apoiada em seus joelhos ou em uma canga, uma espécie de faixa que ainda hoje é utilizada para carregar bebês. Uma destas estatuetas, que faz parte do acervo do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque (MMA 1922.22.2.35), mostra uma mulher amamentando um bebê, enquanto outra, posicionada atrás da primeira, penteia seus cabelos.



Figura 23: Estatueta de uma mulher amamentando uma criança. Referência: CAPEL, A. K. & MARKOE, G. E. (ed.). *Mistress of the house, mistress of heaven. Women in ancient Egypt*. New York: Hudson Hills Press, 1996. p. 59.

As crianças poderiam ser amamentadas pela própria mãe – o que deveria acontecer na maioria dos casos – ou por mulheres que eram contratadas para alimentar os bebês, que eram chamadas de amas-de-leite. A documentação produzida em Deir el-Medina durante o Período Raméssida, especialmente, mostra que as amas-de-leite não eram um privilégio da família real e da elite. Uma carta escrita por um dos artesãos moradores da vila fala sobre o pagamento que deveria ser feito a uma dessas mulheres, que havia sido responsável por amamentar suas

três filhas²⁸⁰. Outras mulheres que não a mãe também eram necessárias nos casos de morte da progenitora durante o parto, o que deveria ocorrer com certa frequência.

Para evitar o desperdício do leite materno, que poderia ocorrer devido ao menor consumo por parte de uma criança após a introdução de novos alimentos em sua dieta, os egípcios criaram vasos específicos para o armazenamento deste líquido. Durante a XVIII e a XIX Dinastias, o leite passou a ser guardado em vasos que tinham a forma de uma mulher com uma criança no colo, e que preservavam o alimento por um determinado período. Estes tinham geralmente de 11 a 17 cm de altura, e sua capacidade de armazenamento era de aproximadamente a quantidade produzida para uma amamentação, ou cerca de 100 mL²⁸¹. O leite materno tinha ainda uso medicinal, e é possível que as quantidades armazenadas se destinassem também para este fim.

Talvez numa idade de aproximadamente seis meses, é possível que outros alimentos fossem acrescentados à dieta das crianças, somados ao leite materno. Num primeiro momento, deveriam ser introduzidas frutas, vegetais e cereais, que eram consumidos na forma de purês, como ocorre com as crianças nos dias de hoje. As fontes, escritas e iconográficas, trazem o nome e a imagem de alguns desses alimentos que eram consumidos pelos egípcios. Por meio da análise das mesas de oferendas presentes em estelas funerárias, por exemplo, é possível elencar uma grande variedade de alimentos, como cebolas, alfaces, figos, uvas, tâmaras, pães de diversos formatos, bolos e diferentes tipos de carnes. Geralmente, vasos para cerveja e outros líquidos também são representados embaixo das mesas.

O recipiente utilizado para a alimentação dos bebês e crianças pequenas tinha um formato especialmente desenhado para evitar que o conteúdo fosse desperdiçado. Geralmente era confeccionado com argila do Nilo, tinha as laterais com um estreitamento e um bico, por onde o líquido era ingerido. Um exemplar desses vasos, em faiança azul e decorado com figuras protetoras, foi encontrado em um dos cemitérios da elite de Lisht, e hoje integra o acervo do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque (MMA 44.4.4). Dentre as figuras representadas no recipiente, estão uma tartaruga, um leão, uma serpente, um serpo-leopardo, uma faca, e representações de Bes ou Beset carregando facas nas mãos. A presença dessas imagens no recipiente tinha a função, assim como acontecia com as “presas de hipopótamo do nascimento”, de proteger o que havia dentro do mesmo.

²⁸⁰ JANSSEN, Rosalind M. & JANSSEN, Jac J. *op. cit.* (1990) p. 17.

²⁸¹ ALLEN, James P. *The art of medicine in ancient Egypt*. New Haven : Yale University Press, 2005. p. 34.

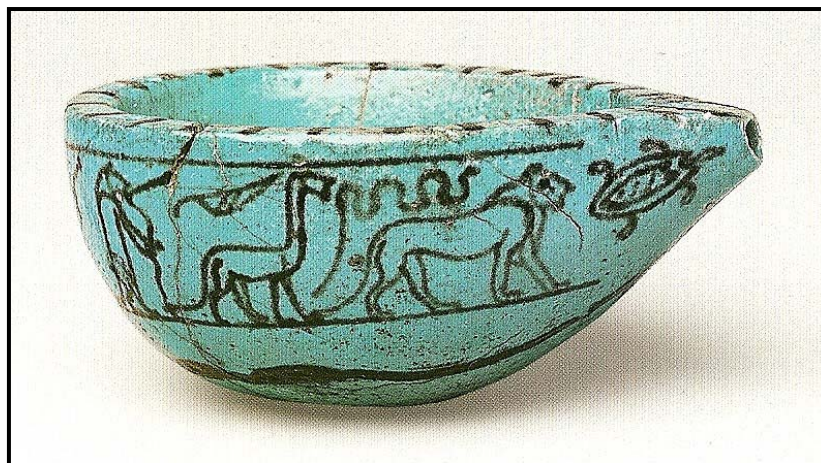


Figura 24: Recipiente utilizado para a alimentação de bebês e crianças pequenas. Referência: ALLEN, James P. *The Art of Medicine in Ancient Egypt*. New Haven : Yale University Press, 2005. p. 31.

Dentre os alimentos sólidos, é certo que a carne, num primeiro momento, não seria parte integrante da alimentação das crianças, especialmente por ser um alimento de difícil digestão, mas também porque, no Egito antigo, a carne era um item dificilmente encontrado nas mesas dos indivíduos da não-elite. Mais comumente, a carne bovina era substituída pela de peixe, de fácil obtenção, pois poderia ser tanto pescado no Nilo, quanto no Bahr Yusuf, o braço de rio que levava a água do rio para a região do Fayum.

O pão, possivelmente, era um dos primeiros alimentos sólidos a serem inseridos na dieta de uma criança, já que fazia parte da alimentação diária dos antigos egípcios. A cevada era a matéria-prima para a fabricação do pão, e era um dos grãos mais cultivados nas terras egípcias. Para facilitar a ingestão do alimento pelas crianças, este talvez fosse molhado em suco de frutas ou outro líquido, como o leite, tal como acontece atualmente. Com a cevada era também fabricada a cerveja, outro item da alimentação diária dos antigos egípcios, que era produzida utilizando o pão de cevada mal cozido. Esta, por ser uma bebida fermentada, possivelmente fosse inserida mais tarde na alimentação dos pequenos, já que o principal líquido ingerido até os três anos de idade era sem dúvida o leite materno. As frutas, verduras e legumes já mencionados deveriam ser consumidos desde cedo pelas crianças. Além de serem alimentos de fácil digestão, muitos poderiam substituir as necessidades diárias de açúcares, gorduras e proteínas que deveriam ser consumidos pelos pequenos.

Outro cereal bastante cultivado e consumido no antigo Egito, especialmente em função de sua alta quantidade protéica, era um tipo de trigo chamado *emmer*. Curiosamente, na cidade de Kahun não foram encontrados grãos desse cereal²⁸², que certamente fazia parte da

²⁸² SZPAKOWSKA, Kasia. *op.cit.* p. 46.

alimentação dos habitantes, já que poderia suprir a necessidade proteica que não era consumida pela ingestão de carnes vermelhas. O pão branco, fabricado com o trigo, aparecia esporadicamente na alimentação dos egípcios dos níveis sociais menos abastados, pois sua obtenção era mais difícil devido à menor área de cultivo do trigo em relação à cevada nos campos egípcios.

Apesar da variedade de alimentos observados em listas e mesas de oferendas, contudo, várias doenças decorrentes da falta de nutrientes na alimentação podem ser observadas entre os egípcios, por meio do estudo de suas múmias. Determinadas más formações ósseas, por exemplo, podem sugerir a falta de um nutriente importante em uma fase da vida. Um grande grau de porosidade óssea pode ser resultado de problemas alimentares ocorridos durante a infância, assim como linhas de Harris nos ossos, que aparecem como sombras nos exames de raios-X, podem indicar períodos de má nutrição ou doença durante o desenvolvimento do indivíduo²⁸³.

Quanto à movimentação, quando ainda não podiam se movimentar sozinhos, os bebês eram carregados em cangas, uma espécie de faixa que deixava o bebê próximo à mãe e esta livre para realizar as suas atividades. A diferenciação entre as mães egípcias e estrangeiras, quando se trata de carregar suas crianças, fica bem explícita na arte. Enquanto as egípcias trazem seus filhos à sua frente, as estrangeiras geralmente carregam os filhos nas costas, seja



em faixas ou em cestos próprios. Um bom exemplo desta prática é uma estatueta de madeira de uma mãe asiática, pertencente ao acervo do Museu Real da Escócia, que transporta seu filho em um suporte em suas costas.

Figura 25: Uma asiática transporta seu filho nas costas. Referência: BOURRIAU, Janine. *Pharaohs and mortals: Egyptian art in the Middle Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 109.

²⁸³ *Ibidem*. p. 49.

No caso das egípcias, o uso da canga era importante para que a mulher pudesse continuar a desenvolver suas atividades diárias durante o tempo em que a criança estivesse sendo amamentada. Uma cena da tumba de Menna, da XVIII Dinastia (c. 1550-1070 a.C.) mostra uma mãe que, acompanhada por seu pequeno filho, que carrega em uma canga, colhe frutas em um pomar. A criança parece acariciar a mãe, já que sua mão encontra-se sobre a cabeça da genitora. Este modo de transporte facilitava a alimentação do bebê, já que este estaria mais próximo dos seios da mãe, que só precisaria despir um dos seios e apoiar a criança no braço ou no joelho cada vez que precisasse amamentá-la. Esse ato não apenas proporcionava um maior cuidado por parte da mãe, como também era uma forma de integrar a criança à comunidade, já que esta acompanhava a mãe em todos os momentos.

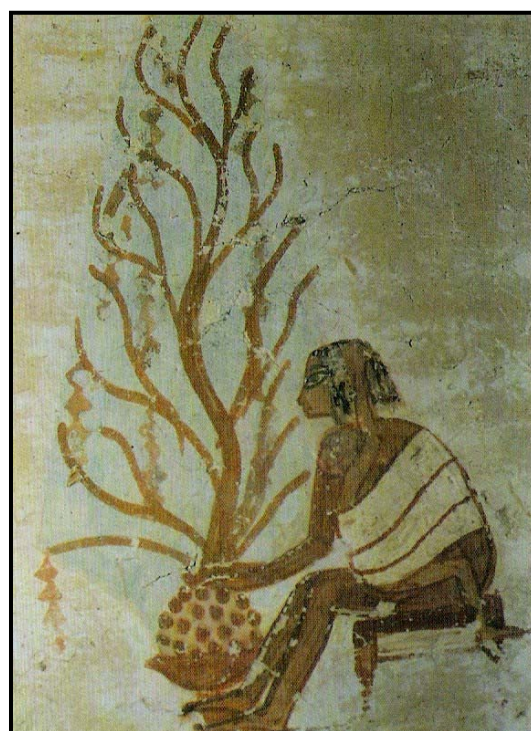


Figura 26: Pintura parietal da tumba de Menna mostrando uma mãe com o seu filho. Referência: HAGEN, Rose-Marie & HAGEN, Rainer. Egípcio: pessoas, deuses, faraós. Köln: Taschen, 2003. p. 105.

A integração social das crianças tinha início nesta fase da vida, justamente por meio do acompanhamento às mães aos seus locais de trabalho. Meninos e meninas viviam nestes ambientes durante os seus primeiros anos, e tinham contato com crianças da mesma faixa etária, que seriam os seus primeiros companheiros de brincadeiras. Quando no espaço privado, outros cuidados eram dispensados aos pequenos, já que a mortalidade infantil era alta nesta fase da vida. Amuletos apotropaicos eram posicionados em locais específicos, e serviam para evitar a entrada, principalmente, de animais nocivos, como as serpentes e os escorpiões. Quando nos ambientes públicos, esta proteção também estaria garantida por meio dos amuletos que eram usados pelas crianças.

3.4. A INFÂNCIA

A representação tradicional da criança na arte egípcia a mostra como um pequeno adulto, mas com algumas características que podemos, geralmente, relacionar a essa fase da vida. Uma delas, a exemplo, é a ausência de vestimentas. Não há como provar que realmente as crianças passassem toda a infância nuas; afinal, a arte egípcia estava presa a regras, conforme comentado anteriormente. Uma argumentação contrária ao que podemos observar na arte está relacionada ao clima egípcio. No inverno, o frio é intenso pela manhã e também à noite, o que seria um impedimento que as crianças andassem nuas, assim como os homens com o peito descoberto²⁸⁴.

Esta ausência de vestimentas, porém, não é uma regra geral para todos os períodos da história egípcia. Durante o Reino Médio, época que nos interessa sobremaneira, tornou-se comum representar as crianças com vestimentas semelhantes àsquelas de seus pais. Um exemplo é o que aparece nos grupos escultóricos de Ukh-hotep II (CG 459 e MFA 1973.87), provenientes de sua tumba em Meir. Ukh-hotep II foi nomearca do XIV nomo do Alto Egito durante os reinados de Senusret II e Senusret III. Em sua tumba foram encontrados diversos grupos familiares, nos quais Ukh-hotep II aparece acompanhado por duas de suas esposas e uma filha. As figuras sobressaem de uma espécie de estela com o topo arredondado, tendo em um lado um ramo de papiros e no outro um de flores de lótus, emblemas diretamente relacionados ao Baixo e ao Alto Egito, e tradicionalmente associados à realeza²⁸⁵. O proprietário, por sua vez, aparece emoldurado por dois olhos-*udjat* apotropaicos. Sobre as vestimentas das figuras do grupo (MFA 1973.87) encontram-se as seguintes inscrições hieroglíficas²⁸⁶:

Inscrição em uma coluna na vestimenta de Ukh-hotep II:



ḥꜣty-ꜥ imy-r ḥm-nꜥtr wh-ḥtp mꜣꜥ-ḥrw

O nobre (hereditário), supervisor dos servidores do deus (no caso, a deusa Háthor), Ukh-hotep (II), justificado.

²⁸⁴ Apresentado por Rosalind e Jac Janssen, em: JANSSEN, Rosalind M. & JANSSEN, Jac J. *op. cit.* 1990, p. 26.

²⁸⁵ D'AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROHRIG, Catharine H. *Mummies and magic. The funerary arts of Ancient Egypt.* Museum of Fine Arts: Boston, 1988. p. 121.

²⁸⁶ A tradução das inscrições aqui apresentada foi realizada por Liliane Cristina Coelho.

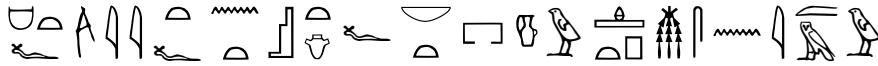
Inscrição em uma coluna na vestimenta da mulher à esquerda de Ukh-hotep II:



ḥmt.f mryt.f nt st ib.f nbt-pr nwb-k3w mst n iwnwt

Sua esposa, sua amada, do lugar de seu coração, Nubkau, nascida de Iunut.

Inscrição em uma coluna na vestimenta da mulher à esquerda de Ukh-hotep II:



ḥmt.f mryt.f nt st ib.f nbt-pr ḥnm-ḥtp ms(t) n imw

Sua esposa, sua amada, do lugar de seu coração, Khnumhotep, nascida de Imu.

Inscrição em uma coluna na vestimenta da criança à frente de Ukh-hotep II:



s3t.f mryt.f nt st ib.f nb-ḥwt ḥnwtsn m3^ct-ḥrw

Sua filha, sua amada, do lugar de seu coração, Nebhuthenutsen, justificada.

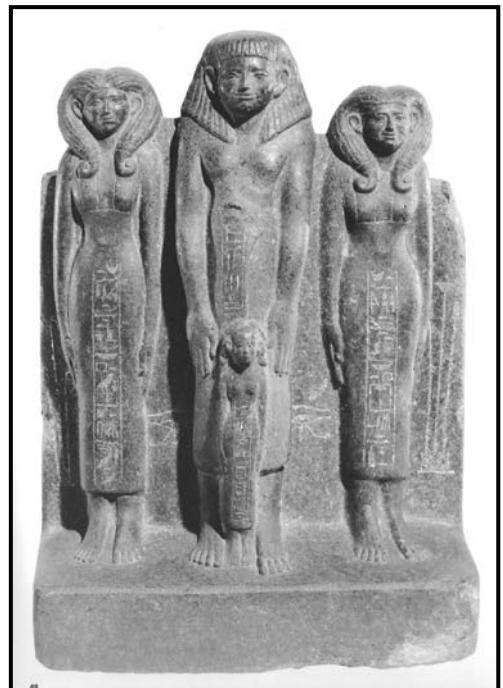


Figura 27: Grupos escultóricos de Ukh-hotep II. À esquerda, grupo CG 459. Referência: CYRIL, A. *Egyptian art*. London: Thames and Hudson, 1996. p. 131. À direita, grupo MFA 1973.87. Referência: D'AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROHRIG, Catharine H. *Mummies and magic. The funerary arts of Ancient Egypt*. Museum of Fine Arts: Boston, 1988. p. 121.

Em um período em que a poligamia era rara em famílias não-reais, o nomarca teve cinco esposas e sete concubinas²⁸⁷. Nos dois grupos analisados (MFA 1973.87 e CG 459), Ukh-hotep aparece acompanhado de suas esposas Nubkau e Khnumhotep. Ambas apresentam os títulos de “esposa” e “senhora da casa”, o que sugere que as duas estavam vivas, e eram esposas de Ukh-hotep ao mesmo tempo. A menina, que no grupo MFA 1973.87 aparece à frente do pai e no CG 459 à sua esquerda, é identificada como sua filha, sua amada. A criança, cujo nome é Nebhuthenutsen, tem o epíteto de “justa de voz”, que geralmente é associado a pessoas que já morreram. Neste caso, a representação de apenas uma filha (deveriam existir outras, dado o número de esposas e concubinas de Ukh-hotep) pode estar relacionada à morte prematura da criança, tal como acontece na estela de Dedusobek (CG 20596), que será descrita posteriormente.

Ukh-hotep apresenta os títulos de “nobre [hereditário]” e “supervisor dos sacerdotes [de Háthor]”, a deusa que era cultuada no XIV nomo do Alto Egito, ou nomo do Baixo Sicômoro e da Víbora²⁸⁸. Na escultura, Ukh-hotep II está com uma vestimenta longa, presa logo abaixo do peito, e com uma peruca que chega aos seus ombros. Suas esposas trazem vestidos longos e com alças, cuja cintura está logo abaixo do peito, e na cabeça têm a peruca de Háthor²⁸⁹. A menina traça um vestido semelhante ao das mulheres, e possui duas tranças laterais na cabeça. As vestimentas das quatro personagens representam suas pernas muito longas e, conseqüentemente, os troncos curtos, causando uma impressão de altura maior que a real. As inscrições que identificam as personagens aparecem na própria vestimenta, em uma coluna de hieróglifos.

Outro argumento, desta vez relacionada à cultura material, que confirma o uso de vestimentas por crianças é a existência, no Museu Petrie de Arqueologia Egípcia, de uma peça de vestuário infantil encontrada em uma tumba do Período Dinástico Inicial ou do Reino Antigo (c. 2920-2134 a.C.) em Tarkhan, um cemitério próximo ao Fayum. Trata-se de uma túnica de mangas longas, confeccionada em linho, e que, pelo tamanho – cerca de 58 cm de altura –, fazia parte do enxoval funerário de uma criança de aproximadamente dez anos de idade. Outras peças de vestuário, encontradas em tumbas de outros períodos, vêm de encontro a essa afirmação²⁹⁰.

²⁸⁷ D’AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROEHRIG, Catharine H. *op. cit.* p. 121.

²⁸⁸ WILKINSON, Richard H. *op. cit.* 2003, p.86.

²⁸⁹ Trata-se de uma peruca ampla, dividida em dois gomos largos, que terminam em cachos enrolados sobre o peito (BOURRIAU, Janine. *op.cit.* p. 25). Tal estilo, apesar de remeter ao período Dinástico Inicial (c. 2920-2575 a.C.), tornou-se comum na escultura durante o reinado de Senusret II (D’AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROEHRIG, Catharine H., *op. cit.*, p. 121).

²⁹⁰ JANSSEN, Rosalind M. & JANSSEN, Jac J. *op. cit.* 1990, p. 32-37.

A segunda característica da representação da criança na arte do antigo Egito é a trança lateral. Geralmente, os pequenos são representados com os cabelos raspados, restando apenas pequenos tufo, que são agrupados em tranças. Esta singularidade reflete uma realidade relacionada às crianças egípcias: as imagens mostram que havia um grande problema com os piolhos em todo o país, e por isso costumava-se raspar os cabelos para se livrar dos insetos. Este era um fato que atingia tanto adultos como crianças, desde a família real até os camponeses, conforme pode ser observado por meio da análise da múmia de um príncipe, provavelmente filho de Ramsés III, que foi encontrada em uma tumba no Vale das Rainhas. O príncipe apresentava o penteado típico da infância, o que confirma que este realmente era utilizado²⁹¹.

Em muitas estelas funerárias confeccionadas durante o Reino Médio e depositadas em capelas ou cenotáfios²⁹² na cidade de Abydos aparecem crianças representadas com este estilo de penteado. Um exemplo interessante é a estela de Pepi (Leiden V, 100), na qual aparecem três crianças que apresentam as tranças laterais.

Neste monumento, o proprietário, que está representado em tamanho maior que as demais personagens, figura no lado direito da estela. Ele porta um saiote curto e uma peruca bem curta, e tem um colar largo no pescoço. À sua frente, o monumento se divide em dois registros. No superior, sua esposa está representada em frente a uma mesa de oferendas, e tem em uma das mãos um vaso de libação, que oferece ao morto. Ela usa vestido e peruca longos, e tem um colar no pescoço. Atrás dela está representado um filho do proprietário – possivelmente o mais velho, que seria responsável por seu culto funerário –, portando um saiote curto e uma peruca bem curta. No pescoço tem um colar, e uma de suas mãos está sobre o peito. No registro inferior, estão um filho e duas filhas do morto, todos ainda crianças, e uma irmã do proprietário, cuja faixa etária não pode ser determinada em função de uma parte da estela estar danificada. O filho veste um saiote curto e tem uma trança lateral na cabeça, enquanto as filhas usam vestidos longos e possuem três tranças cada uma. O vestido da irmã de Pepi é semelhante ao das meninas. Todos possuem pequenas mesas de oferendas à sua frente.

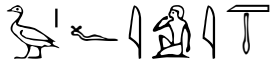
*Tradução das legendas que identificam os filhos de Pepi*²⁹³

Legenda acima da imagem do menino:

²⁹¹ *Ibidem.* p. 38.

²⁹² Cenotáfios são monumentos votivos, ou seja, são tumbas secundárias construídas para o culto de um indivíduo cujo corpo está enterrado em outro local.

²⁹³ A tradução aqui apresentada foi realizada por Liliane Cristina Coelho.



s3.f li m3^c-hrw

Seu filho Ii, justificado.

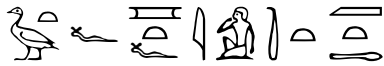
Legenda acima da imagem da primeira menina:



s3t.f s3t-ptḥ

Sua filha Sat-Ptah.

Legenda acima da imagem da segunda menina:



s3t.f mr(y)t.f iti m3^c-t-hrw

Sua filha, sua amada, Iti, justificada.

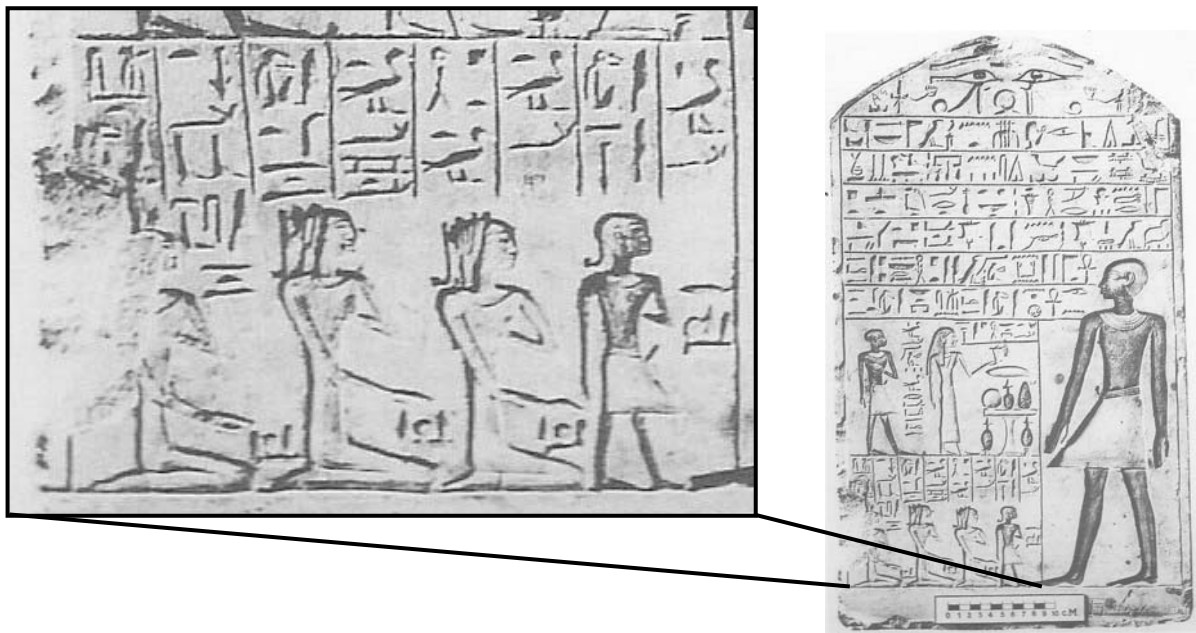



Figura 28: Estela de Pepi (Leiden V, 100) e detalhe com as crianças. Referência: SIMPSON, W. K. *The Terrace of the Great God at Abydos: the offering chapels of dynasties 12 and 13*. New Heaven: The Peabody Museum of Natural History of Yale University; Philadelphia: The University Museum of the University of Pennsylvania, 1974. pl. 54.

Por último, uma terceira particularidade das representações infantis é a postura com o dedo na boca, conforme o hieróglifo que é utilizado como determinativo em palavras

relacionadas à infância (). Esta é uma característica que percorre todos os períodos da arte egípcia: aparece em estatuetas de grupos familiares no Reino Antigo, como aquela que mostra o anão Seneb e sua família, e também em estatuetas do deus Harpócrates, ou Hórus o menino, confeccionadas durante os períodos Ptolomaico e Romano. Um exemplar pertencente ao Reino Médio e que é bastante interessante é um grupo escultórico pertencente ao acervo do Museu Fitzwilliam (E.3.1914), em que são representados mãe e filho.

Este exemplar esculpido em pedra mostra uma mulher que abraça o seu filho, tendo o braço direito exageradamente longo. A mulher está representada com a chamada peruca de Háthor e com um vestido longo, com a cintura alta e com alças. O menino aparece em uma representação típica da infância: nu, com uma trança na lateral direita de sua cabeça e com o dedo esquerdo na boca. Não há inscrições que identifiquem mãe e filho, o que não é raro em grupos provenientes de tumbas, já que os nomes figurariam, por exemplo, nos sarcófagos que guardavam as múmias de cada indivíduo.



Figura 29: Grupo escultórico de uma mãe com o seu filho. Referência: BOURRIAU, Janine. *Pharaohs and mortals: Egyptian art in the Middle Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 71.

A melhor forma de entender a infância no Egito antigo, no entanto, é a partir de objetos produzidos pelas próprias crianças, ou confeccionados pelos adultos para a sua diversão e distração. Por meio da análise de alguns brinquedos, por exemplo, é possível imaginar um grupo de crianças, entre as quais está Snefru, se divertindo pelas ruas de Kahun.

Na cidade, foi encontrada uma grande quantidade de animais esculpidos em argila, que para a egiptóloga britânica Rosalie David claramente serviram como brinquedos para as crianças que os confeccionaram, não tendo função religiosa alguma²⁹⁴.

Tais modelos, no entanto, estão geralmente relacionados a animais que são cultuados por estarem associados a imagens de divindades, ou possuem alguma relação mitológica com elas. Há, por exemplo, um grande número de modelos que representam crocodilos e hipopótamos, animais que estão associados aos deuses Sobek – cultuado em todo o Fayum – e Taueret, Reret ou Ipet, uma divindade-hipopótamo bastante presente no contexto doméstico, e que tem como uma de suas principais funções proteger as crianças e as mulheres grávidas. Uma das formas de Reret, contudo, é a de uma grande porca, e este é outro dos animais representados tradicionalmente em argila.

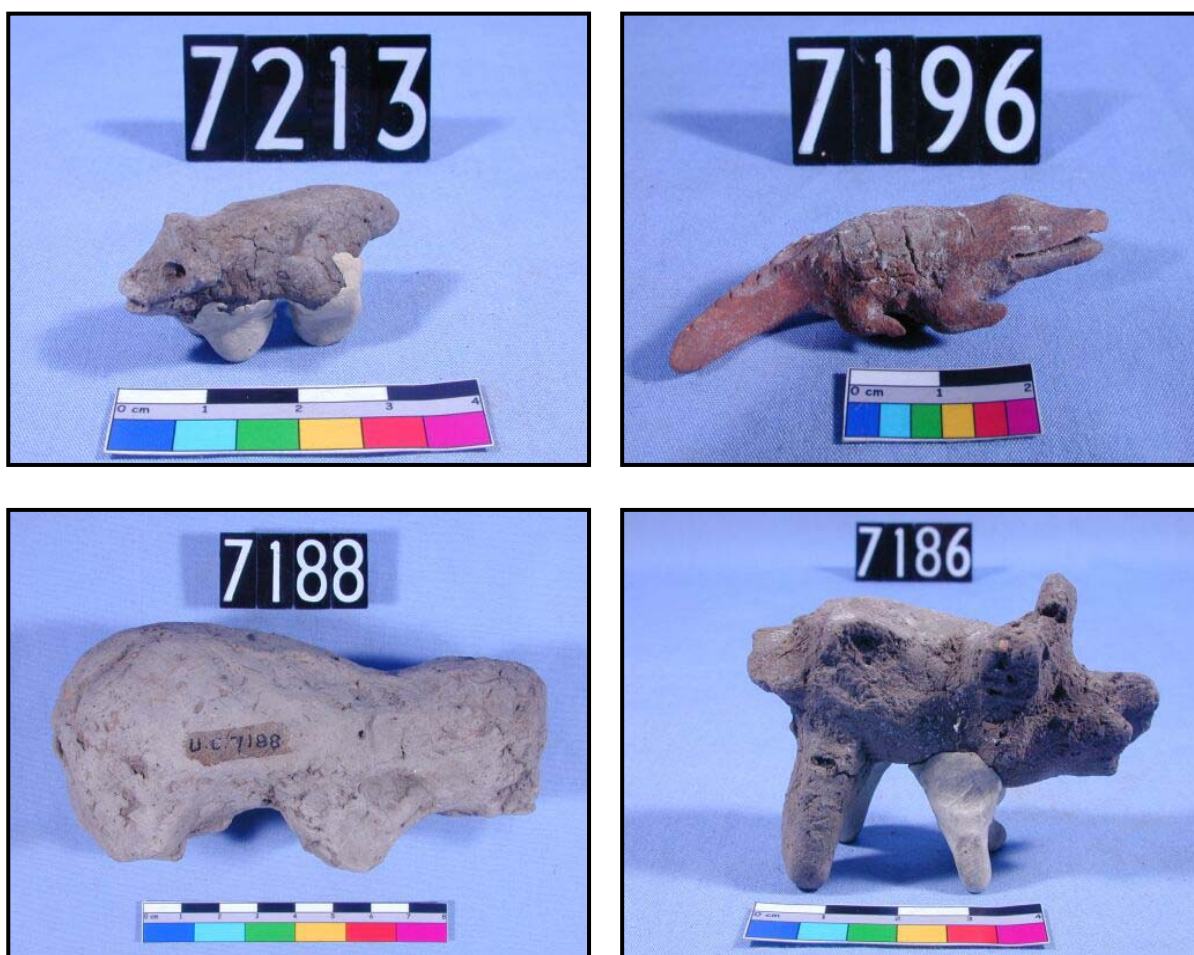


Figura 30: Algumas das figuras de animais em argila encontradas na cidade de Kahun. Acima, dois modelos de crocodilos. Abaixo, à esquerda, um hipopótamo, e à direita um porco. Referência: Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em: <http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 10out08.

²⁹⁴ DAVID, Rosalie. Toys and games from Kahun in the Manchester Museum Collection. In: RUFFLE, J.; GABALLA, G. A.; KITCHEN, K. A. *Glimpses of ancient Egypt*. Studies in honour of H. W. Fairman. Warminster: Aris & Phillips, 1979. p. 12.

Em função dessas associações, o egiptólogo Stephen Quirke argumenta que não podemos tomar objetos em miniatura como brinquedos, especialmente porque muitos foram encontrados em um contexto funerário ou religioso²⁹⁵. Ele leva em consideração os animais representados e diz que as miniaturas poderiam ter, antes de tudo, uma função religiosa e apenas mais tarde serviram para o divertimento. Não há como afirmar, contudo, que as miniaturas em argila encontradas em Kahun vieram de um cemitério ou mesmo de um templo. Petrie descreve os artefatos quando explora os achados na cidade, e este fato faz pensar que tais “brinquedos” foram encontrados em uma das casas do assentamento urbano.

Dos exemplares em argila encontrados em Kahun, um que chama a atenção é um modelinho de um ataúde com uma múmia, de pequenas proporções, que mostra, caso tomemos como base a afirmação de Rosalie David, que as crenças no outro mundo eram difundidas desde muito cedo em Kahun. Ao analisarmos a hipótese de Quirke, no entanto, é possível relacionar este mesmo modelo a uma das tumbas-poço presentes nas necrópoles ao redor de Kahun, e que foram quase completamente saqueadas antes de serem escavadas por equipes de arqueólogos, no início do século XX de nossa era.



Figura 31: Modelo de argila mostrando uma múmia em seu sarcófago, proveniente de Kahun. Referência: Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em: <http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 10out08.

A figurinha, modelada de forma simples, consta de um pequeno boneco semelhante a um *ushabti*, e de seis partes retangulares que, unidas, formam o sarcófago. Estas partes são de

²⁹⁵ QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2005, p. 105.

modelagem bastante rústica, mas apresentam marcas de que teriam encaixes para que formassem a caixa. Dadas as suas características, a peça poderia ter sido confeccionada para fazer parte do equipamento funerário de uma pessoa de poucas posses, e que almejava igualmente alcançar a eternidade.

Também foram encontrados na cidade exemplares em miniatura de vasos e recipientes de diversos tipos, em madeira e cerâmica, que podem ter sido utilizados como brinquedos pelas meninas de Kahun, por exemplo, para brincadeiras relacionadas às atividades domésticas. A afirmação de Quirke de que miniaturas não podem ser tomadas diretamente como brinquedos, no entanto, deve ser levada em consideração, já que tais itens poderiam ter sido confeccionados para servirem de oferendas a serem depositadas nas tumbas das necrópoles ao redor do assentamento urbano.

Outros artefatos que devem ser levados em consideração para essa análise são os modelos de madeira de Meketre. Quando o arqueólogo Herbert Winlock os descobriu, em 1920, percebeu que algumas peças que formavam os modelos estavam danificadas: havia um marinheiro com o braço quebrado, marcas de um pequeno incêndio, dejetos de moscas, partes roídas por camundongos, e velhas teias de aranha. Imediatamente, Winlock percebeu que estes danos não poderiam ter sido causados após a colocação dos modelos na câmara, pois não havia insetos ou ratos mortos no chão, e um incêndio não poderia ter atingido aquela parte da tumba. Imaginou, então, que os modelos teriam sido confeccionados muito antes da morte de Meketre, e que ficavam guardados em um lugar na sua casa em que entravam apenas insetos e ratos. Mas também pensou na possibilidade de que os filhos de Meketre, fascinados pelos pequenos modelos, teriam utilizados as miniaturas como brinquedos²⁹⁶. Esta associação entre miniaturas e brinquedos é altamente compreensível: os modelos representavam atividades cotidianas, a que as crianças estavam habituadas. Dessa forma, podemos entender, pelo menos parcialmente, o motivo que os levou à brincadeira.

Um item comum entre os diversos tipos de divertimentos das meninas egípcias era a boneca. Na cidade de Kahun Petrie localizou, em uma das casas, uma boneca e uma série de contas reunidas, que formariam os cabelos de outros exemplares, e uma figura feminina, com os braços móveis, que ele acreditava tratar-se de um brinquedo. Há um aspecto, porém, que deve ser levado em consideração quando falamos sobre estas figuras. Muitas imagens femininas em três dimensões foram encontradas em um contexto funerário, o que as relaciona ao renascimento e à vida *post-mortem*²⁹⁷. Existe a possibilidade, então, de que as bonecas

²⁹⁶ BROWN, D. M. (ed.) *op. cit.* p. 13.

²⁹⁷ ROBINS, Gay. *op. cit.* 2000, p. 114.

descritas por Petrie sejam figuras funerárias, que acompanhariam o morto e garantiriam seu renascimento no outro mundo, ou mesmo que sejam figuras de fertilidade, que garantiriam a continuidade da família e da sociedade no outro mundo²⁹⁸. Para solucionar este dilema que persiste em discussão entre os egiptólogos até os dias atuais, seria necessária a descoberta de artefatos semelhantes *in situ* e o entendimento de seu contexto.

Outros tipos de divertimentos que deveriam ser abundantes nas ruas de Kahun eram as brincadeiras com e sem bola. Na cidade, foram encontradas bolas produzidas em diferentes materiais, e que certamente eram utilizadas para diversas finalidades. Pinturas parietais em tumbas da XII Dinastia mostram crianças e jovens praticando diversas atividades com e sem bola²⁹⁹, tais como as que deveriam ser praticadas nas cidades egípcias. Tais brincadeiras tinham sempre um sentido público, de convivência comunitária, e preparavam os jovens para o trabalho em equipe, que seria tão importante em sua vida futura.

Um dado interessante em relação aos divertimentos em Kahun é que, na cidade, foram encontrados alguns tabuleiros para jogos, mas não há relatos, da parte de Petrie, de terem sido localizadas as peças que seriam utilizadas para estes jogos³⁰⁰. Poderíamos pensar que, talvez, os habitantes da cidade usassem pequenas pedras, ou mesmo sementes de frutas, para jogar. Um dos jogos mais comuns entre os antigos egípcios era o *senet*, que é representado em muitas cenas no contexto funerário. Em Kahun foram encontrados dois tabuleiros desse jogo, sendo um deles confeccionado em argila e outro em madeira. Este último estava pintado na tampa de uma das caixas utilizadas para enterramentos infantis, que foram descritas anteriormente. Outro jogo de tabuleiro que deveria ser apreciado entre os habitantes de Kahun era o chamado “cães e chacais”. Para este jogo, foi encontrado um tabuleiro modelado em argila, de forma rústica, mas que tem todas as características necessárias para este divertimento.

²⁹⁸ *Ibidem.* p. 116.

²⁹⁹ As representações aparecem em tumbas dos Reinos Antigo e Médio como, por exemplo, a mastaba de Ptahhotep (V Dinastia), em Saqqara, e as tumbas de Baqt e Kheti (XII Dinastia), em Beni Hassan.

³⁰⁰ QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2005, p. 105.



Figura 32: Tabuleiro do jogo “cães e chacais” confeccionado em argila, encontrado em Kahun. Referência: Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em: <http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 10out08.

É possível imaginar, então, um grupo de crianças brincando pelas ruas de Kahun, dentre as quais estava Snefru. Havia muita gritaria e correria entre bolas, animais esculpidos em argila, bonecas e jogos de tabuleiro. Um pequeno grupo se formava ao redor de um tabuleiro de “cães e chacais”, e observava as duas meninas que disputavam uma partida. Dois meninos se aprontavam para um jogo de *senet*, enquanto discutiam os resultados de enfrentamentos anteriores. Uma equipe se organizava para um jogo de bola, enquanto crianças menores sentavam-se nas soleiras das portas de suas casas e se distraíam com as esculturas de argila de animais que faziam parte de seu ambiente. Um grupo de meninas estava cercado por miniaturas de vasos e tigelas, e se divertia em conversar e servir uma refeição para suas bonecas. Mais distante, voltando de uma excursão fora dos muros, algumas crianças chegavam carregadas com argila e pequenos seixos, que seriam a matéria prima para a confecção de novos modelos criados para novas brincadeiras.

Um último ponto que merece atenção em relação à infância é a educação. Esta era uma função da mãe, pelo menos até uma determinada idade³⁰¹. Após essa idade, os meninos passavam a auxiliar o pai em suas atividades, já que o ofício, geralmente, passava de pai para filho. A menina continuava a ser educada pela mãe, que a iniciava nas atividades domésticas e, possivelmente, na tecelagem, já que esta era uma atividade exercida em sua maioria por

³⁰¹ WENZEL, Gabrielle. “Vida cotidiana doméstica: a casa como espaço vital.” In: SCHULZ, R.; SEIDEL, M. *Egipto: o mundo dos faraós*. Colônia: Könemann, 2001. p. 409.

mulheres. Havia, no entanto, a possibilidade da mulher que educava as crianças não ser a mãe biológica, levando em consideração a grande mortalidade materna no Egito antigo. Esta mulher poderia ser, então, uma segunda esposa do pai, ou outra pessoa da família. Devemos considerar, ainda, que em alguns casos quem tinha esta função era o próprio pai, que não se casara novamente ou que não tinha uma nova esposa.

No caso de algum menino não seguir a profissão de seu pai, este era enviado para uma escola, que geralmente se situava próxima ao templo, para aprender um novo ofício, relacionado à leitura, à escrita e à correta manipulação dos números³⁰². Esta idéia aparece sugerida na *Sátira das Profissões*, texto datado originalmente da XII Dinastia, no qual um pai, chamado Khéti, viaja com seu filho Pépy, para deixá-lo na escola dos livros e iniciar sua formação de escriba. O aprendizado da escrita era uma atividade era difícil e demorada, e há poucas informações sobre mulheres escribas, o que leva a imaginar que ela estivesse reservada aos meninos. Algumas meninas, no entanto, aprendiam a ler e a escrever, pois há, por exemplo, cartas que foram enviadas por mulheres. Não há como saber se as remetentes realmente as escreveram, ou se ditaram o texto a um escriba, mas o fato é que tais cartas existem. Há também alguns relatos sobre mulheres que exerceram o ofício de escribas, e certamente tinham conhecimento da leitura e da escrita egípcia antiga.

A infância era, sobretudo, uma fase de aprendizagem para a vida adulta. Por meio dos jogos e brincadeiras praticados nas ruas das cidades era possível aprender a trabalhar em equipe, por exemplo, uma prática muito comum na maioria das atividades no Egito antigo. Era também durante a infância que as crianças começavam a aprender um ofício, que seria aquele que deveriam seguir durante toda a sua vida adulta.

3.5. A ADOLESCÊNCIA

Um tema que merece ser considerado na arte e na sociedade egípcias, quando nos referimos às várias etapas da vida, é a adolescência. É difícil localizar o adolescente na arte, e isso se dá principalmente em função de dois problemas. Primeiro, ainda não se sabe com que idade as tranças laterais eram cortadas. Nos meninos, é possível que tal fato se desse logo após a circuncisão, que ocorria, conforme indicam os egiptólogos Janssen & Janssen, aproximadamente aos doze anos³⁰³. Nas meninas é ainda mais difícil determinar, já que

³⁰² *Ibidem*, p. 409.

³⁰³ JANSSEN, Rosalind M. & JANSSEN, Jac J. *op. cit.* 1990, p. 40.

muitas ainda apresentam o penteado tradicional da infância associado a características que já são núbéis, como a cintura mais fina e os seios proeminentes.

As fontes que abordam a circuncisão são escassas, e para chegarmos a conclusões mais precisas sobre o assunto seriam necessários estudos mais aprofundados. Dentre os registros desta prática no Egito antigo, há, por exemplo, uma pintura parietal, em uma tumba da VI Dinastia (c. 2323-2150 a.C.) pertencente a Ankhmahor, na qual são representados alguns meninos passando pela cirurgia. Ao Reino Médio pertencem três textos escritos que falam sobre a prática, mas estes citam apenas que o ritual envolvia os meninos, sem precisar-lhes a idade. A frase que aparece nestas fontes é: “Quando eu era um menino, antes que o prepúcio fosse removido para mim”³⁰⁴. Com o decorrer do tempo, porém, quando a circuncisão é referida em textos, as palavras utilizadas estão grafadas de maneira errada, o que mostra que já não se tinha um conhecimento textual a respeito da prática.

Para as meninas é ainda mais difícil afirmar em que momento se dava essa passagem. Poderíamos situar este fato na data da chegada da primeira menstruação, ou menarca, mas não há fontes que confirmem este dado. A partir deste momento, porém, a moça estaria pronta para casar e constituir uma família, pois já poderia gerar uma criança. Se levarmos em conta que o casamento iniciaria a vida adulta, a adolescência, para as meninas, seria um período bastante curto. O casamento, no entanto, não era uma regra para as mulheres egípcias, que poderiam permanecer solteiras por diversos motivos, dentre os quais está a falta de um dote, condição essencial para o estabelecimento de uma união.

Como um segundo problema para o reconhecimento do adolescente na arte, temos a própria representação artística. Quando deixa de ser criança, na arte, o indivíduo torna-se imediatamente adulto. Não há como diferenciar um rapaz de doze anos de um homem, já que a representação humana está ligada a convenções artísticas. Algumas pinturas parietais em tumbas, especialmente as do Reino Novo, mostram homens, em tamanho menor que os de seus predecessores, que são entendidos como aprendizes e, de todo modo, adolescentes. Em uma cena de medição dos campos na tumba de Menna, da XVIII Dinastia, por exemplo, vêm-se três homens representados: um estica uma corda, outro porta um cetro-*uas* e um terceiro carrega uma paleta de escriba. Estes são acompanhados por três homens em menor tamanho, que são tomados como seus aprendizes e, possivelmente, filhos.

³⁰⁴ *Ibidem.* p. 93.





Figura 33: Pintura parietal da tumba de Menna, mostrando possíveis adolescentes. Referência: HAGEN, Rose-Marie & HAGEN, Rainer. Egípto: pessoas, deuses, faraós. Köln: Taschen, 2003. p. 57.

É sabido, porém, que durante a adolescência as responsabilidades começavam a aumentar. Durante esta fase, os meninos passavam a ter tarefas que exigiam maior atenção e responsabilidade. Conforme a profissão que resolvesse seguir, se aquela do pai ou outra que motivasse sua estada em uma escola, o adolescente teria aumentadas as suas tarefas, preparando-o para assumir sozinho o cargo de seu pai. As meninas, da mesma maneira, passariam a cumprir tarefas domésticas que exigiam melhor preparação e, ao final de um período determinado, estariam prontas para assumir suas próprias casas.

Assim como não sabemos quando realmente tem início a adolescência, também é difícil precisar o seu término. Se levarmos em consideração os textos do Reino Médio que falam sobre o ritual de circuncisão, poderemos afirmar que a adolescência para os rapazes começava após este ritual. Já a passagem para a vida adulta era determinada por outros fatores. Em uma profissão como a de escriba, por exemplo, a vida adulta tinha início com a abertura de um local próprio para desempenhar o seu ofício, ou com a obtenção de um cargo de confiança junto ao faraó, a um nobre ou mesmo como escriba de um templo. Já para os outros ofícios, como artesão ou carpinteiro, não há como determinar quando se dava esta passagem. Poderíamos afirmar, no entanto, que o final da adolescência para o homem é marcado por um novo “ritual de passagem”: o casamento. Assim que um rapaz e uma moça fundavam uma casa e iniciavam uma nova família, começava também uma nova etapa de suas vidas.


A adolescência era, então, uma fase de preparação para a vida adulta. Havia maior integração dos indivíduos com a sociedade, por meio da aprendizagem das atividades que desenvolveriam como adultos, e de sua maior exposição pública. A imagem que o indivíduo queria transmitir de si mesmo, então, começava a ser construída nesta fase de sua existência.

3.6. A VIDA ADULTA

De todas as etapas da existência de um indivíduo, era durante a vida adulta que ele se fazia representar com mais freqüência. Nessa fase, era importante mostrar os títulos, a posição de prestígio alcançada junto ao faraó, e mesmo demonstrar sua vontade de participar de rituais aos deuses – ainda que apenas simulado em um objeto, como acontece no caso das estelas e estátuas provenientes de Abydos. Estes monumentos, geralmente de natureza funerária, tinham um grande significado simbólico para os antigos egípcios. Chamadas de *wḏ* (em egípcio, ) ou *ḥꜥ* (em egípcio, ), possuíam um objetivo próprio, seja na esfera religiosa, na funerária ou na real. Para o egiptólogo G. Jéquier,

a estela é, originalmente, de natureza funerária; ela estava destinada a assegurar a um indivíduo a propriedade de uma tumba, a representar seu palácio no outro mundo ou simplesmente a entrada desta morada, assim como a transmitir aos deuses dos mortos preces, cujo efeito deveria durar tanto tempo quanto a própria estela, e fórmulas mágicas que assegurariam sua própria subsistência no outro mundo³⁰⁵.

Como suportes de imagens e textos, as estelas possuem diversas vantagens, como a possibilidade de sua disposição em locais públicos ou em fronteiras, e por isso seu uso em outras vias, que não a funerária, tornou-se também comum. Muitos dos exemplares de natureza votiva ou funerária provenientes de Abydos e de outras necrópoles egípcias trazem inscrições autobiográficas, que nos auxiliam sobremaneira para o conhecimento de alguns aspectos da sociedade egípcia antiga, principalmente relacionados à estrutura administrativa.

Nas capelas e cenotáfios de Abydos geralmente havia, além das estelas, uma estátua do proprietário confeccionada em pedra. Denominada pelos antigos egípcios de *twt* (em egípcio, ) , as estátuas funcionariam como substitutas dos corpos dos indivíduos, pois

segundo a concepção egípcia, toda estátua é dotada de uma vida verdadeira, vida que é aquela do indivíduo que lhe serviu como modelo; ela prolonga

³⁰⁵ JÉQUIER, G. *Manuel d'Archéologie Égyptienne: les éléments de l'Architecture*. Paris: Auguste Picard, 1924. p. 351.

sua existência, ela o coloca sob os benefícios das vantagens que são acordadas aos hóspedes de um lugar santo³⁰⁶.

Esta teoria da substituição do corpo do indivíduo por um “corpo” de pedra teve seu pleno desenvolvimento no domínio funerário. Estes monumentos, chamados de “estátuas do *ka*”, poderiam ser substituídos, nos túmulos, por grupos familiares, tais como os já mencionados confeccionados para Ukh-hotep II, e eram colocados em uma sala obscura e inacessível da tumba³⁰⁷. O material de confecção destes monumentos também poderia variar, como acontece, por exemplo, no início do Reino Médio, quando é comum a presença de estátuas de madeira dos proprietários nas tumbas.

Independente do tipo de monumento e de sua finalidade, as representações humanas, assim como nas outras fases da vida, se diferenciam entre aquelas que mostram homens e aquelas que trazem mulheres. Assim, é importante ter em mente que, no Egito antigo, a arte era produzida por homens, e que refletem o ponto de vista masculino. A mulher era sempre representada de maneira ideal, conforme a visão idealizada pelo homem. Por essa razão, ao estudarmos as representações públicas e privadas dos indivíduos durante a vida adulta é importante que esta pesquisa leve em conta o gênero do indivíduo representado, e a quem pertence o monumento analisado – se a um homem ou a uma mulher.



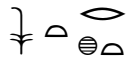
Há algumas características que são comuns a muitas estátuas e estelas funerárias, como por exemplo as vestimentas usadas pelas personagens representadas. As mulheres geralmente aparecem trajando vestidos longos, colados ao corpo, e com alças que deixam os seios à mostra. Tal traje é o mesmo usado pelas deusas, e pode ser considerado atemporal³⁰⁸. Na cabeça, comumente carregam uma peruca tripartite longa. Nas estátuas, é comum também a chamada peruca de Háthor, que termina em volutas na altura dos seios das mulheres. A vestimenta masculina geralmente é formada por um saiote, curto ou longo, acompanhado em muitas ocasiões por um avental triangular, mostrado de frente. O comprimento das perucas varia, indo desde as muito curtas àquelas que chegam aos ombros. Em algumas estátuas os homens são representados com um traje típico da nobreza do Reino Médio, que consiste em uma espécie de manto que é preso logo abaixo do peito, tornando o corpo exageradamente longo. Nos pescoços de homens e mulheres é comum a representação de um colar largo, e nos braços e pernas femininas em alguns casos há adornos.

³⁰⁶ *Ibidem.* p. 361-362.

³⁰⁷ *Ibidem.* p. 372.

³⁰⁸ TRAUNECKER, Claude. *Os deuses do Egito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. p. 69.


Para as análises aqui apresentadas, é importante que alguns aspectos sejam esclarecidos. Em primeiro lugar, a escolha do *corpus* documental. As estátuas e estelas funerárias analisadas são provenientes de diferentes necrópoles egípcias, especialmente daquelas de Abydos e Tebas. Isto se deve, primeiramente, ao fato de que os exemplares provenientes de Kahun ou das necrópoles que se formaram no entorno da cidade são raros, pois os moradores da localidade que tinham condições de mandar confeccionar estes tipos de monumentos, assim como grande parte dos egípcios durante o Reino Médio, mandaram erigir cenotáfios ou capelas na cidade de Abydos. Mesmo nesse caso, há apenas uma estela que comprovadamente é proveniente desta localidade e cuja confecção foi ordenada por um habitante de Kahun. A escolha dos monumentos, então, se deu em função das características que apresentam, e que foram consideradas mais representativas para a análise aqui desenvolvida.

Em segundo lugar, algumas questões relativas aos títulos que aparecem nas estátuas e estelas também devem ser explicadas. A designação venerável, *im3h(w)* (em egípcio, ) , por exemplo, não marca diferenciação de *status* social. O morto que passava pelos rituais funerários era assim designado, e a palavra “venerável” pode ser tomada como um sinônimo de “falecido”. Outro título bastante comum é “senhora da casa”, *nbt-pr* (em egípcio, ) . Esta é designação encontrada para a maioria das mulheres representadas nas estelas funerárias, em todos os períodos da história egípcia. Refere-se geralmente à mulher casada, que tinha o papel de zelar pela educação dos filhos e manter a estabilidade do lar. Além de executar as tarefas domésticas, elas às vezes assumiam a função de tesoureiras, cuidando das despesas domésticas. Um terceiro título que merece um esclarecimento é o de “conhecida do rei”, *rht-nsw* (em egípcio, ) , ou “conhecido do rei”. Aqueles que possuíam esses títulos eram membros da corte, ou tinham acesso a ela. No caso das mulheres, tal designação pode refletir a posição social de seu marido, ou uma posição conquistada por ela em função de sua posição social, conforme afirma a egiptóloga Gay Robins³⁰⁹.

O aspecto mais importante a ser discutido antes de passarmos às análises, contudo, diz respeito justamente à forma de representação da figura humana nestes monumentos. Não podemos esquecer que a arte egípcia estava presa a regras, que podem ser sintetizadas na expressão “sistema canônico”. Este era ditado pelo governo, mas era de uso público e, desta forma, todas as representações que foram realizadas dentro deste sistema eram públicas.

³⁰⁹ ROBINS, Gay. *Women in ancient Egypt*. Cambridge: Harvard University Press, 1993. p. 114.

Assim, todos aqueles que observavam um monumento de qualquer natureza, inclusive a funerária, tinham conhecimento sobre as normas que regulamentaram a sua confecção, e liam as imagens sabendo o que representavam.

Um último aspecto a ser debatido está relacionado diretamente ao sistema canônico, e diz respeito à diferenciação entre realidade e representações. Nos monumentos, geralmente aparecem representados, junto com o proprietário, membros de sua família e, em alguns casos, seus servidores. Ao ler estas imagens, no entanto, devemos levar em consideração que elas não refletem a realidade quando nos referimos, por exemplo, ao número de pessoas que residem em uma casa ou unidade doméstica. Alguns dos indivíduos representados apresentam uma designação que, assim como venerável, pode ser entendida como “falecido”: “justo de voz” ou “justificado”, *mꜣꜥ-hru* (em egípcio, ). Tais pessoas, então, receberiam uma forma de homenagem ao serem representadas nos monumentos de seus familiares. Há casos, ainda, em que os indivíduos são apenas nomeados e não representados. Quando não apresentam tal designação, então, devem ser somados aos membros da casa.

A realidade e as representações também diferem quando nos referimos à importância social de um indivíduo. Há casos em que o proprietário do monumento se faz representar em escala bastante maior que aquela dos outros indivíduos representados, e tal fato reflete sua importância social não apenas em relação à sua família, mas também perante a sociedade em geral. Em outros casos, no entanto, a diferença de tamanho é pequena ou inexistente, o que pode refletir que aquela pessoa, dentro da família, tem a mesma posição social que as outras personagens representadas e que, perante a sociedade, todos ocupam um mesmo nível de hierarquia. Não podemos interpretar tais imagens, entretanto, como se todos os indivíduos figurados no monumento exercessem as mesmas funções ou os mesmos ofícios, o que só pode ser levantado por meio da análise dos títulos.

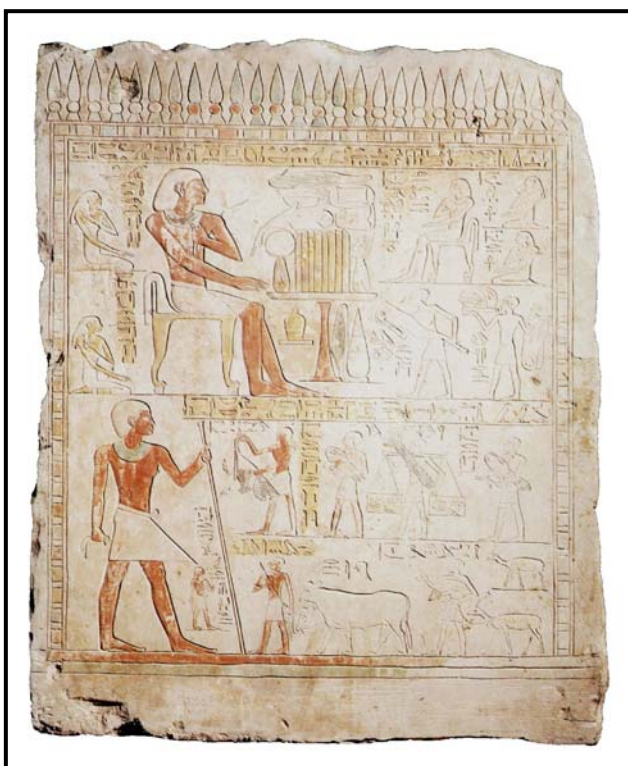
Para a análise dos monumentos, então, levamos em consideração todas estas características. Partindo da metodologia de análise das imagens proposta por Richard Wilkinson e apresentada anteriormente, vamos propor agora um método para explorar alguns aspectos do público e do privado nas estátuas e estelas funerárias. O procedimento aqui apresentado foi baseado na análise minuciosa das imagens e textos presentes nos artefatos selecionados, e tem como ponto de partida a hipótese de que há, nos monumentos e rituais funerários, uma clara primazia do proprietário em relação aos outros membros de sua família.

Para a sua aplicação, nos baseamos em alguns critérios, que foram classificados conforme relacionados às imagens ou aos textos. Com relação às imagens, consideramos a

posição absoluta do proprietário no que se refere aos membros de sua família e aos servidores, quando representados, bem como a sua escala de representação. Com relação aos textos, analisamos os títulos apresentados pelo proprietário e por outros indivíduos, quando estes aparecem, e, nas legendas que identificam as personagens representadas, quem são estas pessoas e qual sua relação com o proprietário do monumento. Outro critério incluído na análise foi a qualidade de confecção do monumento, que pode informar sobre o nível social dos indivíduos representados.

É importante esclarecer que, para esta aplicação, não entenderemos a dicotomia entre público e privado apenas no sentido de externo e interno, ou de maior ou menor visibilidade ao exterior, tal como foi admitido para o estudo da casa. A definição do caráter público ou privado do monumento também levará em consideração o fato de que todas as representações egípcias elaboradas dentro das regras da arte canônica podiam ser lidas e interpretadas por uma grande parcela da população, que conhecia o sistema artístico ditado pelo governo. Partiremos agora para a análise dos monumentos selecionados.

Existem algumas diferenças marcantes, que serão discutidas ao longo do texto, entre as estátuas e estelas funerárias erigidas ou dedicadas a homens e a mulheres. Especialmente nos monumentos dedicados a homens ou erigidos por eles, é possível levantarmos a posição hierárquica do indivíduo que mandou confeccionar o artefato, bem como seu provável nível social. A análise de um conjunto de estelas mostrou que quanto mais altos os cargos



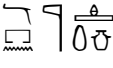

apresentados pelo proprietário, maior será a diferença entre a imagem deste e dos outros indivíduos representados. Na estela de Amenemhat Nebuy (E.207.1900), do Museu Fitzwilliam, por exemplo, ele se fez representar em duas realidades distintas, familiar e profissional, mas sempre em tamanho muito maior que as outras pessoas.

Figura 34: Estela de Amenemhat Nebuy, pertencente ao acervo do Museu Fitzwilliam. Referência: VASSILIKA, E. *Egyptian art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p.43.

O monumento de Amenemhat Nebuy é formado por dois registros principais, cada um dividido em dois menores. No registro superior Amenemhat Nebuy aparece sentado em uma cadeira com pernas de leão e encosto baixo, posição esta que pode ser lida como o hieróglifo que significa “nobre”. À sua frente há uma mesa de oferendas, e atrás dele estão representadas duas mulheres. Elas são identificadas como sua mãe e, provavelmente, sua esposa. À frente da mesa de oferendas, no lado direito, há dois registros com dois irmãos e uma irmã do morto. Um dos irmãos está representado sentado em uma cadeira semelhante à de Amenemhat Nebuy, e a legenda à sua frente apresenta seu título, o que indica sua importância social. Atrás da cadeira, sobrepostos, estão a irmã e outro irmão do morto. No registro inferior direito, dois servos levam oferendas ao falecido, sendo que o primeiro traz um pernil bovino, o que o coloca como o responsável pelo seu culto funerário³¹⁰.


O registro inferior está relacionado à atividade que Amenemhat Nebuy desempenhava em vida, ligada aos seus títulos. Ele está em pé, com cabelos e um saiote triangular curtos, e na mão direita, segura um cajado. Tal representação pode ser lida como o hieróglifo que quer dizer “estátua”. À frente do morto, servos devidamente identificados nas legendas lhe trazem diversos tipos de oferendas. Aos pés de Amenemhat Nebuy, uma pequena figura masculina é identificada como seu irmão.

As bordas da estela são decoradas com pequenos retângulos, que apresentam vestígios de tinta verde e vermelha. Na parte de cima, aparecem hieróglifos que são identificados como ornamentos de parede. As inscrições da estela, excluindo-se as legendas que identificam as personagens, estão distribuídas em duas linhas horizontais, que devem ser lidas da esquerda para a direita.

Os títulos de Amenemhat Nebuy, de natureza administrativa, incluíam “intendente das oferendas divinas” (= administrador das terras do templo), *imy-r pr n htp ntr* (em egípcio, ) e “capataz dos trabalhadores”, *imy-r mrw* (em egípcio, ) , o que o posiciona em um nível social elevado. Mesmo seu irmão Sankh, que também apresenta o título de “administrador dos trabalhadores”, foi mostrado em escala menor em relação a Amenemhat Nebuy, sendo comparável àquela das outras personagens representadas. A altura dos rostos de Sankh e Amenemhat Nebuy, no entanto, é a mesma, o que os coloca num mesmo nível de hierarquia.

³¹⁰ Ver, por exemplo, as obras de: BREWER, D. J. & TEETER, E. *Egypt and the Egyptians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, e ANDREAU, G. *A Vida Cotidiana no Egito no Tempo das Pirâmides*. Lisboa : Edições 70, 2005.

Atrás de Amenemhat Nebuy há a representação de duas mulheres, uma identificada como sua mãe Neferet, e a outra simplesmente como a “senhora da casa Seneb”, e é possível que ela fosse a esposa do proprietário do monumento. A posição em que ambas estão representadas as coloca uma a cada lado de Amenemhat Nebuy, e também como as pessoas mais próximas a ele.


O proprietário da estela fez representar em seu monumento alguns de seus servidores, dentre os quais um faz o papel de filho mais velho e está identificado como “o asiático, servidor doméstico, Renefseneb”, *ꜣm wdpw rn.f-snb* (em egípcio, ). É possível que Amenemhat Nebuy não tivesse filhos, e por essa razão fez representar em sua estela o seu servidor predileto efetuando a oferenda que de praxe seria realizada pelo filho mais velho. Em suas representações, Amenemhat Nebuy aparece sempre com insígnias da nobreza: no registro superior, sentado em uma cadeira de encosto baixo, e no inferior com um cetro-*sekhem* e um bastão, que lhe conferem poder e autoridade. Dadas estas características, é possível dizer que o proprietário é a pessoa mais importante no monumento, e que ele tem a primazia em relação às outras personagens representadas.

A miniaturização de uma personagem é visível também na estela de Dedusobek (CG 20596). Este monumento, proveniente da Necrópole Norte de Abydos, foi esculpido em pedra calcária, e tem formato retangular, com o topo arredondado. Na luneta há a figura de Uapuaut, representado como um cão deitado sobre um pavilhão divino. No registro principal, Dedusobek está sentado em uma cadeira com pernas de leão e encosto baixo, posição que pode ser lida como o hieróglifo que significa “nobre”. Em seu colo está sentada uma menina, identificada como Rensenebsu, que é provavelmente sua filha. Sua representação pode ser lida como se fosse o hieróglifo “criança”. A menina tem mecha lateral de cabelo e aparece, curiosamente, com a pele da face de cor marrom avermelhado, uma característica que a identificaria como um menino, se não houvesse a presença da legenda. Sobre o colo, há um colar e ela traja um vestido longo e justo. Traz nas mãos um cacho de uvas e um pequeno fio, por meio do qual sustenta um pássaro preso pela perna.

À frente do morto há a representação de uma mulher agachada, denominada Ankhser, que é possivelmente sua esposa. Seu gesto, de acordo com metodologia de análise, mostra o braço esticado com uma tigela, o que denota o hieróglifo “oferecer”. Ela apresenta o recipiente a ambas as personagens sentadas, e com a mão esquerda segura o seio. Também à frente do morto, logo abaixo da mulher, há uma mesa de oferendas. Abaixo da cadeira de

Dedusobek, vê-se a figura do animal de estimação dessa família, um pequeno cão, com uma coleira no pescoço.

As inscrições da estela, excluindo-se as legendas que identificam as personagens, estão distribuídas em duas linhas horizontais, que devem ser lidas da esquerda para a direita, e estão localizadas logo acima do registro principal.

Dedusobek era “chefe dos escribas”, *sš wdt* (em egípcio, ) , um título que o coloca num dos altos postos da administração egípcia. Sua estela é de uma qualidade excepcional, e apresenta ainda muitos vestígios das cores com as quais foi pintada durante o

Reino Médio. A mulher representada à sua frente, em escala muito menor que aquela do proprietário, é identificada como a mãe da criança que está em seu colo. Possivelmente seja a esposa de Dedusobek, e apresenta o título de “senhora da casa”, que foi explicado anteriormente.

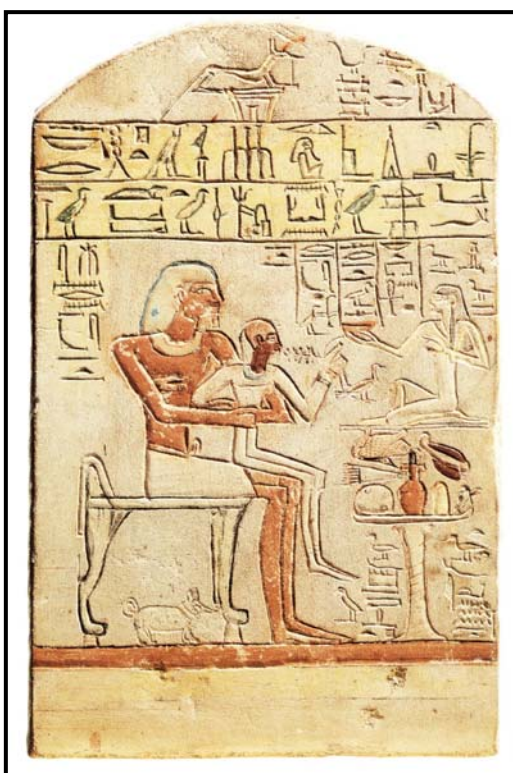



Figura 35: Estela de Dedusobek, do acervo do Museu do Cairo. Referência: TIRADRITTI, Francesco (ed.). Tesouros de Egito do Museu Egípcio do Cairo. São Paulo: Manole, 1998. p.96.

A estela de Dedusobek tem um aspecto que a diferencia de outras aqui apresentadas: há a representação de uma filha do morto, ainda criança, em seu colo. Tal fato pode estar relacionado à morte prematura da menina, e à dor do pai em relação à perda da criança. A imagem da menina aparece em escala semelhante à de Dedusobek, o que denota sua importância para o falecido. Sua representação, contudo, apresenta algumas particularidades como, por exemplo, a cor de sua pele, que ao invés de ser clara como dita a regra para as mulheres, é escura como a pele dos homens. O que a identifica como menina é apenas a legenda acima de sua imagem, que termina com a expressão “justa de voz” ou “justificada”, *mšꜥt-hrw* (em egípcio, ).

Os proprietários das duas estelas analisadas possuem cargos administrativos, o que os insere em um nível social mais alto. A ênfase, no caso de Amenemhat Nebuy, está na sua pessoa, enquanto Dedusobek divide as atenções com a filha. A situação é diferente em monumentos nos quais os títulos do morto não aparecem, ou em que estes são nomeados apenas como “veneráveis”. Nestes, quando há outras pessoas representadas, geralmente elas aparecem em escala semelhante àquela do proprietário. É o caso, por exemplo, da estela de Nit-Ptah (JE 45625). Nesta estela retangular estão representados, intercalados, dois homens e duas mulheres. Nit-Ptah e seu filho Intef, estão representados de maneira semelhante, e carregam em uma das mãos um cetro-*sekhem* e na outra um bastão. Seni, que provavelmente seja a esposa de Nit-Ptah, e sua filha Ded carregam em uma das mãos uma flor de lótus, que carregam próxima à face, e na outra, têm um botão de lótus. Legendas acima das personagens as identificam. Há ainda uma linha de texto, que forma a inscrição principal, e que deve ser lida da direita para a esquerda.

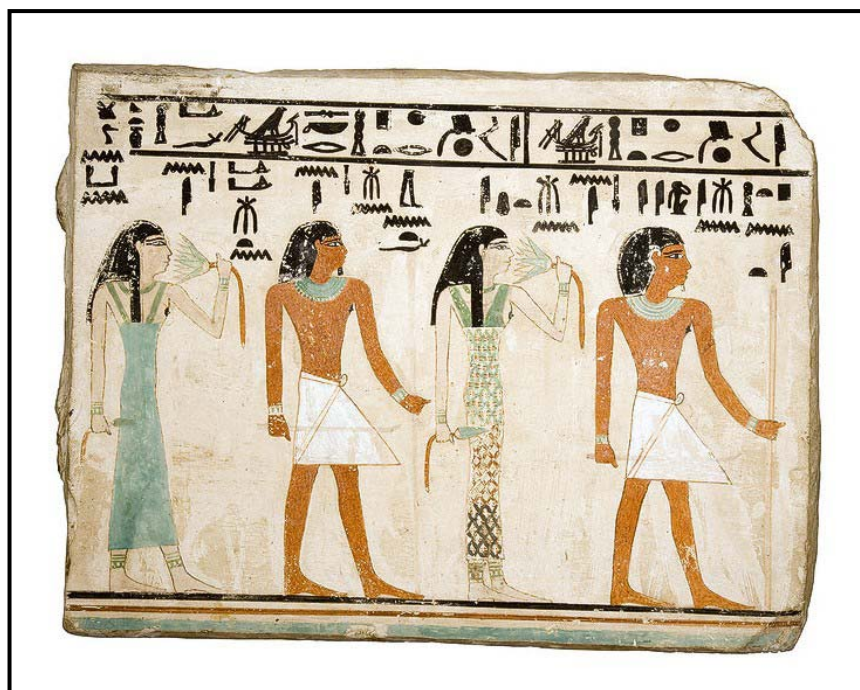



Figura 36: Estela de Nit-Ptah, pertencente ao acervo do Museu do Cairo. Referência: BONGIOANNI, A. & SOLE CROCE, M. Los tesoros del antiguo Egipto. Madrid: Editorial LIBSA, 2007. p. 107.

Nesta estela de proveniência tebana (necrópole de Assassif) Nit-Ptah é apresentado como venerável junto a Ptah, *im3h(w) hr pth* (em egípcio,) e venerável junto a Ptah-Sokar, *im3h(w) hr pth-skr* (em egípcio,). Não há títulos ou outras informações que nos digam quem era Nit-Ptah, e qual a sua relação com a

corte. A qualidade de execução do monumento, no entanto, nos leva a pensar que a família representada neste artefato pertencia a um nível social intermediário, e que puderam contratar um bom artesão para executar o trabalho.

Os dois homens portam insígnias de poder: o cetro-*sekhem* em uma das mãos e o bastão na outra. Dessa maneira, não há como diferenciar dentre eles qual seria o mais importante dentro da família, mesmo sendo Nit-Ptah representado à frente de todos, pois isto pode estar relacionado ao fato de que o monumento é dedicado a ele. O fato das mulheres trazerem nas mãos flores de lótus, que aproximam das faces, pode estar relacionado ao perfume da flor, ou mesmo ao fato de que as pessoas assim mostradas já estavam mortas, pois os egípcios relacionavam a flor de lótus ao renascimento ou ao sol, como pode ser verificado nos mitos cosmogônicos.

O mesmo acontece em relação aos títulos na estela de Amenemhat (JE 45626), também de proveniência tebana, na qual apenas uma mulher, que possivelmente é a esposa do filho do proprietário, está representada em escala menor que as demais personagens. Neste monumento estão representados os membros de uma família. Amenemhat e sua esposa, Iy, estão sentados nas duas extremidades de um banco longo, com pernas de leão e encostos baixos. Abaixo do banco, próximo a Iy, vê-se um cesto com alça no qual aparece um cabo de espelho. Entre os pais, está sentado o filho Intef. Todos têm os braços e as mãos entrelaçados, indicando a proximidade e a afeição entre os membros da família. Na extremidade direita da estela, há uma figura feminina, representada em uma escala menor. Ela é idêntica à anterior e é identificada como a “irmã” de Intef, Hepy. Entre o grupo e Hepy vê-se uma mesa com oferendas. O fundo da estela foi pintado de azul-claro, o que contrasta com as personagens representadas.

Amenemhat, assim como os outros membros de sua família, apresenta o título de “venerável”, *imꜥh(w)* (em egípcio, ). Não há uma relação de superioridade marcante entre as personagens representadas, sendo que apenas Hepy é representada em menor escala, possivelmente porque os laços entre ela e o proprietário da estela se fazem por meio de outra pessoa, talvez seu filho.

A ligação familiar é evidente entre as três personagens sentadas. As mãos de pai e filho estão entrelaçadas, e eles estão com os rostos voltados um para o outro. A mãe abraça o filho, enquanto este abraça o pai. Há uma relação de grande proximidade, sugerida também pelos trajes semelhantes entre pai e filho, mãe e possível nora.



Figura 37: Estela de Amenemhat, do acervo do Museu do Cairo. Referência: SCHULZ, Régine; SEIDEL, Matthias. Egípto: o mundo dos faraós. Colônia: Könemann, 2001. p.127.

As duas últimas estelas aqui analisadas são provenientes de uma mesma necrópole na região tebana, a de Assassif, e suas características semelhantes podem estar relacionadas justamente à sua localização geográfica. Em ambas ocorre uma igualdade nas representações de homens e mulheres, e isso assegura a mesma importância social a todas as pessoas representadas. Não há uma primazia em relação ao proprietário, tal como ocorre com a estela de Amenemhat Nebuy.

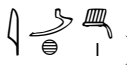
Outra estela onde ocorre a mesma igualdade de representações é a de Heny com os seus filhos, pertencente ao acervo da Gliptoteca Ny Carlsberg, em Copenhague (AE 1018), e cuja proveniência é desconhecida. Nela estão representados um homem, uma mulher, uma criança, e oferendas diversas. O homem traz, em sua mão esquerda, um cajado, e na direita um cetro, posição que pode ser entendida como o hieróglifo que significa “estátua”. A mulher é identificada como a filha de Heny, It, e carrega na mão direita uma flor de lótus, que aproxima de suas narinas. Esta representação, tal como colocado anteriormente, está relacionada ao renascimento. A criança está nua, possuindo apenas um adorno no braço direito, marcado por linhas finas na cor marrom. Na mão esquerda, carrega dois botões de flores de lótus. Na cabeça, pintada de preto, possui uma trança lateral. O menino está identificado como filho de Heny, de nome Rehu.

Há ainda a representação de duas mesas de oferendas, uma entre a personagem feminina e a criança, e outra acima da imagem da criança. O texto está distribuído em uma

linha e duas colunas. A linha, representada acima das imagens, deve ser lida da direita para a esquerda. As colunas, uma delas à direita das imagens e a outra à frente da representação da criança, devem ser lidas de cima para baixo. A coluna maior deve ser lida da esquerda para a direita e a menor da direita para a esquerda.



Figura 38: Estela de Heny com os seus filhos, atualmente na Gliptoteca Ny Carlsberg. Referência: SCHULZ, Regine & SEIDEL, Matthias. Egípto: o mundo dos faraós. Colónia: Könnemann, 2001. p. 480.

Tal como nas representações anteriores, não há diferenciação de importância social dentro da família entre as pessoas representadas nesta estela. Proporcionalmente, até mesmo Rehu está figurado em uma escala semelhante àquela dos adultos. O pai é identificado como “venerável”, *imšh(w)* (em egípcio, ) , assim como a filha, e possui insígnias de poder, tal como o cetro-*sekhem* e o bastão, mas o filho segura o bastão juntamente com seu pai. A esposa do proprietário não está representada no monumento; ela é apenas citada como mãe de It, que é identificada como “nascida de Satsobek, a venerável senhora”. Rehu é identificado simplesmente como filho de Heny, e sua mãe não é apresentada.

Pelas características do monumento, podemos afirmar que se trata de uma estela que fazia parte da capela de uma tumba, assim como é o caso das anteriores. Estes artefatos possuem características distintas em relação àqueles provenientes de Abydos, que talvez


fizessem parte de cenotáfios, ou tumbas secundárias. As estelas de Amenemhat Nebuy e de Dedusobek, por exemplo, têm Abydos como sua origem, e a composição é completamente diferente daquela das outras três estelas aqui analisadas. Amenemhat Nebuy e Dedusobek aparecem como as principais figuras de suas estelas, enquanto que nas outras não há uma figura central. Enquanto na primeira as outras personagens aparecem em escala bem menor e na segunda há também uma ênfase na criança, nas últimas as representações seguem uma mesma escala de representação, o que confere a todos os membros das famílias representadas a mesma importância social.

A estela de Userur (BM EA 579), pertencente ao acervo do Museu Britânico e cuja proveniência é desconhecida, é bem representativa para essa afirmação. Este artefato com formato quadrangular contém dois registros. No principal, a mesma cena aparece representada duas vezes, porém com esposas diferentes, Satdepnetjer e Satameni. Userur e suas esposas estão sentados em um banco comprido, com os pés em forma de patas de leão e com o encosto baixo. Segundo a metodologia proposta por Wilkinson, tal posição pode ser lida conforme o hieróglifo que significa “nobre” ou “pessoa reverenciada”. Embaixo do banco há uma cesta, e diante do homem, há a representação de mesas de oferendas.

Na cena da esquerda, a mesa está coberta com fatias de pão, o que pode ser lido conforme o hieróglifo que significa “mesa de oferendas” ou “campo de juncos”, e acima dela vêm-se diversos alimentos. No outro lado da mesa, há uma mulher, que carrega uma flor de lótus próxima à face. A legenda a identifica como filha de Userur. Na cena da direita, as oferendas são representadas sobre a mesa. Em frente à mesma, há um homem, que oferece ao morto um quarto dianteiro de um bovívdeo. A legenda o identifica como filho de Userur, e sua representação o nomeia como o responsável pelo culto funerário de seu pai.

No registro inferior estão representados três homens e cinco mulheres, que podem ser identificados pelas legendas como filhos de Userur. As mulheres trazem nas mãos flores de lótus e, dentre os homens, o único completamente visível está com os braços levantados e as mãos para a frente, posição que pode ser lida conforme o hieróglifo “oferecer”. Os outros dois homens aparecem representados apenas como desenhos de linha, o que deixa evidente que o artefato ficou inacabado.

As inscrições da estela, excluindo-se as legendas que identificam as personagens, estão distribuídas em cinco linhas horizontais, que devem ser lidas da esquerda para a direita, e estão localizadas acima do registro principal.

Userur é apresentado como “o venerável escultor”, *imšh(w) gnwty* (em egípcio, ) , e este cargo não o relaciona necessariamente a um posto na corte. A qualidade de execução do trabalho, contudo, é excelente. Sendo Userur um escultor, é possível que ele próprio tenha confeccionado a estela em seu tempo livre, e o fato desta ter ficado inacabada pode estar ligado à sua morte antes da conclusão do trabalho.

A importância social de Userur e de suas duas esposas, seguindo as regras da arte egípcia, é a mesma, pois tanto o morto quanto as mulheres estão sentados em um banco de encosto baixo, e sua representação iconográfica é semelhante. Os filhos que são mostrados diante das mesas de oferendas e aqueles que estão no registro inferior também estão representados na mesma escala, embora esta seja menor que aquela na qual foram representados o morto e suas esposas.



Figura 39: Estela Inacabada de Userur, pertencente ao acervo do Museu Britânico. Referência: Museu Britânico. Disponível em: http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/aes/limestone_stela_of_the_sculpto.aspx Acesso em: 16jan2008.

Um dado interessante sobre esta estela é que há, no texto, uma invocação aos vivos³¹¹:

[3] 

i nḥw tpyw b

“Ó vivos (que estais) sobre a terra,

[4] 

sw3.t(y).sn ḥr m ḥt tn m mrr(w).tn ḥss tn

³¹¹ A tradução aqui apresentada foi realizada pelo professor doutor Ciro Flamarion Cardoso.

que passeis por esta tumba, que quiserdes (que)

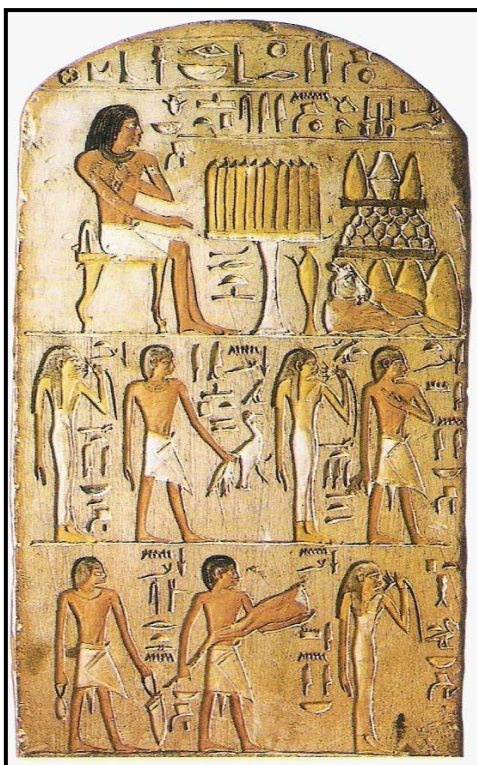
[5] 

ntrw.tn dd.tn h3 t hnkt h3 k3w 3pdw h3 šs mnht h3 htp df(3w) prt (m-)b3h wsir

vossos deuses vos louvem (ou: favoreçam)! Vós direis: “Mil (unidades de) pão e cerveja, mil (de) gado e aves, mil (de) [vasos de] alabastro e tecidos, mil (de) oferendas e alimentos” – (na qualidade d)aquilo que sai diante de Osíris.

Este trecho indica que todos aqueles que passassem por esta estela, e que soubessem ler, poderiam também participar do culto funerário de Userur, pois a simples leitura do texto tornaria reais as oferendas descritas. A estela, então, deveria ficar em um lugar visível aos passantes, possivelmente a capela de uma tumba.

A mesma importância social entre homens e mulheres é encontrada também na estela de Sehetepib³¹². Esta estela confeccionada em pedra calcária em formato retangular e com o



topo arredondado, está dividida em três registros. No registro principal, há uma representação de Sehetepib diante de uma mesa de oferendas. Ele está sentado em uma cadeira com pés na forma de patas de leão e com o encosto baixo, posição que, segundo Wilkinson, pode ser lida conforme o hieróglifo que significa “nobre”.


Figura 40: Estela de Sehetepib. Referência: PEINADO, Federico Lara. *O melhor da arte egípcia*. Lisboa: G & Z Edições, s/d. v.2. p. 24.


Os dois registros inferiores são semelhantes. Neles, são representadas figuras masculinas e femininas, identificadas pelas legendas como familiares de Sehetepib. Todos são mostrados em escala menor em relação ao morto, mas apresentam a mesma proporção entre

³¹² A estela é citada entre as obras do Reino Médio no livro: PEINADO, Federico Lara. *O melhor da arte egípcia*. Lisboa: G & Z Edições, s/d. v.2. p. 24. Não encontramos, porém, maiores informações sobre o monumento, como por exemplo a que museu pertence a peça e o seu número de acervo.

eles. No registro central da estela, o primeiro homem representado é identificado como pai de Sehetepib, e o segundo é seu irmão. Seu pai traz a mão esquerda ao peito, e seu irmão carrega um pato. As mulheres são identificadas como a mãe e uma irmã do morto. No registro inferior, está representada mais uma mulher, identificada pela legenda como filha de Sehetepib, e dois homens, identificados como seus irmãos. O primeiro homem carrega um quarto dianteiro de um bovívdeo, e o segundo carrega sacos. Todas as mulheres são representadas carregando flores de lótus próximas à face.

As inscrições da estela, excluindo-se as legendas que identificam as personagens, estão distribuídas em duas linhas horizontais, que devem ser lidas da esquerda para a direita, localizadas acima do registro principal.

Neste monumento, Sehetepib é identificado apenas como “venerável”, *imꜣhy* (em egípcio, ). Há, porém, uma diferenciação em relação aos outros monumentos em que o proprietário é assim apresentado. Nesta estela, enquanto o morto foi representado em escala maior, o que denota sua maior autoridade em relação à família, seu pai, sua mãe e seus irmãos são representados na mesma escala, o que mostra sua importância semelhante perante o morto. Sehetepib é mostrado como um nobre, em uma cadeira de encosto baixo e com uma das mãos sobre o peito. Ele é a figura central da estela, enquanto as outras personagens estão sujeitas à sua autoridade.

Ao considerarmos a representação de Sehetepib em seu monumento, é possível refletir sobre a imagem que este homem queria transmitir de si para o público. Ele aparece como a figura central na estela, mas se coloca como um indivíduo que tem em grande estima todos os membros de sua família, que considera por igual. Quem faz o papel de “filho-que-o-ama”, ou o filho mais velho, é um de seus irmãos que, na representação, carrega uma pata de um bovívdeo. Seu pai e sua mãe estão representados, sendo possível levantar a sua genealogia. Uma das mulheres é identificada como “Sat-Ptah, a venerável senhora”, *sꜣt-ptꜣ nb(t) imꜣh(yt)* (em egípcio, ), e talvez se trate de sua esposa, ou de uma parente mais distante, cuja designação por grau de parentesco não se fez possível devido ao espaço reservado a cada personagem no monumento.

Há casos, ainda, em que os monumentos são de propriedade de duas pessoas, que dividem o espaço disponível de forma igualitária. É o caso da estela de Senusret e Satháthor (C 22), que integra o acervo do Museu do Louvre. Esta estela, na forma de uma porta-falsa, conserva as cores com que foi pintada, durante a XII Dinastia egípcia. No registro principal, há a representação de um homem e uma mulher, diante de oferendas. Os dois aparecem

representados na mesma proporção, em pé. O homem é identificado no texto como Senusret e carrega em uma das mãos, segura um colar *menit*, e na outra, um bastão. Essa posição pode ser lida, conforme a metodologia proposta por Wilkinson, como “oficial” ou “nobre”.

A mulher é identificada no texto como Satháthor e carrega em uma das mãos uma flor de lótus, que posiciona próxima à face. Entre as imagens humanas, há diversas oferendas.



Abaixo desse registro, há a representação de dois olhos-*udjat*. As inscrições estão distribuídas em uma linha horizontal, que deve ser lida a partir do centro em dois sentidos – da esquerda para a direita e da direita para a esquerda – e em oito colunas, que devem ser lidas de cima para baixo e, na metade masculina, da esquerda para a direita, e na feminina da direita para a esquerda.

Figura 41: Estela de Satháthor, do acervo do Museu do Louvre. Referência: Museu do Louvre. Disponível em: http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=14207 Acesso em: 16jan2008.

Neste monumento, Satháthor e Senusret são representados na mesma proporção, e a mesma quantidade de texto é dedicada a cada um deles, sendo oferecida para cada um a metade do artefato. Satháthor é identificada como “venerável perante o grande deus, senhor de Abydos”, *im̩hyt hr ntr ʒc nb ʒbdw* (em egípcio,), e “venerável perante Osíris, senhor de Mênfis”, *im̩hyt hr wsir nb c̩h-ḫwy* (em egípcio,), e Senusret é identificado como “venerável perante Ptah-Sokar”, *im̩hw hr pth-skr* (em egípcio,), e “venerável perante o grande deus, senhor do céu”, *im̩hw hr ntr ʒ nb pt* (em egípcio,). A qualidade do monumento faz pensar que ambos pertenciam a uma família de um nível social elevado.

As cores com que a estela foi pintada estão muito bem preservadas. Isto mostra que este monumento deveria ficar abrigado em um lugar fechado, e que fosse acessível apenas àqueles que prestariam o culto funerário aos homenageados. Sua exposição pública, então,

seria menor em relação a um monumento que ficasse em um local aberto, e visível a todos que ali passassem. Os dois, no entanto, se apresentam de maneira idealizada, dentro das regras de representação da arte egípcia.

Outro exemplo onde duas pessoas são homenageadas em um mesmo artefato é a estela de Dedu e Satsobek (MMA 16.10.333), que pertence ao acervo do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque. O monumento tem formato retangular, e inicia com duas linhas de hieróglifos, que formam uma fórmula de oferendas e apresentam as personagens nela representadas. Dedu carrega nas mãos um cetro-*sekhem* e um bastão, e sua posição pode ser relacionada ao hieróglifo que significa “estátua”. À sua frente, oferendas foram representadas. Atrás de Dedu, está Satsobek, que, com um dos braços, abraça Dedu. Na outra mão, carrega um espelho, que está na mesma posição do cetro levado por seu marido.

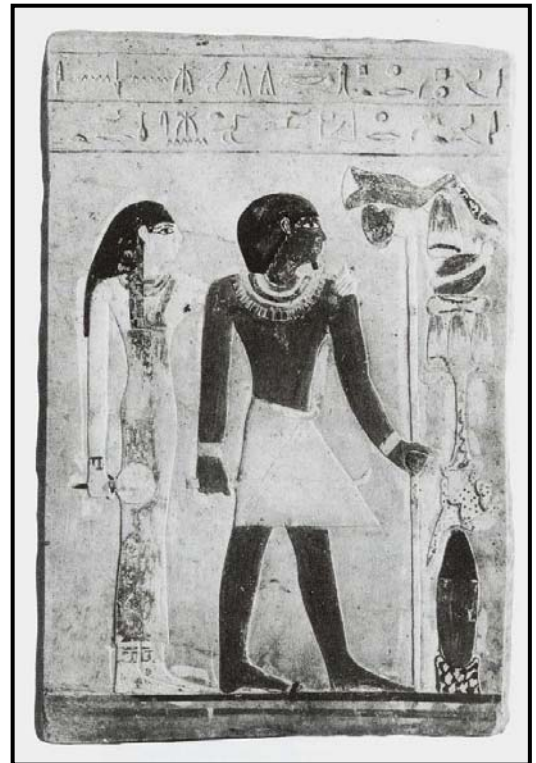



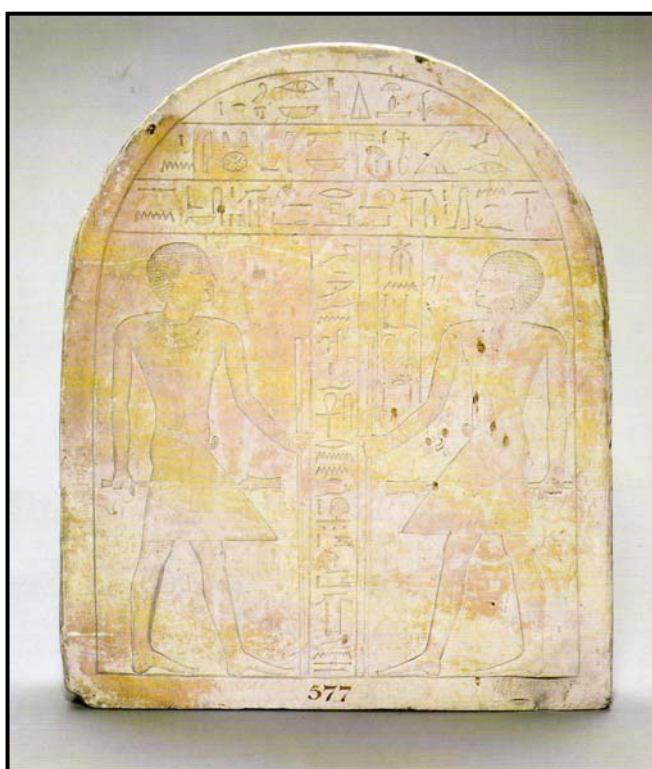


Figura 42: Estela de Dedu e Satsobek, pertencente ao acervo do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque. Referência: FISCHER, Henry G. Notes on sticks and staves in ancient Egypt. *Ancient Egypt in the Metropolitan Museum Journal*. Supplement: v. 12-13, p. 5-32, 1977-1978, p. 10.

Dedu é apresentado como “venerável junto a Ptah-Sokar”, *im̓ḥ(w) ḥr pth-skr* (em egípcio, ). É ele quem está mais próximo às oferendas, o que leva a crer que ele é a personagem principal da estela. Em sua mão esquerda carrega um bastão, sinal de sua nobreza. Já Satsobek é identificada como “venerável junto a Háthor”, *im̓ḥ(y)t ḥr ḥwt-ḥr* (em egípcio, ) e o espelho que carrega em uma das mãos a relaciona diretamente à deusa, pois este é um dos objetos utilizados no culto a Háthor. O espelho simboliza também a vida e o renascimento, pois sua forma pode ser comparada à do hieróglifo *ankh* () , o símbolo da vida, e o cabo da peça representada na mão de Satsobek foi concebido na forma de uma das plantas de papiro, que é outro símbolo de renascimento.

Apenas pelos títulos não é possível posicionar socialmente Dedu e Satsobek. Pode ser que Satsobek, em função de sua representação, desempenhasse alguma função no templo de Háthor, como musicista ou cantora, por exemplo. Já sobre Dedu nenhuma conclusão pode ser tomada, pois não há sinais, na representação, que o posicionem socialmente. A estela apresenta uma boa qualidade de execução, e por meio desta análise é possível dizer que Dedu e Satsobek pertenciam a um nível social intermediário.

Em alguns casos, é possível saber quem mandou erigir o monumento para homenagear uma determinada pessoa. É o que acontece, por exemplo, na estela de Intef e Sensobek (BM EA 577), do Museu Britânico. Nesta estela de topo arredondado há a representação de dois homens, pai e filho. Ambos estão figurados de maneira semelhante, e de frente um para o outro. Intef e Sensobek portam nas mãos o cetro-*sekhem* e um bastão, e suas figuras podem ser lidas conforme o hieróglifo que significa “estátua”. Acima das representações masculinas



há três linhas de texto, que confirmam a leitura das imagens pela menção dos títulos de pai e filho, e trazem uma fórmula de oferendas direcionada a eles. Entre os dois homens, há duas colunas de texto, que identificam Sensobek como filho de Intef.

Figura 43: Estela de Intef e Sensobek, do acervo do Museu Britânico. Referência: RUSSMANN, Edna R. *Eternal Egypt. Masterworks of ancient art from the British Museum*. Berkeley: University of California Press, 2001. p. 91.

Pai e filho possuem os mesmos títulos, “nobre hereditário, príncipe, supervisor dos sacerdotes (lit. servidores do deus)”, *ip^c(t) ḥsty-^c imy-r ḥmw-ntr* (em egípcio,), e estes os posicionavam em um nível social elevado. A representação dos dois confirma esta afirmação. Pai e filho são mostrados portando insígnias da nobreza, como o cetro-*sekhem* e o

bastão, que lhes conferem poder e autoridade. Sensobek é identificado como filho de Bebi. Este talvez seja o nome da esposa de Intef, que não aparece figurada na estela.

Geralmente, nas estelas funerárias, o proprietário aparece na metade esquerda do monumento, que era considerado pelos egípcios um lugar de destaque. No caso desta estela, contudo, Intef, o proprietário da estela, está figurado no lado direito da mesma. Considerando que a possível origem do artefato é a cidade de Abydos, este fato pode estar relacionado à sua posição dentro de um cenotáfio ou capela funerária. Nesta construção, existiam pelo menos três estelas, uma secundária para cada parede lateral e a principal na parede dos fundos. A posição de Intef no monumento nos faz pensar que esta estela estaria localizada na parede lateral esquerda, e desta maneira Intef estaria “saindo” da estrutura. Já Sensobek, que seria o responsável por seu culto funerário, estaria voltado para dentro da capela.

A confecção da estela de Djehuty-Ra (MAN 2547), que pertence ao acervo do Museu Arqueológico Nacional de Florença, foi ordenada por Inu. Esta estela possui, também, uma característica interessante: a pessoa que a mandou erigir aparece representada no monumento. O monumento possui o topo arredondado e o texto, uma fórmula funerária direcionada a Djehuty-Ra e sua mãe, está dividido em cinco linhas horizontais. Abaixo dos hieróglifos estão as imagens de Djehuty-Ra, sua mãe Takemet, e de Inu, que mandou erigir a estela. Um dos




homens, o que está à esquerda no monumento, tem um colar largo no pescoço, uma barba, e carrega em uma das mãos uma espécie de laço. Não há como afirmar se esta figura representa Djehuty-Ra ou Inu, já que não há legendas que identifiquem as personagens. Takemet está entre os dois homens e porta um vestido longo com alças e uma peruca longa.

Figura 44: Estela de Djehuty-Ra, do Museu Arqueológico Nacional de Florença. Referência: Stele for Djehutira and his mother Takemet. Disponível em:

<http://www.globalegyptianmuseum.org/detail.aspx?id=9446>

Acesso em: 24nov08.

Nenhum dos indivíduos representados nesta estela foi identificado por meio de seu título. O monumento, apesar dos hieróglifos bem gravados, não é de uma qualidade técnica que possibilite a inclusão das personagens em um nível social elevado. Talvez Djehuty-Ra, sua mãe Takemet e Inu pertencessem a uma camada média da população, e Inu homenageou o amigo por meio da confecção do monumento.


Inu, no entanto, também se fez representar. Podemos afirmar isto por meio da análise conjunta de texto e imagem. As oferendas da estela são direcionadas para Djehuty-Ra e Takemet. O único nome, que não o deles, que aparece no monumento é o de Inu, na frase “Por Inu, que faz viver os seus nomes”, *in inw s^cnh rn(w) sn* (em egípcio, ) Inu, então, também seria lembrado sempre que o culto funerário fosse prestado aos seus homenageados.

Há casos ainda em que, independente dos títulos apresentados, o proprietário se faz representar sozinho no monumento. Nestes, geralmente ele aparece em posição tal que pode ser identificado como um nobre, como acontece na estela de Sarenutet (BM EA 585). Nesta estela proveniente de Abydos, Sarenutet está representado sentado em uma cadeira de encosto baixo e tem em uma das mãos um cetro-*sekhem*. À sua frente, há uma mesa repleta de oferendas, que é tocada por sua outra mão. Sua posição pode ser lida conforme o hieróglifo que significa “pessoa reverenciada” ou “nobre”. Esta posição pode ser confirmada pelos



títulos de Sarenutet, que aparecem na inscrição hieroglífica que complementa o monumento, e que está dividida em três linhas e uma coluna.

Figura 45: Estela de Sarenutet, do acervo do Museu Britânico. Referência: QUIRKE, Stephen. *Ancient Egyptian religion*. London: British Museum Press, 1992. p. 104.

Sarenenutet é identificado como “reverenciado que faz oferendas divinas aos deuses, o contador do Duplo Celeiro (real), o mordomo (intendente) Sarenenutet, justificado, nascido de Bamediket”, *imꜣhy dd ḥtp nꜥr n nꜥrw ḥsb(w) šnwty imy-r pr sꜣ-rnnwtt mꜣꜥ-ḥrw ms n bꜣ-m-dikt* (em egípcio, ) . Seus títulos refletem uma alta posição administrativa, e isto fica bem claro em sua representação no monumento. A única referência a uma pessoa de sua família acontece na citação da mãe, que é comum neste tipo de artefato, e que reflete que o conhecimento de um indivíduo se dava por meio de sua genealogia. No Egito antigo não havia sobrenomes que diferenciavam duas pessoas com o mesmo nome, e por isso é importante mostrar a filiação em um monumento pertencente a um indivíduo.

Os gestos de Sarenenutet também nos informam sobre a maneira como este indivíduo queria transmitir a sua imagem. Numa das mãos, ele porta um cetro-*sekhem*, que indica o poder que exercia em suas funções. A outra está posicionada sobre as oferendas, em sinal de recebimento. Sarenenutet se coloca como um indivíduo que possui uma alta posição social, e merece os víveres que lhe são ofertados.

O mesmo acontece com a estela de Intef (APM 8789), pertencente ao acervo do Museu Allard Pierson em Amsterdam. Esta estela retangular apresenta todos os elementos necessários para garantir a sobrevivência do proprietário no outro mundo. Primeiro, há uma fórmula de oferendas, distribuída em duas linhas de texto, que garantiria provisões ao morto. Segundo, há informações sobre a genealogia de Intef, que é apresentado como filho de Ini. Por último, há uma representação do morto diante de uma mesa de oferendas. Intef tem em suas mãos um cetro-*sekhem* e um bastão, de maneira que sua figura pode ser lida conforme o hieróglifo que significa “estátua”. A mesa à sua frente está repleta de oferendas diversas, que garantiriam a sua existência mesmo que seus familiares não mais lhe prestassem o culto funerário.

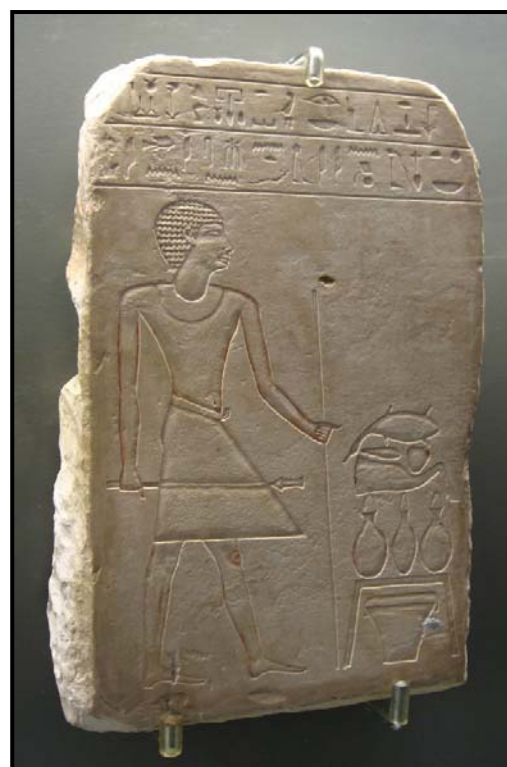



Figura 46: Estela de Intef, pertencente ao acervo do Museu Allard Pierson. Foto de Moacir Elias Santos.

Intef é identificado em seu monumento como “venerável”, *imꜣhy* (em egípcio, ). A forma como se fez representar, no entanto, o mostra como uma pessoa de um nível social de intermediário a alto. Intef possui insígnias da nobreza, como o cetro-*sekhem* e o bastão, e a forma de execução de sua figura, com a peruca finamente trabalhada, indica boa qualidade de execução do monumento. Intef está localizado na posição mais importante da estela, ou seja, o seu lado esquerdo. Caso fizesse parte de uma capela própria para o culto funerário, estaria posicionada no lado direito da construção, ao contrário daquela de seu homônimo Intef e de seu filho Sensobek.

Um assunto que merece atenção quando nos referimos a representações públicas e privadas dos indivíduos é em relação imagem feminina. As obras de arte erigidas por mulheres ou em honra a elas são em número muito menor que aquelas dedicadas aos homens. Quando homenageiam mulheres, os monumentos apresentam, assim como no caso daqueles erigidos para os homens, os seus títulos, que geralmente são associados às funções que elas realmente exercem, seja como “senhora da casa” ou num local diferente do lar. Um exemplo é a estela da “conhecida do rei” Merut (C 165), que integra o acervo do Museu do Louvre.

Esta estela, confeccionada em pedra calcária, possui o formato quase quadrangular e foi esculpida no princípio da XII Dinastia, possivelmente entre os reinados de Amenemhat I (c. 1991-1962 a.C.) e Senusret I (c. 1971-1926 a.C.). Há apenas um registro principal, e nele a proprietária aparece representada duas vezes. Numa das representações, a “conhecida do rei” Merut está sentada em uma cadeira com os pés na forma de patas de leão e com o encosto baixo. Tal representação pode ser lida, conforme a metodologia proposta por Wilkinson, como o hieróglifo que significa “nobre”. Ela porta um vestido longo e uma peruca curta. Em seu pescoço, há um colar formado por cinco fileiras de contas, e sua mão esquerda está sobre seu peito. Abaixo da cadeira, há a representação de uma caixa, e à sua frente há uma mesa de oferendas. A mão direita de Merut está posicionada sobre as oferendas, em sinal de recebimento. Acima da mesa, aparecem as legendas da petição de oferendas “aos milhares”: pães e cerveja, roupas e vasos de alabastro.

Em sua outra representação, Merut está em pé, portando um vestido comprido e uma peruca curta, com um colar semelhante ao da representação anterior. Segura na mão direita uma flor de lótus, que aproxima da face. As inscrições da estela, excluindo-se as legendas que identificam a personagem e as oferendas solicitadas, estão distribuídas em apenas uma linha

horizontal, que deve ser lida da esquerda para a direita, e está localizada logo acima do registro principal.

O título apresentado por Merut, “conhecida do rei”, *rht-nsw* (em egípcio, $\text{𓏏} \text{𓏏} \text{𓏏}$), identifica sua posição na corte, isto é, ela tinha acesso ao palácio. Nos monumentos que as mulheres erigiam para si, como no caso da estela de Merut, não há uma tentativa de idealização ou de produzir para si uma biografia idealizada, tal como acontece no caso dos

homens. Os textos presentes no monumento são relacionados apenas à petição de oferendas e à identificação da proprietária da estela. Não há dados genealógicos, e nem referência a um possível marido que poderia ter lhe transmitido o título.

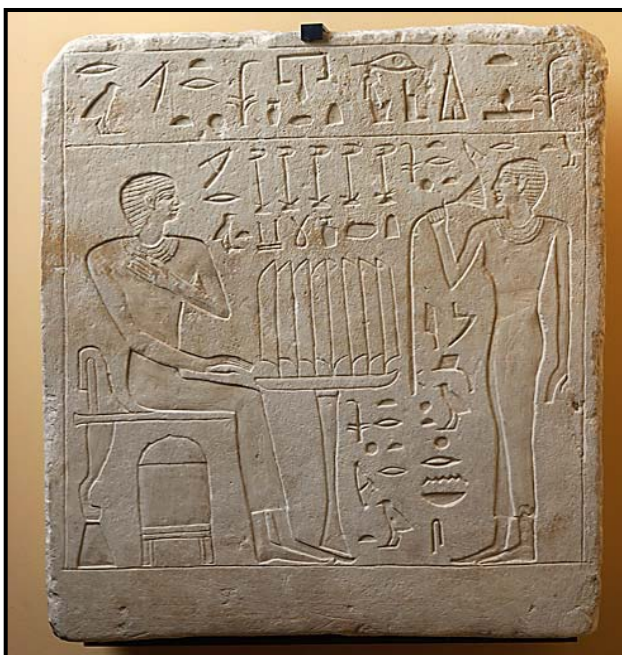


Figura 47: Estela de Merut, do acervo do Museu do Louvre. Referência: Museu do Louvre. Disponível em: http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_fr_ame&idNotice=14208 Acesso em: 16jan2008.

Um caso interessante, porém, é a estela de Kheperkarê. Mesmo sendo ele ligado à corte, pois ostenta o título de tesoureiro real, sua esposa aparece com o título de “senhora da casa”, e não como “conhecida do rei”, tal como Merut. Nesse caso, o título refere-se a uma posição verdadeira, colocando-a entre as mulheres comuns. O monumento de Kheperkarê (E 20900) é uma estela de pedra calcária, esculpida durante o reinado do faraó Senusret I (1971-1926 a.C.). Possui o formato quase quadrangular, e é formada por apenas um registro principal, no qual aparece o nome do rei. Nesta estela, estão representados um homem, sentado em uma cadeira com pés em forma de patas de leão e com o encosto baixo, e uma mulher, em escala um pouco menor, com a mão em seu ombro. Diante do homem, há uma mesa de oferendas. O homem tem a mão esquerda sobre seu peito, e na direita carrega uma espécie de laço. Sua posição pode ser interpretada, segundo a metodologia adotada, como o hieróglifo que significa “nobre”.

A mulher, identificada no texto como a “senhora da casa Hetep”, está com a mão esquerda está sobre o ombro do homem, e na direita carrega um colar *menit*, que a relaciona à deusa Háthor. Diante da imagem masculina, há uma mesa de oferendas coberta com fatias de pão, segundo a representação que pode ser lida como “mesa de oferendas” ou “campo de juncos”. Acima das fatias de pão, há uma segunda mesa de oferendas.



As inscrições dessa estela estão distribuídas em quatro colunas, que devem ser lidas de cima para baixo e da esquerda para a direita. Estas servem, também, como legendas que se referem às personagens representadas.

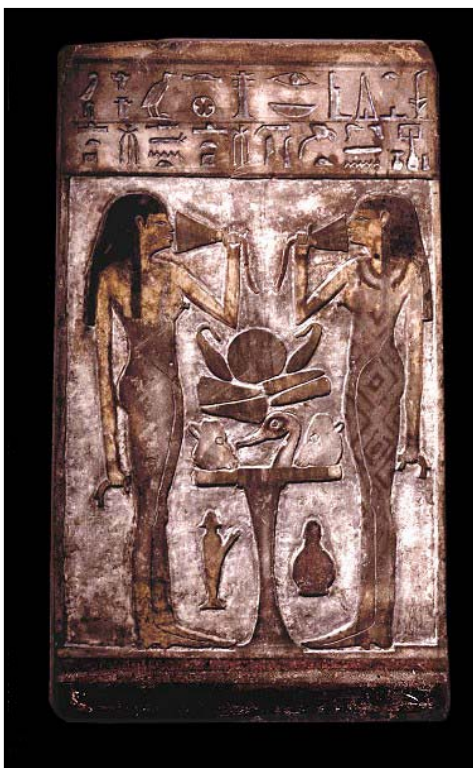


Figura 48: Estela de Kheperkarê, do Museu do Louvre. Referência: Museu do Louvre. Disponível em: http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=14205 Acesso em: 16 jan 2008.

No caso desta estela, a mulher aparece em escala um pouco menor em relação ao homem. A esposa foi representada com a mão esquerda sobre o ombro do marido, que está sentado em uma cadeira, posição que pode ser lida conforme o hieróglifo nobre. O gesto feminino é uma clara manifestação do afeto existente entre o casal. Observa-se, contudo, que suas faces encontram-se na mesma altura, o que aponta para uma mesma importância social para ambos.

Outro caso de um monumento dedicado a mulheres é a estela de Keti e Senet (KHM 95). Nesta estela retangular, estão representadas duas irmãs, Keti e Senet. Há um texto hieroglífico dividido em duas linhas, composto por uma fórmula de oferendas e pela identificação das irmãs. As duas estão representadas da mesma maneira e levam, em uma das mãos, uma flor de lótus, que está posicionada próxima às suas faces, e na outra carregam um colar *menit*, que as relaciona à deusa Háthor. Entre as irmãs, que estão representadas uma de frente para a outra, há uma mesa de oferendas.

As irmãs são identificadas como “as veneráveis Keti, nascida de Hetep”, *im3h(yw)t ktj ms(t) htp* (em egípcio, ) , e “Senet, nascida de Hetep” *snt ms(t) htp* (em egípcio, ). Não há diferenças entre as suas imagens,



assim como não há, na inscrição, nada que possa provar que se trata de irmãs gêmeas. As duas, porém, têm a mesma mãe, e o fato de carregarem a flor de lótus próxima à face pode estar relacionado à morte e ao renascimento de ambas no outro mundo.

Figura 49: Estela de Keti e Senet, pertencente ao Museu de História da Arte de Viena. Referência: Tomb stela for Kety and Senet. Disponível em: <http://www.globalegyptianmuseum.org/detail.aspx?id=5872> Acesso em: 24 nov 08.

A qualidade de execução do monumento mostra que as irmãs pertenciam a uma família de um nível social de intermediário a alto. As cores estão preservadas, e os hieróglifos são bem gravados, o que reflete a técnica minuciosa de confecção da estela. Levando em consideração as representações, é possível afirmar que as duas tinham a mesma importância social dentro da família, e que ambas receberiam um culto funerário semelhante.

A situação que se apresenta para as esculturas é bastante diferente da até aqui discutida em relação às estelas funerárias. Para esta análise, optou-se pelo uso apenas de grupos escultóricos, já que estes podem ajudar a entender a questão colocada inicialmente, sobre a exaltação do indivíduo em relação às outras personagens representadas quando da elaboração de sua tumba.

Nestes grupos, geralmente, não há um destaque evidente a uma personagem específica. Nos grupos familiares de Ukh-hotep II, anteriormente discutidos, por exemplo, só percebemos que a figura central é Ukh-hotep porque este está ladeado por dois olhos-*udjat*. Já no grupo escultórico de Senpu (E 11573), do Museu do Louvre, a importância dada à figura central é bem mais evidente. Neste grupo, estão representados três homens e duas mulheres, em posições intercaladas. Senpu, representado no centro, tem visíveis apenas as suas mãos.

As duas mulheres têm os braços posicionados ao longo do corpo. Os outros dois homens vestem saiotos longos, com a cintura alta, e têm os braços posicionados ao longo do corpo. Ambos foram representados sem cabelos. Legendas aos pés de cada uma das personagens as identificam.



O grupo é complementado por uma mesa de oferendas que tem a forma do hieróglifo *ḥtp* (), e sobre a qual estão representados pães de diferentes formatos. Uma inscrição na base da mesa identifica Senpu por meio de seu título, “camareiro da cozinha³¹³” *imy-r ḥnwty n ʿt ḥnkt* (em egípcio, ), um cargo associado com a produção de comida para o palácio. A qualidade da escultura, assim como este título, situam a família representada neste monumento em um nível social elevado.



Figura 50: Grupo escultórico de Senpu, do acervo do Museu do Louvre. Referência: Vandersleyen, Claude. *Das Alte Ägypten*. Berlim: Verlag Ullstein, 1975. pl. 170.

Senpu se destaca entre seus familiares apenas pela vestimenta, apesar do título que ostenta, e a imagem dos dois homens nas extremidades, sem cabelos e com saiotos longos, pode remeter a cargos sacerdotais, já que os sacerdotes geralmente raspavam todos os pelos do corpo. A família, desta maneira, teria grande importância dentro da comunidade da qual fazia parte.

³¹³ WARD, William A. The *ʿt ḥnkt*, “kitchen”, and the kitchen staff of Middle Kingdom private estates. *Chronique d’Égypte*. Bruxelles: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, LVII. 114, p. 191-200, 1982. p. 193.

Outro grupo no qual a figura principal é facilmente reconhecida é o pertencente a Sobekhotep (JE 43094), e encontra-se no acervo do Museu do Cairo. Neste, estão representados um homem e quatro mulheres. O homem, Sobekhotep, está sentado em uma cadeira, e veste um saíote longo em cujo centro há uma coluna de hieróglifos que o identifica. Na cabeça, tem uma peruca que lhe chega aos ombros. Uma de suas mãos está sobre o joelho e a outra está sobre o peito. As quatro mulheres foram representadas da mesma maneira. Todas portam perucas e vestidos longos com alças, e seus braços estão posicionados ao longo do corpo. Legendas aos seus pés as identificam.




e a outra está sobre o peito. As quatro mulheres foram representadas da mesma maneira. Todas portam perucas e vestidos longos com alças, e seus braços estão posicionados ao longo do corpo. Legendas aos seus pés as identificam.

Figura 51: Grupo escultórico de Sobekhotep, pertencente ao acervo do Museu do Cairo. Referência: BONGIOANNI, A. & SOLE CROCE, M. Los tesoros del antiguo Egipto. Madrid: Editorial LIBSA, 2007. p. 116.

A ênfase em Sobekhotep é percebida neste monumento não só por ser o único homem, mas também por sua escala em relação às mulheres. Mesmo sentado, o homem é visivelmente maior, sugerindo sua maior hierarquia e maior importância social em relação às mulheres da família. Estas são identificadas como a esposa de Sobekhotep, sua tia materna, a mãe do proprietário e sua avó materna. Não há diferenciação alguma entre as representações, nem mesmo nos traços das faces.

Sobekhotep é apresentado como “venerável”, o que não permite que o situemos necessariamente entre os níveis mais altos da sociedade egípcia. A qualidade da escultura e o detalhamento dos hieróglifos, porém, fazem pensar que a família representada no monumento talvez fizesse parte de um nível social intermediário. Sobekhotep se coloca como a principal figura da família, e merecedor de seu culto funerário.

Outro grupo escultórico bastante interessante, e no qual há diferenciação quanto à importância social das personagens representadas é o que está inserido em um pequeno *naos* que faz parte do acervo do Museu Egípcio de Turim (ME 3082). Esta pequena capela é

composta por um nicho onde se encontra um grupo escultórico composto por três pessoas, um homem e duas mulheres, e por uma mesa de oferendas. A capela foi concebida no estilo de uma porta-falsa e é coberta na moldura por uma fórmula de oferendas. A mesa de oferendas que completa o artefato tem a forma do hieróglifo *htp* (), e nela estão representados pães e vasos de cerveja. As inscrições que identificam as personagens representadas estão aos seus pés.

Neste grupo, assim como no anterior, há diferenciação social entre os membros da família determinada pela escala de representação. O pai está representado em tamanho maior,



o que determina sua maior importância social dentro da família. Mãe e filha, no entanto, parecem ter a mesma importância social, pois aparecem na mesma escala de representação e usam trajes semelhantes. Devido às dimensões do monumento, não há distinção entre as personagens pelos traços das faces.

Figura 52: *Naos* do Museu Egípcio de Turim. Foto de Eduardo D'Avila Vilela. Acervo fotográfico do Museu de Arqueologia, PR.

O que impressiona neste caso é o tamanho do monumento, que tem apenas 6,3 cm de altura. As figuras foram bem esculpidas, mas a qualidade da gravação dos hieróglifos não acompanha esta boa execução. É possível, assim, que dois artistas tenham sido responsáveis pela confecção do *naos*, e que cada um trabalhou a sua maneira.

Já o grupo de Hetep-Sekhmet, pertencente ao acervo do Museu da Universidade da Pensilvânia (59-23-1), configura uma situação diferente. Neste, estão representados três homens e uma mulher. Os homens foram esculpidos como figuras mumiformes, com trajes longos que lhes cobrem os pés e deixam visíveis apenas as mãos cruzadas sobre o peito. Na cabeça, possuem perucas que lhes chegam aos ombros. Eles são identificados como Hetep-Sekhmet e seus dois filhos, por meio das inscrições presentes em suas vestimentas. A mulher,

identificada como esposa de Hetep-Sekhmet, é a única personagem no monumento que tem os pés aparentes. Ela traça um vestido longo e com alças e tem na cabeça uma peruca longa. A figura mais à direita, um dos filhos do casal, está com a cabeça e os pés bastante danificados.




Figura 53: Grupo escultórico de Hetep-Sekhmet, do acervo do Museu da Universidade da Pensilvânia. Referência: SILVERMAN, David P. (ed.) Searching for ancient Egypt. Art, architecture, and artifacts from the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology. Dallas: Dallas Museum of Art, 1997. p. 129.

Neste caso, não há diferenciação de tamanho entre as personagens representadas. Hetep-Sekhmet, sua esposa e de seus filhos foram esculpidos na mesma escala. O proprietário e os filhos apresentam as mesmas características e, devido ao fato de aparecerem como figuras mumiformes, é possível que os dois filhos já houvessem falecido à época da morte do proprietário do grupo. A esposa de Hetep-Sekhmet é a única cujos pés foram representados, talvez assinalando que ela permanecia viva quando da confecção do monumento.

O fato de todas as personagens aparecerem numa mesma escala de representação reflete uma unidade familiar na qual todos os membros possuem a mesma importância social e o mesmo nível de hierarquia. A qualidade de confecção do artefato nos auxilia para posicionar esta família em uma camada social de intermediária a alta, pois tanto a escultura quanto os hieróglifos foram muito bem executados.

Por meio da análise das obras de arte erigidas por ordem de homens e mulheres durante sua vida adulta, é possível demonstrar que havia uma ênfase maior à pessoa do proprietário, seja na arte bi ou tridimensional. Isto se deve, em parte, a um processo definido pelo egiptólogo Jan Assmann como “tematização de si mesmo”, pois durante o Reino Médio a estatuária passa de uma forma de “preservação” do indivíduo a uma maneira de

“apresentação” do mesmo³¹⁴. Para explicar melhor o processo, é possível tomarmos como exemplo as estátuas do *ka* que, durante o Reino Antigo eram mantidas em um *serdab* ou “casa da estátua”, *pr-twt* (em egípcio, )³¹⁵, inacessíveis ao público, já que a sala era completamente fechada, tendo apenas uma abertura geralmente na altura dos olhos da estátua. No Reino Médio, tais imagens passaram a ser colocadas diretamente na câmara funerária ou, eventualmente, em capelas tanto na própria tumba quanto em cenotáfios, e tornaram-se acessíveis aos que passavam por elas.

As obras de arte, então, passam a ser uma forma de apresentação de um indivíduo a um determinado público. É o que acontece no caso das estelas funerárias, que são geralmente depositadas em capelas de tumbas ou cenotáfios, e que são amplamente visíveis pelos passantes. Tais monumentos têm como proveniência as necrópoles egípcias, a exemplo de Abydos e Tebas Ocidental. Uma prova disto são os monumentos com uma invocação aos vivos, como o acima descrito, pertencente a Userur e proveniente de Abydos. Tal fórmula deveria ser lida por aqueles que observavam o artefato, e garantiriam que estes também participassem do culto funerário ao proprietário da estela. Neste caso, além de apresentar Userur ao público, a estela solicitava a participação de cada um nos rituais relacionados à vida *post-mortem*.

Quando destinados primariamente a apresentar um indivíduo, estes monumentos podem mostrar apenas o proprietário ou este acompanhado por sua família e, eventualmente, servidores. No primeiro caso, exemplificado aqui pelas estelas de Sarenutet, Intef e Merut, geralmente o indivíduo se apresenta por meio de seus títulos e é representado de maneira a ser entendido como uma pessoa pertencente à nobreza, ou que tem um cargo diretamente relacionado a ela.

No segundo caso, quando há várias pessoas representadas, podemos separar as estelas em três grupos. No primeiro, incluímos estelas como as de Amenemhat Nebuy e Dedusobek, em que o domínio imagético pertence ao dono do monumento, sendo ele a figura central das cenas figuradas no artefato. É neste grupo que fica mais evidente a questão da apresentação pública do indivíduo, já que geralmente os títulos são arrolados, bem como a leitura da forma de representação do proprietário está relacionada à nobreza. É também neste conjunto que maior atenção deve ser dada ao fato de que as regras que regem as representações são ditadas pelo governo, e são, por esse motivo, públicas. Haveria, então, um

³¹⁴ ASSMANN, Jan. Preservation and Presentation of Self in Ancient Egyptian Portraiture. In: MANUELIAN, Peter Der. (ed.) *Studies in Honor of William Kelly Simpson*. Boston : Museum of Fine Arts, 1996. v.1. p. 72.

³¹⁵ D'AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROHRIG, Catharine H. *op. cit.* p. 88.

conhecimento público da maneira como os indivíduos eram representados e, por isso, mesmo os monumentos que fossem depositados em locais inacessíveis a outras pessoas, que não as da família, seriam de certa maneira conhecidos, em suas representações, pelo público.

No segundo grupo podemos incluir as estelas de Amenemhat, Userur, Sehetepib e Kheperkarê, nas quais a ênfase ao proprietário é menos evidente. Nestes monumentos, o proprietário é apresentado como um nobre, geralmente sentado em uma cadeira de encosto baixo, mas sua escala de representação não é tão diferenciada como nas estelas pertencentes ao primeiro grupo. Os outros indivíduos representados normalmente têm todos os mesmos tamanhos, o que os situa no mesmo nível de importância dentro das famílias. Nos casos de Amenemhat e Sehetepib, os proprietários são apresentados como “veneráveis”, não sendo possível levantar sua posição administrativa ou pública. Userur é identificado como escultor e Kheperkarê como “conhecido do rei”, o que o inclui entre os freqüentadores do palácio, mas não o posiciona administrativamente.

Ao último grupo associamos estelas como as de Nit-Ptah, Heny, Satháthor, Dedu e Satsobek, e Ketu e Senet, em que não há uma personagem central, tendo todas as pessoas representadas a mesma importância social e, desta forma, o mesmo nível hierárquico dentro da família. Nestas, não é evidente a ênfase no proprietário, que se dá muitas vezes apenas por meio de sua posição entre as pessoas representadas, ou de sua localização no monumento, levando em consideração que aquele mais próximo da mesa de oferendas é o indivíduo mais importante da representação.

É preciso, ainda, diferenciar os monumentos erigidos por ordem direta dos proprietários daqueles que foram encomendados por outras pessoas em homenagem a um indivíduo. Nestes, segundo Assmann, não há uma criação intencional da imagem por parte do proprietário, ou seja, não há uma “tematização de si mesmo”³¹⁶. As estelas de Intef e Sensobek e de Djehuty-Ra são dois exemplos bem típicos, nos quais o homenageado é representado junto com aquele que o homenageou. Para Assmann, nestes casos, é mais evidente uma idealização da imagem de quem encomendou o monumento do que daquela do presenteado. A análise da estela de Intef e Sensobek mostra bem este fato, pois a apresentação ao público do filho é mais manifestada que a do pai, a quem ele dedicou o artefato. Já na estela de Djehuty-Ra não há como diferenciar homenageado e doador, pois não há legendas que os identifiquem.

³¹⁶ ASSMANN, Jan. *op. cit.* p. 72.

Pensando ainda nas estelas funerárias, é importante lembrar que há uma diferença marcante entre representações e realidade. Alguns dos familiares do morto representados nos monumentos apresentam a designação de “justo de voz”, o que os coloca também como falecidos. No caso de usarmos os textos presentes nas estelas como fontes sobre a família, o que será feito no próximo capítulo, temos que levar este fato em consideração, já que o número de pessoas que formam a unidade familiar do proprietário do monumento pode variar entre aquele que está representado ou nomeado e a realidade.

O caso das esculturas funerárias se configura de maneira um pouco diferente do que foi até aqui apresentado para as estelas. A semelhança está no fato de que, tal como as estelas, as estátuas são provenientes das necrópoles egípcias, especialmente de nichos presentes nas câmaras funerárias de seus proprietários, ou das capelas de suas tumbas ou cenotáfios. Estas obras de arte podem ser divididas em dois grupos, sendo um deles acessível ao público e o outro inacessível, mas conhecido em sua forma de representação. No primeiro caso, quando as esculturas são provenientes de uma capela de tumba ou cenotáfio, estas eram facilmente visualizadas pelos passantes, e serviam à função de apresentar o indivíduo e sua família ao público, dentro das normas estabelecidas pela arte canônica egípcia. Dos exemplos aqui analisados, há pelo menos um que comprovadamente pode ser associado a este grupo de monumentos. Trata-se do conjunto escultórico de Senpu e sua família, que é proveniente de uma capela de Abydos. Nele, o proprietário é diferenciado apenas pela vestimenta, que o situa como uma pessoa de elevado nível social. Seu título é apresentado numa posição privilegiada, sendo possível a sua identificação pelos observadores. A construção da imagem pública de Senpu, como no caso das estelas, se dá por meio destes dois aspectos relacionados à sua pessoa.

Os monumentos escultóricos de Ukh-hotep II, analisados quando tratamos da infância, podem ser incluídos no segundo grupo. Eles foram encontrados em nichos presentes na câmara funerária de sua tumba, e eram evidentemente inacessíveis ao público em geral. Ukh-hotep II, no entanto, se apresenta por meio de seus títulos, e sua figura se destaca por estar ladeada por dois olhos-*udjat*, o que comprova que, mesmo no interior de uma tumba, tais objetos seriam de certa maneira conhecidos pelo público, já que as regras da arte eram ditadas pelo governo e, por essa razão, públicas. Outra escultura que possivelmente fizesse parte da decoração de uma tumba é o grupo de Sobekhotep, proveniente do Fayum. Assim como aqueles de Ukh-hotep II, o público não deveria ter acesso a ele, mas Sobekhotep se apresenta por meio de seus títulos e se destaca pela escala de representação, maior que a das mulheres que estão ao seu lado.

Especialmente neste último conjunto de estátuas analisado, fica evidente que a construção da imagem se dá mesmo nos casos em que as representações não são acessadas diretamente pelo público. Os proprietários dos grupos escultóricos se fizeram representar dentro de normas pré-estabelecidas, mesmo seus monumentos ficando guardados em locais inacessíveis às pessoas comuns. Tanto no caso das estátuas quanto naquele das estelas funerárias fica evidente que, mesmo privados, os artefatos deveriam ser confeccionados dentro de determinados padrões, conforme ditavam as regras. Em caso contrário, grande parte do material egípcio antigo que chegou até nós poderia ser classificado como “arte popular”, e seria produzido em materiais menos nobres. Estes, contudo, são minoria, o que mostra que as regras de decoro eram seguidas por todos aqueles que desejavam ter uma vida *post-mortem* semelhante àquela que tinham na terra.

O grupo de Hetep-Sekhmet e o pequeno *naos* de Turim não têm uma proveniência conhecida. A apresentação do indivíduo, no entanto, é evidente nos dois casos, já que Hetep-Sekhmet é identificado por seu título e, no *naos*, a figura masculina está representada em tamanho maior que as femininas, que estão em uma escala diferenciada. As considerações tecidas para os grupos analisados anteriormente podem ser trazidas também para estes últimos, já que, conforme afirmado, tais representações seriam conhecidas mesmo que não fossem visíveis por todos.

Assim, concluímos que, na escultura funerária, representada aqui pelos grupos escultóricos, há uma ênfase maior no proprietário, seja este monumento proveniente de capelas de tumbas ou cenotáfios, ou de câmaras funerárias localizadas no interior de tumbas. Esta ênfase, no entanto, é menos evidente que no caso das estelas, já que na escultura, quando um indivíduo se coloca como a figura central, geralmente há uma característica que o diferencia dos demais, como o tipo de vestimenta ou sua posição no grupo. Há casos, contudo, em que o destaque é dado pelo tamanho. Nestes, porém, a diferença de escala não é tão marcante quanto nas estelas funerárias.

Por último, devemos levar em consideração, para esta análise, que a vida adulta é a fase da existência do indivíduo em que este dedicará mais tempo à vida pública. É o tempo de trabalhar, seja no campo, em casa, no palácio ou na construção de uma tumba. Sua imagem perante a sociedade será consolidada nesta fase, e é justamente esta imagem que o indivíduo tentará transmitir para a posteridade por meio da confecção de monumentos.

3.7. A VELHICE

A representação do idoso na arte do Reino Médio, assim como aquela do adolescente, não é tão facilmente distinguível da imagem de um homem adulto. Novamente, neste caso, devemos levar em consideração o cânone artístico e, na maioria das representações, encontramos homens jovens, sem mostrar os sinais da idade. No que se refere às faces, em praticamente todos os casos são jovens, mas alguns sinais na construção dos corpos podem ser identificados como sendo de pessoas idosas. Por exemplo, a adiposidade, já que esta pode estar relacionada ao sucesso na vida profissional, conquistado com a idade³¹⁷.

A expectativa de vida dos antigos egípcios não era alta. Dados do Período Romano (30 a.C.-395 d.C.) mostram que, ao atingir os 14 anos, a esperança de vida de um egípcio era de 29,1 anos e que, ao nascer, esta era menor que 20 anos³¹⁸. O sucesso na vida profissional, desta maneira, era atingido numa fase em que, na sociedade atual, ainda somos considerados “jovens adultos”. É possível entendermos como os antigos egípcios viam cada uma das fases da vida por meio da análise de um texto do Período Ptolomaico (332-30 a.C.), presente no *Papiro Insinger*:

[Um homem] passa dez [anos] sendo criança, antes que compreenda o que é a vida e a morte.
 Passa mais dez anos instruindo-se naquilo do qual viverá.
 Passa mais dez anos ganhando e conseguindo algo com que viver.
 Passa mais dez anos até chegar a velho, em que se deixa aconselhar por seu coração.
 E então lhe restam sessenta anos de vida, até o total que Thot designou ao homem de deus.³¹⁹

A velhice, então, chegaria aos quarenta anos, e dessa idade aos cem anos é que se situaria a melhor fase da vida, na qual os homens poderiam gozar os bens e a sabedoria adquiridos ao longo da vida e descansar. O indivíduo teria atingido o sonhado sucesso profissional, e sua representação na arte mudaria, sendo possível que a sua imagem mostrasse que essa ocasião havia chegado.

³¹⁷ JANSSEN, Rosalind M. & JANSSEN, Jac J. *Getting old in ancient Egypt*. London: The Rubicon Press, 1996. p. 14.

³¹⁸ BAINES, John. Sociedade, Moralidade e Práticas Religiosas. In: SHAFER, Byron E. *As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p.162-163.

³¹⁹ *Apud* Strouhal, Eugen. *A vida no antigo Egito*. Barcelona: Ediciones Folio, 2007. p. 253.

Duas das estelas funerárias que pertencem ao acervo do Museu Britânico (BM EA 581 e BM EA 562) nos dão uma boa idéia sobre a representação do idoso na arte do Reino Médio. Ambas pertencem a Intef, um funcionário real da XII Dinastia, e, de acordo com suas características, foram confeccionadas pelo mesmo artista. Os monumentos são provenientes de um cenotáfio que Intef mandou erigir na cidade de Abydos, no Alto Egito. Nas estelas, além de hinos direcionados a Osíris e Uapuaut e à cidade de Abydos, há um longo texto autobiográfico, no qual o autor exalta as suas qualidades e se mostra preparado para ingressar no mundo de Osíris. O que nos interessa sobremaneira, contudo, é a forma como Intef é representado nestes monumentos.

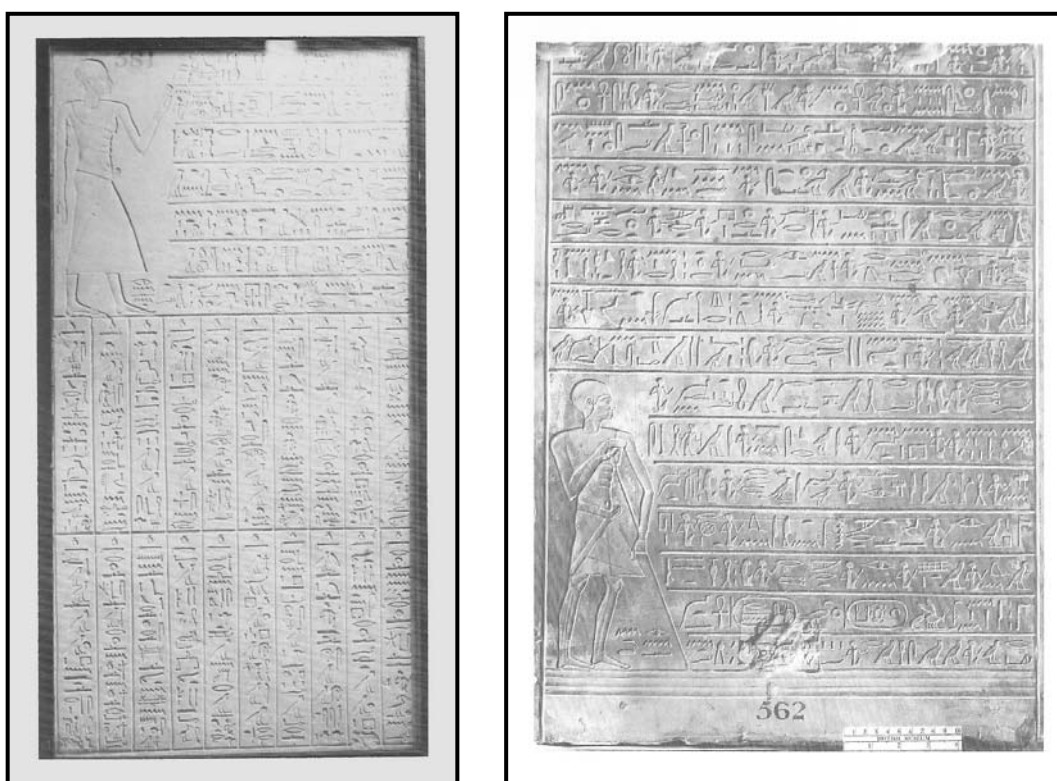


Figura 54: As duas estelas de Intef (BM EA 581 e BM EA 562, respectivamente). Referência: SIMPSON, W. K. *The Terrace of the Great God at Abydos: the offering chapels of dynasties 12 and 13*. New Heaven: The Peabody Museum of Natural History of Yale University; Philadelphia: The University Museum of the University of Pennsylvania, 1974. pl. 12.

A estela BM EA 581 está dividida em três registros. No primeiro, Intef está representado com um saiote longo, uma peruca bem curta e um colar largo no pescoço. Está com uma das mãos levantadas em sinal de adoração, e tem a barriga saliente e os mamilos flácidos. Seu rosto e sua posição, no entanto, são de uma pessoa jovem. À sua frente há sete linhas de texto, que formam uma invocação a Osíris e a Uapuaut e um hino à cidade

sagrada³²⁰. Os outros dois registros são ocupados cada um por dez colunas de texto que, em conjunto com as sete linhas do primeiro registro, formam um texto autobiográfico. Cada sentença começa com “eu fui” (*ink*) e inclui cláusulas subordinadas. As vinte informações em conjunto formam um catálogo de virtudes que retratam um membro da corte ideal. São baseadas nos *Ensinamentos de Ptah-hotep*³²¹: o homem ideal é calmo, amigável, prestativo, generoso, verdadeiro, imparcial e tem autocontrole³²². Tal afirmação é corroborada pela análise das sentenças presentes no texto:

Eu fui tranqüilo, gentil, misericordioso,
aquele que acalmava o pranteador com um mundo melhor.

Eu fui generoso com seus dependentes,
aquele que fez o que era excelente para seus semelhantes.

Eu fui correto na casa do seu senhor,
aquele que conhecia o elogio quando falado.

Eu fui generoso, pródigo,
o senhor das provisões, livre da omissão.³²³

Intef, então, pode ser caracterizado como o membro da corte ideal. Cada uma das declarações do indivíduo está relacionada a um aspecto da vida social que deveria ser seguido, como ajudar aos mais necessitados, saber ouvir aqueles que reclamam e agir corretamente perante o rei e os deuses. O mesmo tipo de ética exalada por estas afirmativas está presente durante o Reino Novo na chamada *confissão negativa*, que está inserida em um dos encantamentos do *Livro dos Mortos*³²⁴.

A outra estela de Intef (BM EA 562) é formada por apenas um registro, que contém uma representação de Intef e quinze linhas horizontais de texto. Na décima quarta linha aparece o nome do faraó Senusret I, o que torna possível datar o conjunto de estelas no governo deste rei. Neste monumento, Intef aparece com um saiote curto, uma peruca bem curta, e um colar largo no pescoço. Sua barriga é saliente e os mamilos estão flácidos, como

³²⁰ LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature: the Old and Middle Kingdoms*. Berkeley: University of California Press, 1974. p. 120.


³²¹ Os *Ensinamentos de Ptah-hotep* são atribuídos a um sábio da V Dinastia, do reinado do faraó Isési. Trata-se de um conjunto de máximas dirigidas pelo sábio ao seu filho, e que ensinam como deveria proceder um membro da corte ideal. (ARAÚJO, Emanuel. *op. cit.* p. 244.)

³²² LICHTHEIM, Miriam. *op. cit.* (1974) p. 121.

³²³ A tradução aqui apresentada foi consultada em: PARKINSON, Richard B. *Voices from Ancient Egypt: an anthology of Middle Kingdom writings*. London: The British Museum Press, 2004. p. 63.

³²⁴ O encantamento a que nos referimos é o de número 125, que é assim introduzido: “O que deve ser dito quando se chega à Sala da Justiça, separar N de todo mal que ele fez, e contemplar a face dos deuses”. (FAULKNER, R. O. *The ancient Egyptian Book of the Dead*. London: The British Museum Press, 1985. p. 29).

na representação anterior. Neste caso, porém, Intef tem as pernas curvas e se apóia em um bastão, numa representação típica de uma pessoa idosa.

A imagem de Intef no segundo monumento é a mesma que aparece no hieróglifo utilizado como sinal determinativo em palavras relacionadas à idade avançada (). Este mostra um homem curvado, apoiado em um bastão, que lhe daria estabilidade. Também estão presentes na estela dois dos sinais associados diretamente à velhice: a gordura e as mamas pendentes. Outros, como os cabelos grisalhos, são encontrados em pinturas parietais em tumbas, especialmente durante o Reino Novo. Já a calvície geralmente aparece associada a níveis sociais mais baixos, considerando que os mais abastados utilizariam sempre uma peruca³²⁵. A diferenciação, mesmo na arte, dos níveis sociais fica bastante evidente ao analisarmos, por exemplo, cenas de uma tumba do Reino Médio, em Meir, cujo proprietário é Ukh-hotep I. Nestas, o proprietário é mostrado com sobras de gordura e com mamas pendentes, indicando sua boa alimentação e fortuna, enquanto um pastor é representado extremamente magro e curvado³²⁶.

Representações de mulheres aparentando sinais de idade, como a obesidade ou cabelos grisalhos, são raras. Uma delas aparece na tumba de Huy, Vice-Rei da Núbia durante o reinado de Tutankhamon (c. 1333-1323 a.C.), localizada em Tebas (TT 40). Dentre as pessoas que oferecem presentes a Huy, há uma mulher com um vestido longo e cabelos grisalhos que, curvada, se apóia em um bastão³²⁷. Outra representação feminina com cabelos grisalhos aparece na tumba de Pashedu, datada da XX Dinastia (c. 1196-1070 a.C.), e que se localiza na necrópole oeste de Deir el-Medina (TT 3).

Há casos, porém, em que a obesidade pode não estar diretamente relacionada à idade avançada. Um deles é a representação do harpista Neferhotep (Leiden V, 95) em sua estela funerária. Nela, Neferhotep aparece representado como um homem obeso, ajoelhado perante uma mesa repleta de oferendas. Ele usa um saiote amarrado na cintura e uma peruca bem curta. Suas mãos estão posicionadas sobre as oferendas, em sinal de recebimento. A obesidade, neste monumento, pode denotar falta de movimentação, ou estar relacionada à vida sedentária do harpista³²⁸.

³²⁵ JANSSEN, Rosalind M. & JANSSEN, Jac J. *op. cit.* (1996) p. 15.

³²⁶ *Ibidem.* p. 18-19.

³²⁷ *Ibidem.* p. 71.

³²⁸ *Ibidem.* p. 19.

A estela foi confeccionada na forma de uma porta-falsa pelo desenhista Senebau e foi dedicada ao harpista Neferhotep pelo carregador de tijolos Nebsumenekh. O texto está distribuído em seis linhas horizontais, que devem ser lidas da direita para a esquerda, e trata-se de uma fórmula de oferendas direcionada ao harpista. Tanto o homenageado quanto aqueles que o homenageiam são pessoas com títulos simples, relacionados a trabalhos manuais, e que pertenciam a um nível social baixo. A própria estrutura do monumento nos informa sobre estes fatos.

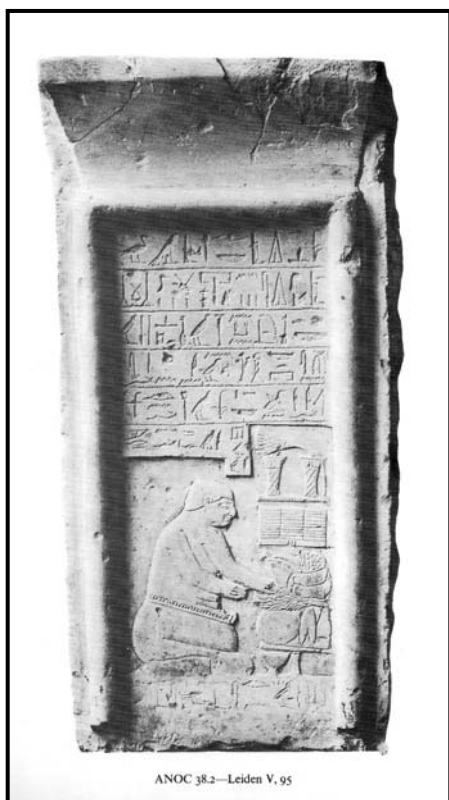


Figura 55: Estela do Harpista Neferhotep, do acervo do Museu de Leiden. Referência: SIMPSON, W. K. *The Terrace of the Great God at Abydos: the offering chapels of dynasties 12 and 13*. New Heaven: The Peabody Museum of Natural History of Yale University; Philadelphia: The University Museum of the University of Pennsylvania, 1974. pl. 56.

É importante considerar, ainda, o respeito que era devido aos idosos na sociedade egípcia. Este fica evidente quando pensamos na nomeação freqüente dos pais, ou de pelo menos um deles, nos monumentos funerários dos filhos. O culto funerário, por exemplo, era função do filho mais velho e sua duração era de pelo menos uma geração. Tinha um aspecto relacionado ao culto aos ancestrais, àquelas pessoas que fundaram a família e que motivaram as novas gerações.

O mesmo respeito está presente nas composições literárias. Na *Instrução de Any*, por exemplo, o filho é instruído a respeitar os idosos: “Não sente quando alguém está em pé, um que é mais velho que você, ou maior que você em sua posição.³²⁹” Fica evidente, assim, que em uma fase da vida em que os indivíduos estão deixando a vida pública para aproveitar seus últimos anos em um ambiente privado, muito respeito é devido a eles.

³²⁹ LICHTHEIM, Miriam. *op. cit.* (1976) p. 139.

3.8. A MORTE

Morrer, para um egípcio antigo, não representava o final de um ciclo vital, mas o início de uma nova vida junto aos deuses. Eram estes também que delimitavam o seu tempo de vida. Todos desejavam ter um bom enterro e, quando as possibilidades existiam, iniciavam a construção de uma tumba, que seria sua “casa de eternidade”.

Grande parte do que restou da cultura material do Egito antigo refere-se aos conteúdos que foram encontrados nestas tumbas. A construção de um túmulo era um dos requisitos básicos para que o indivíduo pudesse renascer no outro mundo – fazia parte dos rituais que incluíam também a mumificação e a cerimônia do enterro. Ao longo da história egípcia, estruturas diferenciadas foram construídas para abrigar o corpo físico dos indivíduos. Para os reis, filhos do sol e representantes do deus na terra, era necessário construir grandes estruturas. Já os indivíduos de níveis sociais mais baixos eram enterrados em covas rasas, no deserto, tendo como enxoval funerário apenas uma esteira que cobria o seu corpo e, por vezes, vasos e outros recipientes em cerâmica.

No caso de indivíduos pertencentes a níveis sociais mais altos, como aqueles da elite, estas “casas de eternidade” eram equipadas com todos os artefatos que fossem necessários para que o morto pudesse ter uma vida confortável no Outro Mundo, semelhante àquela que levava na terra. É possível, então, traçar uma diferenciação social por meio dos artefatos encontrados em um enterramento, que se particularizam dependendo das condições sociais dos indivíduos. Dentre estes objetos, encontramos, por exemplo, as estelas funerárias e estátuas de grupos familiares mencionadas anteriormente e, dependendo da época a que nos referimos, os mais diversos objetos de uso funerário e cotidiano.

As formas de enterramento e as estruturas construídas para guardar o corpo físico dos falecidos variaram ao longo da história egípcia. No Reino Antigo, por exemplo, os reis mandavam construir pirâmides para abrigar os seus corpos. Os nobres, na mesma época, construíam mastabas, que eram decoradas com cenas relacionadas à vida do indivíduo. Durante o Primeiro Período Intermediário as estruturas funerárias se diferenciaram e tornaram-se comuns as tumbas escavadas na rocha. Com a reunificação das Duas Terras levada a cabo por Nebhetepre Mentuhotep II as formas de enterramento não mudaram muito. Algumas tumbas mais simples, descritas como sendo do Primeiro Período Intermediário, na realidade pertencem a este período inicial do Reino Médio³³⁰. Trata-se aqui das chamadas

³³⁰ GRAJETZKI, Wolfram. *Burial customs in ancient Egypt. Life and death for rich and poor*. London: Duckworth, 2007. p. 39.

tumbas-*saff*, que consistiam em uma estrutura escavada na rocha, com fileiras de pilares posicionados à volta de um grande pátio trapezoidal, e que formavam os frontões distintos de cada uma das capelas da tumba.

Nesta época, o enxoval funerário presente nos túmulos da elite é composto geralmente por um conjunto de modelos de madeira, pequenas estátuas de madeira do proprietário, mulheres portadoras de oferendas e modelos de barcos. Esta, porém, não é uma regra. Há tumbas de elite que não contêm estes modelos, assim como eles são encontrados em sepulcros relativamente pequenos. Um exemplo deste fato é um enterramento em Saqqara, no qual os únicos bens funerários encontrados foram um travesseiro, um par de sandálias e, em um nicho, um conjunto de modelos de madeira³³¹. Itens como jóias, vasos canópicos, armas, objetos para cosméticos, bastões e cetros cerimoniais aparecem esporadicamente nestes enterramentos.

A tumba do grande intendente e chanceler Meketre, descrita anteriormente, na qual foram recuperados modelos de cenários e de barcos de madeira que são muito conhecidos pela qualidade técnica de sua execução, é um exemplo de estrutura construída no início do Reino Médio. Em uma das câmaras da tumba havia um conjunto formado por 24 modelos de madeira, alguns dos quais representavam atividades cotidianas e, outros, mostravam modelos dos barcos utilizados por Meketre.

Outra tumba datada desta época foi descoberta durante as escavações levadas a cabo pela Missão Arqueológica Italiana e dirigidas por Ernesto Schiaparelli e Giulio Farina entre os anos de 1910 e 1937 em Gebelein, na região sul do Egito³³². Encontrada intacta, a tumba guardava o enxoval funerário de Ini, que possuía os títulos de Tesoureiro do Rei do Baixo Egito, Companheiro Único, Grande Chefe do Nomo, e Superintendente dos Sacerdotes do Templo de Sobek, Senhor de Sumenu³³³. A tumba é constituída por uma pequena câmara ao fundo de uma galeria escavada na rocha. Nela, foram encontrados um sarcófago, um travesseiro, um par de sandálias de couro, muitos vasos em terracota, cerca de 300 cestas confeccionadas em palha, dois modelos de barcos funerários, um modelo de um celeiro e outro de uma cozinha, uma pele de vaca e uma estatueta de madeira de Ini³³⁴. Após a reestruturação da coleção do Museu Egípcio de Turim, um cenário foi criado com uma reconstituição deste enterramento.

³³¹ *Ibidem.* p. 42.

³³² As escavações foram dirigidas por Ernesto Schiaparelli nos anos de 1910, 1911, 1914 e 1920, e por Giulio Farina em 1930, 1935 e 1937.

³³³ DONADONI, Ana Maria et al. *Il Museo Egizio di Torino*. Guida alla lettura di una civiltà. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 1996. p. 249.

³³⁴ *Ibidem.* p. 249.

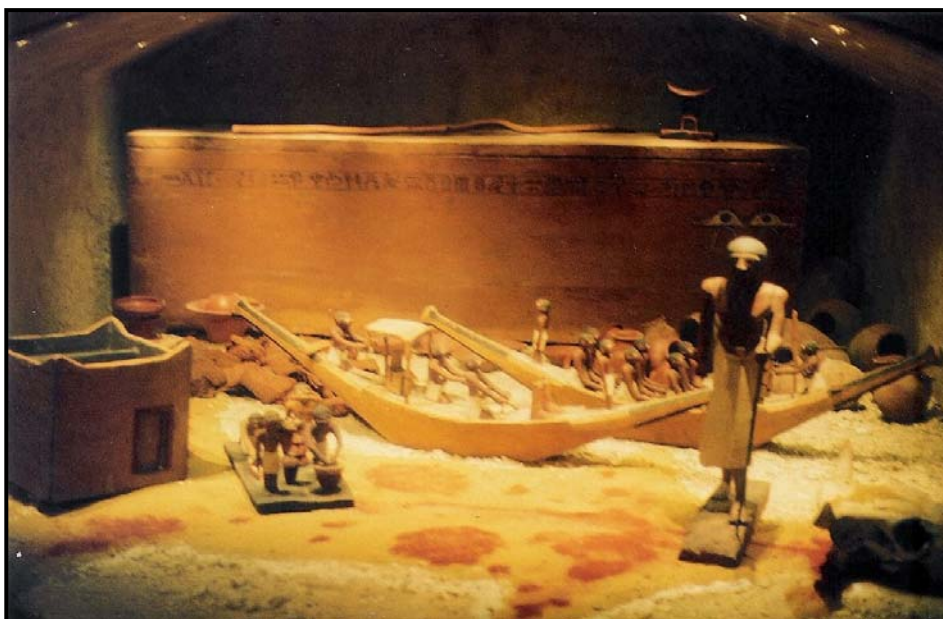


Figura 56: A reconstituição da tumba de Ini no Museu Egípcio de Turim. Foto de Eduardo Vilela. Acervo fotográfico do Museu de Arqueologia, PR.

Ini, conforme apontam seus títulos, era uma pessoa de grande prestígio e que ocupava a maior posição hierárquica possível em uma província. Ele não se apresenta apenas como “Grande Chefe do Nomo”, que seria o correspondente a nomarca, mas também como “Tesoureiro do Rei do Baixo Egito” e “Companheiro Único”, o último título com função essencialmente honorífica. Em sua tumba não foram encontradas menções a outros membros de sua família, nem mesmo a uma possível esposa. A demonstração de seu poder privado em uma esfera pública, contudo, está presente na qualidade de confecção dos artefatos que integravam seu enxoval funerário, bem como na sua representação imagética, uma estátua de madeira muito bem confeccionada, na qual Ini é representado portando um bastão, que indica sua alta posição hierárquica.

Os modelos de madeira também foram encontrados em grande número em uma tumba localizada por uma equipe do Museu de Belas Artes de Boston e da Universidade de Harvard, em 1915. Trata-se do túmulo de Djehuty-nakht, em Deir el-Bersha. Djehuty-nakht foi nomarca do nomo da Lebre, o décimo quinto nomo do Alto Egito, entre os reinados de Senusret II e Senusret III³³⁵. A superestrutura da tumba foi completamente destruída, mas parecia ser uma estrutura padrão do Reino Médio naquela província, ou seja, uma construção em um penhasco com uma câmara interna e uma externa. Havia dois poços para enterramento, sendo um principal (10A) e um secundário (10B). Neste último, foi inumada

³³⁵ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* 2007, p. 49.

uma mulher, Satmeket, cujo grau de parentesco ou nível de relacionamento com Djehuty-nakht é desconhecido³³⁶.

Na câmara externa do poço de enterramento A foram encontrados vários fragmentos de modelos de barcos de madeira, cordas e contas, o que indica que a tumba havia sido saqueada. A câmara funerária de Djehuty-nakht continha a que talvez seja a maior coleção de modelinhos de madeira de todo o Reino Médio: mais de 55 barcos, pelo menos 33 “cenários”, e mais de uma dúzia de pequenas figuras individuais de portadores de oferendas³³⁷. Os modelos não apresentam a mesma qualidade daqueles encontrados na tumba de Meketre, mas o que surpreende é o número de representações. Dentre os “cenários”, há oito exemplares de cenas de homens trabalhando em um celeiro, cada um dos quais incluía originalmente três figuras masculinas; três exemplares de cenas da fabricação do pão e da cerveja; nove representações de um homem alimentando à força um bovino; duas cenas de tecelagem; uma carpintaria; duas cenas com homens fabricando tijolos; e duas mostrando soldados em marcha.

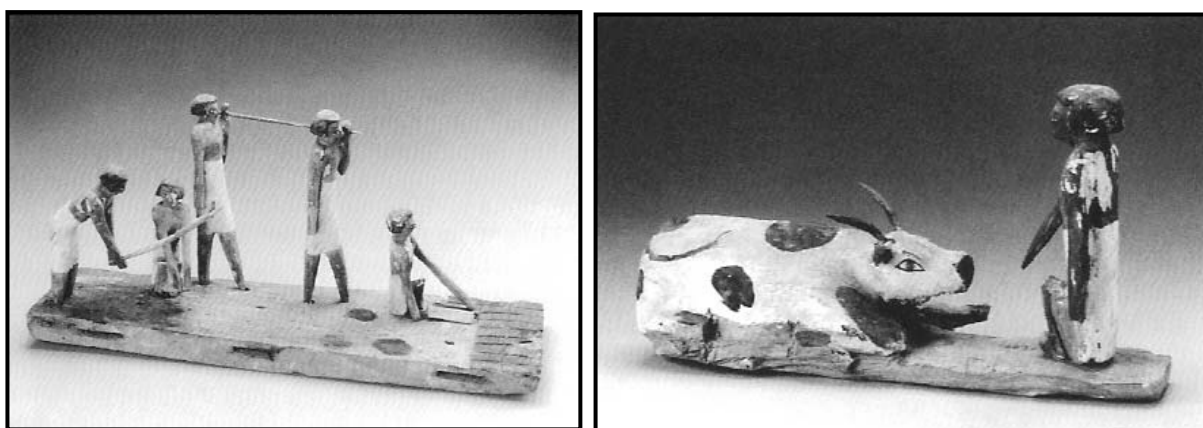


Figura 57: Modelos de madeira da tumba de Djehuty-nakht. À esquerda, a fabricação de tijolos de adobe e à direita, a alimentação forçada de um bovino. Referência: D’AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROEHRIG, Catharine H. *Mummies and magic. The funerary arts of Ancient Egypt*. Museum of Fine Arts: Boston, 1988. p. 113 e 114, respectivamente.

Quanto aos modelos de barcos, sete representam barcos de papiro (geralmente funerários) e os outros são de barcos de madeira, usados para passeio ou trabalho. Como parece ser padrão para esta tumba, normalmente há dois exemplares de cada modelo³³⁸. Talvez isto esteja relacionado ao fato de que a esposa de Djehuty-nakht, que também se chamava Djehuty-nakht, foi enterrada junto com o marido.

³³⁶ D’AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROEHRIG, Catharine H. *op. cit.* p. 109.

³³⁷ *Ibidem.* p. 113-114.

³³⁸ *Ibidem.* p. 114.

Ainda com relação aos modelos de madeira, havia na tumba oito estatuetas de mulheres carregando cestas na cabeça, algumas vestidas e outras nuas, todas diferentes em seus trajes e estilos de penteado; uma estatueta de madeira de uma mulher, muito bem trabalhada, que pode representar a esposa de Djehuty-nakht; e pelo menos doze homens portadores de oferendas, dentre os quais um escriba e um sacerdote.

Havia ainda na tumba cinco ataúdes, sendo dois de Djehuty-nakht e três de sua esposa, e um vaso canópico, confeccionado em cartonagem e com forma humana, com duas pernas e dois pés. Foi encontrada também uma tampa de vaso canópico, na forma de uma cabeça humana, e uma das caixas utilizadas para guardar os vasos. Quanto às múmias do casal, apenas partes foram localizadas: uma cabeça masculina, possivelmente de Djehuty-nakht; e o torso de uma múmia feminina. Os vestígios de duas máscaras funerárias, uma de madeira e a outra de cartonagem, também foram encontrados.

Com relação às jóias, apenas fragmentos foram localizados, mais uma prova de que a tumba havia sido saqueada. Dentre estes, temos: contas, terminais de colares, um fragmento



de um colar de conchas, e um escaravelho. A tumba continha também cerca de 250 cetros e bastões cerimoniais e dois grandes remos de madeira. Faziam parte do enxoval funerário de Djehuty-nakht, ainda, caixas, pães, alimentos em miniatura feitos de cartonagem, quatro pequenas mesas de madeira com furos para miniaturas de vasos em faiança, vasos diversos e materiais para tecelagem³³⁹.

Figura 58: Estatueta de madeira de uma mulher, possivelmente Djehuty-Nakht. Referência: D’AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROEHRIG, Catharine H. *Mummies and magic. The funerary arts of Ancient Egypt.* Museum of Fine Arts: Boston, 1988. p. 115.

O conteúdo desta tumba, bem como os títulos ostentados pelo proprietário, o incluem, assim como a Iní, entre os níveis mais altos da sociedade. Djehuty-nakht também portava o título de “Grande Chefe do Nomo”, e mandou confeccionar, para a sua morada de eternidade,

³³⁹ *Ibidem.* p. 117.

todos os equipamentos necessários para uma vida agradável no outro mundo. Ao contrário do que acontece na tumba de Ini, no entanto, Djehuty-nakhh foi enterrado junto com sua esposa, que tinha o mesmo nome do marido. Os modelos de madeira aparecem geralmente aos pares, e é possível que este fato esteja relacionado justamente a este enterramento duplo. A exposição pública de Djehuty-nakht, diferente do que acontece com Ini, envolvia pelo menos um membro de sua família, do qual, infelizmente, poucas informações restaram.

Entre 1905 e 1913, a Missão Arqueológica Italiana dirigida por Schiaparelli escavou na região de Assiut algumas tumbas rupestres com uma grande quantidade de modelos em madeira e que continham estátuas dos proprietários, também em madeira, muito bem executadas³⁴⁰. Todas pertenciam ao Primeiro Período Intermediário e ao Reino Médio, mas seu conteúdo não pôde ser devidamente separado em função da falta de informações sobre sua origem exata nos relatórios da escavação.

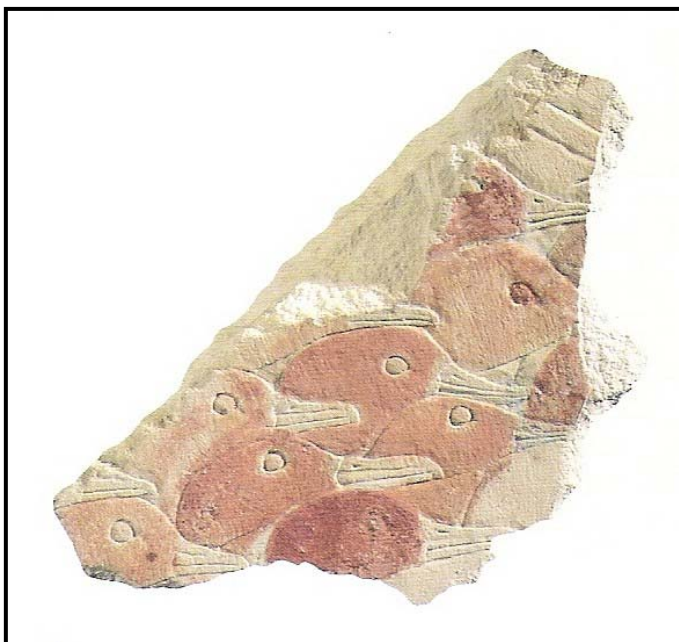


Figura 59: Modelo mostrando a fabricação do pão e da cerveja, tumba de Minhotep, Assiut. Referência: ROBINS, Gay. (ed.) *Beyond the pyramids: Egyptian regional art from the Museo Egizio, Turin*. Atlanta: Emory University Museum of Art and Archaeology, 1990. p. 58.

Em Qau el-Kebir, tumbas do mesmo período, parte construídas e parte escavadas na rocha, foram localizadas. Nestas, uma via processional conduzia ao local da tumba e um pórtico precedia o ingresso à mesma e ao local de culto, uma capela adjacente. O acesso ao local para o sarcófago do proprietário era feito por meio de poços escavados na rocha. Na tumba pertencente a Wahka I foi localizada uma estátua em calcário do proprietário, em tamanho natural. A Wahka II pertenciam o busto e a cabeça de duas estátuas em tamanho

³⁴⁰ DONADONI, Ana Maria et al. *op. cit.* p. 237-238.

natural, possivelmente do proprietário, em calcário e diorito, e estatuetas em diorito da personagem, uma das quais foi oferecida ao irmão Ibu. Na tumba deste último foram



encontrados um sarcófago em calcário e uma série de fragmentos de estátuas pintadas. Destacam-se, na capela, as pinturas parietais e baixos-relevos, dentre as quais as cenas de flora e fauna são as mais impressionantes³⁴¹.

Figura 60: Fragmentos de decoração parietal da tumba de Ibu, em Qau el-Kebir, mostrando aves. Referência: ROBINS, Gay. (ed.) *Beyond the pyramids: Egyptian regional art from the Museo Egizio, Turin*. Atlanta: Emory University Museum of Art and Archaeology, 1990. p. 61.

Na região de Gebelein, as tumbas das XI e XII Dinastias escavadas pela Missão Arqueológica Italiana são caracterizadas por um pátio e um pórtico com pilastras que dá acesso a uma série de câmaras escavadas na montanha. A câmara central tem a função de capela, enquanto as outras são utilizadas como depósitos. Um ou dois poços levam à câmara funerária, situada no subsolo³⁴². Na capela central da tumba de Iti, Tesoureiro do Rei e Chefe da equipe, foram resgatadas pinturas parietais que mostram cenas de rituais funerários e da vida cotidiana. Já a tumba de Iqer tinha uma superestrutura com pórtico e pilastras, cuja capela foi utilizada para enterramentos comunitários na época ptolomaica, e a câmara funerária ficava ao fundo de uma galeria profunda.

Por meio da análise dos materiais que compunham o enxoval funerário dos proprietários das tumbas aqui descritas, escavadas pela Missão Arqueológica Italiana, é possível deduzir que estas pertenceram a personagens que faziam parte de um estrato social mais alto. Poucos são os dados existentes sobre as tumbas de pessoas menos abastadas nestes cemitérios provinciais, pois os arqueólogos que realizaram as escavações nestes locais estavam mais interessados em obter objetos de valor artístico para as coleções dos museus do que em realmente entender a sociedade egípcia como um todo. Poucas escavações realizadas em cemitérios do Reino Médio levaram em conta tumbas pequenas e muitas vezes sem

³⁴¹ *Ibidem*. p. 242.

³⁴² *Ibidem*. p. 249.

enxoval funerário, especialmente por terem sido saqueadas. Muitos destes enterramentos sequer foram descritos e registrados nos relatórios de trabalho, o que dificulta sobremaneira o levantamento da porcentagem de túmulos menores em relação aos maiores em todas as regiões do Egito.

Outro tipo de cemitério que merece melhor atenção por parte dos pesquisadores é o chamado cemitério “residencial”, ou seja, aquele construído próximo à cidade da residência real. No início da XII Dinastia, com a mudança da capital para Itjitaui, os cemitérios da corte foram deslocados de Tebas para Lisht, e isto levou a uma mudança no padrão das tumbas. A mastaba voltou a ser a forma mais utilizada pela nobreza e está presente em uma quantidade razoável nos cemitérios destes locais³⁴³. O enterramento normal de um oficial da corte era em uma mastaba em um destes cemitérios “residenciais” como, por exemplo, aqueles que se desenvolveram ao redor de Kahun, e que foram importantes durante o Reino Médio, e mesmo em períodos anteriores e posteriores. Os desertos a leste e a oeste da pirâmide de Senusret II foram escavados durante três anos, mas pouca coisa foi encontrada com relação ao Reino Médio, devido aos freqüentes saques e reutilização das tumbas em outras épocas. Coletivamente, contudo, os achados provaram ser de considerável interesse.

Pela importância das tumbas privadas que estão na vizinhança da pirâmide de Senusret II, é evidente que oficiais de alto cargo foram enterrados nelas. No entanto, apenas duas ou três³⁴⁴ conservaram os nomes dos ocupantes, e pouco material da XII Dinastia foi nelas encontrado³⁴⁵. Uma dessas tumbas pertenceu ao “Supervisor de todos os trabalhos do rei nas terras de suas fronteiras” Inpy (tumba 620). Esta se localiza a menos de um quilômetro a oeste da pirâmide de Senusret II, e é a mastaba com construção mais elaborada encontrada na região.

Inpy foi o arquiteto real responsável pelo projeto do complexo funerário de Senusret II³⁴⁶, que incluía, além da pirâmide, um templo junto a esta, chamado de “Templo Mortuário”, e outro mais distante, que era conhecido como “Templo do Vale”. Sua função junto à corte nos leva a considerar que Inpy tenha sido também o responsável pelo projeto da cidade de Kahun, e vestígios arqueológicos provenientes do assentamento urbano mostram que o arquiteto era provavelmente um dos habitantes da localidade. Nos relatórios elaborados por

³⁴³ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* 2007, p. 43.

³⁴⁴ A dúvida se deve à tumba N17, na qual foi identificado o possível nome do proprietário. A base de modelo de madeira com o nome, no entanto, poderia pertencer a outra pessoa, como um amigo do dono da tumba, que ofereceu o modelo ao proprietário. (QUIRKE, Stephen. *op.cit.* 2005, p. 27)

³⁴⁵ PETRIE, W. M. Flinders & BRUNTON, Guy & MURRAY, Margaret A. *Lahun II: the pyramid*. London: British Scholl of Archaeology in Egypt & Bernard Quaritch, 1923. p. 26.

³⁴⁶ *Ibidem.* p. 26.

Petrie para as duas temporadas de escavação na região constam inscrições relacionadas a esta personagem. São dois fragmentos de porta falsa, que atualmente pertencem aos acervos dos Museus Petrie de Arqueologia Egípcia (UC14339) e da Universidade de Manchester (EGY290), provavelmente provenientes de sua tumba, mas que por um motivo certamente relacionado a reutilização do material, estavam em uma das casas da cidade.



Figura 61: Dois fragmentos de porta-falsa com o nome e um dos títulos de Inpy, encontrados na cidade de Kahun. Referência: Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em: <http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 10out08 e Manchester University Museum. Disponível em: <http://emu.man.ac.uk/webmmtest/pages/common/imagedisplay.php?irn=912&reftable=ecatalogue&refirn=108078> Acesso em: 10out08.

As escavações na mastaba pertencente ao arquiteto mostraram uma estrutura um pouco diferenciada em relação às outras tumbas da XII Dinastia encontradas na região. O túmulo de Inpy era o único que possuía uma capela separada da mastaba, que estava situada a leste da estrutura principal³⁴⁷. Esta era parte escavada e parte construída, e suas faces de pedra foram recobertas com blocos de calcário branco, pintado e esculpido. Havia um pátio de entrada com uma fileira de quatro colunas, que levava à câmara principal, formada por três aberturas, sendo que as que se localizavam ao norte e ao sul continham nichos. No anexo, há duas salas, uma maior e uma menor. Na maior foi iniciada a escavação de um poço, que tem apenas 30

³⁴⁷ *Ibidem.* p. 26.

cm de profundidade. Em frente à sala com colunas há um buraco enorme, cuja finalidade não é conhecida. Petrie e Brunton, responsáveis pelas escavações no cemitério, pensavam que este talvez servisse para evitar que outras pessoas, que não as da família, tivessem acesso à capela³⁴⁸.

A infra-estrutura da tumba era formada por quatro câmaras subterrâneas e dois poços, sendo um vertical e um inclinado. A câmara funerária está no local onde se espera que realmente estivesse, ou seja, sob a mastaba. Uma cova foi aberta quando a capela se quebrou, e praticamente todo o material resgatado na tumba estava neste local. Não foram encontrados sinais de enterramento, e por isso não é possível provar que a mastaba tenha sido utilizada.

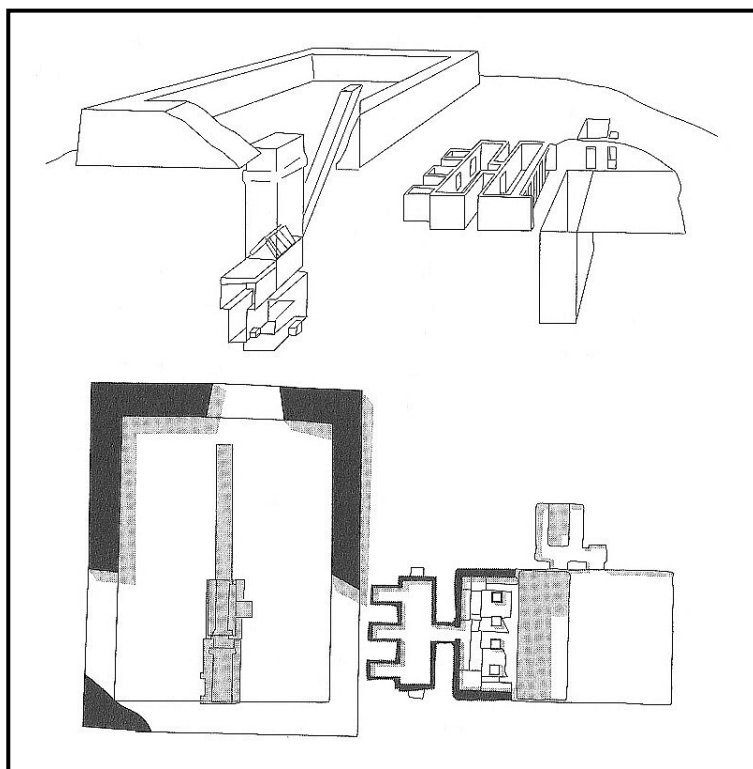


Figura 62: Esquema gráfico da mastaba e da capela de Inpy. Referência: QUIRKE, Stephen. Lahun: a town in Egypt 1800 BC, and the history of its landscape. London: Golden House Publications, 2005. p. 24.

Os fragmentos encontrados na capela foram organizados por Petrie e posteriormente publicados em pranchas, em disposição tal que é possível termos uma idéia do conjunto. Em muitos dos fragmentos há inscrições, que faziam parte de fórmulas funerárias, textos didáticos e ainda apresentavam os títulos da personagem. Dois destes títulos estão presentes na base de uma estátua, encontrada sem a cabeça, entre os fragmentos da capela:

³⁴⁸ *Ibidem*. p. 26.

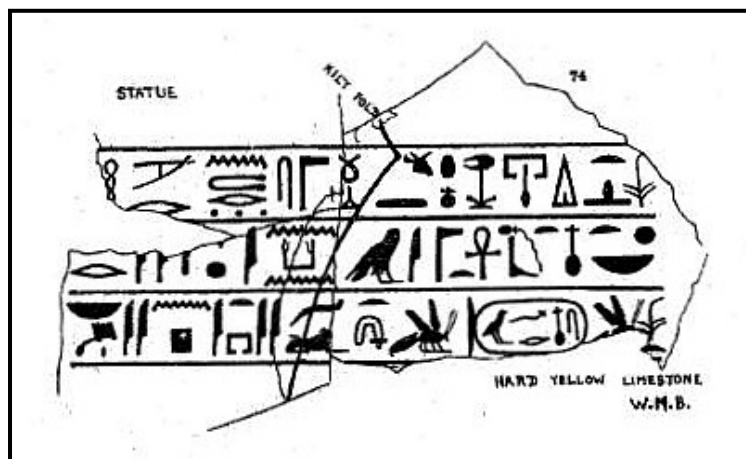


Figura 63: Desenho de linha da base da estátua de Inpy, com a inscrição em hieróglifos. Referência: PETRIE, W. M. Flinders & BRUNTON, Guy & MURRAY, Margaret A. Lahun II: the pyramid. London: British Scholl of Archaeology in Egypt & Bernard Quaritch, 1923. pl. XXXI.

Inscrição da base da estátua de Inpy³⁴⁹:

[1]

ḥtp di nsw prt-ḥrw ḥꜣ t ḥnꜣt kꜣw ꜣpdw šs mnḥt snꜥr mrḥt

Uma oferenda que o rei faz: (invocação de) oferendas (aos) milhares (de) pão e cerveja, gado (e aves), (vasos de) alabastro e tecidos, incenso e unguentos,

[2]

ḥt nb(t) nfrt wꜥb(t) ꜥnḥt nꜥr im[.sn] n kꜣ n imꜣhy ḥr

todas as coisas boas e puras de que vive um deus, para o *ka* do venerável junto ao

[3]

nsw-bit (snfrw)/ sꜣw[t] bity imy-r rwyꜣt inpy nb imꜣhw

Rei do Alto e Baixo Egito Sneferu, o chanceler do Rei do Baixo Egito, supervisor do tribunal de justiça, Inpy, o venerável senhor.

O egiptólogo Henry G. Fischer dividiu em três categorias os títulos portados por Inpy: honoríficos, jurídicos e administrativos³⁵⁰. Dentre os títulos honoríficos, Inpy possuía todos aqueles que um oficial de seu tempo poderia querer. Era *smr-wꜥty*, “Companheiro Único”;

³⁴⁹ A tradução das inscrições aqui apresentada foi realizada por Liliane Cristina Coelho.

³⁵⁰ FISCHER, Henry G. A didactic text of the Late Middle Kingdom. *JEA*. London: The Egyptian Exploration Society, v. 68, p. 45-50, 1982. p. 45.

htmty-bity, “Tesoureiro do Rei do Baixo Egito”; *h3ty-c*, “Grande Chefe do Nomo”; e *iry-pct*, “Nobre Hereditário”. Seu principal título jurídico era *imy-r rwyt*, “Supervisor do Tribunal de Justiça”. A este, se juntavam *hm-ntr m3ct*, “Sacerdote de Maat”, o que significa que Inpy era um funcionário que poderia agir como um juiz; e um outro título cuja tradução é incerta, mas que sugere algo como “cajados dos plebeus, um pilar de comunicação com os povos do deserto”. Na administração, ocupava o cargo de *imy-r k3(w)t nbt nt nswt m t3 r dr.f*, “Supervisor de todos os trabalhos do Rei nas terras de suas fronteiras”, o que lhe assegurava uma posição hierárquica elevada³⁵¹.

A reconstituição dos fragmentos realizada por Petrie também tornou possível um estudo mais aprofundado dos textos presentes na tumba, que mostram como o indivíduo queria se mostrar publicamente. A análise de um conjunto de inscrições por Henry G. Fischer trouxe à luz um texto didático, endereçado por Inpy aos seus filhos, que estão enfileirados no lado oposto da provável representação do proprietário da tumba. Os fragmentos que compõem o texto foram numerados por Petrie de 58 a 69, e atualmente integram o acervo do Instituto Oriental da Universidade de Chicago³⁵².

As recomendações dadas por Inpy aos seus filhos lembram aquelas que constam nos *Ensinamentos de Ptahhotep*, como por exemplo: “Excelentes são aqueles que são pacientes” (fragmento 58)³⁵³. Entre os fragmentos 59 e 61 há um trecho de interpretação incerta devido às muitas lacunas presentes no texto: “(...) Osíris. Ó tu que és tão grande quanto seu progenitor. Eu sou aquele de discurso amigável e (que) emerge instruído. (...)”³⁵⁴. Segundo Fischer, com base em outros textos por ele traduzidos, esta passagem pode se referir a uma fala do pai para o filho mais velho³⁵⁵. Neste caso, “tão grande quanto seu progenitor” poderia ser entendido como “tão velho quanto seu progenitor”.

O último trecho do texto (fragmento 69) diz muito sobre a exposição pública do indivíduo: “(Não há) um nobre do rei que se iguale a mim”³⁵⁶. Inpy pertencia a um nível social elevado, conforme podemos afirmar por meio da análise de seus títulos. Uma estela erigida por Inpy em Abydos o associa a Ikhnofret³⁵⁷, que foi um oficial do reinado de Senusret III, e assim o relaciona indiretamente a este faraó. É possível, então, que Inpy não tenha sido enterrado na tumba construída para ele na necrópole da pirâmide de Senusret II,

³⁵¹ *Ibidem*. p. 45.

³⁵² *Ibidem*. p. 47.

³⁵³ *Ibidem*. p. 47.

³⁵⁴ *Ibidem*. p. 47.

³⁵⁵ *Ibidem*. p. 50.

³⁵⁶ *Ibidem*. p. 47.

³⁵⁷ *Ibidem*. p. 45.

mas que ele tenha se transferido para Dahshur junto com a corte de Senusret III. Levando em consideração os dois fragmentos de porta-falsa com o nome de Inpy que foram encontrados em Kahun, anteriormente citados, é possível considerar que sua tumba foi saqueada ainda na XIII Dinastia. Seus descendentes, desta maneira, não prestariam o culto funerário naquele local, mas sim em uma possível tumba construída para Inpy em Dahshur.

Outra tumba desta necrópole cujo nome do possível proprietário foi encontrado é a identificada pelo número N17. Esta se localiza a uma pequena distância do túmulo de Inpy, e seu acesso é por meio de uma passagem inclinada, que leva para a superfície de uma câmara cortada na rocha com uma segunda sala a oeste³⁵⁸. É a única tumba da necrópole onde foram encontrados modelos de madeira³⁵⁹ e, devido a este achado, Brunton, quando da escavação da tumba, concluiu que a prática de depositar modelos de madeira nos túmulos já não mais existia à época de Senusret II. Para ele, este pode ser, então, um dos primeiros enterramentos realizados na necrópole após a escolha do local para abrigar o complexo funerário real³⁶⁰. O nome do possível proprietário se encontra na base de uma das estatuetas de madeira localizadas na tumba (UC6641):

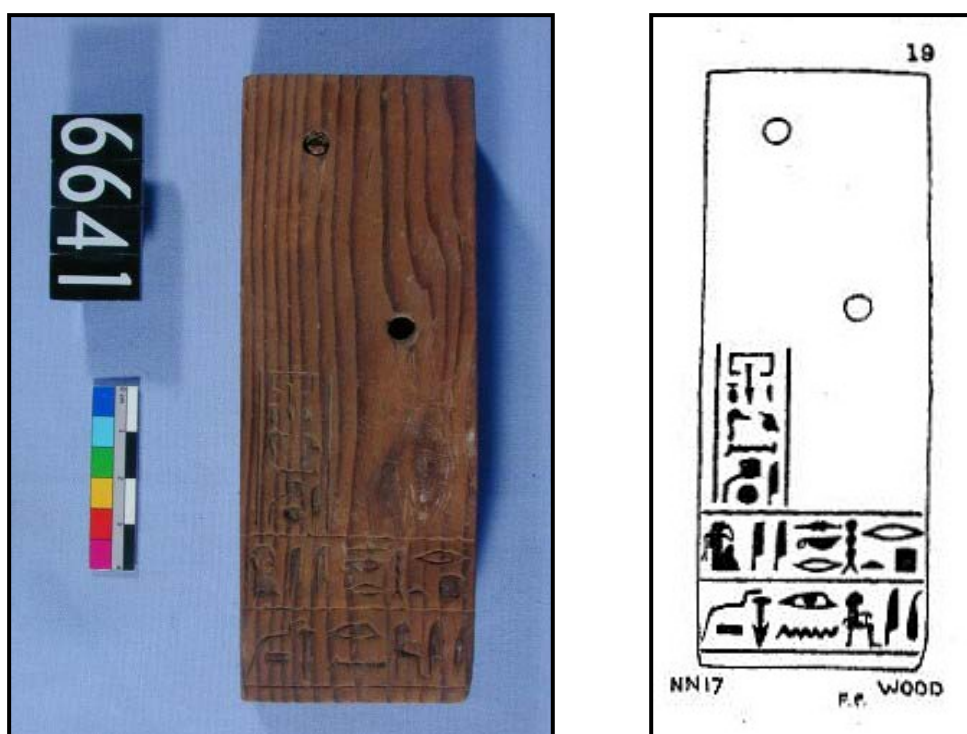


Figura 64: Base de estatueta de madeira e desenho de linha mostrando o texto em hieróglifos. Referências: Fotografia do artefato: Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em: <http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 10out08. Desenho de linha: QUIRKE, Stephen. Lahun: a town in Egypt 1800 BC, and the history of its landscape. London: Golden House Publications, 2005. p. 27.

³⁵⁸ PETRIE, W. M. Flinders & BRUNTON, Guy & MURRAY, Margaret A. *op. cit.* p. 33-34.

³⁵⁹ *Ibidem.* p. 34; QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2005, p. 27.

³⁶⁰ PETRIE, W. M. Flinders & BRUNTON, Guy & MURRAY, Margaret A. *op. cit.* p. 34.

Inscrição na base do modelo de tumba³⁶¹:



pṛt-hrw t ḥnḳt k3w 3pdw n im3ḥw ḥr pth skr iti ir n w3d

Invocação de oferendas em pão e cerveja, gado e aves para o venerável perante Ptah-Sokar, Iti, filho de Wadj.

Além dos modelos, foram encontradas no túmulo contas de diversos modelos e materiais. Analisados em conjunto, os artefatos localizados na tumba situam seu proprietário em uma camada social de intermediária a elevada. Foram resgatados modelos de madeira, mas não há referência a jóias, sendo citadas apenas contas de diversos materiais e modelos. É possível que, como a maioria das tumbas da necrópole, esta tenha sido saqueada, ou parcialmente saqueada, e que os ladrões tenham levado apenas objetos de maior valor. Não há sinais, no entanto, de que o túmulo tenha sido reutilizado em outras épocas, conforme apontado por Petrie e Brunton nos relatórios de escavação³⁶².

Várias outras tumbas e mastabas foram escavadas nos cemitérios ao redor da pirâmide. Alguns achados interessantes foram feitos, mas devido aos saques e reusos de muitos túmulos os nomes dos proprietários não foram localizados. Na tumba 608, tão grande quanto a de Inpy, foram localizados alguns fragmentos com inscrições. Entre estes, havia um papiro hierático que pôde ser datado da XII Dinastia pela grafia da carta. O proprietário da tumba 609 parece ter falecido antes da conclusão da estrutura, devido às características das paredes da câmara funerária. Nas tumbas 601 e 606 foi encontrada uma grande quantidade de cerâmica da XII Dinastia. Na última, que parece ter sido utilizada como “lixo” para objetos cerâmicos quando o cemitério passava por “limpezas” de tempos em tempos, foram encontrados fragmentos de grandes vasos.

Na chamada “via processional”, que ligava o templo mortuário ao templo do vale de Senusret II, foi encontrado um grupo de tumbas profundas escavadas na rocha, que datam possivelmente da XII Dinastia³⁶³. Todas, no entanto, haviam sido saqueadas e reutilizadas em períodos posteriores, o que dificulta uma datação mais precisa.

Na tumba número 906, localizada em um cemitério situado a uma pequena distância a oeste dos muros da cidade, foi encontrada uma mesa de oferendas com o nome do

³⁶¹ A tradução das inscrições aqui apresentada foi realizada por Liliane Cristina Coelho.

³⁶² PETRIE, W. M. Flinders & BRUNTON, Guy & MURRAY, Margaret A. *op. cit.* p. 34.

³⁶³ DAVID, Rosalie. *op. cit.* 1986, p. 138.

proprietário: Khenmes-khered, ou Khenmes o Jovem, filho de Ab Nefret. Esta estava localizada em um nicho, numa câmara em frente à câmara funerária, e hoje integra o acervo do Museu da Universidade da Pensilvânia³⁶⁴. Outra tumba onde foi encontrado um material bastante importante foi a de número 107, localizada próximo ao eixo do complexo da pirâmide. Nela, havia fragmentos da cobertura de gesso de um sarcófago com vários trechos de textos mágicos que auxiliaram para a sua datação na XII Dinastia. Os textos faziam parte de encantamentos presentes nos *Textos dos Sarcófagos*³⁶⁵.

Não há relatos, por parte de Petrie e Brunton, sobre tumbas de indivíduos de classes mais baixas, simplesmente escavadas a pouca profundidade e com pouco ou nenhum enxoval funerário. Estas, no entanto, deveriam existir e estar situadas em uma área específica, assim como acontecia em outros cemitérios no Egito antigo.

Devido aos saques e reusos sofridos por parte das tumbas presentes nas necrópoles que se formaram no entorno de Kahun, no entanto, é praticamente impossível fazer um levantamento da porcentagem de pessoas pertencentes a camadas sociais mais baixas em relação às mais elevadas, dentre os habitantes da cidade durante a XII Dinastia tardia e a XIII Dinastia. O material mais significativo foi encontrado em túmulos de indivíduos pertencentes a uma elite, que tiveram condições de construir estruturas maiores e muitas vezes com decorações parietais, que foram em parte recuperadas. É difícil afirmar também se algumas destas tumbas foram realmente utilizadas por aqueles que as mandaram erigir, já que o governo de Senusret II durou apenas 19 anos, e é possível que os membros da corte tenham se transferido para Dahshur, juntamente com o novo faraó.

Durante o reinado de Senusret III houve uma mudança profunda em todo o Egito. Desapareceram os nomarcas, assim como suas tumbas decoradas no Médio Egito, novos títulos foram criados na administração, cemitérios provinciais desapareceram e outros continuaram a existir, mas em menor escala. Os objetos que eram enterrados com o morto passaram a ser aqueles que foram utilizados em vida, e a indústria de bens funerários sofreu uma queda de produtividade³⁶⁶.

Alguns itens comuns nos enterramentos da primeira parte da XII Dinastia deixam de aparecer, como os modelos de madeira e os textos funerários inscritos no interior dos ataúdes, conhecidos como *Textos dos Sarcófagos*. Há também o surgimento nas tumbas, pela primeira vez, de figuras mumiformes, semelhantes a *ushabits*, e de escaravelhos, assim como dos

³⁶⁴ QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2005, p. 29.

³⁶⁵ *Ibidem.* p. 30.

³⁶⁶ *Ibidem.* p. 54.

primeiros ataúdes antropóides³⁶⁷. No cemitério de Rifeh, no Médio Egito, um dos itens bastante encontrados são as erroneamente chamadas “casas da alma”, que correspondem a modelos de mesas de oferendas ou de casas confeccionadas em argila, e eram depositadas em tumbas de pessoas de classe social menos elevada³⁶⁸.

Nesta época, começam a aparecer nos túmulos artefatos conhecidos anteriormente apenas no contexto urbano, como as “presas de hipopótamo do nascimento” e os “bastões do nascimento”, bem como miniaturas de animais e alimentos em faiança. Algumas tumbas são utilizadas para enterramentos múltiplos, e o material proveniente das escavações realizadas nestas sepulturas é de difícil classificação individual. Dentre os itens que começam a aparecer ainda nesta época estão os textos inscritos em papiros, que muitas vezes são composições literárias e não textos funerários.

Os enterramentos das princesas e mulheres da elite deste período são conhecidos como do “tipo da corte”³⁶⁹. A tumba de Senebtisi, em Lisht, é um bom exemplo deste tipo de enterro. Apesar de inicialmente datado como pertencente ao início da XII Dinastia por meio de comparações entre o material encontrado na tumba e aquele proveniente de escavações realizadas em Dahshur, suas características o inserem nos chamados enterramentos do “tipo da corte”. Senebtisi foi inumada em uma tumba-poço localizada no cemitério ao norte da pirâmide de Amenemhat I, à qual foi dado o número 763. A estrutura está situada entre os muros que cercam uma grande mastaba, e é do tipo poço e câmara³⁷⁰.

Conforme apontado pelos estudos realizados em sua múmia, Senebtisi era uma mulher de pequena estatura, que morreu aproximadamente aos 50 anos de idade. Na parte anterior da câmara de sua tumba foi encontrada uma grande quantidade de vasos e tigelas de cerâmica, o que levou os escavadores a pensarem sobre um possível saque mal-sucedido, que na realidade nunca ocorreu. Na extremidade da câmara estavam localizados dois ataúdes retangulares de madeira, um interno e um externo, em péssimo estado de conservação. O ataúde interno era decorado com linhas de textos inscritos em folha de ouro, que foram recuperadas pelos escavadores. Dentro deste conjunto de ataúdes retangulares, havia um ataúde antropóide em madeira recoberto com folha de ouro, cuja conservação foi impossibilitada pela umidade e pelo tempo. O registro preciso dos fragmentos permitiu aos escavadores a criação de um modelo reconstituído que mostra a presença do toucado real ou *nemes*, o que a identificava

³⁶⁷ GRAJETZKI, Wolfram. *op. cit.* 2007, p. 50.

³⁶⁸ *Ibidem.* p. 52.

³⁶⁹ *Ibidem.* p. 55.

³⁷⁰ MACE, Arthur C. & WINLOCK, Herbert E. *The tomb of Senebtisi at Lisht*. North Stratford: Ayer Company Publishers, 2004. p. 4-5.

com o deus do mundo dos mortos, Osíris. Dentro do ataúde estava a múmia de Senebtisi, que tinha na cabeça uma peruca, da qual restaram apenas os adornos. Havia muitas jóias finamente confeccionadas sobre a múmia, tal como braceletes, tornozeleiras e colares, dentre os quais se destaca um colar-*serekh*, com acabamento em cabeças de falcão, e cujo uso é exclusivamente funerário.

No interior da segunda caixa, justamente no lado direito do ataúde antropóide, havia um conjunto de cetros e bastões cerimoniais confeccionados em madeira com incrustações e contas, e uma adaga. Ao lado do conjunto de ataúdes havia uma caixa de madeira para os vasos canópicos, que continha quatro vasos confeccionados em aragonita e com as tampas de madeira, esculpidas na forma de cabeças humanas, estucadas e pintadas.

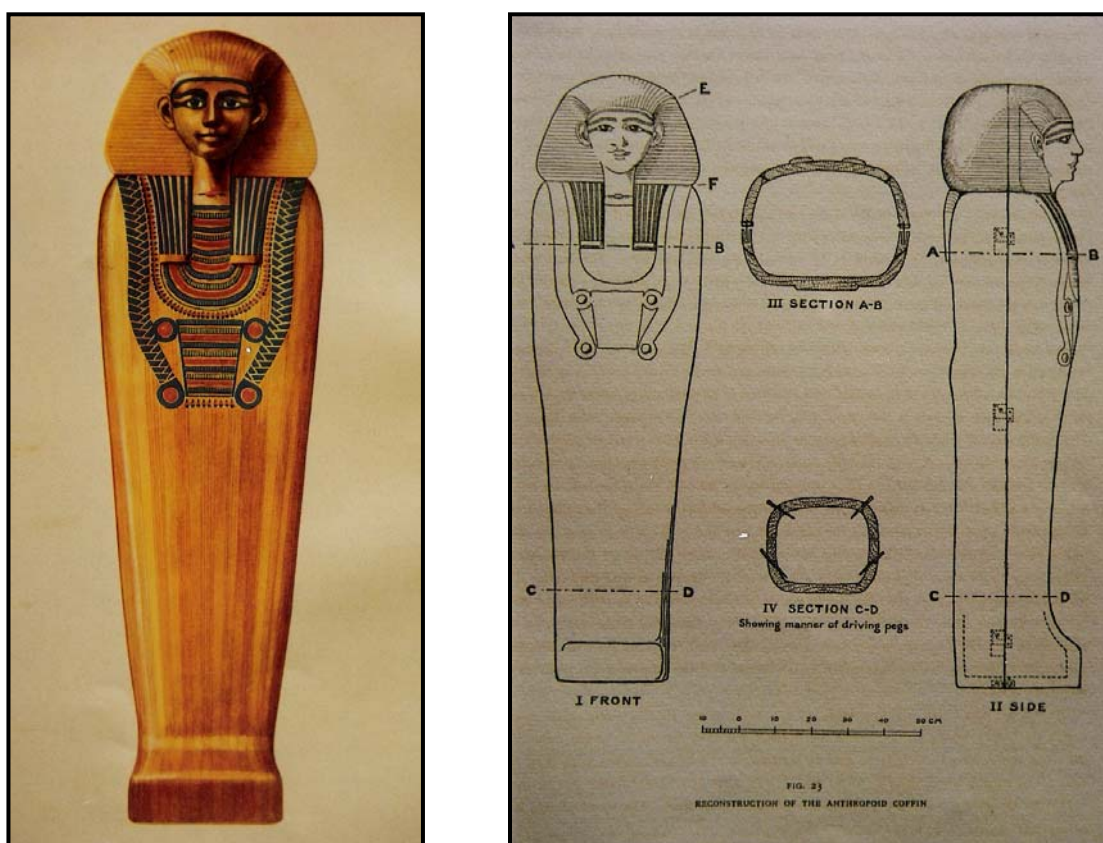


Figura 65: Reconstituição do ataúde antropóide de Senebtisi. Referência: MACE, Arthur C. & WINLOCK, Herbert E. The tomb of Senebtisi at Lisht. North Stratford: Ayer Company Publishers, 2004. Frontispício e p. 39.

O título de Senebtisi, “senhora da casa”, é o mais comum entre as mulheres casadas, e não nos dá uma idéia clara de sua posição social junto à corte ou em relação ao proprietário da mastaba próxima à qual foi encontrada sua tumba. O conteúdo de sua sepultura, no entanto, a identifica como uma pessoa pertencente a uma camada social elevada, já que é um claro

exemplo das chamadas tumbas do “tipo da corte” do período compreendido entre o final da XII e o início da XIII Dinastia.

Cemitérios deste período com enterramentos de indivíduos pertencentes a diferentes níveis sociais foram escavados em diversas regiões do Egito, tal como em Qau-Mostagedda. As tumbas mais simples, no entanto, não foram devidamente registradas, tal como acontece para os cemitérios de períodos anteriores aqui referidos. Este fato torna praticamente impossível uma análise de conjunto, que geraria um levantamento sobre os números das populações analisadas.

Do universo de tumbas aqui discutido, em sua grande maioria pertencentes a uma elite administrativa, podemos concluir que havia uma primazia em relação ao chefe da família nestes enterramentos. A eles cabiam as maiores honrarias, enquanto suas esposas e filhos recebiam uma atenção secundária. O mesmo acontece nos enterramentos do “tipo da corte”, tal como aqui exemplificado pela tumba de Senebtisi. Sendo uma inumação individual, todas as honras cabem a ela, e não há ao menos a menção a um possível marido ou a filhos nos materiais inscritos encontrados na tumba.

Um caso que merece ser analisado em separado é o de Djehuty-nakht. Este foi enterrado junto com sua esposa, da qual não temos uma informação precisa sobre títulos ou ascendência. Fica claro, no entanto, que as honras eram divididas entre os dois, já que no caso dos modelos de madeira, por exemplo, havia dois exemplares de cada um. O culto ao casal deveria ser realizado em conjunto, na câmara externa da tumba, que deveria funcionar também como capela funerária. Verifica-se, neste caso, uma primazia do casal em relação aos filhos e outros membros da família. Apenas de Djehuty-nakht nós conhecemos os títulos, já que com relação à esposa nada neste sentido foi encontrado. De certa maneira, então, o proprietário é a figura central do enterramento, ficando sua esposa em segundo plano.

A tumba de Inpy, na necrópole da pirâmide de Senusret II, apresenta-se como a única, dentre as construídas naquele local, a ter uma capela funerária separada da estrutura principal. Neste caso, no entanto, não é possível afirmar se realmente houve um enterramento naquele túmulo, pois tanto a mastaba quanto a capela foram saqueadas após um espaço de tempo bastante curto em relação à morte do arquiteto. O que mais nos interessa, contudo, é a construção da imagem de Inpy por meio dos fragmentos da decoração parietal encontrados na capela. Inpy se posicionava como um membro da corte ideal, e queria transmitir esta idéia para todos aqueles que tivessem acesso ao seu local de culto. Ele era a figura central da tumba, pois mesmo na ocasião em que seus filhos foram representados é ele quem transmite os ensinamentos.

Verifica-se, assim, por meio da análise das estruturas e dos materiais provenientes de tumbas de diversas regiões do Egito, que ao proprietário do túmulo eram dadas as maiores honrarias, e que mesmo membros de sua família nuclear recebiam uma atenção secundária. Era a ele também que se direcionava o culto funerário, e toda a estrutura era construída de maneira a transmitir ao público uma imagem idealizada de um indivíduo em um âmbito privado.

3.9. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO NA ARTE

A arte do Egito antigo é rica em detalhes e significados. Sua natureza, porém, é em grande parte funerária, e em alguns momentos torna-se difícil entender aspectos relacionados à vida por meio de monumentos ligados essencialmente à morte. As análises aqui apresentadas mostraram, por meio das fontes arqueológicas, iconográficas e escritas, proveniente tanto dos assentamentos urbanos quanto das necrópoles, que cada uma das fases da vida, do nascimento à morte, possui os seus aspectos públicos e privados.

As fontes sobre o nascimento, a primeira infância e a infância são essencialmente provenientes de assentamentos urbanos, mas alguns dos objetos analisados aparecem a partir do final da XII Dinastia também no contexto funerário. O nascimento foi caracterizado, por meio dos objetos e textos estudados, como um momento privado, do qual participavam apenas a mãe e as mulheres responsáveis por auxiliar a ela e à criança no momento em que esta vinha ao mundo. Eram estas as pessoas que participariam dos primeiros dias da vida da criança, e que auxiliariam na sua proteção contra todos os males que poderiam acontecer a um indivíduo ainda não integrado na sociedade.

Foram analisados também alguns artefatos relacionados essencialmente ao momento do nascimento, e à proteção da mãe e da criança neste instante. Estes mostraram que existia um grande temor de que pudesse acontecer algo de ruim para a mãe e o bebê, e que era comum perder esposas e filhos no momento do parto. Alguns objetos também auxiliam para o entendimento de que o nome poderia ser escolhido mesmo antes da criança nascer, e que poderia ser uma decisão pública, discutida entre pai, mãe e talvez avôs e avós.

A socialização da criança começava já nos primeiros anos de vida, quando esta passava a acompanhar a mãe em suas atividades diárias e tinha contato com outros meninos e meninas de sua faixa etária. A primeira infância, então, era uma fase de preparação para uma etapa de conhecimentos e aprendizagem, na qual ainda havia muitos perigos que poderiam levar a criança à morte, tais como a desnutrição e o ataque de animais peçonhentos, como as

cobras e os escorpiões. O uso de amuletos e dos artefatos relacionados à proteção eram constantes nesta fase, seja dentro ou fora de casa.

A infância era uma fase essencialmente voltada ao aprendizado da convivência pública, e os artefatos relacionados a essa etapa da vida mostram justamente isso. São bolas, tabuleiros de jogos, modelos de animais confeccionados em argila, estes últimos considerados por alguns como brinquedos e por outros como objetos rituais. A morte prematura de uma criança, nesta fase da vida, poderia gerar um sentimento de perda nos pais, que representavam os filhos nos seus monumentos funerários e, em alguns casos, davam destaque a essas crianças, tal como acontece na estela de Dedusobek e nos grupos escultóricos de Ukh-hotep II.

A adolescência iniciava a fase de construção de uma imagem pública. O indivíduo se familiarizava com o ofício que seguiria na vida adulta, e era preparado para ele. Textos e imagens em tumbas mostram que, para os meninos, esta etapa da vida tinha início com a circuncisão, que deve ser vista como um “ritual de passagem”, assim como o nascimento. Para as meninas, não há, nas fontes, referência a esta passagem, que poderia estar relacionada ao “tornar-se moça”, o que acontecia após a primeira menstruação. Não há como afirmar, ainda, como se dava a passagem para a próxima etapa, ou a vida adulta.

Era nesta fase que a imagem pública do indivíduo seria finalmente consolidada. Os monumentos analisados, pertencentes a esta etapa, são essencialmente de caráter funerário, e é possível, por meio destes artefatos, visualizar a ênfase que é dada ao proprietário do mesmo. As análises realizadas em estelas funerárias e grupos escultóricos provenientes de diferentes necrópoles egípcias mostraram que havia diferentes maneiras de construção da imagem, e que a apresentação pública do indivíduo dependia também do nível social ao qual ele pertencia. Se este era elevado, maior destaque era dado aos títulos e à própria representação. Se mais baixos, a pessoa não era identificada por meio de títulos, e a ênfase em sua figura era menor.

É durante o Reino Médio também que as obras de arte passam a ser uma forma de apresentação de um indivíduo a um determinado público. Muito cuidado deve ser tomado, contudo, quando analisamos os monumentos, pois as regras que regiam as representações eram ditadas pelo governo e por isso eram públicas. Dessa maneira, mesmo as imagens que não estavam acessíveis ao público em geral eram de certa maneira conhecidas por essas mesmas pessoas, já que foram produzidas dentro dos cânones artísticos que eram de conhecimento geral.

Outro aspecto que pode ser discutido quando nos referimos à vida adulta é quanto ao número de pessoas que aparecem representadas nos monumentos, e quem são estas

personagens. Partindo de um levantamento dos textos presentes nos artefatos, é possível estudar genealogias, títulos que eram comuns em uma determinada época, e mesmo os alimentos que eram consumidos ou desejados pelos antigos egípcios. É preciso, contudo, prestar atenção às designações das pessoas representadas, pois ocorre muitas vezes de serem indivíduos já falecidos e que, para um levantamento de membros de uma unidade doméstica ou dos habitantes de uma casa não deveriam ser arrolados.

A qualidade de confecção dos monumentos também merece ser analisada, já que determinadas características artísticas que não estão diretamente relacionadas à representação canônica podem informar sobre o nível social do indivíduo, mesmo que seus títulos não sejam arrolados no artefato. Uma boa qualidade de execução, por exemplo, pode ser relacionada a uma pessoa que tinha posses suficientes para pagar um bom artesão para confeccionar seu monumento. Já as pequenas estelas “*ostraca*” encontradas em Abydos, exemplificada no primeiro capítulo desta dissertação pelo artefato erigido para um homem chamado Intef, podem nos auxiliar para incluir o proprietário, neste caso, em uma possível “classe média”.

Resumidamente, a vida adulta era uma fase essencialmente pública da existência do indivíduo. Era quando ele exercia seu ofício plenamente, fosse em casa, em um templo, ou mesmo em uma necrópole, construindo tumbas. Talvez por este mesmo motivo fosse a fase da vida mais representada nos monumentos, já que o indivíduo estaria na plenitude de seu vigor físico e mental.

A velhice, pelo contrário, era marcadamente uma fase de volta ao privado. Era apenas na maturidade que os indivíduos atingiam o sucesso profissional, e isto poderia ser demonstrado na arte por meio de características que deixavam transparecer sua prosperidade, como por exemplo a gordura e os mamilos flácidos. Um grande respeito era devido às pessoas que atingiam uma idade avançada, especialmente porque a expectativa de vida dos egípcios era bastante baixa. Tal fato pode ser claramente percebido em alguns ensinamentos, que aconselham os mais jovens a respeitarem os mais velhos.

É no contexto funerário, porém, que a diferenciação entre o proprietário do monumento e outros indivíduos é mais marcante. Há uma clara primazia do chefe da família tanto na concepção das estruturas arquitetônicas quanto na sua decoração. A ele eram reservadas as maiores honrarias, enquanto a esposa e os filhos recebiam uma atenção secundária. As representações, tal como no caso das estátuas e estelas funerárias, seguem os padrões ditados pelo governo, mas há casos em que os textos são claramente autobiográficos, e situam o indivíduo em uma posição hierárquica elevada e em alta conta perante a administração, tal como no caso do arquiteto real Inpy.

Há uma separação marcante entre o público e o privado também na concepção das estruturas funerárias. Havia uma parte privada, formada pela câmara funerária, e que era dedicada à preservação do corpo. Nesta, eram colocados todos os objetos que o indivíduo precisaria no outro mundo, bem como estátuas representando o morto e, em alguns casos, sua família. Havia também uma parte pública, constituída pela capela, e que era acessível não apenas à família, mas àqueles que prestavam culto ao indivíduo inumado naquele local. Nesta capela eram colocadas as estelas funerárias e estátuas representando o indivíduo, que poderiam ser observadas por aqueles que passavam pelo conjunto funerário.

É importante lembrar que quando nos referimos às tumbas estruturadas conforme descrito acima, com uma infra-estrutura e uma capela, estamos falando apenas de uma elite, formada por pessoas de alto nível social e que, por essa razão, poderiam mandar erigir grandes monumentos. Pouco ou quase nada restou dos enterramentos da chamada não-elite, especialmente porque muitas das tumbas pertencentes tanto à não-elite quanto à elite foram saqueadas ou reutilizadas em épocas posteriores, e por isso não é possível uma generalização. O que podemos concluir por meio da análise dos monumentos aqui apresentados é que havia esta separação marcante entre o público e o privado, e que era marcada também pela estrutura da tumba.

Por último, é preciso também considerar que a maior parte dos enterramentos aqui discutidos era de apenas um indivíduo, existindo por esse motivo apenas uma câmara funerária e um conjunto de objetos que formava o enxoval funerário do falecido. Mesmo em períodos em que os enterramentos múltiplos tornaram-se comuns, como durante a XIII Dinastia, havia estruturas dedicadas a apenas uma pessoa, e nas quais sua imagem era construída e idealizada. Devido ao pequeno número de exemplos analisados, e buscando fugir de uma generalização feita a partir de dados provenientes apenas de uma elite social e administrativa, não é possível afirmar que há uma exaltação da individualidade na concepção das estruturas funerárias, embora pareça ser este o caso para as tumbas aqui analisadas.

4. SOCIEDADE E FAMÍLIA NO REINO MÉDIO: UM OLHAR SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO NAS FONTES ESCRITAS

As fontes escritas nos auxiliam para a compreensão de dados que, muitas vezes, não podem ser determinados por meio da arqueologia ou da iconografia, especialmente nos casos em que as informações que trazem não podem ser levantadas pela análise de outros materiais. Com relação ao Reino Médio, a cidade de Kahun nos fornece os melhores subsídios para o levantamento de dados sobre a sociedade e a família no Egito antigo, e entre estes se encontram os *Papiros de Kahun*, que foram descobertos por W. M. Flinders Petrie em uma das casas da cidade em abril de 1889.

Os assuntos abordados nestes papiros são os mais variados, e nos dão pistas sobre a vida pública e a vida privada na “cidade de pirâmide” construída por ordem de Senusret II. O estudo das práticas descritas no papiro médico, por exemplo, pode responder a questões sobre o controle da natalidade, a manutenção da família e os tratamentos dedicados às mulheres quando estas adoeciam. Os documentos legais, bem como as cartas e textos contábeis, podem auxiliar para um levantamento da extensão das famílias que habitavam a cidade e das práticas jurídicas correntes no assentamento urbano. Também é possível, por meio de listas de nomes e ocupações, realizar um arrolamento dos ofícios e cargos dos habitantes de Kahun e, assim, tentar reconstituir a composição da administração e da organização locais, embora não seja este o objetivo por nós procurado neste momento.

Um grande cuidado, contudo, deve ser tomado ao analisarmos este tipo de documentação. No caso do papiro médico, é preciso levar em consideração, por um lado, que nosso conhecimento sobre os ingredientes de uma prescrição médica não são completos, pois muitos termos botânicos na língua egípcia não têm para nós um significado preciso, e por essa razão muitas das fórmulas não podem ser comprovadas. Por outro lado, é imprescindível ter em mente que os conhecimentos transmitidos pela medicina egípcia são o resultado de um processo histórico, e não podem ser simplesmente transportados para um contexto diferente daquele que os produziu. É comum, por exemplo, que médicos formados dentro dos conceitos da medicina atual tentem entender as fórmulas e prescrições presentes nos papiros médicos em geral por meio de seus conhecimentos e referenciais científicos contemporâneos, abordando as doenças descritas com métodos modernos de ver a realidade³⁷¹.

No caso dos documentos jurídicos, além do conhecimento de determinados termos relacionados diretamente ao direito antigo e moderno, é preciso levar em conta os aspectos legais correntes na sociedade egípcia como um todo no período em que as informações foram produzidas. Outros dados, contidos em cartas e documentos contábeis, podem complementar as informações presentes nos papiros de natureza jurídica, e nos auxiliar para o entendimento do processo completo. Estes, porém, devem ser analisados com a devida cautela, já que geralmente seguem um padrão determinado pela sociedade que os produziu e que pode disfarçar alguns problemas administrativos e jurídicos existentes no momento de sua escrita.

Outra maneira de obter dados sobre a família e a sociedade durante o Reino Médio é o estudo das genealogias levantadas por meio dos textos presentes nas estelas funerárias anteriormente estudadas. Estas são também de grande ajuda para o conhecimento da extensão familiar e das diferentes concepções de “família” para os diversos níveis sociais que compunham a sociedade egípcia. É possível verificar quem era representado junto com o proprietário nestes monumentos e diferenciar os indivíduos que faziam parte de sua família nuclear daqueles que pertenciam à sua unidade doméstica, grupo este que era geralmente formado por seus servidores mais próximos.

Uma última incursão nos documentos escritos pode ser feita por meio da análise dos textos de origem funerária. Pensando nisso, recorreremos ao exame de encantamentos presentes nos *Textos dos Sarcófagos* e que remetem à continuidade da família na vida *post-mortem*. Estes foram selecionados de acordo com sua conformidade ao assunto estudado, e auxiliam

³⁷¹ SOUSA, Rogério Ferreira de. The notion of the heart and the idea of man: the effect of anthropological notion on medical practices. In: HAWASS, Zahi. *Egyptology at the dawn of the twenty-first century*. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000. Cairo: The American University in Cairo Press, 2003. v. 3. p. 191.

sobremaneira para responder a questões sobre a importância da manutenção da família no outro mundo e a conservação dos aspectos públicos e privados de sua existência na terra.

Tendo em vista um *corpus* documental formado por textos de naturezas tão diversas, e provenientes tanto do mundo dos vivos quanto do mundo dos mortos, optamos então por utilizar para a sua análise a pragmática. Este tipo de estudo parte da observação de que as expressões lingüísticas, entre elas os textos escritos, devem ser consideradas não só do ponto de vista do conteúdo, mas também sob o aspecto das finalidades. Estas, na expressão oral, estão marcadas pelo entendimento extralingüístico comum a uma sociedade, e que podem ser encontrados também nos textos produzidos por sociedades antigas³⁷². A pragmática deve ser entendida, então, como o estudo das frases não apenas como *tipos* fora do contexto, mas por meio das *ocorrências* nas frases, singularizadas em cada ato de enunciação³⁷³.

Por meio desta análise, e levando em consideração os aspectos relacionados anteriormente e referentes aos conhecimentos produzidos pela sociedade estudada, foi possível levantar a função dos textos, procurando os objetivos pelos quais a documentação foi produzida. A análise partiu do levantamento da natureza do emissor (quem fala ou escreve?); do receptor (os textos se destinam a quem?); e da significação (o que significam ou transmitem esses textos?). Deste modo, foi possível considerar os textos tanto em seus conteúdos (proposições) quanto nas suas finalidades (funções).

Um aspecto que deve ser considerado em conjunto com os textos estudados é a existência de documentos de natureza semelhante produzidos no Egito antigo, seja no mesmo período ou em períodos anteriores e posteriores, e que podem ser comparados, em seus conteúdos e finalidades, àqueles anteriormente citados. Estes podem mostrar, por exemplo, se as práticas adotadas em cidades como Kahun eram correntes em outras localidades egípcias e também em períodos distintos. Os contos e lendas escritos ao longo da história egípcia também constituem um *corpus* interessante para estas comparações. Por vezes, uma passagem em um documento pode ser melhor compreendida por meio da análise de um texto literário que apresenta uma prática discursiva semelhante ou um trecho que remete a tal técnica.

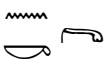
Por fim, por meio da análise destes documentos procuraremos mostrar que no antigo Egito existia uma noção diferenciada de estrutura familiar, que dependia do nível social ao qual o indivíduo que mandou emitir o texto pertencia. Partiremos da afirmativa de que havia uma base nuclear comum, ou seja, uma família formada por pai, mãe e filhos menores, mas

³⁷² EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*: introdução aos métodos lingüísticos e histórico-críticos. Belo Horizonte: Loyola, 1994. p. 132.

³⁷³ MAINGUENAU, Dominique. *Pragmática para o Discurso Literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 5.

que esta se modificava conforme a posição social ocupada pelo chefe da família. Assim, as famílias dos indivíduos pertencentes à não-elite incluíam somente os parentes mais próximos, enquanto que aquelas dos indivíduos da elite incluíam, além dos parentes que com ele residiam, os servos e funcionários com os quais teria alguma afinidade. Tal inclusão estava diretamente relacionada à construção da imagem do indivíduo, e resultaria em exaltação individual com caráter público.

4.1. A SAÚDE DA MULHER E A CONTINUIDADE DA FAMÍLIA: CONCEPÇÃO E CONTRACEPÇÃO NO *PAPIRO MÉDICO DE KAHUN*

Os antigos egípcios sabiam que o início da vida estava diretamente relacionado à atividade sexual. Esta, no entanto, era algo que deveria se realizar apenas no âmbito privado. Atos sexuais não eram comumente representados na arte formal durante o Reino Médio, e mesmo na arte popular tais imagens estão atestadas apenas mais tarde, durante no Reino Novo. Aquele que parece ser um exemplo único é um hieróglifo presente em uma tumba da XI ou da XII Dinastia em Beni Hassan, no qual um homem e uma mulher estão engajados em uma atividade sexual em uma cama com pés em forma de patas de leão. O signo encontra-se atualmente apagado, mas foi copiado integralmente em meados do século XIX³⁷⁴, e o desenho de linha é apresentado em obras sobre a vida sexual no Egito antigo³⁷⁵. Na escrita hieroglífica, o ato sexual em si é referido pelo verbo *nk* (em egípcio, ) , uma palavra que tem como sinal determinativo o falo ereto com líquido sendo emitido por ele. Na literatura, a expressão mais comum para descrevê-lo é “passar um dia feliz”³⁷⁶.

Levando em consideração as fontes existentes, é difícil dizer, segundo Stephen Quirke, o que os habitantes de Kahun pensavam sobre o sexo – se além de privado, por exemplo, consideravam o ato sexual sujo e negativo, como é o caso de algumas filosofias gregas e de movimentos religiosos ocidentais na contemporaneidade³⁷⁷. Baseando-se em informações provenientes de escavações realizadas em outros assentamentos urbanos contemporâneos a Kahun como, por exemplo, Uah-Sut, situado no sul de Abydos, entendemos que tal afirmação

³⁷⁴ MANNICHE, Lise. *A Vida Sexual no Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 34.

³⁷⁵ Ver, por exemplo: MANNICHE, Lise. *op. cit.* 1990, p. 35 e ARAÚJO, Luís Manuel de. *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egito*. Lisboa : Edições Colibri, 2000. p. 116.

³⁷⁶ Ver, por exemplo, o conto do *Papiro Westcar* intitulado “O marido enganado”, no qual a mulher do sacerdote Ubaoner se apaixona por um homem da cidade e faz com que ele venha até sua casa. Quando o homem chega, ela pede ao encarregado para que prepare o pavilhão que está no jardim para que ela possa passar nele um dia feliz. (ARAÚJO, Luís Manuel de. *op. cit.* p. 163-166.)

³⁷⁷ QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2005, p. 110.

pode ser estendida para todo o Egito durante o Reino Médio, pois nada foi revelado que nos explique o modo como os antigos egípcios em geral tratavam o ato sexual.

As fontes nos revelam que os egípcios desejavam ter muitos filhos, e por isso era importante preservar a saúde da mulher. A vontade de ter uma família grande não estava ligada simplesmente a razões emocionais, mas ao sistema social vigente, que colocava os filhos como suporte dos pais na velhice e como responsáveis pela manutenção de seu culto funerário. Cada nova concepção, no entanto, era motivo de preocupação para a mulher, pois o índice de mortalidade infantil e materna durante o parto e nos dias logo após o nascimento era grande. Impedir a concepção evitava não apenas essas preocupações, como também problemas posteriores, que poderiam ser de difícil solução e tratamento, como, por exemplo, um prolapso uterino.

Para garantir a saúde da mulher e a continuidade da família, os egípcios criaram diversas prescrições médicas, algumas das quais sobreviveram ao tempo e chegaram até nós. A maior fonte para nosso conhecimento sobre os conceitos e práticas da medicina no Egito antigo é um grupo formado por doze papiros médicos³⁷⁸ que estão distribuídos em museus ao redor do mundo. Estes são conhecidos atualmente como *Ebers*, *Edwin Smith*, *Hearst*, *Berlim n.º 3038* ou *Papiro Brugsch*, *Londres*, *Kahun*, *Carlsberg n.º VIII*, *Chester Beatty n.º VI*, *Leiden I343 e I345*, *Museu de Budapeste n.º 51.1961*, *Ramesseum n.º III*, *n.º IV e n.º V*, e *Berlim n.º 13602*. Há ainda quatro ostracas, conhecidas como *Cairo n.º 1091*, *Londres n.º 297*, *Louvre n.º 3255*, e *Berlim n.º P5570*, que contêm um número menor de prescrições³⁷⁹. Segundo Petrie, o papiro de Kahun faz parte de um grupo de cópias de trabalhos científicos, que foi localizado em uma das casas do assentamento urbano na segunda temporada de escavações no sítio. Consiste em um tratado médico em três páginas, contendo prescrições para o uso de médicos e parteiras, e mostra como eram as práticas médicas desenvolvidas na cidade³⁸⁰.

O conteúdo das prescrições do *Papiro Médico de Kahun* é inteiramente relacionado à ginecologia, e por essa razão o documento é considerado o mais antigo tratado ginecológico descoberto até os nossos dias. Atualmente, é conservado no Museu Petrie de Arqueologia Egípcia e é identificado pelo número UC32057³⁸¹. Além da primeira tradução dos textos, que foi levada a cabo por Francis Llewellyn Griffith em 1898 e que é acompanhada pelo fac-

³⁷⁸ DAVID, A. Rosalie. Medical science and Egyptology. In: WILKINSON, Richard H. (ed) *Egyptology today*. New York: Cambridge University Press, 2008. p. 38.

³⁷⁹ Os dados sobre os papiros e ostracas estão em: LECA, Ange-Pierre. *La médecine égyptienne au temps des pharaons*. Paris: Les Éditions Roger Dacosta, 1988. p. 21-37.

³⁸⁰ PETRIE, W. M. Flinders. *Illahun, Kahun and Gurob*. London: Aris & Phillips Ltd., 1974. p. 48.

³⁸¹ REEVES, Carole. *Egyptian Medicine*. Buckinghamshire: Shire, 1992. p. 53.

símile do documento e sua transcrição hieroglífica³⁸², para o desenvolvimento desta pesquisa consultamos outras duas traduções disponíveis em língua inglesa, executadas por John M. Stevens, em 1975³⁸³, e por Stephen Quirke e Mark Collier, no ano de 2004³⁸⁴.

O papiro de Kahun nos informa, especialmente, sobre os tratamentos destinados a combater as doenças femininas. O mesmo acontece no *Papiro Ebers*, que tem uma seção intitulada “Início dos remédios que é conveniente preparar para as mulheres”. Em menor quantidade, essas fórmulas aparecem nos papiros de *Berlim*, de *Londres*, no *Carlsberg n.º VIII*, no *Edwin Smith* e no *Ramesseum n.º IV*. O número de receitas propostas e sua presença em grande parte dos papiros médicos prova a importância que se dava ao combate às doenças femininas, e a frequência com que elas deveriam acontecer³⁸⁵.

Passaremos agora a uma descrição dos conteúdos do papiro médico de Kahun, bem como a uma discussão sobre as possíveis doenças que poderiam ser tratadas pelas receitas indicadas no documento, e sobre os métodos contraceptivos nele descritos. Para que tal análise pudesse ser levada a cabo, consideramos as observações citadas anteriormente sobre o contexto de produção dos documentos e sua transposição para a contemporaneidade. O texto do papiro, levando em consideração a metodologia de análise empregada, apresenta uma função diretiva, pois aconselha quanto às ações que deveriam ser efetuadas pelo indivíduo que iria utilizá-lo. Por último, analisaremos a importância desses textos para compreender a questão da sexualidade feminina no ambiente privado de uma “cidade de pirâmide” e também para a manutenção e continuidade da família.

O texto médico contido no papiro de Kahun está distribuído em três páginas. No verso da página 3 há uma conta curta datada do reinado de Amenemhat III (c. 1844-1797 a.C.)³⁸⁶, que pode corresponder à data de produção do texto, ou de sua cópia, conforme proposto por Petrie. O texto consiste em 34 instruções e prescrições ginecológicas, sem título ou introdução, das quais apenas uma corresponde a um encantamento³⁸⁷.

Nas primeiras duas páginas, que ocupam 59 linhas no manuscrito original, há dezessete prescrições, todas na forma:

³⁸² GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *op. cit.* p. 5-11.

³⁸³ STEVENS, John M. Gynaecology from ancient Egypt: the papyrus Kahun. A translation of the oldest treatise on gynaecology that has survived from the ancient world. *Medical Journal of Australia*. Barton ACT: Australian Medical Association. v. 2, p. 949-952, 1975.



³⁸⁴ COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *The UCL Kahun Papyri: Religious, Literary, Legal, Mathematical and Medical*. Oxford: Archaeopress, 2004. p. 58-64.

³⁸⁵ LECA, Ange-Pierre. *op. cit.* p. 317.

³⁸⁶ GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *op. cit.* p. 5.

³⁸⁷ FILER, Joyce. *Disease*. Austin: University of Texas Press, 1996. p. 38.

Tratamento (?) para uma mulher (sofrimentos e sintomas); diz-se a respeito disto (diagnóstico); faz-se isto (prescrição).³⁸⁸

As substâncias prescritas nas receitas são cerveja, leite de vaca, óleo, tâmaras e outras frutas, ervas, incenso, e outras substâncias, como mel e fezes de animais. Geralmente as quantidades não são apresentadas, ficando a critério do médico. Quando são dadas, aparecem em relação a medidas e não a pesos. A mais freqüente é *hnw* (em egípcio ) , que equivale a cerca de 454 mL e é usada para os líquidos. Há também uma medida para sólidos, *hkt* (em egípcio ) , que equivale a aproximadamente 74 cm³. Devido às medidas muito precisas e não inteiras, é possível que fossem utilizados recipientes apropriados para a medição das quantidades requeridas para as fórmulas.

Os sintomas que aparecem nas páginas I e II são os mais variados, como dor nos olhos e no pescoço, cheiros emitidos pela mulher, dores nas pernas e dores de dentes, mas o diagnóstico é geralmente ligado a doenças no útero. Por meio de uma análise mais apurada dos indícios, porém, é possível identificar os problemas apresentados pelas pacientes e compará-los àqueles que são comuns a mulheres de todas as épocas.



Figura 66: Páginas I e II do Papiro Médico de Kahun (UC32057). Referência: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898. pl. V.

Segundo o pesquisador em medicina egípcia Ange-Pierre Leca, um dos problemas femininos que pode ser identificado nos papiros é a amenorréia, ou a ausência de menstruação

³⁸⁸ GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *op. cit.* p. 5.

por um período prolongado. Outro, relacionado ao primeiro, é a dismenorréia, ou dores durante a menstruação, uma doença que pode ter como sintoma dores de estômago³⁸⁹. É este também o diagnóstico apresentado para a paciente que tem dor nas panturrilhas, conforme indicado na prescrição n.º 12 do papiro de Kahun:

12. Tratamento para uma mulher que tem dor nas panturrilhas. Você deve aplicar para isso: tiras de linho fino embebidas em resina. [Se...] fácil quando ela fez isso, isso significa (que ela será) saudável. Se o produto [é imundo], isso significa [...] do útero. Você deve tratá-la com [...] medida de óleo fresco, despejar sobre sua [...]. Colocar resina sobre sua [...] depois de fazer isto.³⁹⁰

O papiro *Edwin Smith*, que data de aproximadamente 1600 a.C., também traz uma prescrição para esse tipo de problema. No verso desse documento (colunas V 3,13 a V 4,3), há uma prescrição para problemas com a menstruação, ou uma fórmula para “desbloquear” o sangue, na qual são empregados óleo, cerveja doce e uma medida de planta *w3m*³⁹¹. Não se trata, contudo, de uma fórmula abortiva, pois os sintomas apresentados pela mulher não correspondem aos da gravidez. O doutor Leca considera, assim, que não há menção nos textos sobre práticas abortivas, a não ser que consideremos como tal os tratamentos que foram assinalados para a dismenorréia, como este descrito anteriormente³⁹².

Outra doença que poderia ser diagnosticada pelos médicos egípcios é o câncer. Quando esta enfermidade afeta o útero, seu reconhecimento pode ser feito pelas dores que a mulher sente e pelo odor característico de carne queimada. Quando afeta a vulva, pode ser diagnosticado por meio das dores e da ulceração que lhe é característica³⁹³. Na prescrição n.º 02 do papiro de Kahun temos então a descrição de um possível caso de câncer:

02. Tratamento para uma mulher que está doente porque seu útero está vagando³⁹⁴. Você deve dizer sobre isso: ‘o que você está cheirando?’ Se ela lhe disser: ‘Eu cheiro queimado’, você deve dizer: ‘É um distúrbio (?) do útero’. Você deve tratá-la com fumigação sobre tudo nela que cheira como queimado.³⁹⁵

³⁸⁹ LECA, Ange-Pierre. *op. cit.* p. 317.

³⁹⁰ COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2004, p. 60.

³⁹¹ ALLEN, James P. *The art of medicine in ancient Egypt*. New Haven : Yale University Press, 2005. p. 111.

³⁹² LECA, Ange-Pierre. *op. cit.* p. 328.

³⁹³ *Ibidem.* p. 320.

³⁹⁴ Os egípcios acreditavam que o útero se movimentava livremente pelo abdômen, e por isso era necessário fazê-lo ocupar sua posição original para que a mulher pudesse conceber. (DAVID, Rosalie. *op. cit.* 1986, p. 127.)

³⁹⁵ COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2004, p. 58.

O tratamento é feito com outro “cheiro de queimado” – a fumigação. O importante, contudo, é perceber que o médico considera o histórico da paciente e sua percepção sobre os próprios sintomas para dar o diagnóstico³⁹⁶. A existência de casos de câncer maligno nos órgãos reprodutivos femininos no Egito antigo não foi comprovada, e é um assunto que se encontra atualmente em discussão. O egiptólogo J. R. Harris propôs em sua obra que não há casos de câncer confirmados para o Egito Faraônico³⁹⁷, contudo ele não levou em consideração os diagnósticos existentes de câncer nos ossos demonstrados por meio de raios-X e tomografias computadorizadas³⁹⁸.

Para confirmar a existência de tumores, sejam eles malignos ou benignos, podemos partir da análise da descrição da dissecação de uma múmia feita em 1821 pelo médico italiano radicado na Inglaterra Augustus Granville. Ao estudar a múmia de Irtyersenu, uma mulher que viveu no início do VI século a.C. e que morreu com aproximadamente 50 ou 55 anos de idade, o doutor Granville observou que esta apresentava um tipo de tecido patológico entre o ovário direito e as trompas, e que seu útero apresentava um tamanho maior que o normal³⁹⁹. Diagnosticou, assim, um caso de câncer de ovário, talvez o primeiro documentado na história.

O que está em discussão, no caso descrito, é se o tumor seria maligno ou benigno. Uma equipe de pesquisadores do Museu Britânico, chefiada pelo egiptólogo John Taylor, realiza estudos na múmia de Irtyersenu desde 1990. O patologista que faz parte do grupo de pesquisa, doutor Eddie Tapp, examinou seções do útero, do ovário e das trompas e concluiu que a mulher tinha mesmo um tumor, tal como apontado por Granville, mas que este era provavelmente benigno, e que não teria levado a mulher à morte. Outras análises nos restos da múmia mostraram que a *causa mortis* de Irtyersenu estava provavelmente relacionada a uma pneumonia, mas o diagnóstico de Granville não estava de todo incorreto⁴⁰⁰. Percebe-se, assim, a importância dos estudos realizados em restos humanos para o levantamento das possíveis doenças existentes no Egito antigo, e que poderiam ser mencionadas nos papiros médicos.

O papiro de Kahun ainda fornece uma série de prescrições para dores que se presume terem origem no útero e que, pela falta de uma descrição detalhada, é impossível relacionar a

³⁹⁶ DAVID, Rosalie. *op. cit.* 1986, p. 127.

³⁹⁷ HARRIS, J.R. (org.). *O legado do Egito*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 149.

³⁹⁸ VEIGA, Paula Alexandra da Silva. *Saúde e medicina no antigo Egito: magia e ciência*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: 2008. p. 140.

³⁹⁹ LECA, Ange-Pierre. *op. cit.* p. 322-323.

⁴⁰⁰ PAIN, Stephanie. What killed Dr Granville's mummy? *New Scientist*, n. 2687, p. 72-73, 20dez2008.

Disponível em: <http://www.newscientist.com/article/mg20026877.000-what-killed-dr-granvilles-mummy.html?full=true> Acesso em: 20jan2009.

uma afecção conhecida⁴⁰¹. Este é o caso das prescrições n.º 03, 07, 08 e 09. Esta última é um episódio a parte: Griffith trata os sintomas como sendo de um caso de reumatismo; já Stevens sugere tratar-se de um estupro:

09. Tratamento para uma mulher que sofre de dores em sua vagina e em todos os seus membros: alguém deve tê-la maltratado. Você deve dizer sobre isso: ‘Isto está relacionado ao seu útero’. Você deve prescrever para isso: óleo, para comer até que ela esteja melhor.⁴⁰²

Para sua afirmação, Stevens baseou-se no conto egípcio intitulado *Os dois irmãos*⁴⁰³. Nesta história, Bata, o irmão mais novo, foi acusado pela cunhada de tê-la espancado e abusado sexualmente dela. Para fingir que apanhara, a mulher rasgou suas roupas e sujou-se com gordura, ao mesmo tempo em que bebia óleo para que ficasse enjoada. Stevens, então relacionou o medicamento à passagem da história e argumentou que este pode ser o caso descrito nesta prescrição.

Outros sintomas, expostos nas prescrições n.º 01, 06 e 16, sugerem uma doença venérea, mas sem uma identificação precisa. Na prescrição n.º 01, segundo Leca, pode estar delineado um caso de irite gonocócica⁴⁰⁴, pois os sintomas são dores nos olhos, a ponto da mulher não mais enxergar.

01. Tratamento para uma mulher cujos olhos estão doendo até o ponto de ela não enxergar, sobre a dor em seu pescoço. Você deve dizer sobre isso: ‘São descargas do útero em seus olhos’. Você deve tratá-la com fumigação com incenso e óleo fresco, fumigando sua vagina com isto, e fumigando seus olhos com gordura de perna de ganso. Você deve fazê-la comer um fígado fresco de burro.⁴⁰⁵

A egiptóloga Rosalie David discorda de Leca, e diz que, assim como acontece com a prescrição n.º 09, pode tratar-se de um caso de espancamento⁴⁰⁶. Segundo ela, não há casos confirmados de gonorréia no Egito antigo, e a irite poderia aparecer apenas isoladamente,

⁴⁰¹ LECA, Ange-Pierre. *op. cit.* p. 320.

⁴⁰² STEVENS, John M. *op. cit.* p. 950.

⁴⁰³ *Os dois irmãos* é um conto fantástico que consta do *Papiro d’Orbiney*, e é datado do reinado de Siptah, na XIX Dinastia. Conta a história de dois irmãos, Anupu e Bata, sendo o mais velho, Anupu, casado. Em um dia em que os irmãos estavam trabalhando incessantemente no campo, as sementes terminaram. Anupu então pediu que Bata retornasse à casa para buscar o que faltava. Quando Bata chegou à casa, a mulher de Anupu insinuou-se para ele e este a repudiou. Ao final do dia de trabalho, quando voltou para casa, Anupu viu sua esposa em estado deplorável, e esta afirmou que fora Bata quem a tinha agredido sexualmente. Na continuação, Anupu persegue o irmão, que consegue fugir e provar a mentira da mulher, por meio de acontecimentos fantásticos. (ARAÚJO, Luis Manuel de. *op. cit.* p. 199-208.)

⁴⁰⁴ LECA, Ange-Pierre. *op. cit.* p. 321.

⁴⁰⁵ COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2004, p. 58.

⁴⁰⁶ DAVID, Rosalie. *op. cit.* 1986, p. 127.

durante a menstruação⁴⁰⁷. A opinião do egiptólogo H. Györy, contudo, vem confirmar a hipótese de Leca. Segundo ele, o fígado de burro, ou de qualquer outro animal, teria efeitos positivos sobre a paciente devido à ingestão da vitamina A, que é indicada para casos de doenças nos olhos⁴⁰⁸.

O mais importante até aqui, contudo, é perceber que todas as doenças descritas têm como origem o útero, fato que talvez esteja relacionado a se tratarem de problemas exclusivamente femininos, e de ser este um órgão presente apenas na mulher. Para os egípcios, o útero era a matriz, o local onde a vida era gerada, e por isso era muito importante mantê-lo saudável. Alguns problemas poderiam ocorrer, no entanto, devido ao fato de que ele ficava “vagando” pelo abdome feminino, e em determinados momentos poderia se posicionar em uma região que, segundo os egípcios, poderia interferir na saúde da mulher.

O primeiro passo para uma concepção e a posterior continuidade da família era a mulher permanecer saudável. Todas as prescrições presentes nas duas primeiras páginas do papiro de Kahun buscavam este fim. Mesmo nos casos em que as doenças não estão relacionadas diretamente ao útero, segundo sabemos pelos avanços da medicina, verifica-se uma preocupação constante com a saúde feminina. Somente a mulher estando saudável as fórmulas descritas na página III poderiam ser ministradas e o crescimento da família estaria garantido.

A terceira página do papiro traz dezessete prescrições diversas, entre as quais há instruções para verificar a fertilidade feminina e sua capacidade para conceber; para diagnosticar a gravidez; para assegurar a esterilidade; e para saber o sexo da criança. É nesta página que ocorre o único encantamento do papiro (prescrição n.º 30), no qual o deus Hórus é invocado. Nela, há três seções, sendo que a primeira, ou a segunda do papiro, inclui as prescrições de n.º 18 a 25, que são passagens relacionadas à concepção e à contracepção e mostram que muitos aspectos do processo reprodutivo eram conhecidos e entendidos pelos egípcios⁴⁰⁹.

Um diagnóstico que pode ser encontrado nessa seção é o de casos de retroversão uterina. O útero, em sua posição normal, está inclinado em direção à bexiga. Quando diagnosticada a retroversão, o útero está inclinado na direção contrária, o que dificulta e às vezes impossibilita a concepção. A história clínica deste problema, no entanto, só pode ser

⁴⁰⁷ *Ibidem*. p. 128.

⁴⁰⁸ GYÖRY, H. Interaction of magic and science in ancient Egyptian medicine. In: HAWASS, Zahi. *Egyptology at the dawn of the twenty-first century*. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000. Cairo: The American University in Cairo Press, 2003. v. 2. p. 276.

⁴⁰⁹ DAVID, Rosalie. *op. cit.* 1986, p. 128.

realizada por meio do toque vaginal, mas este método não é encontrado nos documentos egípcios. Existem fórmulas, contudo, para “colocar o útero no lugar”. Tais receitas talvez sejam para o tratamento de um prolapso uterino, que ocorre quando o útero desce dentro da pélvis, e aparece pela vulva, um fato verificado em múmias egípcias⁴¹⁰. Este deslocamento pode provocar esterilidade, e uma receita para solucionar esse problema aparece na prescrição n.º 20 do papiro de Kahun que, para o doutor Leca, é um encantamento⁴¹¹.

20. Relativo a tratamentos para causar a concepção: após a lavagem do que foi devolvido... terra fina, presa em um pano com matéria vegetal triturada, embebida com líquido-*awyt*... incenso, óleo fresco... tâmaras, cerveja doce, colocadas em uma cesta, sobre uma chama. Você deve fumigar... por muito tempo.⁴¹²



Figura 67: Página III do Papiro Médico de Kahun (UC32057). Referência: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898. pl. VI.

Ao mesmo tempo em que as egípcias procuravam resolver problemas relacionados à esterilidade, no entanto, buscavam maneiras de se proteger contra uma possível concepção não esperada, ou que poderia ser fatal para a mulher. Para isso, foram criados métodos contraceptivos que envolviam substâncias que impediriam a chegada do espermatozóide até o óvulo, e a posterior concepção. As prescrições incompletas n.º 21 e 22 descrevem dois destes métodos:

⁴¹⁰ LECA, Ange-Pierre. *op. cit.* p. 322.

⁴¹¹ *Ibidem.* p. 319.

⁴¹² STEVENS, John M. *op. cit.* p. 951.

21. Para prevenir a concepção: excrementos de crocodilo finamente dispersos em leite azedo, irrigar... (perdido).

22. Outra prescrição: 454 mL de mel injetados dentro de sua vagina, para ser feito com um pouco de natrão.⁴¹³

O resultado destas soluções seria a diminuição da velocidade dos espermatozoides, em função da viscosidade das substâncias presentes na fórmula. Uma prescrição semelhante, presente no papiro *Ebers* (n.º 783), traz a goma de acácia em sua formulação. A utilização desta substância é mais eficiente que aquelas citadas no papiro de Kahun, pois a fermentação da goma resulta em ácido láctico, que tem poder espermicida⁴¹⁴. Tais receitas mostram que os egípcios tinham o desejo por sexo por outras razões que não a procriação, e por isso a mulher deveria se proteger de uma possível concepção⁴¹⁵.

A terceira seção do papiro ocupa as linhas 12 a 24 da página III e descreve testes para verificar a fertilidade feminina e sua capacidade para conceber; para diagnosticar a gravidez; e para determinar o sexo da criança⁴¹⁶. Os egípcios acreditavam que a responsabilidade pela fertilidade era do homem, pois era ele quem fornecia o esperma. As mulheres, contudo, deveriam estar aptas a receber este líquido e conceber, pois eram elas que carregariam a criança no ventre⁴¹⁷. Algumas prescrições, como as de n.º 27 e 28, baseiam-se na idéia de que havia uma passagem livre para certas substâncias passarem da vagina para o resto do corpo. Acreditava-se, por exemplo, que quando uma cebola era inserida no ventre de uma mulher seria possível sentir o odor característico desta planta bulbosa em sua boca no dia seguinte. Caso isto acontecesse, era sinal de que a mulher era fértil e poderia conceber. Caso contrário, ela nunca conceberia.

28. Outro método: você coloca um bulbo de cebola em seu ventre... Você deve declarar sobre ela: 'Ela conceberá'. Se você não encontrar... sua narina, você pode declarar sobre ela: 'Ela não conceberá jamais'.⁴¹⁸

⁴¹³ STEVENS, John M. *op. cit.* p. 951.

⁴¹⁴ BARDIS, Panos D. Contraception in Ancient Egypt. *Indian Journal of History of Medicine*.v. 12, n. 2, p. 1-3, dec. 1967. p.3.

⁴¹⁵ SZPAKOWSKA, Kasia. *op. cit.* p. 213.

⁴¹⁶ DAVID, Rosalie. *op. cit.* 1986, p. 129.

⁴¹⁷ SZPAKOWSKA, Kasia. *op. cit.* p. 218.

⁴¹⁸ STEVENS, John M. *op. cit.* p. 952.

Sendo a mulher fértil, depois da concepção era importante que a gravidez seguisse e que a criança se desenvolvesse e nascesse saudável. A prescrição n.º 31 descreve um método para determinar se a criança que está sendo gerada irá nascer, e qual será o seu sexo:

31. Outro método: Se você continuamente vir seu rosto robusto e aquecido, mas encontrar algo que ela gosta... um menino. Mas se você vir alguma coisa sobre os olhos dela, ela nunca dará à luz.⁴¹⁹

A última seção do papiro é denominada “Miscelânea” por Stevens. Nela, consta uma prescrição para prevenir dores de dentes durante a gravidez e o parto e outra para uma mulher eliminar a urina que está em um lugar que a incomoda. Na terceira página, portanto, existem prescrições com diversos fins, mas todas voltadas para a verificação da saúde sexual da mulher e de sua capacidade para gerar herdeiros.

O *Papiro Médico de Kahun* como um todo é muito bem estruturado. Primeiro, aparecem as prescrições médicas para manter a mulher saudável e garantir que ela possa conceber. A seguir, é apresentado um caso de prolapso uterino, que surge depois da gravidez devido a um deslocamento do útero. Este precisaria ser sanado para que a mulher pudesse engravidar novamente e gerar crianças saudáveis. Depois vêm os métodos contraceptivos e aqueles para verificar se a mulher é fértil, que só poderiam ser aplicados no caso da paciente estar realmente com uma boa saúde. As receitas que aparecem em seguida são para verificar, no caso da mulher estar grávida, qual será o sexo da criança e se ela nascerá saudável. Desta forma, há uma estrutura lógica na construção do texto médico, que segue os passos necessários para garantir de algum modo a continuidade da família e o seu crescimento.

A comprovação da eficácia de determinados produtos para a solução dos problemas apresentados, contudo, é difícil devido ao nosso desconhecimento com relação à tradução de termos botânicos. A existência dessas fórmulas, porém, mostra uma preocupação com a sexualidade e, sobretudo, com a saúde da mulher, que era a responsável por fazer crescer a família. A existência dos papiros médicos é um claro sinal de conhecimento dos problemas que poderiam aparecer, e da busca por soluções.

Para comprovar a eficácia das fórmulas, algumas experiências foram feitas, por exemplo, com as fezes de crocodilo. Segundo Bardis, além de seus efeitos mecânicos, esta fórmula deve ter tido algum efeito químico de valor duvidoso, pois o excremento pode ser alcalino e reduzir a acidez da vagina, facilitando a concepção. Isto mostra porque o excremento de elefantes, que possui menor alcalinidade, parece ser mais eficiente como

⁴¹⁹ *Ibidem*. p. 952.

substância contraceptiva, já que tende a diminuir a mobilidade do esperma⁴²⁰. Já a prescrição (n.º 22) envolvendo mel e natrão parecia ser mais eficiente. A mistura era usada para borrifar os lábios, a vagina e, provavelmente, o útero. O mel na fórmula era, sem dúvida, um tanto eficiente, pois tendia a diminuir a mobilidade dos espermatozóides.

O fundamental da análise deste documento, contudo, é que ele reflete o conhecimento superficial dos sintomas que poderiam estar relacionados a desordens internas, e mostra uma tentativa de tratar as doenças na fonte. Ele reflete, além de tudo, uma preocupação com o controle de natalidade, e uma compreensão do papel das relações sexuais na concepção. O controle de natalidade era um aspecto importante numa cidade planejada, como foi o caso de Kahun, já que seu crescimento era controlado, e ocorria apenas intramuros.

Fica claro, ainda, que os egípcios, assim como outros povos da antiguidade, acreditavam que impedir a concepção era dever apenas da mulher. Todas as prescrições apresentadas refletem esta idéia, pois nenhuma cita um método de prevenção a ser utilizado pelo homem. A responsabilidade pela manutenção e crescimento da família, então, era apenas da mulher, pois era ela quem precisava se cuidar e se manter saudável para a concepção. Era possível, contudo, fazer sexo apenas por prazer, sem pensar em reprodução, seguindo determinadas receitas, que poderiam ou não ser eficientes.

Outro aspecto que merece ser discutido é quanto ao caráter público ou privado deste documento. A princípio, tratava-se de um manual que deveria estar em posse de uma pessoa que praticasse a medicina dentro do assentamento urbano de Kahun. A medicina era uma profissão regulamentada no Egito antigo, e havia inclusive escolas que ensinavam o ofício de médico. Não há, durante o Reino Médio, médicos especialistas, como parece ter existido durante o Reino Antigo, mas a profissão é conhecida por meio das fontes. O papiro, então, certamente estava em posse de uma pessoa que praticava a medicina na cidade de Kahun.

Assumindo que a atividade sexual era praticada apenas no âmbito privado, é possível que o uso do documento e das receitas prescritas também se desse apenas neste ambiente. Não há comprovação sobre a existência de uma estrutura que pudesse ser utilizada como hospital ou como consultório médico, e o atendimento às mulheres deveria ser realizado em casa, possivelmente num ambiente reservado. Este, no caso de uma casa pequena, seria o próprio quarto de dormir, enquanto que em uma residência de nobres poderia ser um espaço dedicado especialmente às mulheres, tal como foi discutido anteriormente para o parto.

⁴²⁰ BARDIS, Panos D. *op. cit.* p. 3.

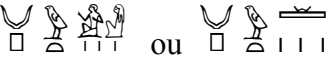
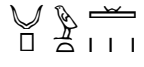


A manutenção e o crescimento da família, fosse esta pertencente a qualquer um dos níveis da sociedade egípcia, se dava então em um ambiente privado, protegido dos olhos do público. O número de pessoas que faziam parte destas famílias era bastante variável, e este dado pode ser confirmado por meio da análise dos documentos de natureza jurídica provenientes da cidade de Kahun.

4.2. OS PAPIROS LEGAIS DE KAHUN COMO FONTE PARA O ESTUDO DA FAMÍLIA E DA SOCIEDADE NO EGITO ANTIGO

Assim como o *Papiro Médico de Kahun* nos ajuda a entender de que maneira o crescimento da família poderia ser controlado, os *Papiros Legais* podem nos dar pistas sobre a constituição da família egípcia, bem como sobre a transmissão de bens, seja por herança ou testamento, e sobre a hereditariedade e a transmissão dos cargos administrativos. Quando analisados em conjunto com outros documentos produzidos na cidade, como os contábeis e as cartas, podem nos auxiliar para a compreensão da dinâmica populacional e do funcionamento dos tribunais.

É importante ter em mente, ao iniciarmos a análise de documentos desta natureza, que os mesmos passaram por um processo que resultou na sua tradução para uma língua moderna, diferente daquela em que eles foram originalmente escritos. Ao mesmo tempo, sua função foi modificada: de privados que eram quando de sua produção, passaram a públicos, sendo conhecidos e acessíveis a um grande número de pesquisadores⁴²¹. Por essa razão, é preciso primeiro conhecer o significado dos termos e expressões utilizados nos documentos, que sofreram variações no decorrer da história egípcia⁴²².

Os documentos de natureza legal encontrados em Kahun estão bem preservados e, em alguns casos, são os primeiros exemplos conhecidos de seus tipos. Fazem parte do conjunto:

dois *uput*, *wpwt* (em egípcio  ou ) ou “inventário de pessoas de uma casa”; três *imet-per*, *imt-pr* (em egípcio, ) ou “ato de disposição”; um memorando com uma “(relação de) preços”; e um *sunt*, *swnt* (em egípcio, ) ou “reivindicação oficial”.

⁴²¹ BAKOS, Margaret M. O cotidiano dos operários faraônicos. *Phoînix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, v. 3. p. 211-223, 1997. p. 214.

⁴²² VALBELLE, Dominique. Les recensements dans l'Égypte pharaonique des troisième et deuxième millénaires. *Sociétés urbaines en Égypte et au Soudan*. Cahier de Recherches de l'Institut de Papyrologie et d'Égyptologie de Lille, n. 9, p. 33-49, 1987. p. 33.

Um dos tipos de documentação presente na cidade são os *uput*, ou listas oficiais dos membros de uma unidade doméstica. Estes enumeram não apenas o proprietário da casa e seus familiares, mas também seus servos e escravos, quando os possui, conforme os grupos em que foram adquiridos⁴²³. Dentre os membros da família, encontramos não apenas o homem, sua esposa e filhos, como também pessoas relacionadas por laços de parentesco que precisavam de proteção, como a mãe viúva e irmãos e irmãs do proprietário da residência que ainda não tivessem atingido a idade para casar. Com relação aos servos e escravos, eram enumeradas apenas as mulheres e crianças, pois os homens, de acordo com Griffith, seriam mencionados em outras listas, como as que elencavam os soldados e trabalhadores, e não precisavam aparecer também naquelas dos membros de uma unidade doméstica⁴²⁴. A análise destes documentos por meio da pragmática os caracteriza como tendo uma finalidade referencial, pois eles informam sobre a composição das unidades domésticas presentes na cidade de Kahun.

Os dois *uput* provenientes de Kahun retratam duas realidades distintas. Um primeiro conjunto desses documentos enumera e nomeia os membros de uma família que habitava uma das casas de trabalhadores da cidade. A importância destes fragmentos em particular está no fato de que trazem um inventário dos membros de uma família, em três estágios diferentes de ocupação de uma das residências de Kahun.

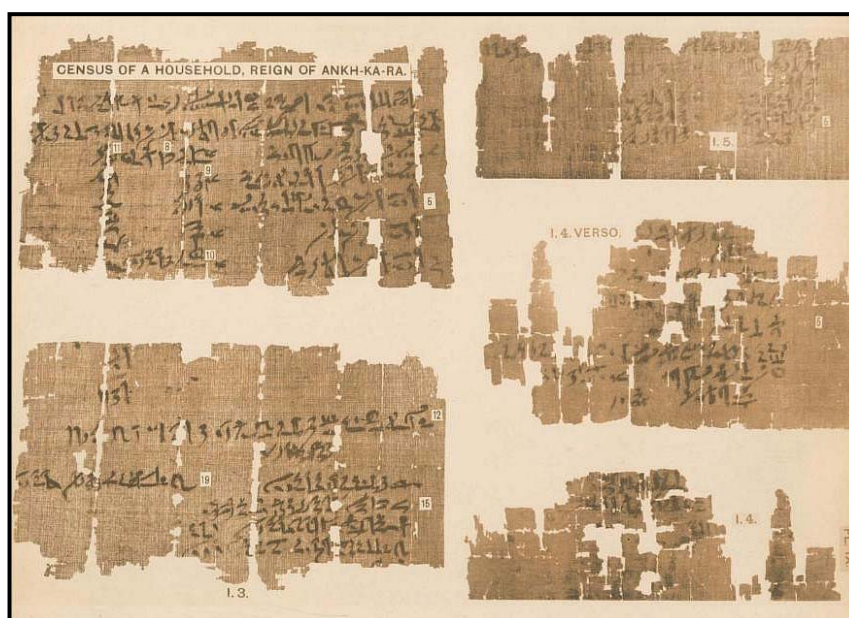


Figura 68: Inventário de pessoas da casa de Snefru (UC32163; UC32164; UC32165). Referência: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898. pl. IX.

⁴²³ PETRIE, W. M. Flinders. *op. cit.* 1974, p. 48.

⁴²⁴ *Ibidem.* p. 48.

Com a leitura do maior desses documentos, identificado pelo número I.3 (UC32163), é possível levantar uma genealogia, ainda que incompleta, para a família de Snefru⁴²⁵.

[2]

mit n wpwt nt ḥ3wty (s3) hri snfrw it.f hr snnt nt

Cópia do inventário das pessoas da casa do soldado Snefru, filho de Heri, cujo pai (= o pai de Snefru) foi da Segunda (tropa?)

d3mw mwt.f s3t spdwt špst w3bt nt gs 3b(y)

do exército (da Divisão do Norte). A sua mãe, Shepeset, filha de Sepedu – mulher *uab* (sacerdotisa, ou de família sacerdotal?) da fronteira oriental.

[4]

mwt nt it.f h3-rh.n.(i) snt it.f k3t-snwt

A sua avó paterna, Harekhni. A sua tia paterna, Katsenut.

[6]

snt it.f 3st snt it.f s3t-snfrw

A sua tia paterna, Aset. A sua tia paterna, Sat-Snefru⁴²⁶.

Estão relatados, neste papiro, os nomes de seu pai, sua mãe, das avós paterna e materna, e de três de suas tias, irmãs de seu pai. Estas informações podem ser complementadas por meio do estudo dos outros dois fragmentos encontrados juntamente com este primeiro, e que completam a genealogia de Snefru, pois contêm inventários das pessoas que viviam na mesma casa, em diferentes épocas⁴²⁷. Esses fragmentos ajudam ainda a compreender as mudanças no ambiente familiar em função, por exemplo, da morte do avô de

⁴²⁵ Este documento foi traduzido pelo professor Ciro Flamarion Cardoso, que gentilmente o cedeu para o desenvolvimento desta pesquisa (CARDOSO, Ciro Flamarion. Documento I.3 de Kahun: os membros da casa de um soldado na cidade de pirâmide de Senusret II, da XII dinastia, no início da dinastia seguinte. Texto cedido pelo autor.). As outras traduções analisadas foram as realizadas por Francis Llewellyn Griffith, publicada em: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *op. cit.* p. 19-22, e Mark Collier e Stephen Quirke, publicada em: COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2004, p. 111.

⁴²⁶ A tradução aqui apresentada foi realizada pelo professor doutor Ciro Flamarion Cardoso.

⁴²⁷ As traduções dos outros dois fragmentos encontram-se em: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *op. cit.* p. 22-23, e COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2004, p. 113 e 115.

Snefru, que pode ter resultado na ida de sua avó paterna e de suas tias para a casa de seu pai. Um dos papiros mostra que, inicialmente, cinco das tias paternas de Snefru foram para a sua casa, sendo na ocasião duas ainda crianças.

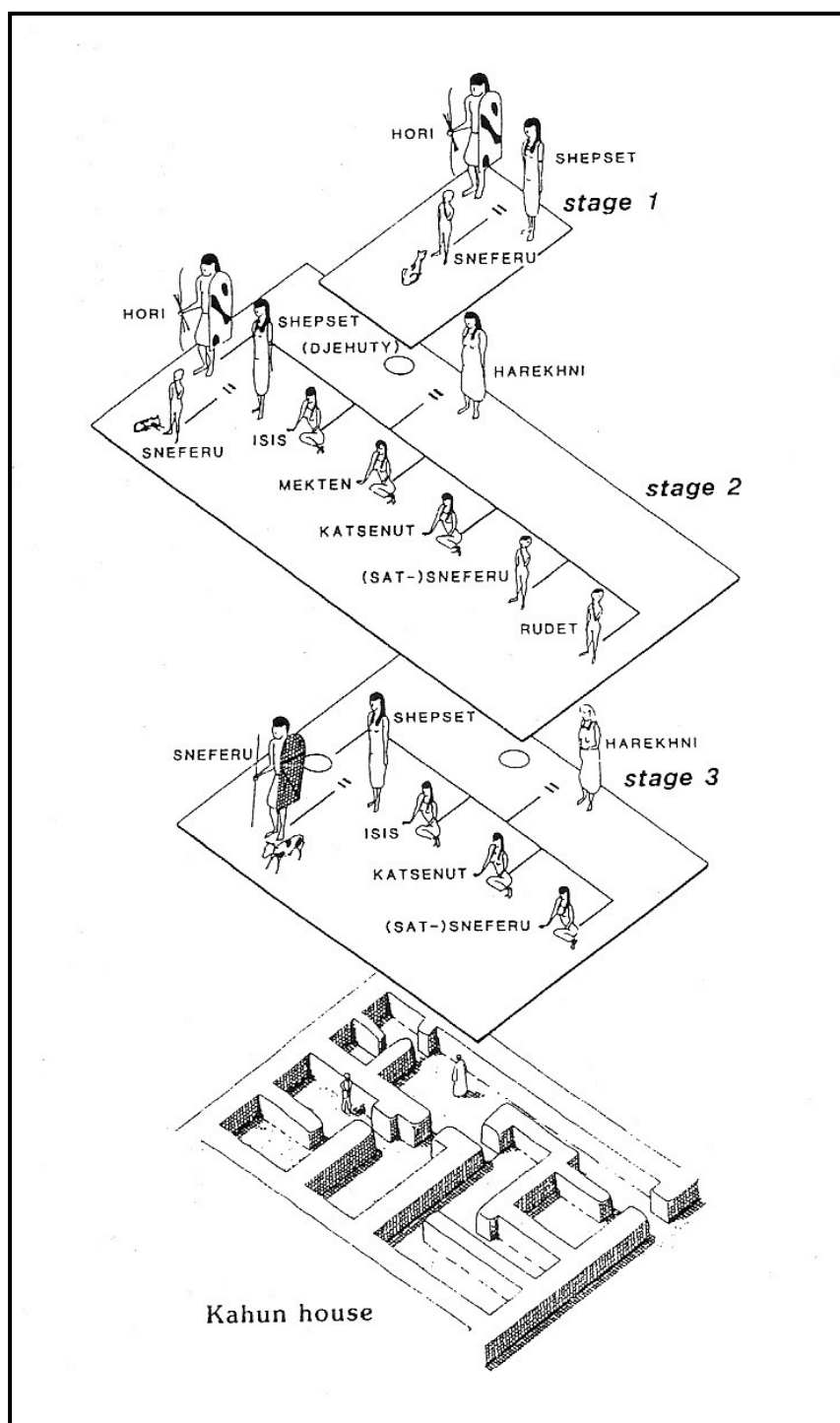


Figura 69: As pessoas da casa de Snefru, nas três etapas de ocupação levantadas por meio da análise dos papiros. É possível que a família habitasse em uma das casas pequenas de Kahun, como a que está representada na imagem. Referência: KEMP, Barry J. *El antiguo Egipto. Anatomía de una civilización*. Barcelona: Crítica, 1996. p. 201.

O outro *uput* que se conservou em Kahun enumera aqueles que habitavam e trabalhavam em uma das casas grandes da cidade⁴²⁸. A diferença essencial em relação ao primeiro é que neste é possível conhecer os servos e escravos de um senhor que era propriamente um *paterfamilias*⁴²⁹, ou seja, a pessoa responsável pela manutenção da unidade doméstica, e que tinha sob seu controle todos os bens pertencentes ao grupo. O papiro encontra-se em bom estado, é e possível precisar o título do proprietário da casa – *general-kherheb* – e seu nome – Khakaura Snefru, bem como os nomes de pessoas de sua família, em especial de sua esposa já falecida e de seus dois filhos. Os servos estão divididos e enumerados em três grupos, que correspondem a diferentes etapas e formas de aquisição: o primeiro grupo já aparece como seu, o segundo foi adquirido com o conhecimento real por meio do Departamento de Trabalhos, e o terceiro ele recebeu como herança de uma tia.

Os dois *uput* revelam realidades diferentes, mas, em cada um dos casos, é possível observar que havia certa dinâmica dentro das unidades domésticas. No primeiro caso, convém lembrar que uma “unidade doméstica” nem sempre é formada por apenas uma casa. Os parentes de Snefru que foram para a casa de seu pai eram provenientes de outra residência, da qual não temos documentação escrita que prove a existência. Porém, todos os membros faziam claramente parte de uma mesma unidade doméstica, que no momento em que Snefru tornou-se adulto era formada pelas pessoas que habitavam em sua casa. Já no segundo caso, a melhor maneira de analisar a dinâmica populacional é por meio das relações de servos e escravos, que aparecem separados por etapas e formas de aquisição. É possível, inclusive, levantar a genealogia dessas pessoas, por meio das listas nas quais aparecem, levando em consideração que estas são formadas apenas por mulheres e seus filhos pequenos.

A egiptóloga Dominique Valbelle acredita que os *uput* de Kahun são peças unidas aos títulos de propriedade⁴³⁰. Ao encontro de sua hipótese vem o argumento do egiptólogo Richard Parkinson, que considera que o censo da casa de Snefru não é parte de um censo populacional, mas sim um levantamento para propósitos legais, como a transferência de

⁴²⁸ A tradução deste documento encontra-se em: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *op. cit.* p. 25-29 e COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2004, p. 116-117.

⁴²⁹ O termo é utilizado por Ciro Cardoso, em: CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma casa e uma família no antigo Egito. *Phoînix*. Rio de Janeiro: Mauad, v. 9. p. 65-97, 2003. p. 85. Em sua origem, *paterfamilias* é o dono da casa, ou anfitrião. (SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2006. p. 852).

⁴³⁰ VALBELLE, Dominique. *op. cit.* p. 45.

propriedade ou a concessão de uma herança⁴³¹. O mesmo argumento pode ser considerado para o censo da casa de Khakaura Snefru, que fazia parte do mesmo tipo de levantamento.

Um documento preservado atualmente no Museu Egípcio de Turim vem de encontro às hipóteses levantadas pelos dois egiptólogos. Trata-se do *Stato Civile*, um texto datado do reinado de Ramsés IX (c. 1131-1112 a.C.), que reúne diversos recenseamentos da população ativa ou não da vila de Deir el-Medina, casa por casa, e tem a indicação dos graus de parentesco entre os habitantes da casa e o chefe da família⁴³². Estes censos revelaram que as famílias que habitavam as casas de Deir el-Medina eram pequenas e que existiam residências em que morava apenas uma pessoa. Segundo A. G. McDowell, apenas uma das casas tinha cinco habitantes e em sete residências havia apenas uma pessoa⁴³³. Os censos, neste caso, fariam parte de um recenseamento maior, que tinha por finalidade registrar a quantidade de moradores que tinha a vila em um determinado momento. Uma carta escrita pelo trabalhador Horemura para sua filha Tanedjesera comprova que as casas de Deir el-Medina pertenciam ao faraó, e que eram apenas emprestadas para os funcionários encarregados da construção da tumba real⁴³⁴.

No caso de Kahun, as casas deveriam pertencer aos que nela habitavam, pois há documentos que mostram que elas eram dadas como herança ou doação para familiares dos proprietários. Segundo Kasia Szpakowska, a herança no Egito antigo era dividida da seguinte maneira: 2/3 das propriedades e bens deixados pelo pai eram direcionados aos filhos, homens e mulheres, e 1/3 era deixado para a esposa. No caso de divórcio, além deste 1/3 a mulher receberia todos os bens que eram de sua propriedade antes do casamento, sendo eles provindos tanto de um casamento anterior quanto de seu pai⁴³⁵.

O segundo tipo de documentos legais encontrado em Kahun trata, então, especificamente destas heranças. São os *imet-per*, ou atos de disposição, literalmente, “conteúdo de uma casa” ou “o que está na propriedade”. Sua função principal, segundo nosso método de análise, é a diretiva, já que os mesmos orientam sobre o que fazer com os bens e propriedades de seus emissores. Ao mesmo tempo, no entanto, informam sobre a existência destes bens, por meio de seu arrolamento. Foram recuperados três *imet-per* na cidade de Kahun, e estes correspondem a transferências de títulos de propriedades de uma pessoa para

⁴³¹ PARKINSON, Richard B. *op. cit.* p. 111.

⁴³² VALBELLE, Dominique. *op. cit.* p. 42.

⁴³³ MCDOWELL, A. G. *Village life in ancient Egypt*. Laundry lists and love songs. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 51.

⁴³⁴ BAKOS, Margaret M. Relações familiares em Deir el-Medina. *Phoenix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, v. 2. p. 153-167, 1996. p. 158.

⁴³⁵ SZPAKOWSKA, Kasia. *op. cit.* p. 216.

outra, tanto possivelmente quanto imediatamente, e com ou sem benefício para o doador, ou em termos técnicos, com ou sem *consideração*⁴³⁶.

O primeiro exemplar, o testamento de Mery, é um dos mais antigos documentos jurídicos egípcios preservados⁴³⁷. Neste papiro, está expresso o desejo de Mery de que seu filho, Intef, fosse seu sucessor no cargo que ocupava no templo mortuário de Senusret II. Como recompensa, o filho deveria cuidar de seu pai quando este estivesse em idade avançada, e assegurar seu bem-estar. No mesmo documento, Mery anulou um testamento anterior, feito em nome da mãe de Intef, e garantiu uma propriedade para outro filho, que tivera com outra mulher, possivelmente uma segunda esposa.

Eu estou dando minha (posição de) superintendente da vigilância (para o) filho de Mery, Intef, chamado Iuseneb em troca (de que ele seja) meu apoio na velhice, porque eu estou agora ficando velho. (...) Sobre a transferência de propriedade que eu fiz para sua mãe previamente – esta está cancelada⁴³⁸.



Figura 70: Transferência de propriedade para Intef filho de Mery (UC32037). Referência: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898. pl. XI.

⁴³⁶ PETRIE, W. M. Flinders. *op. cit.* 1974. p. 47-48.

⁴³⁷ Para este trabalho, foram consultadas a tradução de Griffith (GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *op. cit.* p. 29) e uma mais recente, de Mark Collier e Stephen Quirke (COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2004, p. 101).

⁴³⁸ COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2004, p. 101.

O testamento de Mery é um caso de transferência de título não imediata e com *consideração*, ou seja, Intef deveria cuidar de seu pai pelo resto de sua vida, estando este já em idade avançada. Os dois outros exemplos de *imet-per* são os atos de disposição de Ankhren e de Uah, os dois tratando de uma transferência imediata, sendo uma com e a outra sem *consideração*. Estes documentos estão bem preservados, e foram escritos em duas folhas de um papiro de textura fina. A proximidade entre os dois documentos não está apenas no tipo, pois Ankhren e Uah eram irmãos e tinham o mesmo nome: Ihyseneb. No primeiro desses documentos, Ankhren transferiu para Uah todas as suas propriedades, bem como todas as pessoas que estavam associadas a elas.

Todas as minhas propriedades no campo, na cidade (estão indo) para meu irmão o sacerdote-*uab* em serviço da proteção (?) de Sopdu Senhor do Leste, o filho de Shepset, Ihyseneb, chamado Uah, e todos os meus agregados (também estão indo) para este meu irmão⁴³⁹.

No segundo documento, Uah transferiu estes mesmos bens e seus escravos estrangeiros para sua esposa, Sheftu, dando a ela a liberdade para passá-los a qualquer de seus filhos. Pediu também que fosse enterrado em sua tumba, junto de sua esposa, que a terra sobre eles não fosse removida, e que a propriedade dada a sua esposa, ou a casa em que viviam e que fora construída por seu irmão, não fosse perturbada.

(...) eu estou fazendo uma transferência de propriedade para minha esposa, a mulher de Gesiab, filha de Satsopdu, Sheftu, chamada Teti, compreendendo todas as propriedades dadas a mim por meu irmão, o portador do selo digno de confiança do diretor dos trabalhos, Ankhren (...)⁴⁴⁰

Neste caso, Uah pedia aos seus, em troca do que estava fazendo, que eles dessem a ele e à esposa um bom enterro e que preservassem a casa na qual eles moravam pelo menos até a morte dos dois. A petição por um bom enterro e por cuidados durante a velhice deveria ser comum, se levamos em consideração os documentos até aqui analisados. Geralmente, tomamos como certo que era uma obrigação dos filhos tomar conta de seus pais idosos e prestar-lhes o culto funerário após a sua morte. Estas fontes, no entanto, nos informam que é também possível que este fato não se constituísse como uma obrigação, mas que fosse necessário um pedido formal por parte dos pais.

⁴³⁹ *Ibidem.* p. 105.

⁴⁴⁰ *Ibidem.* p. 105.

Um documento de época posterior, datado da XX Dinastia (c. 1196-1070 a.C.) e conhecido como o testamento de Naunakhte vem confirmar esta posição. Neste, uma mulher transfere para seus filhos os seus bens, mas escolhe dentre eles apenas aqueles que cuidaram dela durante sua velhice. Jaroslav Cerny argumenta que a colocação de Heródoto, que dizia que os filhos poderiam optar por cuidar dos pais, mas não as filhas, que tinham essa obrigação, poderia ser verdadeira no período a que se refere o documento⁴⁴¹. Deserdar, então, poderia ser uma forma de punição aos filhos que não assumissem a responsabilidade pelos pais idosos.

A análise dos três atos de disposição preservados em Kahun mostra que a dinâmica populacional era influenciada também pelas transferências de propriedades, servos e escravos. Esta geralmente se dava dentro de uma mesma família: tanto no caso de Mery quanto naquele dos dois irmãos a transferência de cargos e propriedades, bem como das pessoas associadas a estas propriedades, acontece entre membros da família. No caso de Mery, ele transfere o título para um filho, provavelmente o mais velho, mas garante uma casa para um filho que teve com outra mulher. Já Ankhren transfere as propriedades para o irmão, que por sua vez as doa à esposa e dá a ela a possibilidade de passar tudo o que deixou para quem ela desejar.

Um terceiro documento relacionado aos irmãos Ankhren e Uah é uma relação dos servos que foram adquiridos por Ankhren e posteriormente transferidos para Uah. Trata-se de um memorando, que relaciona os quatro servos asiáticos, duas mulheres e duas crianças, que Ankhren transferiu para Uah por meio de uma doação inter-vivos. A função deste documento, segundo a análise pragmática, é diretiva, já que ele aponta qual deve ser a ação a ser tomada em relação aos servos adquiridos por Ankhren. Sua estreita relação com os testamentos mencionados anteriormente dispensa maiores considerações sobre a questão da dinâmica populacional relacionada a estes documentos.

Transferência de propriedade do assistente do tesoureiro o filho de Shepset Ihyseneb, setor norte, com o sacerdote-*uab* a serviço da proteção (?) de Sopdu Senhor do Leste, o filho de Shepset Ihyseneb.

(...)

Mulher asiática Akhiatef	Kemeteni
Kemeni	Sopdummeri
Meshy	2 (anos?) 3 meses (?)
[...]-am	[...]-benu (?) ⁴⁴²

⁴⁴¹ CERNY, Jaroslav. *The Will of Naunakhte and the Related Documents*. *JEA*. London: The Egyptian Exploration Society, v. 31, p. 29-53, 2002. p. 44.

⁴⁴² COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2004, p. 119.



Figura 71: Documento de transferência de servos (UC32167). Referência: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898. pl. XIII.

Há ainda outro documento relacionado aos irmãos Ankhren e Uah. Trata-se de uma carta, pedindo atenção a uma unidade doméstica, na qual o nome de Uah é mencionado⁴⁴³. A existência deste documento talvez signifique que a transferência de propriedade não tenha se dado suavemente, e que foi necessária a intervenção de uma pessoa com um nível hierárquico mais alto para que a transação fosse finalizada. A função da carta, então, segundo a metodologia de análise empregada, é diretiva, pois aconselha o receptor sobre a atitude que ele deve tomar para resolver o problema.

Esta é uma comunicação para o senhor, vida, prosperidade, saúde, sobre a atenção dada à casa de Uah de acordo com o que eu tinha (já) comunicado a você sobre isto porque você é aquele que pode fazer o que é apropriado – então você deverá fornecer sua própria bondade⁴⁴⁴.

Verifica-se, por meio da análise dos documentos relacionados aos dois irmãos, que a prosperidade de Uah dependia inteiramente da generosidade de Ankhren. Era o irmão mais velho, aparentemente, que provia a casa do mais novo, mesmo tendo este um cargo no templo

⁴⁴³ Sobre este documento, ver as traduções presentes em: WENTE, Edward. *Letters from Ancient Egypt*. Atlanta: Scholars Press, 1990. p. 79-80; PARKINSON, Richard B. *op. cit.* p. 90-92; e COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *The UCL Lahun Papyri: Letters*. Oxford: Archaeopress, 2002. p. 97-99.

⁴⁴⁴ COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* (2002) p. 97.

de Sopdu, como sacerdote-*uab*. Ankhren possuía um cargo mais elevado na administração da cidade de Kahun, e isso possibilitava a sua grande bondade em relação ao irmão sacerdote.

Por meio da análise destes documentos, então, é possível identificar relações de parentesco, bem como assuntos de família que eram resolvidos perante um tribunal. Não é possível, no entanto, fazer suposições sobre o tamanho das famílias e nem mesmo sobre sua posição social dentro da cidade, pois apenas uns poucos indivíduos são citados em cada documento. As genealogias levantadas por meio deste estudo seriam, portanto, incompletas.

A questão da família também pode ser encontrada nos chamados papiros contábeis. O conjunto de documentos desta natureza recuperados em Kahun é formado principalmente por listas de nomes, ofícios, alimentos e estátuas que deveriam ser providenciadas para o templo. Sua finalidade, então, é basicamente referencial, já que nos informam sobre as pessoas, suprimentos e cargos existentes na cidade. Uma destas listas, cujo número de acervo é UC32094, conserva, no fragmento A, uma contabilidade de uma produção têxtil, que faz referência a seis tecelãs, sendo que uma delas é acompanhada por sua irmã e outra por sua filha.

Tecelã Renesseneb sua irmã Iy Kemes
Hedjeret
Seneb-...
Iy
Iki sua filha Seker
Yey⁴⁴⁵

Em outro levantamento contábil, encontramos novamente uma referência a Hedjeret: “[...] filha de Dedet Hedjeret (?)⁴⁴⁶”. É possível que se trate da mesma mulher citada na relação de tecelãs transcrita acima. O estudo conjunto destas duas listas, então, tornaria possível encontrar a genealogia, mesmo que parcial, de três tecelãs que habitavam na cidade de Kahun: Renesseneb e sua irmã Iy Kemes, Iki e sua filha Seker, e Hedjeret e sua mãe Dedet.

O tema da carta UC32206 pode ser também um assunto de família:

Você poderia enviar para mim o ... ?
punhado, um punhado de cebolas,
para este seu irmão⁴⁴⁷.

⁴⁴⁵ COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *The UCL Lahun Papyri: Accounts*. Oxford: Archaeopress, 2006. p. 145.

⁴⁴⁶ *Ibidem*. p. 157.

⁴⁴⁷ COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *op. cit.* 2002, p. 125.

Neste caso, no entanto, não é possível afirmar que realmente fosse este o caso. A carta, com uma finalidade diretiva, é endereçada de Senbu para Ankhtify, mas não há como saber se eles realmente são irmãos porque não há informações adicionais sobre eles no próprio documento ou em outros encontrados na cidade. Eles poderiam ser companheiros de ofício que, pela proximidade, se tratavam como irmãos. O mesmo pode ser dito sobre a carta UC32113B, que diz: “Um irmão fala para seu irmão Renefib (?) diz para o supervisor do templo [Iuf?]”.

Outra carta, adquirida em Medinet el-Fayum em 1943, trata de um assunto relacionado ao retorno de um indivíduo com um alto cargo administrativo à cidade de Kahun. O documento foi comprado por Bernhard Grdseloff, que acreditava que a carta fazia parte do conjunto que foi descoberto por Borchardt e que atualmente faz parte do acervo do Museu de Berlim⁴⁴⁸. O texto faz referência a servidores da unidade doméstica deste funcionário, cujos nome e cargo foram perdidos devido ao estado de conservação do papiro.

RECTO: [O oficial N] diz: eu me dirijo a ti para saber que todos os teus negócios estão bem. Veja, eu deveria chegar a *shm-snwsrt-m3^c-hrw*⁴⁴⁹..... Isto é Então tu deverás agir assim (para) que eu possa encontrar a casa em boa ordem e envies a mim um relato completo sobre a saúde e vida da ama Tima(t). Logo que a casa seja colocada em ordem, tu deverás dirigir-te a mim para eu chegar aí.

VERSO: O servidor Neni.⁴⁵⁰

O documento tem uma função diretiva, e informa o servidor sobre quais deverão ser suas atitudes para aguardar a chegada do dono da casa. Verifica-se no mesmo uma preocupação, por parte do oficial, em relação aos seus servidores. Tima(t) possivelmente seja a esposa de Neni, e também trabalha na casa do indivíduo que enviou a correspondência. Trata-se, desta maneira, de um documento que fornece dados sobre uma das casas grandes de Kahun, que era habitada por um alto funcionário, sua família e seus servidores.

Resta ainda um tipo de documento legal proveniente de Kahun para analisarmos. Trata-se de um *sunt*, que é uma reclamação formal sobre um assunto não esclarecido, como uma transmissão de cargo ou transferência de propriedade, ou o engajamento de um servo⁴⁵¹. A função do documento, segundo os procedimentos da análise pragmática, é ao mesmo tempo

⁴⁴⁸ GRDSELOFF, Bernhard. A new Middle Kingdom letter from El-Lahun. *JEA*. London: The Egyptian Exploration Society, v. 35, p. 59-62, 1949. p. 59.

⁴⁴⁹ O nome da cidade de pirâmide de Senusret II aparece, na tradução, transliterado. O autor explica que fez isso em função de um artigo publicado “recentemente” que confirma o nome do assentamento urbano. (GRDSELOFF, Bernhard. *op. cit.* p. 61).

⁴⁵⁰ GRDSELOFF, Bernhard. *op. cit.* p. 61.

⁴⁵¹ PETRIE, W. M. Flinders. *op. cit.* 1974, p. 48.

contextual, pois informa sobre uma situação ocorrida, e metalingüística, já que o próprio texto se torna o assunto a ser resolvido. O *sunt* de Kahun trata de uma reclamação, feita por um filho, sobre a transferência de título que seu pai, um sacerdote-*uab*, fez em favor de um escriba, por certa quantia que deveria ser paga ao primeiro. No texto, fica claro que o filho exige o pagamento da quantia devida ao pai, já que este se encontra enfermo.

O egiptólogo J. D. Ray, no entanto, argumenta que a transferência de cargo se deu não apenas em função do pagamento de uma certa quantia financeira ou de capital, para a qual o termo egípcio era *tpy-r*, mas também como resgate de uma dívida ou de um débito que existia na relação entre os dois envolvidos. Isto porque, no texto, aparece a palavra *w3w3*, que segundo ele tem um significado incerto, mas que pode ser associado a “débitos”⁴⁵². Uma das razões que o autor aponta para esta consideração é que a transação é feita mediante um alto oficial, e um juramento é imposto sobre as partes, uma medida necessária em casos como estes, que poderiam resultar em litígios futuros. Desta forma, Ray sugere a tradução “Eu darei para você uma quantia em capital junto com o cancelamento de todos os débitos pertencentes a você”⁴⁵³ no lugar do texto proposto por outros tradutores, como Collier e Quirke, que sugerem apenas a quantia em capital presente na transação.

Ray afirma ainda que a reclamação do filho foi feita após a morte do pai, e não enquanto este estava enfermo. Neste caso, a dívida do escriba seria com o filho, e não com o pai⁴⁵⁴. Esta afirmativa sendo verdadeira estabelece que não apenas os bens e propriedades do pai passariam para os filhos, como também as quantias em capital que eram devidas ao genitor deveriam ser pagas ao herdeiro. Em todo caso, sabemos que o problema existiu devido à queixa do filho, que foi registrada em um tribunal, pois a transação inicial não havia deixado registros que não o juramento imposto sobre as partes.

Esta não era a prática comum, segundo o egiptólogo Jaroslav Cerny. Para ele, havia um padrão nos documentos legais egípcios. Tratavam-se geralmente de declarações orais feitas perante uma corte ou ditadas e copiadas por um escriba profissional, que depois eram confirmadas por um meio físico, um papiro ou uma ostraca, o que conferia ao documento a sua validade legal⁴⁵⁵. Os tribunais eram formados geralmente por membros da própria comunidade, e que algumas vezes pertenciam à família dos envolvidos e conheciam de perto seus problemas e preocupações. Tinham, assim, um caráter inicialmente privado, pois apenas

⁴⁵² RAY, J. D. A consideration of Papyrus Kahun 14. *JEA*. London: The Egyptian Exploration Society, v. 59, p. 222-223, 1973. p. 223.

⁴⁵³ *Ibidem*. p. 223.

⁴⁵⁴ *Ibidem*. p. 223.

⁴⁵⁵ CERNY, Jaroslav. *op. cit.* p. 42.

aqueles que estavam envolvidos na questão a princípio saberiam sobre o desenvolvimento da mesma.

Outro *sunt*, porém datado do reinado de Amenhotep III (c. 1391-1353 a.C.), foi encontrado junto com o acima descrito, na cidade de Kahun. Em função de sua datação posterior àquela da primeira ocupação da cidade, no entanto, quando efetuou a tradução, Griffith os incluiu entre os documentos provenientes de Gurob, pois esta localidade foi habitada durante o Reino Novo. O documento trata novamente de um pagamento, mas desta vez relacionados aos serviços prestados por um grupo de servos que foram locados por um tempo determinado para outro proprietário de terras⁴⁵⁶. Neste caso, havia um número maior de envolvidos, mas é possível que os servos que foram alugados para a prestação de serviços não tivessem conhecimento da negociação feita entre seu chefe e a outra parte envolvida.

Em uma análise do conjunto, os papiros legais produzidos em Kahun dão pistas importantes sobre o funcionamento da cidade, e mostram que a sua administração interna não era muito diferente daquela das cidades que se desenvolviam organicamente. Havia nomeação de administradores e trabalhadores, as pessoas transferiam bens e propriedades, e o número de habitantes era levantado por meio dos inventários de pessoas que viviam em uma unidade doméstica. A compra de escravos era mediada por um Departamento de Trabalhos, que era fiscalizado por um funcionário real. Tudo acontecia conforme mostra a documentação proveniente de outros assentamentos urbanos do mesmo período.

Apesar de existirem em pequeno número, os recenseamentos nos dão uma idéia de duas realidades distintas, e podem nos levar a algumas considerações. As famílias deveriam ser nucleares, formadas na maioria dos casos apenas por pai, mãe e filhos menores. É possível que as casas pequenas fossem habitadas por famílias como a de Snefru, que incluíam parentes próximos que necessitavam de cuidados numa determinada fase da vida, assim como pode ser que em algumas destas casas vivesse apenas uma pessoa, tal como acontecia em Deir el-Medina. Nas casas grandes aparentemente viviam mais pessoas, no entanto não é possível ter uma noção exata, já que não há dados que confirmem se os servos e funcionários habitavam junto com o chefe da família ou se tinham suas próprias casas dentre as pequenas que compunham a cidade. O número de pessoas presentes nestas casas deveria ser semelhante àquela da residência de Khakaura Snefru, incluindo, além de uma família nuclear, um grande número de mulheres que desenvolviam atividades internas, e também de crianças relacionadas

⁴⁵⁶ GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *op. cit.* p. 93.

a elas. A documentação neste sentido, contudo, mostra-se insuficiente para que maiores informações possam ser extraídas.

Algumas cartas e documentos contábeis também trazem informações sobre a constituição da família. Seu número, contudo, é muito pequeno, e as informações retiradas destes textos teriam que ser complementadas por dados provenientes de outras fontes para que tivéssemos maior precisão na análise. Documentos como os censos, por exemplo, deveriam ficar em posse de seus emissores, e a pequena quantidade encontrada na cidade pode estar relacionada ao fato de que estas pessoas levaram consigo estes levantamentos quando deixaram o assentamento urbano. Estes, porém, seriam de grande valia para confirmar os dados provenientes dos documentos contábeis e das cartas, pois poderiam relacionar as mesmas pessoas que aparecem nestes outros apontamentos.

Os documentos jurídicos mostram ainda de que maneira aconteciam, dentro da cidade, as transferências de títulos e propriedades. A análise conjunta do testamento de Mery e da reclamação feita pelo filho em relação a uma transação anterior efetuada pelo pai mostra que os títulos não eram necessariamente hereditários, e que poderiam ser negociados pelo indivíduo que os detinha. Os atos de disposição de Ankhren e Uah indicam que as propriedades da cidade pertenciam aos seus moradores, e que poderiam ser doadas ou dadas como herança às pessoas escolhidas pelos seus proprietários. Todos estes aspectos mostram que existia uma certa dinâmica populacional intramuros, pois títulos e propriedades poderiam mudar de mãos por vontade de seus donos, sem que fosse necessária a intervenção real, tal como no caso já mencionado de Deir el-Medina.

Há duas contribuições importantes, além das já mencionadas, que podem ser retiradas dos documentos aqui analisados. A primeira está relacionada aos postos e atividades que são descritos nos papiros jurídicos e contábeis, que não diferem daqueles que aparecem em documentos de outros sítios. Isso mostra que Kahun, apesar de estar cercada por muros e ter uma finalidade específica, era uma cidade cuja administração era semelhante à de outras da mesma época. A segunda é em relação ao número de estrangeiros que estava presente nas cidades egípcias já neste período. No documento que transfere a propriedade de servos de Ankhren para Uah, por exemplo, as mulheres são asiáticas. A presença de asiáticos também é marcante nos papiros contábeis, especialmente naqueles que trazem relações de pessoas e apresentam sua origem.

É necessário ainda que se tenha sempre em mente que Kahun era uma cidade planejada, e por isso tinha seu crescimento organizado num espaço intramuros. Não se deve esquecer, também, que nela existiam lugares específicos para as habitações dos diferentes

trabalhadores e oficiais. Assim, é possível tratarmos da dinâmica populacional apenas no interior das unidades domésticas, sem entrarmos no mérito da mobilidade social, ou seja, da mudança de nível social de seus habitantes, especialmente das camadas mais baixas para as mais elevadas. A estrutura da cidade e a ausência de fontes sobre o tema, porém, não permitem maiores conclusões sobre o assunto.

Outro aspecto importante é quanto ao caráter público ou privado destes documentos. Conforme colocado inicialmente, estas informações passaram de “privadas” em seu contexto antigo a “públicas” na contemporaneidade, após a sua publicação e posterior conhecimento por diversos pesquisadores. Sua finalidade, porém, não foi modificada. Apesar de serem documentos pessoais, todos eles foram emitidos perante um tribunal e deste modo tornavam públicas as declarações de seus emissores. Mesmo os censos, nos quais os bens dos indivíduos não eram especificados, eram emitidos como documentos que fariam parte dos processos de herança, e por essa razão também estavam imbuídos de um aspecto público. Como processos privados, no entanto, pertenciam àqueles que os emitiram, e poderiam também fazer parte do espólio em caso de testamento.

Os negócios de família, quer fossem ou não diretamente relacionados ao arrolamento de seus membros, bens e propriedades, aconteciam em um ambiente público, já que as sentenças emitidas pelos tribunais das “cidades de pirâmide” tinham valor legal, não sendo necessário o encaminhamento dos processos para a análise do vizir, a não em ser em casos de solução mais difícil. As pessoas que participavam dos tribunais, fosse como testemunhas ou como juízes, geralmente tinham laços de parentesco com os requerentes, o que não caracterizaria, de qualquer maneira, um assunto como privado, já que sua discussão se dava em um local público.

4.3. A FAMÍLIA NAS ESTELAS FUNERÁRIAS

As estelas funerárias são documentos importantes para o levantamento de dados sobre a família no Egito antigo, principalmente no que concerne à extensão das mesmas. Seus textos podem ser classificados, por meio da análise pragmática, como referenciais, já que trazem informações sobre o morto, seus títulos e sua família. Para o estudo aqui realizado, utilizamos as mesmas estelas funerárias apresentadas no Capítulo 3, e que foram analisadas na ocasião para o levantamento dos títulos e da importância social do morto em relação às outras pessoas representadas.

Uma primeira característica que pode ser observada nestes monumentos é que o núcleo familiar sempre é organizado a partir do proprietário da estela. Os indivíduos representados são sempre apresentados em relação ao dono do monumento, sendo comuns as expressões “seu irmão”, “sua mãe”, “sua esposa”, “seu filho”. A identificação das personagens geralmente se dá por meio de legendas, mas há casos, como a estela de Dedusobek (CG 20596), em que os filhos são apenas nomeados sem serem representados. Devido à importância que tinha o nome para os antigos egípcios, sendo uma das partes que formavam o ser, o simples fato de nomear os filhos faria com que os mesmos participassem dos rituais juntamente com o pai.

Dentro do *corpus* analisado, há sete estelas nas quais podemos encontrar informações importantes sobre a família. Em cinco casos, representados pelas estelas de Dedusobek, Nit-Ptah (JE 45625), Amenemhat (JE 45626), Heny com os seus filhos (AE 1018) e Userur (BM EA 579), os filhos do proprietário são nomeados e representados, e nos outros dois, as estelas de Amenemhat Nebuy (E.207.1900) e Sehetepib, são figurados apenas seus irmãos. A mãe do morto é nomeada em cinco casos (Amenemhat Nebuy, Dedusobek, Heny com os seus filhos, Userur e Sehetepib), sendo representada em três deles (Amenemhat Nebuy, Userur e Sehetepib), e a esposa ou as esposas aparecem em seis estelas (Amenemhat Nebuy, Dedusobek, Nit-Ptah, Amenemhat, Userur e Sehetepib). Em um caso, a estela de Heny com os seus filhos, há apenas a nomeação de uma possível esposa.

O número de filhos representados ou nomeados nas estelas é bastante variável. Em um caso, a estela pertencente a Amenemhat, aparece apenas um filho. Nas estelas de Heny com os seus filhos e de Nit-Ptah são representados dois filhos do morto. No caso de Dedusobek, uma criança é figurada, enquanto seus outros dois filhos são apenas nomeados. O maior número de herdeiros é o mostrado na estela do escultor Userur, na qual aparecem sete filhos. Nas estelas de Amenemhat Nebuy e Sehetepib não há menção a filhos dos proprietários.

Em cinco das estelas analisadas são representadas apenas duas pessoas. Em três casos, a estela de Satháthor (C 22), a estela de Dedu e Satsobek (MMA 16.10.333) e a estela de Kheperkarê (E 20900), há um homem e uma mulher que dividem o espaço do monumento. Satsobek é apresentada como esposa de Dedu e a esposa de Kheperkarê é representada junto a ele, mas a relação entre Satháthor e Senusret não é explícita, se dando por meio de uma terceira pessoa, Imeny, que é apresentado como filho de Senusret e irmão de Satháthor. As mães de Dedu, Satsobek e Satháthor são nomeadas em seus monumentos, enquanto no caso de Kheperkarê não há menção a outros familiares.

Nos outros dois casos as duas pessoas representadas são do mesmo sexo. Na estela de Intef e Sensobek (BM EA 577) há dois homens, identificados como pai e filho. A esposa de Intef e mãe de Sensobek é nomeada no artefato. Já na estela de Keti e Senet (KHM 95) estão representadas duas mulheres, identificadas como irmãs em razão do nome da mãe de ambas, Hetep.

Há ainda três casos em que apenas o proprietário é representado. Trata-se das estelas de Sarenutet (BM EA 585), de Intef (APM 8789) e de Merut (C 165). Em dois casos, as estelas de Sarenutet e Intef, o nome da mãe do morto é mencionado. Já no caso de Merut não é possível levantar qualquer genealogia. Em um caso, há três pessoas representadas no monumento. Trata-se da estela de Djehuty-Ra (MAN 2547), na qual o proprietário está figurado junto com sua mãe, Takemet, e com aquele que o homenageou, Inu.

A estela de Amenemhat Nebuy apresenta ainda uma característica que a diferencia das outras, pois nela aparecem representados servidores do proprietário. No primeiro registro, quando em uma cena familiar, dois servidores de sua unidade doméstica, provavelmente os mais próximos à sua família, foram representados. A importância destes homens perante o proprietário é tanta que um deles faz o papel de filho-que-o-ama, oferecendo ao morto a perna dianteira de um bovídeo. No segundo registro, quando em seu ambiente de trabalho, Amenemhat Nebuy mandou representar cinco de seus irmãos e mais dois de seus agregados, um identificado pelo seu título, pastor, e o outro simplesmente como asiático.

Especialmente nos casos em que membros da família do proprietário são representados e identificados, é possível levantar uma genealogia para o morto. Por meio destas, podemos verificar quantas pessoas geralmente formavam uma família, e dentre estas quais eram preferencialmente representadas nos monumentos. A análise de estelas isoladas, porém, deixa muitas lacunas nestas genealogias, que podem ser preenchidas caso haja outros monumentos dedicados ao mesmo proprietário. Este é o caso, por exemplo, das estelas que faziam parte de uma capela, de uma tumba ou de um cenotáfio em Abydos, pois deste modo existiriam possivelmente três monumentos dedicados a cada proprietário, além de uma mesa de oferendas e uma estátua da pessoa que mandou erigir o memorial. Cada um desses artefatos, desse modo, poderia conter informações que preenchessem os espaços deixados pelo estudo de um objeto único.

As análises aqui apresentadas mostraram que as famílias eram geralmente nucleares, o que confirma os dados levantados por meio dos censos realizados em Kahun. Nos casos em que o proprietário pertence a níveis sociais mais elevados, verificamos a presença nas estelas de indivíduos que possivelmente faziam parte da unidade doméstica do dono do monumento,

assim como acontece com os censos. No que concerne às estelas, no entanto, estes parecem ser aqueles servidores que tinham uma proximidade maior com a família, ou que trabalhavam a mais tempo na residência.

Por meio deste levantamento, então, é possível o entendimento de aspectos relacionados à organização familiar no Egito antigo durante o Reino Médio. Verifica-se, também, que existem concepções diferentes sobre a composição da família quando nos referimos a níveis sociais distintos. Enquanto nas estelas funerárias de indivíduos pertencentes a níveis hierárquicos maiores aparecem também servidores e agregados, naqueles de pessoas que fazem parte de níveis sociais menos elevados são representados apenas os parentes próximos, identificados, nos exemplos analisados, como seu pai, sua mãe, seus irmãos e irmãs, e seus filhos e filhas.

Neste ponto, é importante lembrar que existe uma diferença essencial entre a realidade e as representações presentes nas estelas, que é marcada pela designação de algumas personagens representadas como “justas de voz” ou “justificadas”. Tal como comentado ainda no capítulo 3, esta designação é um sinônimo de “falecido”, e tais pessoas já não fariam parte da unidade doméstica ou não habitariam mais junto com o proprietário, não sendo mais seus herdeiros em caso de herança ou doação em vida. Desta forma, ao considerarmos a estela funerária como uma fonte para o levantamento de dados sobre a extensão familiar, é importante prestar atenção a estas denominações, já que as mesmas são essenciais para um arrolamento exato dos habitantes de uma residência.

4.4. A CONTINUIDADE DA FAMÍLIA NA VIDA POST-MORTEM: UMA ANÁLISE DOS *TEXTOS DOS SARCÓFAGOS*

Para proteger o cadáver embalsamado os egípcios utilizaram desde o início do período dinástico caixas de madeira ou de pedra, que ficaram popularmente conhecidas como “sarcófagos”. A origem desta palavra refere-se ao fato dos primeiros pesquisadores terem encontrado apenas restos dos corpos no interior destes caixões. Assim, criaram o termo por meio da união de duas palavras da língua grega: *sarkós* (carne) e *phageín* (comer), ou seja, “comedor de carne”. Na egiptologia, distingue-se pelo tipo de material o nome do caixão, sendo utilizado o termo “ataúde” para aqueles de madeira e “sarcófago” para os que foram confeccionados em rocha. Sua função era proteger o corpo do morto contra a profanação, seja por humanos ou por animais. Sua função mágica, no entanto, é observada desde os primeiros exemplares, e seus objetivos eram a proteção do falecido e a garantia de seu bem-estar no

outro mundo⁴⁵⁷. Para atingir estes fins, no entanto, algumas regras deveriam ser seguidas. A primeira diz respeito à forma do ataúde, que estava imbuída de um poder simbólico que era inerente a ela. A segunda tem relação com as pinturas de cenas e inscrições de textos religiosos específicos, cuja presença mágica ao redor da múmia garantia os efeitos desejados⁴⁵⁸.

Simbolicamente, o ataúde representava uma extensão da idéia de que a tumba seria a morada eterna do morto, e por essa razão a decoração dos primeiros exemplares era análoga à das tumbas. A parte mais importante desta decoração era um par de olhos-*udjat*, que era pintado, gravado ou incrustado no exterior do ataúde, no lado leste. Acreditava-se que o morto poderia ver por meio destes olhos e manter um elo com o mundo dos vivos. O ocupante deveria, então, ser posicionado lateralmente dentro do ataúde retangular, de modo que seus olhos ficassem na mesma direção daqueles da caixa, e que ele pudesse vislumbrar, por meio deles, o exterior. Em função destas associações simbólicas, o lado oriental era o mais importante do ataúde, e era na parede leste que a maioria da decoração estava localizada⁴⁵⁹. No interior, na mesma posição dos olhos, era pintada uma porta-falsa, para possibilitar que o *ka* do ocupante pudesse entrar e sair, para receber as oferendas que eram depositadas.

Durante o Primeiro Período Intermediário e o Reino Médio o painel com os olhos continuou a ser a decoração externa mais importante do ataúde, mas assumiu a função de permitir ao morto ver o sol nascente no horizonte oriental. Este fato é confirmado por uma inscrição em um exemplar da XII Dinastia, pertencente a Sebekaa, que está localizada próxima aos olhos, e diz: “Aberta está a face deste Sebekaa, então que ele possa ver o Senhor do Horizonte quando ele atravessa o céu...”⁴⁶⁰. Neste mesmo período, textos religiosos que tinham como finalidade guiar o morto em seu caminho para o Reino dos Mortos tornaram-se a principal decoração interna dos ataúdes. Estes são conhecidos atualmente como *Textos dos Sarcófagos*.

⁴⁵⁷ TAYLOR, John H. *Egyptian coffins*. Aylesbury: Shire, 1989. p. 7.

⁴⁵⁸ *Ibidem*. p. 7.

⁴⁵⁹ *Ibidem*. p. 16.

⁴⁶⁰ *Ibidem*. p. 17.

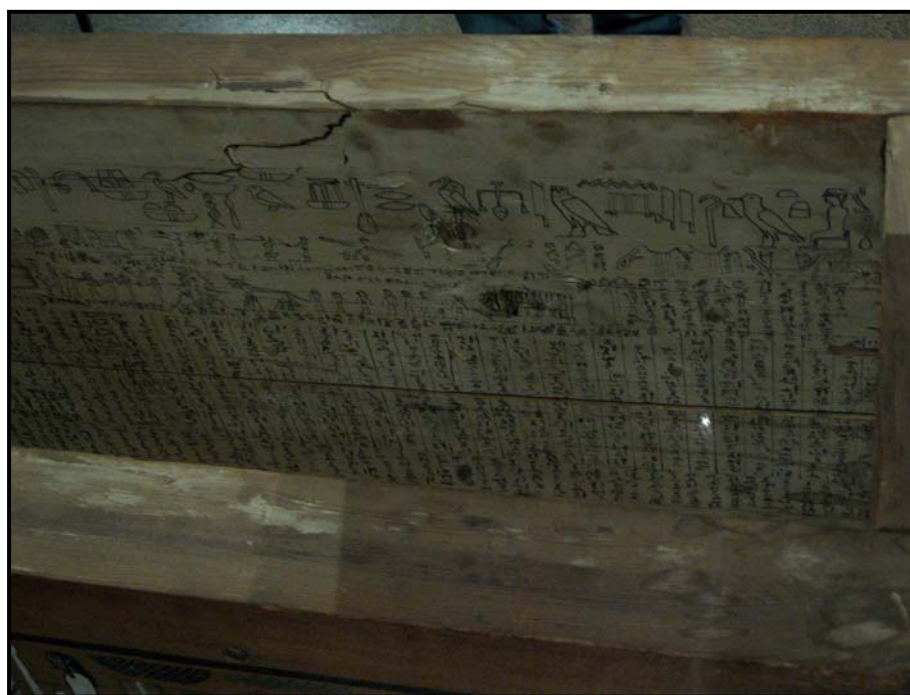


Figura 72: Decoração interna de um sarcófago do Reino Médio, mostrando as inscrições referentes aos *Textos dos Sarcófagos*. Museu Núbio – Egito. Foto de Moacir Elias Santos.

Os *Textos dos Sarcófagos* são o mais importante conjunto de textos funerários do Reino Médio. O nome pelo qual são conhecidos se deve ao fato de que, na maioria das vezes, estes textos estão inscritos com tinta em hieróglifos cursivos nas paredes internas dos grandes caixões de madeira que eram utilizados para os enterramentos da elite. Segundo o egiptólogo e filólogo Raymond Faulkner, as cópias em papiro são raras, mas deveriam existir em uma quantidade razoável, pois eram necessárias para os escribas que iriam grafar os textos nos ataúdes⁴⁶¹.

Os antigos egípcios se referiam a esta coletânea como “O Livro para Fazer a Voz de um Homem ser Verdadeira no Reino dos Mortos” (TS 1)⁴⁶². Ela é composta por 1186 encantamentos, mas em cada ataúde não há mais do que 200 encantamentos inscritos. Ilustrações que mostram cenas do outro mundo, como o “Campo dos Juncos”, acompanham o texto. Segundo a visão de mundo egípcia, cada caixão era uma versão em miniatura das câmaras da pirâmide, e por essa razão os textos eram posicionados em locais específicos. Na posição em que ficaria a cabeça do morto, por exemplo, um encantamento pedia “posicione

⁴⁶¹ FAULKNER, Raymond. *The ancient egyptian coffin texts*. Oxford: Aris & Phillips: 2004. A página não tem numeração.

⁴⁶² LEPROHON, Ronald J. Egyptian religious texts. In: WILKINSON, Richard H. (ed) *Egyptology today*. New York: Cambridge University Press, 2008. p. 243.

minha cabeça no meu pescoço para mim”. Já nos pés, o texto dizia “dê-me minhas pernas, que eu possa andar sobre elas”⁴⁶³.

Os *Textos dos Sarcófagos*, assim como os *Textos das Pirâmides* no Reino Antigo e o *Livro dos Mortos* no Reino Novo, eram guias que indicavam os passos que o morto deveria seguir para chegar ao Mundo dos Mortos e lá se estabelecer. Os encantamentos, então, serviam às mais diversas funções, como fazer com que o indivíduo não caminhasse com a cabeça para baixo ou que não comesse as próprias fezes. Entre eles, existem alguns que explicitamente estão relacionados à continuidade da família na vida *post-mortem*, e que serão discutidos a partir de agora.

O morto, enquanto percorre o caminho que o levará ao outro mundo, suplica aos deuses para que lhe restituam sua família e seus servidores, e que eles possam reunir-se a ele no Reino dos Mortos. No encantamento 131 fica claro que uma ordem já foi dada pelo deus Geb para que a família, os servidores e os dependentes sejam restituídos ao indivíduo. O texto tem, então, uma função diretiva, já que informa sobre uma ação que deve ser executada pelos deuses:

Geb, o que está à frente dos deuses, ordenou que seja dada a mim minha família, minhas crianças, meus irmãos, meu pai, minha mãe e todos os meus servidores e meus dependentes, eles sendo salvos dos atos de Seth e da contagem por Ísis a Grande junto a Osíris, Senhor do Oeste⁴⁶⁴.

A ordem de Geb parece não ter sido acatada pelos deuses, pois no encantamento 134 o morto dirige-se a eles com um pedido para que seja selado um decreto ordenando que os seus lhe sejam dados como companhia no outro mundo. Desta vez, a função do texto é claramente diretiva, pois se trata de um apelo do indivíduo direcionado aos deuses:

ENCANTAMENTO PARA SELAR UM DECRETO PARA UM
HOMEM REFERENTE A SUA FAMÍLIA

Eu vim para você, você senhor das aparições, que você possa dar uma ordem para o Grande que está no tribunal, que possa ser selado um decreto referente àquela minha família⁴⁶⁵.

A mesma súplica aparece no encantamento 135, que é finalizado pela frase: “Recitação para selar um decreto referente à família e dar a família do homem para ele no

⁴⁶³ *Ibidem*. p. 243.

⁴⁶⁴ TS 131.

⁴⁶⁵ TS 134.

Reino dos Mortos”⁴⁶⁶. Após selar este decreto, a súplica do morto parece ter sido atendida pelos deuses, pois já no encantamento 136 ele afirma que suas conexões humanas foram restabelecidas. Este texto tem uma função referencial, pois informa aos receptores que o pedido do homem foi atendido pelos deuses:

REUNINDO A FAMÍLIA NO REINO DOS MORTOS

(...) Foram dadas para mim minhas conexões humanas das quais eu falei, foram dadas para mim minha família, minhas crianças e meus irmãos (com) seus parentes e meus companheiros por toda parte onde eles possam estar (...) ⁴⁶⁷

A análise deste encantamento deixa claro que as ligações familiares não se perdiam com a morte. Os egípcios acreditavam que, no Reino dos Mortos, teriam uma vida semelhante àquela que levavam na terra, e que todos os elos que existiam entre ele e seus familiares, servidores e dependentes seriam mantidos. Assim como sua casa seria a mesma, aqueles que nela residiam também deveriam ser colocados junto com o falecido em sua morada no outro mundo.

A partir deste momento, porém, o texto toma uma direção diferente. Volta o tom de súplica, mas ao mesmo tempo o morto faz ameaças aos deuses caso eles não reúnam para ele a sua família e os seus dependentes. No encantamento 137, o morto declara que se nada for feito em relação à sua família, o cajado poderá ser tirado de Ra, e o deus não terá acesso aos estábulos divinos. A função do texto, desta forma, volta a ser claramente diretiva, continuando assim até o encantamento 143, no qual um apelo e uma ameaça aos deuses são novamente encontrados:

Se você não reunir os dependentes de N⁴⁶⁸ para ele com esta família dos seus no Oeste, você deverá descer para ... , você deverá subir no <fogo>, para aqueles que estão no Abismo, e lá estão os chorosos que desejam apagá-lo.

REUNINDO A FAMÍLIA DE N PARA ELE NO REINO DOS MORTOS E DANDO SUA FAMÍLIA PARA ELE NO REINO DOS MORTOS⁴⁶⁹

⁴⁶⁶ TS 135.

⁴⁶⁷ TS 136.

⁴⁶⁸ A letra N, na convenção adotada por Raymond Faulkner, representa o indivíduo a quem o texto é destinado. Adotaremos aqui o mesmo modelo.

⁴⁶⁹ TS 143.

Por fim, depois de muitas súplicas, a família do homem é reunida para ele no Reino dos Mortos. O texto volta a ter uma função referencial, pois deixa claro que a partir daquele momento o homem poderá desfrutar da companhia dos seus no outro mundo:

REUNINDO A FAMÍLIA DE UM HOMEM PARA ELE NO REINO DOS MORTOS

(...)Vejam, N foi para o céu, ele foi para a terra, ele foi para dentro das águas procurando sua família, procurando seu pai e sua mãe, procurando suas crianças e irmãos, procurando seus amados, procurando seus amigos, procurando seus associados e seus servos que trabalharam para N na terra e procurando suas concubinas as quais ele conhecia, porque N é você (*sic*) o qual o Grande criou. (...)

REUNINDO A FAMÍLIA, PAI, MÃE, AMIGOS, ASSOCIADOS, CRIANÇAS, MULHERES, CONCUBINAS, SERVIDORES, TRABALHADORES E TUDO QUE PERTENCE A UM HOMEM PARA ELE NO REINO DOS MORTOS. UM ENCANTAMENTO EFICAZ UM MILHÃO DE VEZES.⁴⁷⁰

A análise dos textos aqui apresentados mostra que havia o desejo de que a família, bem como a organização familiar existente na terra, continuasse a existir mesmo após a morte. Esta vontade aparece expressa em uma grande quantidade de encantamentos nos *Textos dos Sarcófagos*, mas é interessante lembrar que apenas um pequeno número do total de 1186 encantamentos era inscrito em um mesmo ataúde. É possível, assim, que dentre os dezoito encantamentos existentes que tinham por finalidade a reunião da família no Reino dos Mortos apenas um ou dois fossem escolhidos para figurarem entre aqueles que seriam inscritos no caixão. A reunião dos familiares, contudo, estaria mesmo assim garantida no outro mundo.

A reunião da família continua a ser uma prerrogativa no *Livro dos Mortos*. Neste, porém, ela ocorre de uma maneira mais velada, como aparece em um trecho do encantamento 110: “(...) eu vim para ti, eu vi meu pai, eu reconheci minha mãe (...)”⁴⁷¹. É bastante provável que esta reunião se estendesse aos outros membros da família, bem como aos servidores e dependentes do morto, tal como acontece nos *Textos dos Sarcófagos*.

Os aspectos públicos e privados referentes à família, então, continuariam a existir mesmo na outra vida. É importante lembrar que o texto funerário aqui analisado era gravado apenas nos ataúdes da elite, e por essa razão a concepção de família que se apresenta é a de uma comunidade formada não apenas por um núcleo composto por pai, mãe e filhos menores,

⁴⁷⁰ TS 146.

⁴⁷¹ FAULKNER, R. O. *The ancient Egyptian Book of the Dead*. London: The British Museum Press, 1985. p. 107.

mas que também incluía parentes próximos que em um determinado momento da vida necessitassem de ajuda, e servidores e agregados do morto. O mesmo acontece nos censos e estelas funerárias pertencentes a pessoas de nível social mais elevado, tal como discutido previamente.

Os *Textos dos Sarcófagos*, assim, comprovam que a exposição pública do indivíduo, bem como os aspectos privados de sua vida, teriam sua continuidade assegurada no Reino dos Mortos.

4.5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO NAS FONTES ESCRITAS

Assim como acontece com as fontes iconográficas e arqueológicas, os documentos escritos mostram que cada uma das fases da vida possui os seus aspectos públicos e privados. O começo da vida, por meio da concepção, se dava em um ambiente privado, e dele participavam apenas o pai e a mãe da criança recém-gerada. Para que este momento fosse possível, porém, a mulher deveria preservar a sua saúde, o que acontecia também num âmbito privado, já que não havia, no Egito antigo, locais semelhantes ao que conhecemos como hospitais ou consultórios médicos aos quais os habitantes pudessem recorrer. O atendimento às mulheres, então, deveria ser realizado em casa, possivelmente no próprio quarto de dormir, em se tratando de uma casa pequena, ou num espaço reservado para este fim em uma residência da elite.

A continuidade da família estaria garantida caso fossem utilizados os papiros médicos, que traziam prescrições voltadas especialmente para as doenças femininas. Estas fórmulas deveriam ser de uso público, mesmo que sua aplicação se desse por meio de pessoas especializadas, em ambientes privados. As famílias formadas eram geralmente nucleares, e incluía pai, mãe e filhos menores, tal como pode ser observado por meio de documentos como os censos, inicialmente privados, mas que eram registrados perante um tribunal e tinham um fim público. Estes documentos mostram que geralmente os indivíduos de nível social mais elevado incluía entre aqueles que formavam a sua família os servidores mais próximos a ele e aos seus.

Outra forma de analisar a organização familiar é por meio da análise dos textos presentes em estelas funerárias, que eram monumentos privados com um fim público, conforme discutido anteriormente. Estes artefatos confirmam a afirmação anterior, e auxiliam para a comprovação da hipótese inicial apresentada neste capítulo, de que a noção de família é diferente para os níveis sociais distintos que formavam a sociedade egípcia. Um grande

cuidado deve ser tomado, no caso destes monumentos, já que nem todas as pessoas representadas junto com o proprietário estavam vivas e convivendo em uma mesma casa quando da confecção do artefato. É preciso separar, dentre as personagens representadas, aquelas que são designadas como “justas de voz” ou “justificadas”, pois esta denominação é tipicamente utilizada no caso de pessoas já falecidas.

A família também pode ser conhecida pelos atos de disposição, por meio dos quais ficamos sabendo como se dava a transmissão de títulos, bens e propriedades na cidade de Kahun. Estes documentos, assim como os censos, eram privados, mas o registro dos atos em cartório tornava a sua finalidade pública. A análise destes textos mostra que geralmente a transmissão de bens e propriedades se dava dentro da própria família, e confirmam que as casas de Kahun pertenciam àqueles que as habitavam, o que não acontecia, por exemplo, em Deir el-Medina. O estudo de um dos atos de disposição encontrados na cidade em conjunto com uma reclamação formal feita por filho em relação a um ato de seu pai mostra que a transmissão de cargos não era necessariamente hereditária, e que estes poderiam ser negociados por aqueles que os detinham.

Informações complementares podem ser retiradas de cartas e documentos contábeis. As cartas são, dentre todos os documentos analisados, aqueles que têm um caráter mais privado, pois geralmente são endereçadas a um indivíduo específico, e o assunto de que tratam só diz respeito a ele. Os documentos contábeis, por sua vez, são os textos de natureza mais pública entre os estudados, já que sua finalidade era justamente mostrar, por exemplo, quem eram as tecelãs em atividade em um determinado dia de trabalho. As informações contidas nestes levantamentos nos auxiliam também para um maior entendimento das relações de trabalho e da organização social existente no Egito durante o Reino Médio.

Por fim, os encantamentos presentes nos *Textos dos Sarcófagos* mostram que a organização familiar existente na terra deveria continuar no Reino dos Mortos, assim como os aspectos públicos e privados que envolviam esta estrutura. Fica claro, também neste documento, que existe uma concepção de família diferenciada para a elite, que não corresponde àquela da não-elite. Para estes, a família era nuclear, ou seja, era composta por pai, mãe, filhos menores e parentes que necessitavam de auxílio e cuidados, enquanto que para os primeiros esta estrutura era mais complexa, e envolvia servidores e agregados que fossem mais próximos ao morto. Não se trata, contudo, de uma família extensa, já que esta envolvia a coabitação de vários casais aparentados entre si, e que estavam subordinados a um único chefe, geralmente representado pelo homem mais velho da família, que centralizava todo o poder sobre os bens disponíveis.

As fontes escritas, então, auxiliam de maneira eficaz para a comprovação da hipótese de trabalho desenvolvida em relação à família egípcia durante o Reino Médio, confirmando que a concepção de família era diferenciada quando se tratava de membros da elite e da não-elite.

CONCLUSÃO

Quando nos propusemos a estudar a “vida pública” e a “vida privada” dos antigos egípcios durante o Reino Médio, esbarramos inicialmente em um problema: qual era a sua definição para público e privado? Nossas leituras nos levaram a uma possível resposta para esta pergunta: para as sociedades antigas, podemos definir o público e o privado por meio do estudo da casa. Partimos, então, em busca de dados sobre as cidades e a arquitetura doméstica egípcia que pudessem nos auxiliar neste percurso.

Começamos, desta maneira, pela cidade. O estudo das características das cidades egípcias, bem como da arquitetura residencial que sobreviveu em assentamentos localizados no deserto, foi essencial para responder a questões sobre a organização do espaço urbano e de sua relação com o rural. Verificamos, por meio de artefatos relacionados ao trabalho no campo encontrados na cidade de Kahun, que uma parte da população da cidade sobrevivia destas atividades agrícolas, e que este era possivelmente um dos meios de fornecimento de suprimentos para os seus habitantes.

A análise da arquitetura doméstica presente em Kahun, em conjunto com os achados arqueológicos descritos por William Matthew Flinders Petrie, mostrou que a organização dos espaços era diferenciada em se tratando de casas grandes e pequenas. Confirmando nossa hipótese inicial, verificamos que nas residências menores os espaços eram multifuncionais, servindo as atividades diferenciadas nas diversas horas do dia, enquanto nas casas grandes existiam espaços destinados a cada atividade e também espaços “privados”, que eram acessíveis apenas ao proprietário e sua família.

Seguindo a lógica invariável para as residências egípcias da organização tripartite dos espaços⁴⁷², pudemos identificar, nas casas pequenas de Kahun, um ambiente que era utilizado para as atividades diárias, outro que tinha suas funções variáveis entre trabalhar e dormir, um que tinha o cozimento como função específica, e outro que tinha um uso mais “privado”, funcionando possivelmente como um local para dormir. Todos os espaços, no entanto, com exceção da cozinha, eram multifuncionais, sendo utilizados para diversos fins em diferentes horas do dia.

Para as casas grandes a lógica era um pouco distinta. Nestas, havia diferentes níveis de opacidade entre os ambientes, sendo aqueles mais internos mais privados, já que existia um longo caminho a ser percorrido até alcançá-los. Os espaços, neste caso, eram divididos entre

⁴⁷² CARDOSO, Ciro Flamarion. *op. cit.* 2003, p. 79.

os “públicos”, que eram acessíveis a outras pessoas que não as da casa; os “privados”, cujo acesso era restrito apenas ao proprietário e à sua família; e os espaços “de serviço”, onde diversas atividades, como a panificação, a fabricação de cerveja e a tecelagem, eram desenvolvidas. Havia, então, uma privacidade maior em alguns cômodos, o que não acontecia nas casas pequenas, que tinham acesso facilitado a todos os espaços.

As formas de lazer dentro das residências também eram diferenciadas. Enquanto nas casas grandes havia, conforme proposto por um dos modelos da tumba de Meketre, um jardim com um lago e árvores frutíferas, nas casas pequenas não existiam espaços específicos para o lazer. O que havia, conforme as descrições de Petrie, era um pequeno tanque em um dos cômodos que, segundo ele, era utilizado pelos habitantes para se refrescarem nos dias mais quentes do verão, ou em seus banhos diários.

Tendo respondido à primeira questão, partimos em busca de uma solução para um segundo problema: de que maneira os indivíduos eram apresentados ou se representavam diante do público? A resposta veio por meio da análise de artefatos provenientes tanto do contexto urbano quanto do funerário, bem como de obras de arte confeccionadas especialmente para o túmulo. Verificamos que a representação do indivíduo, bem como a sua apresentação diante do público, se modificavam a cada fase da vida.

Passando pelo nascimento, um momento essencialmente privado, avançamos etapa por etapa, desde a primeira infância até a velhice, percorrendo os aspectos públicos e privados de cada uma delas. Constatamos que a construção da imagem pública do indivíduo começava na adolescência, quando ele era iniciado na profissão que deveria seguir em sua vida adulta. Esta última era a fase em que tal imagem era consolidada, e os materiais provenientes de várias necrópoles egípcias mostraram que havia maneiras diferentes de construir esta imagem, bem como havia mudanças dependendo do nível social da pessoa que mandava erigir o monumento. Quanto mais alto o cargo ocupado pelo indivíduo, maior era o seu destaque dentro da composição geral do artefato, conforme previam as regras que regiam a arte canônica egípcia.

Com a maturidade vinha o sucesso profissional, e a velhice era uma fase marcada por uma volta ao privado. Com sua imagem pública já consolidada, o indivíduo poderia finalmente desfrutar dos conhecimentos e bens adquiridos ao longo da vida, e preparar sua ida para o Reino dos Mortos. Por último, a análise da constituição das tumbas e dos diversos enxovais funerários resgatados em regiões distintas do Egito mostrou que é na morte que a diferenciação entre o proprietário do monumento e outros indivíduos é mais marcante. Na concepção das estruturas arquitetônicas, bem como na decoração das tumbas, há uma clara

primazia do proprietário em relação aos outros membros de sua família. As oferendas e os rituais eram sempre dirigidos a ele, que era o maior merecedor destas honrarias.

A própria concepção dos complexos funerários refletia uma separação marcante entre o público e o privado. Enquanto a câmara funerária era um espaço privado, dedicado à preservação do corpo do morto, a capela era um espaço público, acessível não apenas à família, mas aos responsáveis pelo prosseguimento do culto funerário do falecido. Neste local ficavam, em alguns casos, as estátuas e estelas funerárias com representações do indivíduo, e que poderiam ser observadas por aqueles que passavam pela necrópole. As estruturas funerárias eram, sobretudo, composições individuais, que refletiam a construção da imagem de seu ocupante.

Nossa última questão dizia respeito à família. Como se constituía a família egípcia? De que maneira se dava sua manutenção e continuidade? Para obter estas respostas, partimos para a análise das fontes escritas, especialmente daquelas provenientes da própria cidade de Kahun, e que falavam sobre seus habitantes e seu modo de vida. Pudemos verificar, também neste caso, que cada etapa da vida, da concepção à vida *post-mortem*, possui os seus aspectos públicos e privados.

A vida começava em um ambiente privado, possivelmente o mesmo no qual se dava a preservação da saúde da mulher, que era essencial para a continuidade da família. As fórmulas registradas nos papiros médicos nos mostraram que os egípcios tinham conhecimento de que o começo da vida estava relacionado ao ato sexual, e que por esta razão era essencial manter as mulheres saudáveis para a geração de uma nova vida. Era possível também impedir a concepção, com o uso de métodos que poderiam ou não funcionar, tal como acontece nos dias atuais.

As listas de pessoas que moravam em uma casa, ou censos, mostram que as famílias egípcias eram geralmente nucleares, e incluíam pai, mãe e filhos menores, além de parentes próximos que necessitavam de ajuda em um momento da vida como a velhice. Quando tais documentos traziam os membros de uma das grandes residências da cidade, estes também incluíam mulheres e crianças que estivessem a serviço da casa. O mesmo pôde ser observado nas estelas funerárias, artefatos nos quais o proprietário se fazia representar com a sua família e, em alguns casos, também acompanhado por servidores e agregados. A inclusão de outras pessoas, que não apenas a sua família nuclear, resultava em exaltação individual do proprietário com fim público, ou seja, a construção de sua imagem também passava pelo arrolamento dos membros de sua família.

Os atos de disposição resgatados em Kahun foram essenciais para o levantamento de dados sobre a transmissão de bens, cargos e propriedades no assentamento, e para o entendimento da forma como se davam tais transferências. Concluímos que as casas nas quais habitavam os moradores de Kahun pertenciam a eles, e que poderiam ser transmitidas a outras pessoas, sendo estas geralmente da família. Os cargos não eram necessariamente hereditários, pois poderiam ser negociados ou transferidos conforme a vontade daquele que os possuía. A análise dos textos de cartas e documentos contábeis, além de trazerem em alguns casos informações sobre a família, nos auxiliou para o entendimento, ao menos parcial, das relações de trabalho e da organização social existente em Kahun durante o Reino Médio.

Por fim, a análise de alguns encantamentos presentes nos *Textos dos Sarcófagos* nos mostrou que os egípcios desejavam que a organização familiar terrena continuasse a existir no outro mundo, com todos os seus aspectos públicos e privados. Por serem prerrogativas da elite, estes textos reforçam a concepção de família formulada pelos indivíduos de níveis sociais mais elevados, ou seja, além de um casal, seus filhos ainda solteiros e pessoas da família que necessitavam de acolhida, esta comunidade incluía servidores e agregados, e mesmo amigos do morto.

Diferentes concepções de família levam também a noções diversas sobre o que é público e o que é privado. Em uma casa pequena, habitada por uma família nuclear, os espaços eram multifuncionais, e seu uso era distinto a cada hora do dia. Quando um ocupante destas residências mandava erigir um monumento funerário, seria representado normalmente acompanhado apenas dos parentes mais próximos, que faziam parte de seu núcleo familiar. Já uma casa grande poderia ser habitada pelo proprietário e sua família, além de indivíduos que não pertenciam à sua família próxima, e os espaços eram destinados a fins específicos, como a recepção de visitantes ou a tecelagem, por exemplo. Os donos destas casas, quando mandavam erigir seus monumentos funerários, incluíam entre as pessoas representadas também servidores e dependentes, que habitavam ou não com ele, mas com os quais tinha uma certa afinidade. O público e o privado, então, tinham concepções diferentes para os membros da elite e da não-elite do Egito, durante o Reino Médio.

REFERÊNCIAS

A. FONTES IMPRESSAS

ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília: Editora da UNB, 2000.

ARAÚJO, Luís Manuel de. *Mitos e Lendas: Antigo Egito*. Lisboa: Livros e Livros, 2005.

BREASTED, James Henry. *Ancient Records of Egypt*. Champaign: University of Illinois Press, 2001. v. 1. The First through the Seventeenth Dynasties.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Documento I.3 de Kahun: os membros da casa de um soldado na cidade de pirâmide de Senusret II, da XII dinastia, no início da dinastia seguinte. Texto cedido pelo autor.

_____. A segunda estela de Senusret III em Semna, na Núbia. p. 1. Texto cedido pelo autor.

COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *The UCL Lahun Papyri: Letters*. Oxford: Archaeopress, 2002.

_____. *The UCL Lahun Papyri: Religious, Literary, Legal, Mathematical and Medical*. Oxford: Archaeopress, 2004.

_____. *The UCL Lahun Papyri: Accounts*. Oxford: Archaeopress, 2006.

FAULKNER, R. O. *The ancient Egyptian Book of the Dead*. London: The British Museum Press, 1985.

_____. *The ancient egyptian coffin texts*. Oxford: Aris & Phillips: 2004.

GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898.

LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature: the Old and Middle Kingdoms*. Berkeley: University of California Press, 1974.

_____. *Ancient Egyptian Literature: the New Kingdom*. Berkeley: University of California Press, 1976.

PARKINSON, Richard B. *Voices from ancient Egypt*. An anthology of Middle Kingdom writings. London: The British Museum Press, 2004.

PETRIE, W. M. Flinders. *Kahun, Gurob, and Hawara*. London : Kegan Paul, Trench, Trubner, and Co., 1890.

_____. *Illahun, Kahun and Gurob*. London: Aris & Phillips Ltd., 1974.

PETRIE, W. M. Flinders & BRUNTON, Guy & MURRAY, Margaret A. *Lahun II: the pyramid*. London: British School of Archaeology in Egypt & Bernard Quaritch, 1923.

STEVENS, John M. *Gynaecology from ancient Egypt: the papyrus Kahun*. A translation of the oldest treatise on gynaecology that has survived from the ancient world. *Medical Journal of Australia*. Barton ACT: Australian Medical Association. v. 2, p. 949-952, 1975.

WENTE, Edward. *Letters from Ancient Egypt*. Atlanta: Scholars Press, 1990.

B. CATÁLOGOS COM FONTES ICONOGRÁFICAS

ALLEN, James P. *The Art of Medicine in Ancient Egypt*. New Haven : Yale University Press, 2005.

BONGIOANNI, A. & SOLE CROCE, M. *Los tesoros del antiguo Egipto*. Madrid: Editorial LIBSA, 2007.

BOURRIAU, Janine. *Pharaohs and mortals: Egyptian art in the Middle Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

CAPEL, A. K. & MARKOE, G. E. (ed.). *Mistress of the house, mistress of heaven*. Women in ancient Egypt. New York: Hudson Hills Press, 1996.

D'AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROEHRIG, Catharine H. *Mummies and magic*. The funerary arts of Ancient Egypt. Museum of Fine Arts: Boston, 1988.

DONADONI, Ana Maria et al. *Il Museo Egizio di Torino*. Guida alla lettura di una civiltà. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 1996.

PEINADO, Federico Lara. *O melhor da arte egípcia*. Lisboa: G & Z Edições, s/d. v.2.

RUSSMANN, Edna R. *Eternal Egypt*. Masterworks of ancient art from the British Museum. Berkeley: University of California Press, 2001.

SILVERMAN, David P. (ed.) *Searching for ancient Egypt*. Art, architecture, and artifacts from the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology. Dallas: Dallas Museum of Art, 1997

SIMPSON, W. K. *The Terrace of the Great God at Abydos: the offering chapels of dynasties 12 and 13*. New Heaven: The Peabody Museum of Natural History of Yale University; Philadelphia: The University Museum of the University of Pennsylvania, 1974.

TIRADRITTI, Francesco (ed.). *Tesouros de Egipto do Museu Egípcio do Cairo*. São Paulo: Manole, 1998.

VANDERSLEYEN, Claude. *Das Alte Ägypten*. Berlin: Verlag Ullstein, 1975.

VASSILIKA, E. *Egyptian art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

C. BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA SOBRE A CIDADE DE KAHUN

DAVID, Rosalie. Toys and games from Kahun in the Manchester Museum Collection. *In: RUFFLE, J.; GABALLA, G. A.; KITCHEN, K. A. Glimpses of ancient Egypt. Studies in honour of H. W. Fairman. Warminster: Aris& Phillips, 1979.*

_____. *The pyramids builders of Ancient Egypt. A modern investigation of pharaoh's workforce. London: Routledge & Kegan Paul, 1986.*

FISCHER, Henry G. A didactic text of the Late Middle Kingdom. *JEA. London: The Egyptian Exploration Society, v. 68, p. 45-50, 1982.*

GRDSELOFF, Bernhard. A new Middle Kingdom letter from El-Lahun. *JEA. London: The Egyptian Exploration Society, v. 35, p. 59-62, 1949.*

GUNN, Battiscombe. The name of the pyramid-town of Sesostris II. *JEA. London: The Egyptian Exploration Society, v. 31. p. 106-107, dec. 1945.*

QUIRKE, Stephen. *Lahun: a town in Egypt 1800 BC, and the history of its landscape. London: Golden House Publications, 2005.*

RAY, J. D. A consideration of Papyrus Kahun 14. *JEA. London: The Egyptian Exploration Society, v. 59, p. 222-223, 1973.*

SZPAKOWSKA, Kasia. *Daily life in ancient Egypt: recreating Lahun. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.*

D. OBRAS GERAIS SOBRE O EGITO

ALLEN, James P. *The Art of Medicine in Ancient Egypt. New Haven : Yale University Press, 2005.*

ANDREAU, G. *A Vida Cotidiana no Egito no Tempo das Pirâmides. Lisboa : Edições 70, 2005.*

ARAÚJO, Luís Manuel de. *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egito. Lisboa : Edições Colibri, 2000.*

ASSMANN, Jan. Preservation and Presentation of Self in Ancient Egyptian Portraiture. *In: MANUELIAN, Peter Der. (ed.) Studies in Honor of William Kelly Simpson. Boston : Museum of Fine Arts, 1996. v.1. p. 55-81.*

BAINES, John. & MÁLEK, Jaromir. *O mundo egípcio: deuses, templos e faraós. Madri: Ediciones del Prado, 1996. v.1. p.36.*

BAINES, John. Sociedade, Moralidade e Práticas Religiosas. *In: SHAFER, Byron E. As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.*

BAKOS, Margaret M. Relações familiares em Deir el-Medina. *Phoînix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, v. 2. p. 153-167, 1996.

_____. O cotidiano dos operários faraônicos. *Phoînix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, v. 3. p. 211-223, 1997.

_____. *Fatos e mitos do antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BAKOS, Margaret M. & BARRIOS, Adriana M. *O povo da esfinge*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

BARDIS, Panos D. Contraception in Ancient Egypt. *Indian Journal of History of Medicine*. v. XII, n. 2, dec. 1967.

BIETAK, Manfred. Urban Archaeology and the “town problem” in ancient Egypt. In: WEEKS, K. R.(ed.). *Egyptology and the Social Sciences*. Cairo: The American University in Cairo Press, 1979. p. 97-144.

BOURRIAU, Janine. *Pharaohs and mortals: Egyptian art in the Middle Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BREWER, Douglas J.; REDFORD, Donald B.; REDFORD, Susan. *Domestic plants and animals: the Egyptian origins*. Warminster: Aris & Phillips, [1994].

BREWER, D. J. & TEETER, E. *Egypt and the Egyptians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BROWN, Dale M. (Editor) *Egito: terra de faraós*. Barcelona: Ediciones Folio, 2007.

BUTZER, Karl W. *Early hydraulic civilization in Egypt. A study in cultural ecology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

CALLENDER, Gae. “The Middle Kingdom Renaissance (c. 2055-1650 BC)”. In: SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma interpretação das estruturas econômicas do Egito faraônico*. Rio de Janeiro, 1987. Tese (Concurso para Professor Titular) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

_____. *Hekanakht: pujança passageira do privado no Egito antigo*. Niterói, 1993. Tese (Concurso para Professor Titular) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1993.

_____. Considerações funcionais acerca das cidades egípcias do Reino Novo (XVIII – XX Dinastias). *Phoînix*. Rio de Janeiro: Sette Letras, v. 2. p. 71-82, 1996.

_____. *Sete olhares sobre a antiguidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. As casas residenciais do Egito faraônico: uma dificuldade documental e como solucioná-la. In: SILVA, F. C. T. da. (org.). *História e Imagem*. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 137-146.

_____. Uma casa e uma família no antigo Egito. *Phoînix*. Rio de Janeiro: Mauad, v. 9. p. 65-97, 2003.

CERNY, Jaroslav. The Will of Naunakhte and the Related Documents. *JEA*. London: The Egyptian Exploration Society, v. 31, p. 29-53, 2002.

CLAYTON, Peter A. *Chronicle of the Pharaohs*. London: Thames and Hudson, 1999.

D'AURIA, Sue; LACOVARA, Peter; ROEHRIG, Catharine H. *Mummies and magic*. The funerary arts of Ancient Egypt. Museum of Fine Arts: Boston, 1988.

DAVID, Rosalie. Medical science and Egyptology. In: WILKINSON, Richard H. (ed) *Egyptology today*. New York: Cambridge University Press, 2008. p. 36-54.

DIXON, D. M. The disposal of certain personal, household and town waste in ancient Egypt. In: UCKO, Peter J.; TRINGHAM, Ruth; DIMBLEBY, G. W. (orgs.) *Man, settlement and urbanism*. London: Duckworth, 1972. p. 647-650.

DODSON, Aidan & HILTON, Dyan. *The complete royal families of ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2004.

DONADONI, Ana Maria et al. *Il Museo Egizio di Torino*. Guida alla lettura di una civiltà. Novara: Instituto Geografico De Agostini, 1996.

FILER, Joyce. *Disease*. Austin: University of Texas Press, 1996.

FISCHER, Henry G. Notes on sticks and staves in ancient Egypt. *Ancient Egypt in the Metropolitan Museum Journal*. Supplement: v. 12-13, p. 5-32, 1977-1978.

GARDINER, Alan. *Egypt of the Pharaohs*. New York: Oxford University Press, 1964.

GOELET, Ogden. "Town" and "country" in ancient Egypt. In: HUDSON, M. & LEVINE, B. A. (ed.). *Urbanization and land ownership in ancient Near East*. Cambridge: Peabody Museum of Archaeology and Ethnology; Harvard University, 1999. v. 2. p. 65-116.

GYÖRY, H. Interaction of magic and science in ancient Egyptian medicine. In: HAWASS, Zahi. *Egyptology at the dawn of the twenty-first century*. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000. Cairo: The American University in Cairo Press, 2003. p. 276-283.

GRAJETZKI, Wolfram. *The Middle Kingdom of Ancient Egypt*. London: Duckworth Egyptology, 2006.

_____. *Burial customs in ancient Egypt*. Life and death for rich and poor. London: Duckworth, 2007.

HARRIS, J.R. (org.). *O legado do Egito*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

HART, George. *The Routledge dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*. London: Routledge, 2005.

JAMES, T. G. H. *A short history of ancient Egypt: from Predynastic to Roman times*. London: Cassell Publishers Ltd., 1995.

JANSSEN, Rosalind M. & JANSSEN, Jac J. *Growing up in ancient Egypt*. London: The Rubicon Press, 1990.

_____. *Getting old in ancient Egypt*. London: The Rubicon Press, 1996.

KEMP, Barry J. The city of el-Amarna as source for the study of urban society in ancient Egypt. *World Archaeology*. London: Taylor & Francis, v. 9. n. 2. p. 123-139, oct. 1977.

_____. The early development of towns in Egypt. *Antiquity*. London: Antiquity Publications, v. LI. n. 203. p. 185-200, nov. 1977.

_____. *El antiguo Egipto*. Anatomía de una civilización. Barcelona: Crítica, 1996.

_____. *Ancient Egypt: anatomy of a civilization*. London: Routledge, 2006.

KOLTSIDA, Aikaterini. *Social aspects of ancient Egyptian domestic architecture*. Oxford: Archaeopress, 2007.

LECA, Ange-Pierre. *La médecine égyptienne au temps des pharaons*. Paris: Les Éditions Roger Dacosta, 1988.

LEHNER, Mark. *The complete pyramids*. London: Thames & Hudson, 2000.

LEPROHON, Ronald J. Egyptian religious texts. In: WILKINSON, Richard H. (ed) *Egyptology today*. New York: Cambridge University Press, 2008. p. 230-247.

MACE, Arthur C. & WINLOCK, Herbert E. *The tomb of Senebtisi at Lisht*. North Stratford: Ayer Company Publishers, 2004.

MANNICHE, Lise. *The tombs of the nobles at Luxor*. Cairo: The American University in Cairo Press, 1988.

_____. *A Vida Sexual no Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

MCDOWELL, A. G. *Village life in ancient Egypt*. Laundry lists and love songs. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MELLA, Federico A. Arborio. *O Egito dos faraós: história, civilização, cultura*. São Paulo: Hemus, 1981.

MESKELL, L. *Archaeologies of social life*. Oxford: Blackwell, 1999.

_____. *Private Life in New Kingdom Egypt*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

O'CONNOR, David. The geography of settlement in ancient Egypt. In: UCKO, Peter J.; TRINGHAM, Ruth; DIMBLEBY, G. W. (orgs.) *Man, settlement and urbanism*. London: Duckworth, 1972. p. 681-698.

PETRIE, W. M. Flinders. *Ten years digging in Egypt*. Chicago: Ares Publishers, s/d.

PINCH, Geraldine. *Magic in ancient Egypt*. London: The British Museum Press, 2006.

QUIRKE, Stephen. *The administration of Egypt in the Late Middle Kingdom*. The hieratic documents. Surrey: SIA Publishing, 1990.

_____. *Ancient Egyptian religion*. London: British Museum Press, 1992.

REDMAN, Charles L. *The rise of civilization: from early farmers to urban society in the ancient Near East*. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1978.

REEVES, Carole. *Egyptian Medicine*. Buckinghamshire: Shire, 1992.

RICHARDS, Janet. *Society and death in ancient Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ROBINS, Gay. (ed.) *Beyond the pyramids: Egyptian regional art from the Museu Egizio, Turin*. Atlanta: Emory University Museum of Art and Archaeology, 1990.

_____. *Women in ancient Egypt*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

_____. *Reflections of Women in the New Kingdom: ancient Egyptian art from the British Museum*. San Antonio: Van Siclen Books, 1995.

ROTH, Ann M. & ROEHRIG, Catharine H. Magical bricks and the brick of birth. *JEA*. London: The Egyptian Exploration Society, v. 88, p. 121-139, 2002.

SANTOS, Moacir E. *Da morte à eternidade: a religião funerária no Egito do I Milênio a.C.*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2002.

SCHULZ, Régine; SEIDEL, Matthias. *Egipto: o mundo dos faraós*. Colônia: Könemann, 2001.

SEIDLMAYER, Stephan. The First Intermediate Period (c. 2160-2055 BC). In: SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

SHAW, Ian & NICHOLSON, Paul. *British Museum dictionary of ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press, 1996.

SHORTER, Alan W. A magical ivory. *JEA*. London: The Egyptian Exploration Society, v. 18, p. 1-2 e pl. I, may 1932.

- SOUSA, Rogério Ferreira de. The notion of the heart and the idea of man: the effect of anthropological notion on medical practices. *In: HAWASS, Zahi. Egyptology at the dawn of the twenty-first century. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000.* Cairo: The American University in Cairo Press, 2003. v. 3. p. 191-195.
- STROUHAL, Eugen. *A vida no antigo Egito.* Barcelona: Ediciones Folio, 2007.
- STRUDWICK, Nigel & TAYLOR, John H. (ed.) *The Teban necropolis. Past, present and future.* London: The British Museum Press, 2003.
- TAYLOR, John H. *Egyptian coffins.* Aylesbury: Shire, 1989.
- TRAUNECKER, Claude. *Os deuses do Egito.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- TRIGGER, Bruce G. *Understanding early civilizations: a comparative study.* Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- TYLDESLEY, Joyce. *The Complete Queens of Egypt.* Cairo: The American University in Cairo Press, 2006.
- UPHILL, Eric. *Egyptian towns and cities.* Aylesbury: Shire Publications, 1988.
- VALBELLE, Dominique. Les recensements dans l'Égypte pharaonique des troisième et deuxième millénaires. *In: Sociétés urbaines en Égypte et au Soudan. Cahier de Recherches de l'Institut de Papyrologie et d'Égyptologie de Lille, 9, p. 33-49, 1987.*
- VANDERSLEYEN, Claude. *L'Égypte et la vallée du Nil. Tome 2: De la fin de l'Ancien Empire à la fin du Nouvel Empire.* Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- VEIGA, Paula Alexandra da Silva. *Saúde e medicina no antigo Egito: magia e ciência.* Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: 2008.
- VINOGRADOV, I. V. The Middle Kingdom of Egypt and the Hyksos Invasion. *In: DIAKONOFF, I. M. (ed.) Early Antiquity.* Chicago: The University of Chicago Press, 1991. p. 158-171.
- WARD, William A. The *‘t hnkt*, “kitchen”, and the kitchen staff of Middle Kingdom private estates. *Chronique d'Égypte.* Bruxelles: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, LVII. 114, p. 191-200, 1982.
- WEBER, Max. *The agrarian sociology of ancient civilizations.* London: Verso, 1988.
- WEEKS, Kent R. *Los tesoros de Luxor e el Valle de los Reyes.* Madrid: LIBSA, 2006.
- WILKINSON, Richard H. *The complete gods and goddesses of ancient Egypt.* London: Thames & Hudson, 2003.

WILKINSON, Toby A. H. *Early Dynastic Egypt*. London: Routledge, 1999.

E. OBRAS COM CARÁTER TEÓRICO-METODOLÓGICO, OU UTILIZADAS COMO TAL

ASSIS, Valéria S. de. & GARLET, Ivori. Subsídios históricos e etnográficos para uma Etnoarqueologia Mbyá-Guarani. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa: Editora da UEPG. v. 7, n. 1, 207-213, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. A arte egípcia: um estudo de suas características fundamentais. Texto cedido pelo autor.

_____. A arte canônica egípcia: regras básicas para os desenhos e relevos. Texto cedido pelo autor.

DUBY, Georges. Prefácio à história da vida privada. In: VEYNE, P. (org.). *História da vida Privada I: do Império Romano ao ano 1000*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 9-11.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos lingüísticos e histórico-críticos*. Belo Horizonte: Loyola, 1994.

FAULKNER, R. O. *A concise dictionary of middle Egyptian*. London: Butler & Tanner Ltd., 2002.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *Nascer, viver e morrer na Grécia antiga*. São Paulo: Atual, 1996.

GARDINER, Alan. *Egyptian Grammar: being an introduction to the study of hieroglyphs*. Oxford: Griffith Institute, 1988.

JÉQUIER, G. *Manuel d'Archéologie Égyptienne: les éléments de l'Architecture*. Paris: Auguste Picard, 1924.

MAINGUENAU, Dominique. *Pragmática para o Discurso Literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MENESES, Ulpiano B. de. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Revista Tempo*. Niterói, v. 7, n. 14, p. 131-151. jan. 2003.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

ROBINS, Gay. *The art of ancient Egypt*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2006.

THÉBERT, Yvon. Arquitetura doméstica na África Romana. In: VEYNE, P. (org.). *História da vida Privada I: do Império Romano ao ano 1000*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp.301-397.

WHITELAW, Todd. O assentamento de Fournou Korifi (Myrtos) e alguns aspectos da organização social do Minoano Antigo. Tradução de Ciro Flamarion Cardoso. Texto cedido pelo tradutor.

WILKINSON. Richard H. *op. cit.* (1999); WILKINSON, Richard H. *Reading Egyptian art. A hieroglyphic guide to ancient Egyptian painting and sculpture*. London: Thames and Hudson, 1996.

_____. *Symbol and magic in Egyptian art*. London: Thames and Hudson, 1999.

ZARANKIN, Andrés. *Paredes que domesticam: Arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires*. Campinas, 2001. 249 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2001.

_____. *Paredes que domesticam: Arqueologia da Arquitetura escolar capitalista. O caso de Buenos Aires*. São Paulo: FAPESP/ Centro de História da Arte e Arqueologia – Unicamp, s/d.

F. REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. Na base da pirâmide social: unidades domésticas e comunidades aldeãs. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/cantareira/mat/art8.htm> Acesso em: 20jun08.

PAIN, Stephanie. What killed Dr Granville's mummy? *New Scientist*, n. 2687, p. 72-73, 20 dez 2008. Disponível em: <http://www.newscientist.com/article/mg20026877.000-what-killed-dr-granvilles-mummy.html?full=true> Acesso em: 20jan09.

Birth brick. Disponível em: <http://www.eartharchitecture.org/index.php?/archives/693-Birth-Brick.html> Acesso em: 12nov08.

Estela inacabada de Userur. Disponível em: http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/aes/l/limestone_stela_of_the_sculpto.aspx Acesso em: 16jan2008.

Estela de Satháthor. Disponível em: http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=14207 Acesso em: 16jan2008.

Estela de Djehuty-Ra. Disponível em: <http://www.globalegyptianmuseum.org/detail.aspx?id=9446> Acesso em: 24nov08.

Estela de Merut. Disponível em: http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=14208 Acesso em: 16jan2008.

Estela de Kheperkarê. Disponível em:

http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=14205 Acesso em: 16jan2008.

Estela de Ketu e Senet. Disponível em:

<http://www.globalegyptianmuseum.org/detail.aspx?id=5872> Acesso em: 24nov08.

Manchester University Museum. Disponível em:

<http://emu.man.ac.uk/webmmtest/pages/common/imagdisplay.php?irn=912&reftable=ecatalogue&refirn=108078> Acesso em: 10out08.

Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em:

<http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 10out08.

The Metropolitan Museum of Art. Disponível em:

http://www.metmuseum.org/toah/ho/03/afe/ho_20.3.11.htm Acesso em: 20jun08.